

O CÉU E O  
INFERNO



---

Allan Kardec

---

# O CÉU E O INFERNO

A JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO O ESPIRITISMO

**O exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corpórea à vida espiritual; das penalidades e recompensas futuras; dos anjos e demônios; das penas eternas; e exemplos sobre a real situação do Espírito durante a morte e depois desta.**



Mundo Maior  
Editora e  
Distribuidora

FUNDAÇÃO ESPIRITA ANDRÉ LUIZ  
DESPERTANDO CONHECIMENTO

*Copyright by* Fundação Espírita André Luiz • 2013

**Mundo Maior Editora**  
**Fundação Espírita André Luiz**

**Diretoria Editorial:** Onofre Astinfero Baptista  
**Editor:** Jorge Alexandre de Lima  
**Assistente Editorial:** Marta Moro  
**Criação de Capa:** André da Silva Marouço/Leonardo Lopes  
**Tradução:** Maria Ângela Baraldi

Rua São Gabriel, 114 – Vila Galvão  
Guarulhos/SP – CEP 07056-090  
Tel.: (11) 4964-4700

www.mundomaior.com.br  
*e-mail:* editorial@mundomaior.com.br

2ª edição – 2013

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Kardec, Allan, 1804-1869.

O céu e o inferno : a justiça divina segundo o espiritismo / Allan Kardec ; [tradução Maria Ângela Baraldi]. -- 2. ed. -- São Paulo : Mundo Maior Editora, 2013.

Título original: Le ciel et l'enfer  
"Contendo o exame das doutrinas sobre a passagem da vida...".  
Bibliografia.

1. Espiritismo 2. Espiritismo - Filosofia  
I. Título.

13-02755

CDD-133.9013

Índices para catálogo sistemático:

1. Céu e inferno : Doutrina espírita 133.9013

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, somente será permitida com a autorização por escrito da Editora.  
(Lei nº 9.610 de 19.2.1998).

# SUMÁRIO

Primeiras palavras .....	9
<b>Primeira Parte – Doutrina</b>	
Capítulo I – O futuro e o nada .....	15
Capítulo II – O medo da morte .....	23
Causas do medo da morte .....	23
Por que os espíritas não têm medo da morte.....	28
Capítulo III – O céu .....	31
Capítulo IV – O inferno .....	43
Intuição das penas futuras .....	43
O inferno cristão imita o pagão .....	44
Os limbos .....	47
Quadro do inferno pagão .....	47
Quadro do inferno cristão .....	55
Capítulo V — O purgatório .....	63
Capítulo VI — Doutrina das penas eternas .....	69
Origem da doutrina das penas eternas .....	69
Argumentos a favor das penas eternas .....	74
Impossibilidade material das penas eternas .....	79
A doutrina das penas eternas teve seu tempo .....	81
Ezequiel contra a eternidade das penas e o pecado original .....	83
Capítulo VII — As penas futuras segundo o Espiritismo .....	85
A carne é fraca .....	85
Princípios da Doutrina Espírita sobre as penas futuras .....	88
Código penal da vida futura .....	88
Capítulo VIII — Os anjos .....	99

Os anjos segundo a Igreja .....	99
Contestação .....	103
Os anjos segundo o Espiritismo .....	108
Capítulo IX – Os demônios .....	111
Origem da crença nos demônios .....	111
Os demônios segundo a Igreja .....	114
Os demônios segundo o Espiritismo .....	125
Capítulo X — Intervenção dos demônios nas manifestações modernas .....	129
Capítulo XI — Da proibição de evocar os mortos .....	147

## **Segunda Parte – Exemplos**

Capítulo I — A passagem .....	159
Capítulo II — Espíritos Felizes .....	167
Sanson .....	167
A morte do justo .....	176
Jobard .....	177
Samuel Filipe .....	182
Van Durst .....	186
Sixdeniers .....	188
O doutor Demeure .....	191
A viúva Foulon, nascida Wollis .....	196
Um médico russo .....	204
Bernadin .....	207
A condessa Paula .....	208
Jean Reynaud .....	212
Antoine Costeau .....	215
Senhorita Emma .....	219
O doutor Vignal .....	220
Victor Lebuffe .....	223
Senhora Anais Gourdon .....	225
Maurice Gontran .....	226
Capítulo III — Espíritos em condições medianas .....	231
Joseph Brê .....	231

Senhora Helene Michel .....	233
O marquês de Saint-Paul .....	234
Senhor Cardon, médico .....	236
Eric Stanislas .....	240
Sra. Anne Belleville .....	242
Capítulo IV — Espíritos sofredores.....	249
O castigo .....	249
Novel .....	251
Auguste Michel .....	252
Lamentos de um boêmio .....	254
Lisbeth .....	255
Príncipe de Ouran .....	259
Pascoal Lavic .....	261
Ferdinand Bertin .....	263
François Riquier .....	267
Claire .....	268
Capítulo V — Suicidas .....	279
O suicídio na “Samaritaine” .....	279
O pai e o conscrito .....	282
François-Simon Louvet .....	284
Uma mãe e seu filho .....	286
Duplo suicídio, por amor e por dever .....	289
Luís e a costureira de botinas .....	292
Um ateu .....	295
Feliciano .....	302
Antonio Bell .....	305
Capítulo VI — Criminosos arrependidos .....	311
Verger .....	311
Lemaire .....	315
Benoist .....	318
O Espírito de Castelnaudary .....	321
Jacques Latour .....	328
Capítulo VII — Espíritos endurecidos .....	343
Lapommeray .....	343

Angela, nulidade sobre a Terra .....	348
Um espírito aborrecido .....	351
A rainha de Oude .....	353
Xumène .....	356
Capítulo VIII — Expições terrenas .....	359
Marcel, a criança do número 4 .....	359
Szymel Slizgol .....	362
Julienne-Marie, a mendiga .....	367
Max, o mendigo .....	372
História de um empregado doméstico .....	374
Antonio B .....	377
Letil .....	380
Um sábio ambicioso .....	382
Chales de Saint-G..., idiota .....	384
Adélaide-Marguerite Gosse .....	389
Clara Rivier .....	391
Françoise Vernhes .....	394
Anna Bitter .....	396
José Maitre, o cego .....	399
Nota Explicativa .....	403



# PRIMEIRAS PALAVRAS

As palavras Céus e Inferno são originárias da língua hebraica e possuem registro desde os primórdios dos tempos bíblicos.

A palavra CÉUS – *shamaim* (שָׁמַיִם) – em hebraico – só existe no plural e significa um teto luminoso que retém ou represa as águas de cima. Deus chama o firmamento, que é *raqia* (רָקִיעַ) em hebraico, de Céus, significando ainda as águas suspensas no ar que caíam em forma de chuvas. (Gênesis, 1:8)

O Inferno ou *Sheol* (שְׁאוֹל) em hebraico, significa tumba, cova, sepultura, local dos mortos, região inferior. Inicialmente esse conceito era tomado ao pé da letra, passando na sequência a significar um lugar de sofrimento por onde todos passavam. (I Samuel, 28:15)

Os gregos chamavam os Céus de **URANOS** (Οὐρανός) ou **COILOS** (χοῖλος) ainda com os significados de abóbada celeste, oco, morada dos deuses, côncavo e ar. O Inferno grego era conhecido como **HADES** (ᾍδης), morada dos mortos, e também significava a própria morte.

Nos livros de Moisés ou Pentateuco, os Céus não passam de uma região superior de onde caem as chuvas. Assim, é que os hebreus antigos não possuíam nenhuma informação sobre a vida após-túmulo, embora no livro do Gênesis (2:7) encontremos a criação do Homem já com um caráter de múltiplas existências ou vidas. Muito depois é que o Paraíso passou a ser considerado como a morada celestial dos justos após a morte.

Davi e os profetas foram os iniciadores dos esclarecimentos sobre um “Mundo Vindouro” após a vida física que eles chamavam de “Olam ha-bá”.

Os profetas Daniel (12:2) e Ezequiel (37:1-14) falam do retorno à vida física após a morte, ou seja, a reencarnação, e Davi reforça em seus belos Salmos o conceito de que no Sheol ou Inferno ninguém permanecerá para sempre. Salmos, 16:9 e 10; 19:8; 23; 36:6-8; 49:15 e 16; 71:20; 86:12 e 13.

Ezequiel acrescenta ainda que Deus não deseja a condenação do ímpio, mas a sua libertação. Ezequiel, 33:11-20.

Jesus aperfeiçoa e reforça esses conceitos afirmando que não se perderá nenhuma das ovelhas que o Pai lhe confiou. Mateus, 18:14. E é ainda Jesus, o Cristo, que põe esses conceitos em prática, indo após a Sua morte em espírito, ao HADES pregar aos espíritos que ali se encontravam. Vai o Cristo levar-lhes uma mensagem de consolo e esperança de que para eles existiriam novas chances. Aqueles espíritos receberam orientação sobre a necessidade de um recomeço através da reencarnação, significando que todos poderiam recomeçar de onde haviam falhado e que poderiam reiniciar novos esforços no caminho para Deus. I Epístola de Pedro, 3:19 e 4:6.

Após todo o período pré-moderno de limitados conhecimentos e evoluções dos conceitos sobre Céu, no singular, e Inferno, como regiões de prazer e sofrimento, surge Kardec, o nosso mestre de Lion, com esta obra fantástica *O Céu e o Inferno*, a “Justiça Divina Segundo o Espiritismo”. Trazendo conceitos científicos, racionais e novos, demonstrando claramente o incontestável: nem Céu nem Inferno como regiões geográficas, mas estados de espírito.

A obra representa o penúltimo livro da coleção de Kardec e passou por várias revisões, correções e acréscimos desde a sua primeira edição em agosto de 1865 até a sua quarta edição com o texto definitivo que conhecemos hoje, lançada em julho de 1869.

Fantástico conteúdo reflexivo e racional que nos põe frente a frente com um julgamento pessoal, intransferível e inevitável na nossa trajetória evolutiva.

É um livro no qual está toda a receita para o despertar da consciência dos cristãos e não cristãos de qualquer corrente religiosa ou até para os que se dizem ateus, sem contar a valiosa colaboração no ensino libertador que ele oferece a nós, espíritas.

Analisa o momento da passagem da vida física para a vida espiritual, com muita racionalidade, demonstrando que quanto mais desprendido das coisas materiais e mais evoluído é o Espírito, menos sofrimento enfrentará na hora do desligamento. Comparando o momento da morte, para o Espírito evoluído, a um sono isento de sofrimento, cujo despertar é cheio de suavidade.

Na sequência, Kardec avalia a condição de várias outras situações de pessoas desencarnadas, por meio de seus depoimentos, nos quais se pode observar a colheita de cada uma delas, segundo suas obras, ao entrar no mundo espiritual. Kardec avalia o depoimento de cada uma e de acordo com a situação as classifica como mediana, espíritos sofredores, suicidas, criminosos arrependidos e espíritos endurecidos. Depoimentos muito importantes para nossa avaliação e reflexão pessoal.

Apresenta ainda conceitos racionais, lógicos e científicos sobre o purgatório, as penas futuras, os anjos, os demônios e a proibição de evocar os mortos.

Nestes novos esclarecimentos, Kardec informa que o conceito de Céu, como região dos bem-aventurados, diante da Ciência e da lógica dos fatos, não apresenta suporte. E que, da mesma forma, o Inferno também foi evoluindo em conceitos que vieram dos pagãos e foram adotados pelos cristãos e que só se perpetuam até os nossos dias porque ainda existem aqueles que não querem compreender e aceitar a misericórdia divina. Kardec considerou ainda importante ressaltar que o purgatório como um lugar de penalidades se aplica perfeitamente ao planeta Terra, pois é considerado um planeta de expiação.

Para Kardec, o mais racional e lógico é recordar Jesus que afirmava: *“na casa de meu Pai tem muitas moradas”* e que cada um colhe *“segundo suas obras”*.

A racionalidade científica desses conceitos nos leva à conclusão de que a alma carrega consigo mesma a alegria e a infelicidade, portanto o inferno estará onde houver almas sofredoras, assim como também o Céu estará sempre por toda parte onde existir almas felizes.

Concordamos plenamente com o juiz Timoléon Jaubert de Carcasone que, em carta dirigida a Kardec a respeito desta obra em 1865, se

manifesta afirmando que o livro *O Céu e o Inferno* é “grande em pensamentos, com simplicidade de estilo e severidade em sua lógica. Possui o germe da teologia futura, a calma da força e a força da verdade”.

Desfrute, pois, meu caro irmão e leitor, deste maravilhoso e racional legado que nos presenteou o mestre de Lion, Hippolyte Leon Denizard Rivail – Allan Kardec.

João Pessoa/PB, 24 de outubro de 2003.

*Severino Celestino da Silva*  
*Professor e Orador Espírita*

PRIMEIRA  
PARTE  
DOCTRINA



# CAPÍTULO I O FUTURO E O NADA

1. Vivemos, pensamos, agimos, o que é muito bom. Mas é certo também que morreremos. Deixando a Terra, aonde iremos? Em que nos transformaremos? Seremos melhores ou piores? Seremos nós mesmos ou não?

*Ser ou não ser:* vale a pena pensar que essa é uma alternativa ser, para sempre ou nunca ser. É tudo ou nada: ou viveremos eternamente ou tudo estará acabado, sem volta.

Todo homem tem necessidade de viver, de aproveitar a vida, de amar, de ser feliz. Diga a uma pessoa que sabe que está para morrer que ela ainda viverá ou, que sua hora foi protelada. Diga-lhe, sobretudo, que ela será mais feliz do que nunca e seu coração pulará de alegria. Mas de que serviria esse desejo de felicidade, se um leve sopro pode enfraquecê-lo?

Há algo mais desesperador do que a ideia de destruição absoluta? Afetos puros, inteligência, progresso, conhecimento adquirido com muito trabalho: tudo seria quebrado, tudo se perderia! Seria inútil a necessidade de se esforçar para ser melhor, de se conter para reprimir paixões, de se esforçar para aprimorar o Espírito, se nada rendesse frutos, e talvez, amanhã, tudo isto a nada mais servisse?

Uma intuição secreta diz que não é possível que a sorte de um

Homem com preocupações pelo futuro seja cem vezes pior do que a de uma pessoa rude, que vive inteiramente o presente, satisfazendo-se materialmente, sem outras aspirações.

2. Sendo *niilista*<sup>1</sup>, um homem forçosamente concentraria suas ideias na vida presente. É lógico que não poderia se preocupar com o futuro, do qual nada espera. Esta atenção apenas ao presente, dirigida exclusivamente a si mesmo, é um poderoso estímulo ao egoísmo. O incrédulo gira em torno de si mesmo porque acha que tudo vai acabar: *aproveitemos o máximo possível a vida, enquanto estamos aqui. Aproveitemos rápido porque não sabemos quanto vai durar*. Esta atitude é ruim também para a sociedade porque vive o cada um por si mesmo, em busca da felicidade a qualquer custo.

Se o respeito humano modera a ação de algumas pessoas, que freio teriam aqueles que em nada creem? Para estes, a lei humana só atinge os pouco espertos. E dedicam sua energia para criarem meios de se esquivarem da lei. Portanto, a doutrina do niilismo é antissocial porque rompe os laços da solidariedade e da fraternidade, verdadeiros fundamentos das relações sociais.

3. Suponhamos que, por alguma circunstância, um povo tenha a certeza de que em oito dias, um mês ou um ano, será aniquilado, sem deixar rastros, e que ninguém sobreviverá. O que fará este povo durante o tempo que lhe resta? Trabalhará para melhorar, para se instruir? Permitir-se-á sofrer para viver? Respeitará os direitos, os bens e a vida de seu semelhante? Submeter-se-á às leis, a qualquer autoridade? Sentir-se-á obrigado a qualquer dever? Certamente não. Bem, isso não acontece para um povo que a doutrina do niilismo realiza isoladamente a cada dia. As consequências, portanto, não são tão desastrosas como poderiam ser, até porque a maior parte dos que se dizem incrédulos o fazem mais por presunção do que por verdadeira incredulidade. Eles têm mais dúvidas do que convicções e mais medo do nada do que demonstram. Parecer um espírito forte lhes afaga o amor-próprio. Os verdadeiramente incrédulos são uma

---

(<sup>1</sup>) **Nota da tradução:** Niilista, adepto da corrente filosófica, que parte do conceito do nada (nihil) como única realidade, negando qualquer valor aos seres e à existência de Deus. Muitos filósofos, alemães e russos, foram adeptos desta corrente, a partir do século XVII. Um dos mais famosos representantes desta escola foi Nietzsche, que proclamou o ateísmo, com a célebre frase: "Deus está morto".



minoría, reprimidos e restringidos por opiniões contrárias às suas. Mas, se a incredulidade absoluta se tornasse a opinião da maioria, a sociedade se dissolveria. Esta é a tendência do niilismo.<sup>2</sup>

Se o niilismo fosse uma verdade, seria necessário aceitá-lo, independente das consequências. Não haveria pensamentos contrários, nem a ideia dos males que ele acarretaria que o impedisse. Ora, é necessário não ignorar que o ceticismo, a dúvida, a indiferença ganham mais espaço a cada dia, apesar dos esforços da religião. Se a religião é impotente contra a incredulidade, é porque lhe falta alguma coisa. Se ela continuar imobilizada, em algum tempo será infalivelmente ultrapassada. O que falta à religião, neste século de positivismo<sup>3</sup>, em que se quer compreender antes de acreditar, são fatos positivos que confirmem as doutrinas. Falta também a concordância de certas doutrinas com os dados positivos da ciência. Se a doutrina diz “branco” e os fatos dizem “negro”, é preciso optar entre a evidência e a fé cega.

4. É neste estado de coisas que o Espiritismo vem colocar um freio à disseminação da incredulidade, não somente pelo raciocínio e pelo alerta sobre os perigos que ela representa, mas por fatos materiais, que tornam tangíveis e visíveis a alma e a vida futura. Cada pessoa é livre para acreditar em alguma coisa ou não acreditar em nada. Mas aqueles que, apoiados em seus conhecimentos e ascendência de posição, procuram impor a ideia de negação do futuro aos povos, principalmente aos jovens, semeiam a perturbação e a dissolução da sociedade, o que lhes acarreta uma grande responsabilidade.

---

(<sup>2</sup>) Um jovem de 18 anos tinha uma doença cardíaca considerada incurável. Os médicos disseram que ele poderia morrer em oito dias ou em dois anos, mas não viveria mais que isso. Sabendo disso, deixou os estudos e se entregou a excessos de todos os tipos. Quando alguém lhe falava sobre o perigo de uma vida desregrada para sua situação, ele respondia: *que me importa? Eu só tenho dois anos para viver! De que adiantaria cansar meu Espírito? Eu quero aproveitar o que me resta e me divertir até o fim.* Eis a consequência lógica do niilismo. Se este jovem fosse espírito, diria: *a morte só destruirá meu corpo, que eu deixarei como uma roupa usada, mas meu Espírito sempre viverá. Eu serei, na minha vida futura, o que eu tiver feito de mim nesta vida aqui. As qualidades morais e intelectuais que eu adquirir não serão perdidas, mas serão gabos para meu aperfeiçoamento. Toda a imperfeição de que eu me livrar será um passo a mais, para a felicidade. Minha felicidade ou infelicidade, no futuro, dependerá da utilidade ou inutilidade de minha existência presente. É de meu interesse aproveitar o pouco de tempo que me resta e evitar tudo o que poderia diminuir minhas forças.* Qual dessas duas doutrinas é preferível?

(<sup>3</sup>) **Nota da tradução:** Evidente referência à doutrina Positivista, cujo principal representante é Augusto Comte (segunda metade do século XIX). Preconiza o uso da razão, da experiência imediata, uma análise objetiva da experiência. Tenta enfatizar os métodos da Ciência para resolver os problemas da vida. Materialista, quer eliminar toda experiência metafísica ou transcendental.

5. Há outra doutrina, que se considera não materialista porque admite a existência de um princípio inteligente, fora da matéria, que seria o princípio da absorção no todo universal. Segundo essa doutrina, cada indivíduo, ao nascer, recebe uma parcela desse princípio, que é sua alma e que lhe dá a vida, a inteligência e o sentimento. Quando morre, essa alma se reintegra ao foco de origem e se perde no infinito, como uma gota d'água no oceano.

Essa doutrina é, sem dúvida, um passo adiante, em relação ao materialismo puro, já que ela supõe alguma coisa além da matéria, enquanto o outro nada admite. Mas as consequências das duas doutrinas são iguais. É a mesma coisa para o homem mergulhar no nada ou em um reservatório comum. No primeiro caso, ele é aniquilado. No segundo, ele perde a individualidade. Nos dois casos é como se ele não existisse e suas relações sociais, como um todo, são rompidas para sempre. O essencial para o homem é manter o seu eu, sem o que não importa ser ou não ser! Ele não tem futuro e a única coisa que lhe importa é o presente. As consequências morais desta doutrina também não são saudáveis, não proporcionam esperança e incitam ao mesmo egoísmo que a doutrina materialista.

6. Pode-se fazer outra objeção a essa doutrina: todas as gotas de um oceano são semelhantes, têm propriedades idênticas, como parte de um mesmo todo. Por que, então, as almas desse grande oceano universal são tão diferentes? Por que o gênio ao lado da estupidez? As almas mais sublimes, ao lado das mais ignóbeis? A bondade, a doçura e a mansidão, ao lado da maldade, da agressividade e da barbárie? Como parte de um mesmo todo homogêneo, poderiam essas almas ser tão diferentes entre si? Pode-se dizer que é a educação que as modifica? Mas, então, de onde vêm as inteligências precoces, os instintos bons e os maus, independente de toda a educação e frequentemente tão pouco harmônicos com o meio em que se desenvolvem?

A educação, sem dúvida, modifica as qualidades intelectuais e morais da alma. E aqui se coloca outra questão: quem dá a esta alma a educação para progredir? Outras almas que, por sua origem comum, não estariam mais adiantadas que ela. Por outro lado, a alma, ao se reintegrar ao todo

universal que lhe deu origem, volta aperfeiçoada. Portanto, ao longo do tempo esse Todo seria profundamente modificado e melhorado. Como então continuaria a gerar almas ignorantes e perversas?

7. Segundo essa doutrina, a fonte universal da inteligência, que gera as almas humanas, é independente da Divindade. É diferente do Panteísmo<sup>4</sup>. O Panteísmo considera que o princípio universal da vida e da inteligência são partes da Divindade. Deus é, ao mesmo tempo, Espírito e matéria. Todos os seres e todos os elementos da Natureza são as moléculas e elementos constitutivos da Divindade. Deus é o conjunto de todas as inteligências reunidas. E o indivíduo, sendo parte deste todo, é também Deus. Não há um ser superior e independente que comande o conjunto. O Universo é uma imensa república sem chefe ou, melhor dizendo, onde cada um é chefe, com poder absoluto.

8. Há várias objeções a esse sistema, por exemplo: a Divindade não podendo ser concebida sem infinita perfeição, como poderia ser formada de partes tão imperfeitas, com necessidade de progresso? Se cada parte precisa de progresso, seu Deus também precisa progredir. Se Ele progride sem cessar, no início dos tempos deve ter sido muito imperfeito. Como um ser imperfeito, formado por vontades e ideias tão divergentes, pôde conceber leis tão harmoniosas, de uma unidade tão admirável, de sabedoria e providência que regem o Universo? Se todas as almas são partes da Divindade, todas elas participaram das leis da Natureza. E como se queixam dessas leis que elas mesmas fizeram? *Uma teoria só pode ser aceita como verdadeira, se satisfaz à razão e leva em conta todos os fatos que ela abrange. Se um só fato a contraria, ela não contém a verdade absoluta.*

9. Do ponto de vista moral, as consequências também não são lógicas. Primeiro, para as almas que, como no sistema precedente, perdem a individualidade, na absorção pelo todo. Admite-se, como alguns panteístas, que elas conservam sua individualidade, Deus não tem uma vontade única, pois será um composto de miríades de vontades divergentes. De resto, se cada alma é parte integrante da Divindade,

---

<sup>(4)</sup> **Nota da tradução:** Panteísmo (do grego: “pan”, todos, e “theos”, deus, é uma corrente filosófica que defende a crença de que tudo é divino. Não existe um único Deus, mas tudo no Universo é a mesma coisa, se confunde com Deus. O Hinduísmo, entre outras religiões, defende o Panteísmo.

nenhuma é dominada por uma força superior, não incorre, por consequência, em nenhuma responsabilidade por seus atos bons ou maus, não tem nenhum interesse em fazer o bem. É mestra soberana para fazer o mal impunemente.

**10.** Estes sistemas não só não satisfazem a razão nem as aspirações do homem como também esbarram em dificuldades intransponíveis, conforme se vê, porque são impotentes para responder a todas as questões que de fato se colocam. *O homem, então, tem três alternativas: o nada, a absorção ou a individualidade da alma, antes e após a morte.* É para esta última crença que nos leva irresistivelmente a lógica e que também é a base de todas as religiões, desde que o mundo existe.

Se a lógica nos conduz à individualidade da alma, nos leva também a outra consequência: que o destino de cada alma deve depender de suas qualidades específicas, porque seria irracional admitir que a alma atrasada do homem selvagem ou do homem perverso estivesse no mesmo patamar que a do homem sábio e a do homem bom. Por justiça, as almas devem ter a responsabilidade de seus atos. Para que sejam responsáveis, é preciso que sejam livres para escolher entre o bem e o mal. Sem livre-arbítrio há fatalidade, e com a fatalidade não haveria responsabilidade.

**11.** Todas as religiões admitiram o princípio do destino feliz ou infeliz das almas, após a morte. Ou seja, as penas e gozos futuros, que se resumem na doutrina do céu e do inferno, encontrada em toda parte. Mas a diferença essencial entre essas religiões é a natureza das penas e dos gozos e, sobretudo, quanto às condições que podem levar as almas a merecer umas e outras. Questões contraditórias de fé deram origem a cultos diferentes, que impuseram deveres diferentes a seus seguidores, para honrar a Deus, como um meio de alcançar o céu e evitar o inferno.

**12.** Todas as religiões se originaram de acordo com o grau de adiantamento moral e intelectual dos homens: aqueles muito materialistas ainda, para entender o mérito das coisas puramente espirituais, fizeram com que os deveres religiosos consistissem de cerimônias exteriores. Durante um tempo, essas cerimônias bastaram para sua razão. Mais tarde, iluminando-se seus Espíritos, sentiram o vazio dessas condutas e, porque a religião não os satisfizesse, abandonaram-na e se tornaram filósofos.

**13.** *Se a religião, apropriada no princípio aos conhecimentos limitados dos homens, tivesse sempre acompanhado o movimento progressivo do espírito humano, não haveria incrédulos porque é da natureza humana a necessidade de acreditar e o homem acreditará, se lhe for dado um alimento espiritual harmônico com suas necessidades intelectuais.* Ele quer saber de onde vem e para onde vai. Se lhe é mostrado um fim que não responde nem às suas aspirações nem à ideia que ele faz de Deus, nem aos dados positivos que lhe fornece a Ciência, e além do mais, se lhe são impostas condições inúteis, segundo sua razão, ele rejeitará o todo. O materialismo e o panteísmo lhe parecerão mais racionais porque discutem e raciocinam. Raciocínio falso, é verdade, mas ele prefere um raciocínio falso a nada raciocinar.

Mas, se lhe é apresentado um futuro com condições lógicas, com a completa grandeza, justiça e infinita bondade de Deus, ele abandonará o materialismo e o panteísmo, dos quais vazio sente o vazio em seu foro íntimo e que só aceitava porque não tinha algo melhor. O Espiritismo oferece-lhe mais porque acolheu com carinho todos aqueles atormentados pela dolorosa da dúvida e que não encontram o que procuram nem nas crenças nem nas filosofias mais comuns. Ele tem em si a lógica do raciocínio e a confirmação dos fatos. É por isso que tem sido inutilmente combatido.

**14.** O homem tem a crença instintiva no futuro. Por não ter até agora uma base certa para defini-lo, sua imaginação criou os sistemas que levaram a uma diversidade de crenças. A Doutrina Espírita sobre o futuro, não sendo uma obra de imaginação mais ou menos engenhosamente concebida, mas, sim, o resultado da observação dos fatos materiais que se desenvolvem hoje sob nossos olhos, reunirá – como já faz hoje – as opiniões divergentes e vacilantes e atrairá, pouco a pouco, e pela força das coisas, a unidade da crença, que não será mais baseada em uma hipótese, mas em uma certeza. A unificação relativa ao destino futuro das almas será o primeiro ponto de aproximação entre os diferentes cultos, um passo enorme para a tolerância religiosa, de início, e mais tarde para a fusão.



# CAPÍTULO II

## O MEDO DA MORTE

### **Causas do medo da morte – Por que os espíritas não têm medo da morte**

#### **Causas do medo e da morte**

1. O homem, independente da escala a que pertença, desde o estado de selvageria, tem um sentimento inato sobre o futuro. Sua intuição lhe diz que a morte não é a última palavra em sua existência e que aqueles cuja perda nós lamentamos não estão perdidos, sem retorno. A crença no futuro é intuitiva e é infinitamente mais geral do que a crença no nada. Como explicar então que, entre aqueles que acreditam na imortalidade da alma, se encontre tanto apego às coisas terrenas e um medo tão grande da morte?

2. O medo da morte é um efeito da sabedoria da Providência e uma consequência comum a todos os seres vivos. É necessário, enquanto o homem não esteja suficientemente esclarecido sobre as condições da vida futura, como um contrapeso ao exercício contínuo e progressivo de aperfeiçoamento que – sem esse freio – o levaria a deixar, prematuramente, a vida terrestre e a negligenciar o trabalho aqui no planeta, que deve servir a seu próprio progresso.

É por isso que, entre os povos primitivos, o futuro era apenas uma vaga intuição, mais tarde uma simples esperança e, enfim, uma certeza, mas ainda contrabalançada por um secreto apego à vida corporal corporal.

3. À medida que o homem compreende melhor a vida futura, diminui seu medo da morte. Ao mesmo tempo, compreendendo melhor sua missão na Terra, espera seu fim com mais calma, mais resignação e serenidade. A certeza da vida futura dá outro sentido às suas ideias, outro objetivo a seus trabalhos. Antes de ter certeza, ele só trabalha por sua vida presente. Com essa certeza, ele trabalha, visando ao futuro, sem negligenciar o presente porque sabe que seu futuro depende da direção – boa ou má – que escolhe em seu presente.

A certeza de reencontrar seus amigos após a morte, de continuar as relações que teve na Terra, de não perder o fruto de nenhum trabalho, de crescer sem parar em inteligência e perfeição, lhe dá a paciência para esperar e a coragem para suportar as fadigas momentâneas da vida terrena. A solidariedade que ele vê se estabelecer entre os vivos e os mortos lhe faz compreender aquela que deve existir na Terra. A partir daí, a fraternidade tem sua razão de ser e a caridade é um fim em si mesma, no presente e no futuro.

4. Para se livrar do medo da morte, é preciso conseguir encará-la como é realmente, isto é, pelo pensamento, penetrar no mundo espiritual e assim compreendê-lo o mais exatamente possível. Isso dará ao Espírito encarnado certo desenvolvimento e certa aptidão para se separar da matéria.

Para aqueles que não estão suficientemente adiantados, a vida material tem mais importância que a espiritual. O homem que se apega às aparências só vê a vida do corpo, enquanto a vida real está na alma. Por esse ponto de vista, se o corpo morre, tudo está perdido e ele se desespera.

Se, em vez de se concentrar na aparência, ele se colocar diante da real fonte de vida, a alma, que a tudo sobrevive, se preocupará menos com corpo, fonte de tantas misérias e dor. Mas, para essa postura, é preciso uma força que o Espírito só adquire com o amadurecimento.



O medo da morte vem, então, da falta de conhecimento sobre a vida futura, mas é um sinal da necessidade de viver e do receio de que a destruição do corpo seja o fim de tudo. Esse medo é provocado pelo secreto desejo da sobrevivência da alma, ainda que velado pela incerteza.

O medo diminui, à medida que a certeza se forma, e desaparece, quando a certeza se completa.

Eis o lado providencial da questão: não deslumbrar o homem, cuja razão não esteja suficientemente preparada para uma perspectiva muito positiva e muito sedutora no futuro, a ponto de fazê-lo negligenciar o presente, necessário a seu progresso material e intelectual.

5. Esse estado de coisas é mantido e prolongado por causas puramente humanas, que desaparecerão com o progresso. A primeira é a forma sob a qual se apresenta a vida futura, que poderia ser suficiente a inteligências menos desenvolvidas, mas que não satisfaria as exigências da razão de homens mais reflexivos. Esses últimos se questionarão: *desde que se apresentem princípios contraditórios com a lógica e com os dados positivos da Ciência, eles não são verdadeiros*. Daí a incredulidade de alguns e a crença misturada com a dúvida, de muitos.

A vida futura para esses é uma ideia vaga, mais uma possibilidade do que uma certeza absoluta. Acreditam, gostariam que assim fosse e, apesar de tudo, se questionam: *se, entretanto, não for assim?! O presente é positivo, ocupemo-nos dele, em primeiro lugar, o futuro virá por acréscimo*. E ainda se perguntam: o que é em definitivo a alma? Um ponto, um átomo, uma faísca, uma chama? Como sente? Como enxerga? Como percebe? A alma não lhes é uma realidade efetiva, mas uma abstração.

Os seres que lhes são caros, reduzidos ao estado de átomos, em seu modo de pensar, estão, por assim dizer, perdidos e não têm mais as qualidades pelas quais se fizeram amados. Eles não compreendem nem o amor de uma faísca, nem o amor que se pode ter por ela. E eles mesmos se sentem pouco satisfeitos em ser transformados em uma substância simples e indivisível. É grande o número de pessoas que assim pensam,

---

(1) **Nota da tradução:** Como no capítulo anterior, tudo indica que o autor se refere à influência da corrente filosófica *positivismo*, defendida por Augusto Comte, em meados do século XIX, “substituindo Deus pela ciência”, isto é, defendendo a validade dos métodos científicos para explicar a realidade. Pretendia substituir as explicações teológicas e filosóficas da realidade.

daí o retorno ao positivismo<sup>1</sup> da vida terrestre, que tem qualquer coisa de mais substancial.

6. Outra razão que prende às coisas terrenas, mesmo aqueles que acreditam mais firmemente na vida futura, resulta da impressão que conservam do ensinamento que lhes foi dado na infância. Há que se convir que o quadro apresentado pela religião sobre esse assunto não é muito sedutor nem muito consolador.

De um lado, se veem as contorções de condenados, que expiam em torturas e chamas sem fim seus erros de um momento, para os quais os séculos se sucederão aos séculos, sem esperança de abrandamento ou de piedade e o que é mais cruel ainda: não há possibilidade de arrependimento. Por outro lado, as almas enfraquecidas e sofredoras do purgatório, esperando sua liberdade, não por seus esforços de progresso, mas pela boa vontade dos vivos, que rezarão por elas.

Essas duas categorias são a imensa maioria da população do outro mundo. Acima, paira aquela categoria muito restrita dos eleitos, desfrutando, pela eternidade, de uma beatitude contemplativa. Essa eterna inutilidade – sem dúvida preferível ao nada – não deixa de ser de uma cansativa monotonia. Também se veem, nas pinturas que retratam os bem-aventurados, figuras angélicas que manifestam mais o tédio que a verdadeira felicidade.

Esse estado não satisfaz nem as aspirações nem a ideia instintiva do progresso, que parece a única compatível com a felicidade absoluta. É difícil conceber que o selvagem ignorante, com um senso moral obtuso, pelo simples fato de ter recebido o batismo, esteja ao mesmo nível daquele que chegou ao mais alto grau da Ciência e da moralidade prática, depois de muitos anos de trabalho. É ainda menos concebível que uma criança, morta com pouca idade, antes de ter a consciência de si mesma e de seus atos, desfrute dos mesmos privilégios, apenas pelo fato de ter havido uma cerimônia, da qual não participou por sua vontade. Esses pensamentos preocupam os mais fervorosos, por pouco que eles reflitam.

7. O trabalho que se completa na Terra, sem se direcionar para a felicidade futura, a facilidade com que alguns acreditam conseguir essa felicidade, pelas práticas exteriores e até mesmo com dinheiro, sem uma

reforma séria do caráter e dos costumes, fazem com que esses prazeres tenham seu valor para este mundo.

Muita gente acredita que, já que seu uturo está assegurado, pelo cumprimento de algumas fórmulas ou por dons póstumos, não precisam se privar de nada. Acreditam que seria desnecessário se impor qualquer tipo de sacrifício ou preocupação com o próximo, já que é possível encontrar a salvação, trabalhando-se cada um por si mesmo.

Certamente não são todos os que pensam assim, porque há honrosas exceções, mas não se pode ignorar que essas exceções não são a maioria, principalmente entre as pessoas pouco esclarecidas. A ideia de felicidade no outro mundo não mantém o apego aos bens, portanto, não sustenta o egoísmo.

**8.** Além disso, faz parte do costume lamentar a morte e reear a passagem da Terra para o Céu. A morte é cercada de cerimônias lúgubres, que mais aterrorizam do que provocam sentimento de esperança. Representa-se a morte sempre com um aspecto repulsivo e nunca como um sono de transição. Todos os símbolos da morte lembram a destruição do corpo e o mostram horrível e seco, nenhum representa a alma radiante, se separando de seus laços terrenos. A partida deste mundo é acompanhada de lamentos dos que ficam, como se estivesse acontecendo uma grande desgraça para os que se vão. Despede-se dos que se vão com um eterno adeus, como se nunca mais houvesse um reencontro. O que se lamenta por eles é a perda dos prazeres daqui, como se eles não fossem encontrar muitos maiores prazeres no além-túmulo. Dizem: *que infelicidade morrer jovem, rico, feliz e com um futuro brilhante!*

A ideia de uma situação mais feliz não está enraizada no pensamento e passa por ele, muito levemente. Tudo leva ao horror pela morte, em vez de fazer nascer a esperança.

O homem levará muito tempo para se livrar de seus preconceitos, e ele o fará à medida que consolidar sua fé e tiver uma ideia mais sadia da vida espiritual.

**9.** Além disso, a crença comum coloca as almas em regiões acessíveis apenas ao pensamento, como estranhas aos que continuam vivos.

A própria Igreja coloca entre vivos e mortos uma barreira intransponível, afirmando que todas as relações estão cortadas e que é impossível uma comunicação entre eles. Se as almas estão no inferno, está definitivamente perdida a esperança de revê-las, a menos que se vá para lá também. Se as almas estão entre os eleitos, vivem completamente absorvidas pela beatitude contemplativa. Portanto, impõe-se uma tal distância entre vivos e mortos, que se encara a separação pela morte como se fosse eterna. É por isso que se prefere que os seres amados permaneçam por perto, ainda que sofrendo, a vê-los partir, mesmo que seja para o Céu. De resto, a alma, no Céu, está realmente feliz ao ver, por exemplo, *seu filho, seu pai, sua mãe* ou *seus amigos* queimando eternamente?

### **Por que os espíritas não têm medo da morte**

10. A Doutrina Espírita muda completamente a maneira de encarar o futuro. A vida futura deixa de ser uma hipótese para ser uma realidade. O estado das almas, depois da morte, deixa de ser um sistema, para ser um resultado de observação. Erguido o véu, o mundo espiritual se apresenta em toda sua realidade prática, não como uma descoberta engenhosa dos homens, mas porque os habitantes daquele mundo espiritual vêm contar sua situação. Então, nós os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da infelicidade e assistimos a todas as peripécias da vida de além-túmulo. Aí está por que os espíritas encaram com calma e serenidade a morte e seus últimos momentos na Terra. Porque estão sustentados não só pela esperança, mas pela certeza de que a vida futura é a continuação, em melhores condições, da vida presente. E eles a esperam com a mesma confiança com que aguardam o nascer do Sol, depois de uma noite de tempestade. Eles confiam porque são testemunhas dos fatos, que estão em acordo com a Lógica, a Justiça e a Bondade de Deus e com Suas mais íntimas aspirações.

Para os espíritas, a alma não é apenas uma abstração, mas tem um corpo etéreo, que pode ser definido e compreendido pelo pensamento. Assim, já é possível ter uma ideia clara de sua individualidade, aptidões

e percepções. A lembrança de nossos entes queridos firma-se em algo real, com uma forma concreta, como seres vivos, e não apenas como chamas furtivas que nada nos representam. Além disso, em vez de estar perdidas nas profundezas do espaço, se encontram ao nosso redor. O mundo corpóreo e o mundo espiritual estão em permanentes relações e se assistem reciprocamente.

Não se permitindo mais a dúvida sobre o futuro, não há mais razão para se ter medo da morte. Encara-se a aproximação da morte, com sangue frio, como a libertação, a porta para a vida e não a porta para o nada.



# CAPÍTULO III

## O CÉU

1. A palavra céu designa, em geral, o espaço indefinido, em volta da Terra e, em particular, a parte acima do horizonte. Vem do latim *coelum*, formado do grego *coilos*, vazio, côncavo, porque o céu parece, à primeira vista, uma enorme concavidade.

Os antigos acreditavam na existência de vários céus superpostos, compostos de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas em torno da Terra e que, girando, arrastariam com elas os astros que encontrassem em seu circuito.

Essa ideia, vinda do insuficiente conhecimento da Astronomia, sustentou toda a genealogia dos deuses pagãos que fizeram os céus, escalonados em diferentes graus de beatitude. O último estágio seria felicidade suprema.

A opinião mais comum era de que existiam sete céus, de onde vem a expressão *estar no sétimo céu*, para definir uma perfeita felicidade. Os muçulmanos acreditam em nove céus, em cada um aumentando-se a felicidade dos crentes.

O astrônomo Ptolomeu<sup>1</sup> achava que havia onze céus e chamava o último de Empíreo<sup>2</sup>, onde reinaria uma luz vibrante.

É esse ainda o nome poético que se dá ao lugar da glória eterna. A teologia cristã reconhece três céus: o primeiro, a região do ar e das nuvens; o segundo, o espaço onde se movem os astros; e o terceiro,

---

<sup>(1)</sup> Ptolomeu viveu na Alexandria, no Egito, no segundo século da era cristã.

<sup>(2)</sup> Do grego *pur* ou *pyr*, fogo.

depois dos astros; onde está o Altíssimo, onde permanecem os eleitos, face a face com Deus. Com base nessa crença é que se diz que São Paulo foi elevado ao terceiro céu.

**2.** Todas as diferentes doutrinas, que falam em paraíso, onde permanecem os bem-aventurados, se baseiam no duplo erro de que a Terra é o centro do Universo e de que o espaço dos astros é limitado. E colocaram para além deste limite imaginário o paraíso e a permanência do Todo-Poderoso.

Singular anomalia, que põe o Criador de todas as coisas, Aquele que a todos governa, nos confins de Sua criação, em vez de no centro, de onde a iluminação de Seu pensamento poderia se estender a todos!

**3.** A Ciência, com a inexorável lógica dos fatos e da observação, lançou suas chamas às profundezas do espaço e mostrou a nulidade de todas essas teorias.

A Terra não é mais o centro do Universo; é apenas um de seus menores astros, girando na imensidão. Mesmo o Sol é apenas o centro de um redemoinho planetário. As estrelas são inumeráveis sóis, ao redor das quais circulam incontáveis mundos, cujas distâncias são acessíveis apenas ao pensamento, embora pareçam se tocar. Nesse conjunto, regido por leis eternas, em que se revelam a sabedoria e onipotência do Criador, a Terra aparece apenas como um pontinho imperceptível e dos menos favoráveis a ser habitada. Então, pergunta-se: por que Deus teria feito da Terra o único centro da vida e aqui teria degredado Suas criaturas prediletas? Ao contrário, tudo anuncia que a vida existe por toda a parte e que a Humanidade é infinita como o Universo. Deus não poderia ter criado sem um destino todos os mundos semelhantes à Terra, que a Ciência nos revela. Ele deve tê-los povoado com seres capazes de governá-los.

**4.** As concepções do homem estão na razão do que ele conhece. Como todas as descobertas importantes, a da constituição dos mundos deve ter lhe oferecido outro caminho. Sob o domínio desse novo conhecimento, as crenças devem ter se modificado: o céu foi deslocado. A região das estrelas, sem limites, não podia mais servir como referência. Onde está o céu então? Diante dessa questão, todas as religiões se calam.



O Espiritismo vem resolvê-la, demonstrando o verdadeiro destino do homem. Tomando-se por base a natureza do homem e os atributos de Deus como ponto de partida, chega-se a uma conclusão. Ou seja, partindo-se do conhecido, chega-se ao desconhecido, por uma dedução lógica, sem falar das observações diretas que o Espiritismo permite fazer.

5. O homem é formado por corpo e Espírito. O Espírito é o ser principal, da razão e da inteligência. O corpo é o invólucro material, que reveste temporariamente o Espírito, para que ele complete sua missão na Terra e execute seu trabalho, necessário ao progresso. O corpo, deteriorado, se destrói e o Espírito sobrevive a essa destruição. Sem o Espírito, o corpo é apenas uma matéria inerte, como um instrumento, privado do braço que o faz funcionar. Sem o corpo, o Espírito é tudo: a vida e a inteligência. Deixando o corpo, volta para o mundo espiritual, de onde saiu para encarnar.

Há, portanto, o *mundo corporal*, composto dos Espíritos encarnados, e o *mundo espiritual*, formado pelos Espíritos desencarnados. Os seres do mundo corporal, pela própria característica de seu invólucro material, são presos à Terra ou a um globo qualquer. O mundo espiritual está em toda a parte, em torno de nós e no espaço, sem qualquer limite. Por terem natureza fluídica, os seres que compõem o mundo espiritual, em vez de se arrastar penosamente sobre o solo, transpõem grandes distâncias, com a rapidez do pensamento. A morte do corpo é o rompimento dos laços que os mantêm cativos.

6. Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas com aptidão para tudo adquirir e para progredir, de acordo com seu livre-arbítrio. Para seu progresso, adquirem novos conhecimentos, novos dons e novas percepções e, depois, novos prazeres, que os Espíritos inferiores não conhecem. Eles enxergam, escutam, sentem e compreendem coisas que os Espíritos atrasados não podem enxergar, escutar, sentir ou compreender. *A felicidade existe, na medida do progresso alcançado, de modo que entre dois Espíritos que estejam em um mesmo lugar, um pode não estar tão feliz como o outro, unicamente porque ele não é tão adiantado intelectual e moralmente.* Embora estando lado a lado, um deles pode estar nas trevas, enquanto o outro, resplandecente, como um cego e um

vidente, que se dão as mãos. Um percebe a luz que seu vizinho não vê. *Como a felicidade dos Espíritos é inerente às qualidades que possuem, eles a têm, onde quer que estejam: na Terra, entre os encarnados ou no espaço.*

Uma comparação comum pode ajudar a compreender melhor esta situação: dois homens em um concerto. Um deles é um bom músico, tem ouvido apurado. O outro não tem conhecimento musical e um ouvido pouco delicado para a música. Durante o concerto, o primeiro terá uma sensação de felicidade, enquanto o segundo ficará insensível, porque o primeiro compreende e percebe algo que não causa a menor impressão ao outro. A mesma coisa se dá com todos os prazeres dos Espíritos porque eles se fazem sentir na proporção da aptidão de experimentá-los.

*O mundo espiritual tem esplendores, harmonias e sensações, em toda parte, que só os Espíritos mais depurados podem captar e que os Espíritos inferiores, ainda presos à influência da matéria, não alcançam.*

7. O progresso entre os Espíritos é fruto de seu próprio trabalho. Como são livres, de acordo com a própria vontade, trabalham mais ou menos, em prol de seu desenvolvimento. Assim, apressam ou retardam seu progresso e, por consequência, sua felicidade.

Enquanto uns avançam rapidamente, outros ficam estagnados, por longos séculos, em condições inferiores. Eles são, dessa forma, os próprios artesãos de sua situação, feliz ou infeliz, conforme a palavra do Cristo: *“A cada um, segundo suas obras”*.

Todo Espírito que permanece atrasado está preso a ele mesmo, da mesma forma que aquele que avança o faz por seu próprio mérito: a felicidade que ele conquista é apenas um prêmio.

A felicidade suprema é apenas partilhada por Espíritos perfeitos, ou Espíritos puros, um estado atingido pelo progresso da inteligência e da moralidade.

O progresso intelectual e o progresso moral nem sempre caminham juntos, mas o Espírito pode consegui-los em tempos diferentes, de modo que os dois acabem por atingir o mesmo nível. É por essa razão que, frequentemente, se encontram homens inteligentes e instruídos muito pouco evoluídos moralmente e vice-versa.

**8.** A encarnação é necessária para o duplo progresso – intelectual e moral – do Espírito. O progresso intelectual, pela atividade que ele é obrigado a desenvolver no trabalho; e o progresso moral, pela necessidade recíproca que uns têm dos outros. *A vida social é a pedra de toque das boas e das más qualidades.*

A bondade, a maldade, a doçura, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a franqueza, a lealdade, a má-fé, a hipocrisia, enfim, tudo o que constitui um homem de bem ou um homem perverso é movido e estimulado pelas relações com seus semelhantes.

*Para um homem que vivesse só, não haveria vício nem virtude. Se pelo isolamento ele se preserva do mal, também anula o bem.*

**9.** Uma única existência corporal é certamente insuficiente para que ele possa adquirir tudo o que lhe falta de bom e se desfazer de tudo o que tem de mau.

Um selvagem, por exemplo, poderia em uma única encarnação atingir o nível moral e intelectual de um europeu mais avançado? É materialmente impossível. Por essa razão, ele deveria permanecer eternamente na ignorância e na barbárie, privado da satisfação que só poderia encontrar pelo desenvolvimento?

O simples bom senso recusa tal suposição, que seria a negação da Justiça e da Bondade de Deus e da lei progressiva da Natureza. Deus, soberanamente justo e bom, concede ao Espírito tantas existências quantas forem necessárias, para que ele atinja seu objetivo, que é a perfeição.

Em cada nova existência, o Espírito traz consigo o que ele adquiriu nas anteriores, em aptidão, conhecimentos intuitivos, inteligência e moralidade. Cada existência é, assim, um passo adiante no caminho do progresso<sup>3</sup>.

A encarnação é inerente à inferioridade dos Espíritos e não é mais necessária àqueles que superaram o limite desta inferioridade e que progredem para outro estado espiritual ou estão em existências corporais de mundos superiores, que não têm mais nada da materialidade terrestre.

---

<sup>(3)</sup> Ver a nota, capítulo I, nº 3, nota 2.

Para estes, a encarnação é voluntária, com o objetivo de exercerem uma ação mais direta e completar a missão com os encarnados que são encarregados de ajudar. Assim, eles aceitam as vicissitudes e os sofrimentos, por um ato de devoção.

**10.** No intervalo entre existências corporais, o Espírito volta, por um tempo mais ou menos longo, ao mundo espiritual, onde é feliz ou infeliz, dependendo do bem ou do mal que ele praticou.

O estado espiritual é normal para o Espírito, já que deve ser seu estado definitivo e que o corpo espiritual não morre. O estado corporal é transitório e passageiro. É no estado espiritual que se recolhem os frutos do progresso conseguido pelo trabalho, no período de encarnação. É também nesse estado que ele se prepara para novas lutas e toma resoluções que se esforçará para cumprir em seu retorno à Humanidade.

O Espírito igualmente progride na erraticidade, onde absorve conhecimentos especiais que não poderia adquirir na Terra, modificando seus pensamentos. O estado corporal e o estado espiritual são para ele uma fonte de dois tipos complementares de progresso e é por isto que ele alterna esses dois modos de existência.

**11.** A reencarnação pode acontecer na Terra ou em outros mundos. Há alguns mundos mais adiantados que outros, onde a existência tem condições físicas e morais menos sofríveis do que na Terra. Mas apenas são admitidos aqueles Espíritos que atingiram um grau de perfeição compatível com esses mundos.

A vida em mundos superiores já é uma recompensa, porque ali o Espírito já se libertou de males e vicissitudes. Ali, os corpos, menos materiais, quase fluídicos, não estão sujeitos a doenças, a enfermidades e nem possuem as mesmas necessidades que os corpos na Terra. Não existem Espíritos maus e os homens vivem em paz, se preocupando apenas com seu progresso, pelo trabalho da inteligência.

Reina entre eles a verdadeira fraternidade, porque não há egoísmo; a verdadeira igualdade, porque não há soberba; a verdadeira liberdade, porque não há desordens a serem reprimidas nem ambiciosos que tentem oprimir os fracos.

Comparados à Terra, esses mundos são verdadeiros paraísos, etapas

de caminho do progresso que leva ao estado definitivo. A Terra é um mundo inferior, de depuração dos Espíritos imperfeitos, onde o mal domina, enquanto for a vontade de Deus e até que Ele decida fazer daqui um lugar de permanência para Espíritos mais evoluídos. É assim que o Espírito, progredindo gradualmente, chega ao auge da felicidade. Mas, antes de atingir o ponto mais alto de sua perfeição, desfruta de uma felicidade proporcional a seu adiantamento, como uma criança que saboreia os prazeres da primeira infância, depois os da juventude e, finalmente, os mais sólidos, da maturidade.

**12.** A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não repousa na ociosidade contemplativa, que seria, como já se disse, de uma eterna e cansativa inutilidade. Ao contrário, a vida espiritual, em todos os seus graus, é uma constante atividade, mas sem cansaço. A suprema felicidade consiste em satisfazer todo o esplendor da Criação, coisa que nenhuma linguagem humana poderia contar e que nem a imaginação mais fecunda poderia conceber. Consiste também no conhecimento de todas as coisas, sem sofrimento físico ou moral, com satisfação íntima e uma serenidade inalterável da alma, com um amor puro, que une todos os seres, sem mágoas e, acima de tudo, diante de Deus e da compreensão de Seus mistérios, revelados aos mais dignos. A felicidade igualmente está nas funções que a gente gosta de executar. Os puros Espíritos são os Messias ou mensageiros de Deus, para transmitir e executar Suas vontades. Completam as grandes missões, presidem à formação dos mundos e à harmonia geral do Universo, uma carga gloriosa, a que se chega somente pela perfeição. Aqueles da ordem mais elevada são os únicos que conhecem os segredos de Deus, de quem são representantes diretos e inspirados por Seus pensamentos.

**13.** As atribuições dos Espíritos são proporcionais a seu adiantamento, iluminação, capacidade, experiência e grau de confiança que inspiram ao soberano Mestre.

Lá não há nenhum privilégio, nenhum favor que não seja recompensa por mérito: tudo é medido e pesado com estrita justiça.

As missões mais importantes são confiadas àqueles que Deus sabe serem capazes de realizá-las e incapazes de enfraquecer e de

comprometê-las. Enquanto, ao lado de Deus, os mais dignos compõem o conselho supremo, aos chefes superiores é destinada a direção dos redemoinhos planetários, a outros é conferida a dos mundos especiais. Em seguida, de acordo com o grau de desenvolvimento e subordinação hierárquica, vêm as atribuições mais restritas, àqueles que são encarregados do desenvolvimento dos povos, da proteção das famílias e dos indivíduos, de impulsionar cada ramo do progresso, das diversas operações da Natureza até os menores detalhes da Criação. Neste vasto e harmonioso conjunto, há ocupações para todas as capacidades, todas as aptidões e boa vontade, que são aceitas com alegria, cuidadas com ardor, por serem um meio de elevação do Espírito.

**14.** Ao lado das grandes missões, confiadas aos Espíritos superiores, há missões de todos os graus de importância, destinadas a Espíritos de todas as ordens, daí poder-se dizer que cada encarnado tem a sua, isto é, deveres a cumprir para o bem de seus semelhantes, a começar pelo pai de família, que tem a incumbência de fazer progredir suas crianças, até o gênio, que lança à sociedade os novos elementos para o progresso. Nessas missões secundárias se encontram normalmente fraquezas, prevaricações, renúncias, que prejudicam apenas a pessoa, mas não a seu semelhante.

**15.** Todas as inteligências, independente do grau em que estejam, concorrem, então, para a obra geral. E cada uma na medida de suas forças, em estado de encarnação ou de Espírito. Em todas as atividades, desde o mais baixo até o mais alto grau da escala, todos se instruem, se ajudam mutuamente, dão e recebem apoio e se estendem as mãos, para esperar o grau supremo da glória.

Assim se estabelece a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo corporal, isto é, entre os homens e os Espíritos, entre os Espíritos livres e os cativos. Assim se perpetuam e se consolidam, por depuração e pela continuidade de relações, as verdadeiras simpatias e as perfeitas afeições.

Por toda parte, então, há vida e movimento. Não há um único canto do infinito que não seja povoado, não há uma região que não seja constantemente percorrida por incontáveis legiões de seres radiantes, invisíveis

para os sentidos grosseiros dos encarnados, mas cuja vista encanta de admiração e de alegria as almas separadas da matéria. Enfim, por toda parte há uma felicidade relativa a todos os progressos, a todos os deveres cumpridos.

Cada um leva em si os elementos de sua felicidade, na proporção de sua categoria ou de seu grau de desenvolvimento.

A felicidade prende-se às qualidades dos indivíduos e não ao estado material do meio em que se encontram. Portanto, ela está onde existam Espíritos capazes de serem felizes. Nenhum lugar no Universo é circunscrito para a felicidade. Em qualquer lugar onde se encontrem, os puros Espíritos podem contemplar a majestade divina, porque Deus está em toda parte.

**16.** Entretanto, a felicidade não é pessoal. Se a tivéssemos só para nós, sem partilhar com outros, seria triste e egoísta. A felicidade está também na comunhão de pensamentos que une os seres atraídos por simpatia. Os Espíritos felizes, atraídos uns para os outros, pela similaridade de ideias, de gestos, de sentimentos, formam vastos grupos ou famílias homogêneas, no seio das quais cada individualidade irradia suas próprias qualidades e funde-se com os eflúvios serenos e benéficos que emanam do conjunto.

Os membros desse conjunto ora se dispersam para realizar sua missão, ora se juntam em um ponto qualquer do espaço para prestar contas dos resultados de seus trabalhos, ora se reúnem em torno de um Espírito de ordem mais elevada para receber instruções e conselhos.

**17.** Embora os Espíritos estejam em toda parte, os mundos são os espaços em que eles se reúnem pela sintonia que possuem com seus habitantes. Nos mundos mais avançados existem muitos Espíritos superiores. Nos mundos mais atrasados – como é ainda a Terra – abundam Espíritos inferiores. Cada globo tem, então, de alguma maneira, sua população própria, de Espíritos encarnados e desencarnados, que se mantém, em geral, pela encarnação e desencarnação dos mesmos Espíritos. Esta população é mais estável, nos mundos inferiores, em que os Espíritos são mais presos à matéria, e mais flutuante nos mundos superiores.

Mas os Espíritos saem dos mundos de luz e felicidade, para os mais inferiores, para aí semear o progresso, levar consolação e esperança,

e elevar os ânimos abatidos pelas provas da vida e, às vezes, encarnam para completar com mais eficiência sua missão.

**18.** Nessa imensidão sem limites, onde está, então, o Céu? Está por toda parte. Nenhum recanto lhe serve de limite. Os mundos felizes são as últimas estações que conduzem ao Céu: as virtudes abrem-lhe o caminho e os vícios interditam-lhe o acesso. Diante deste quadro grandioso, que povoa todo o Universo e dá a todos os objetos da Criação uma razão de ser, é bem pequena e mesquinha uma doutrina que circunscreve a Humanidade a um imperceptível ponto no Espaço, que a mostra como algo que teve um começo e que um dia terá um fim, juntamente com o mundo que a acomoda, sem abarcar, enfim, nenhum minuto na Eternidade!

Como é fria e triste essa doutrina quando nos mostra o restante do Universo, antes, durante e depois da Humanidade terrestre, sem vida, sem movimento, como um imenso deserto, mergulhado no silêncio! Como é sem esperança, pelo quadro que aponta um pequeno número de eleitos, escolhidos para a contemplação eterna, enquanto a maioria é condenada a sofrimentos sem-fim! Como é dolorosa, para os corações que amam, pela barreira que põe entre mortos e vivos! As almas felizes só pensam em sua felicidade e os que são infelizes, em suas dores. É surpreendente que o egoísmo reine sobre a Terra, quando é mostrado dentro do Céu? Como é estreita a ideia que nos dá da grandeza, do poder e da bondade de Deus!

Oh! quão mesquinha se nos afigura essa ideia da grandeza, do poder e da bondade de Deus! Quanto é sublime a ideia que Dele fazemos pelo Espiritismo! Quanto a sua doutrina engrandece as ideias e amplia o pensamento! Mas, quem diz que é verdadeira? A Razão, de início; a Revelação, em seguida, e depois sua concordância com o progresso da Ciência. Entre duas doutrinas, em que uma diminui e a outra aumenta os atributos de Deus, em que uma está em desacordo e outra em harmonia com o progresso, em que uma fica para trás e a outra segue adiante, o bom senso diz de que lado está a verdade. Diante de ambas, que cada um, em seu foro íntimo, questione suas aspirações e uma voz interior lhe responderá. As aspirações são a voz de Deus, que não pode enganar os homens.



19. Mas, então, por que Deus, desde o início, não revelou toda a verdade? Pela mesma razão que não se ensina, na infância, o que se ensina na maturidade. A revelação restrita era suficiente, durante um certo período da Humanidade: Deus a revela gradativamente às forças do Espírito. Aqueles que recebem hoje uma revelação mais completa são os *mesmos Espíritos* que já receberam uma parcela em outros tempos e desde então cresceram em inteligência.

Antes que a Ciência tivesse revelado aos homens as forças vivas da Natureza, a constituição dos astros, o verdadeiro papel e a formação da Terra, teriam eles compreendido a imensidão do espaço, a pluralidade dos mundos? Antes que a Geologia tivesse provado a formação da Terra, conseguiriam desalojar o inferno do interior do planeta e compreender o sentido alegórico dos seis dias da criação? Antes que a Astronomia tivesse descoberto as leis que regem o Universo, teriam os homens conseguido entender que não há alto nem baixo no Espaço, que o céu não está acima das nuvens nem limitado pelas estrelas? Antes dos progressos da ciência psicológica, teriam podido se identificar com a vida espiritual e conceber, após a morte, uma vida feliz ou infeliz, sem uma forma material, circunscrita a um determinado lugar? Não. Compreendendo muito mais pelos sentidos do que pelos pensamentos, o Universo era muito grande para seu cérebro. Era preciso reduzi-lo a dimensões menores para apresentá-lo ao homem e, mais tarde, aumentar suas proporções. Uma parte da revelação, naquele momento, era útil e sábia, mas hoje é insuficiente. Enganam-se aqueles que, sem levar em consideração o progresso das ideias, acreditam que podem fazer caminhar os homens amadurecidos, da mesma forma que o fazem com as crianças (ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo III).



# CAPÍTULO IV

## O INFERNO

**Intuição das penas futuras – O inferno cristão imita o pagão –  
Os limbos – Quadro do inferno pagão – Quadro do inferno cristão**

### **Intuição das penas futuras**

1. Em todos os tempos, o homem acreditou, por intuição, que a vida futura deveria ser feliz ou infeliz, de acordo com o bem ou o mal que tivesse feito neste mundo. Ao menos essa ideia tem relação com o desenvolvimento de seu senso moral e as noções mais ou menos exatas que ele tem de bem e de mal.

Os sofrimentos e as recompensas são os reflexos de seus instintos predominantes. Assim, os povos guerreiros têm como extrema felicidade as honras recebidas por sua bravura; os caçadores, pela abundância de animais; os povos sensuais, pelas delícias da volúpia. Quanto mais o homem é dominado pela matéria, menos pode compreender a espiritualidade. É por isso que o quadro que se faz de penas e de prazeres é mais material do que espiritual. Representa-se a alegoria do que se deve beber ou comer em outro mundo, porém melhor do que na Terra<sup>1</sup>.

Mais tarde, se encontra nas crenças que se referem ao futuro uma mistura de espiritualidade e materialidade. É assim que, ao lado da beatitude contemplativa, se coloca um inferno com torturas físicas.

---

<sup>(1)</sup> Um padre apresentava um sedutor quadro sobre a vida futura a um garoto do interior da França (de Saboia), que lhe perguntou se ali todos comeriam pão branco, como em Paris.

2. Podendo compreender apenas o que via, naturalmente o homem primitivo calçou seu futuro no presente. Para compreender coisas diferentes, seria necessário um desenvolvimento que só alcançaria com o tempo. Também o quadro que se apresenta sobre os castigos na vida futura é o reflexo dos males da Humanidade, em grande proporção: todas as torturas, todos os suplícios e todas as aflições que se encontram na Terra. Assim, nas regiões quentes, ele imaginou um inferno de fogo e, nas regiões setentrionais, um inferno de gelo. Como ainda não tinha desenvolvido o sentido que o faria compreender as coisas espirituais, só podia entender penas materiais. É por isso que, apesar de algumas diferenças de forma, o inferno é semelhante em todas as religiões.

### O inferno cristão imita o pagão

3. O inferno dos pagãos, descrito e dramatizado pelos poetas, foi o modelo mais grandioso do gênero e se perpetuou entre os cristãos, que também tiveram seus cantores poéticos. Comparando os dois, encontram-se muitas analogias, com exceção de nomes e algumas variantes de detalhes. Tanto em um como em outro, o fogo material é a base de todos os tormentos porque é símbolo dos mais cruéis sofrimentos. O estranho é que os cristãos exageraram em muitos pontos sobre o inferno pagão. Se os pagãos tinham em seu inferno os sacrifícios individuais, como o tonel das Danaides<sup>2</sup>, a roda de Íxion<sup>3</sup>, o rochedo de Sísifo<sup>4</sup>, os cristãos tinham suas caldeiras escaldantes para todos, cujas tampas os Anjos levantavam para ver as contorções dos condenados<sup>5</sup>, cujos gemidos Deus ouve sem piedade, por toda a eternidade. Nunca

---

(2) **Nota da tradução:** Danaides, entre os gregos antigos, cada uma das 50 filhas de Dânao, que, tendo assassinado os maridos na noite de núpcias, foram condenadas, no Tártaro, a encher de água um tonel sem fundo.

(3) **Nota da tradução:** Íxion, na mitologia grega, foi o primeiro homem que assassinou um membro da família. Matou o sogro, por não lhe entregar os presentes prometidos para o casamento. Após a purificação obtida do deus Zeus, o ingrato tentou seduzir Hera, sua esposa. Para estragar seus planos, Zeus criou uma nuvem semelhante a Hera. Enganado, Íxion manteve relações sexuais com o fantasma e gerou os monstros centauros (metade homem, metade cavalo).

(4) **Nota da tradução:** Sísifo era rei de Corinto, segundo a mitologia grega. Tendo escapado astuciosamente a Tântatos, o deus da morte, enviado por Zeus, para castigá-lo, foi levado ao inferno por Hermes, onde o condenaram a rolar uma pedra até o cume de um monte, de onde ela despencava e Sísifo era obrigado a recomeçar. Por isto, fala-se em trabalho de Sísifo, quando se tem um trabalho fatigante e eterno, que jamais termina, porque tem-se que recomeçá-lo, mal tenha terminado.

(5) Pregação em Montpellier, França, em 1860.

os pagãos pintaram os habitantes dos Campos Elíseos olhando para os suplícios daqueles que estariam no Tártaro<sup>6</sup>.

4. Assim como os pagãos, os cristãos também têm o seu rei do inferno, que é Satã. Mas com a diferença de que Plutão não era maldoso e se limitava a governar o império das sombras, para o qual foi escolhido em uma partilha. Sua missão era ali reter aqueles que tinham praticado o mal, mas de forma alguma induzia os homens a serem maus, pelo simples prazer de fazê-los sofrer. Já Satã recruta por toda parte as vítimas, que tem prazer de atormentar e jogar no fogo do inferno, por sua legião de demônios, armados de foices.

Tem-se discutido muito sobre qual seria a natureza deste fogo que queima sem parar sobre os condenados, sem jamais se extinguir. Pergunta-se se seria um fogo de betume<sup>7</sup>.

O inferno cristão não é, em nada, inferior ao inferno pagão.

5. As mesmas considerações com que os antigos localizavam um lugar de felicidade eram usadas para circunscrever um local de suplícios. O primeiro estava localizado em regiões superiores e, naturalmente, o segundo, em regiões inferiores, isto é, no centro da Terra, onde se acreditava existirem cavidades sombrias e de aspecto terrível, que serviriam como porta de entrada. Este seria o lugar onde os cristãos colocaram por muito tempo os condenados.

Há ainda outra analogia, com relação a esse assunto. O inferno dos pagãos encerrava, de um lado, os Campos Elíseos e, do outro, o Tártaro. O Olimpo, lugar dos deuses e dos homens divinizados, ficava nas regiões superiores. Segundo a *letra do Evangelho*, Jesus desceu aos infernos, isto é, aos *lugares baixos*, para retirar as almas dos justos, que esperavam Sua vinda.

Os infernos não eram então apenas um local de suplício, como entre os pagãos, mas eram também *lugares baixos*.

<sup>(6)</sup> “Os bem-aventurados, sem sair do lugar que ocupam, poderão, de alguma forma, por sua inteligência e poder de visão, ir até onde estão os condenados, para observar suas torturas. E, vendo a indescrevível calamidade dos ímpios, não só não sentirão qualquer pena, como também serão tomados pela alegria e agradecerão a Deus, por sua própria felicidade (São Tomás de Aquino).

<sup>(7)</sup> Pregação em Montpellier, França, em 1860.

Como o Olimpo, os anjos e os santos ficavam em lugares elevados, além do céu das estrelas, que se julgava um espaço limitado.

6. Essa mistura de ideias pagãs e cristãs nada tem de surpreendente. Jesus não poderia de uma só vez destruir crenças enraizadas. Faltavam aos homens conhecimentos para conceber o infinito do Espaço e dos mundos. A Terra era para eles o centro do Universo, cuja forma ou estrutura interior não conheciam. Tudo era limitado ao ponto de vista que tinham na época e suas noções de futuro não poderiam se estender além de seus conhecimentos. Jesus estava impossibilitado de iniciá-los no verdadeiro estado das coisas. Por outro lado, não queria endossar os preconceitos já estabelecidos. Então, se absteve e deixou ao tempo o cuidado de retificar as ideias. Limitou-se a falar vagamente sobre a vida feliz e os castigos que aguardavam os culpados. Mas em nenhum de Seus ensinamentos se encontra o quadro de suplícios corporais que eram um artigo de fé para os cristãos. Assim, as ideias do inferno pagão se perpetuaram até hoje. Foi necessária a difusão das luzes dos tempos modernos e o desenvolvimento geral da inteligência humana para se mostrá-las como exatamente são. Mas, como nada de positivo substituía as ideias existentes, a um longo período de fé cega, seguiu-se como transição um período de incredulidade, que teria fim com a Nova Revelação. Era necessário demolir antes de reconstruir. É mais fácil fazer aqueles que não creem aceitarem ideias justas, porque sentem que lhes falta alguma coisa, do que aqueles que têm uma poderosa fé em algo que é absurdo.

7. Pela localização do céu e do inferno, as seitas cristãs foram conduzidas a só aceitarem duas condições extremas para a alma: a perfeita felicidade e o sofrimento absoluto. O purgatório é apenas uma posição intermediária, momentânea, da qual saem as almas, sem transição, para o espaço dos bem-aventurados. Não poderia ser de outra forma, segundo a crença no destino definitivo das almas, após a morte. Se só existem dois estados – o dos eleitos e o dos condenados – não se pode admitir a existência de vários degraus em cada um desses estados, sem pensar na possibilidade de superá-los e, portanto, na possibilidade de progresso. Não há destino definitivo. Se há destino definitivo, não há progresso. Jesus resolve a questão, quando diz: *“Há muitas moradas na casa de meu Pai”*<sup>78</sup>.

## Os limbos

8. É verdade que a Igreja admite, em certos casos, uma posição especial. As crianças mortas em tenra idade, não tendo feito nenhum mal, não podem ser condenadas ao fogo eterno. Por outro lado, não tendo feito o bem, não têm direito à felicidade suprema. Ficam, então, em limbos, uma situação mista, nunca bem definida, em que não se sofre, mas não se tem a perfeita felicidade. Uma vez que seu destino é irrevogavelmente imutável, essas crianças estarão privadas desta felicidade por toda a eternidade. Essa privação, que não dependeu do que elas teriam feito, equivale a um *suplício eterno, não merecido*. Há também os espíritos selvagens, que não receberam as graças do batismo e a iluminação da religião, que pecam por ignorância e se entregam a seus instintos naturais. Estes não podem ter nem a culpa nem o mérito daqueles que agiram com conhecimento de causa. A simples lógica da Justiça de Deus recusa semelhante doutrina. A Justiça de Deus revela-se na palavra do Cristo: “*A cada um, segundo suas obras*”. Mas é preciso compreender que boas ou más obras são realizadas livremente, por vontade própria de cada um, portanto, acarretam responsabilidade. Não se incluem, nesse caso, a criança, o espírito selvagem nem aquele que não teve oportunidade de ser esclarecido.

## Quadro do inferno pagão

9. Tudo o que conhecemos a respeito do inferno pagão está nas descrições dos poetas, principalmente de Homero e de Virgílio. Por serem descrições poéticas, têm uma limitação quanto à forma. A descrição de Fénelon<sup>9</sup>, em *Telêmaco*, embora se prenda à mesma fonte quanto às renças fundamentais, tem a simplicidade mais precisa da prosa e não da poesia. Descrevendo o aspecto lúgubre dos lugares, ressalta o tipo de sofrimento que os culpados suportam e se estende bastante sobre o destino dos maus reis, tendo em vista a instrução de seu aluno real.

<sup>(8)</sup> Ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo III.

<sup>(9)</sup> **Fénelon**, França, nasceu em 1651 e morreu em 1715. Entre outras obras, escreveu *A educação das meninas*, para orientar a Duquesa de Beauvillier na educação de suas filhas. Em 1689, foi escolhido para ser preceptor do príncipe de Borgonha.

Por mais popular que seja sua obra, muitas pessoas, sem dúvida, não se lembram ou não refletiram suficientemente sobre ela. Daí reproduzirmos aqui algumas partes, que têm relação direta com o assunto que nos interessa, ou seja, aquelas partes que tratam mais especificamente da penalidade individual.

**10.** “Entrando, Telêmaco ouviu gemidos inconsoláveis de uma pessoa, que era apenas uma fraca imagem, uma sombra. Qual é – disse ele – seu sofrimento? Quem foi você na Terra? – Eu era Nabofarzan, rei da soberba Babilônia – respondeu a sombra. Todos os povos do Oriente tremiam só de ouvir meu nome. Os babilônicos me adoravam em um templo de mármore, onde eu era representado por uma estátua de ouro, diante da qual se queimavam dia e noite os perfumes da Etiópia. Jamais alguém ousou me contradizer, sem ser punido. A cada dia, inventavam novos prazeres, para tornar minha vida mais deliciosa. Eu era jovem e forte. Oh! Tristeza! Quanta prosperidade eu teria ainda para desfrutar em meu trono! Mas uma mulher que eu amava e que não me amava me fez sentir que eu não era deus: me envenenou e agora não sou mais nada.

Ontem, com toda a pompa, colocaram minhas cinzas em uma urna de ouro. Choraram, arrancaram os cabelos, pareciam querer se jogar nas chamas de minha fogueira, para morrer comigo. Vão ainda se lamentar, diante do soberbo túmulo em que depositaram minhas cinzas. Mas ninguém tem pena de mim. Minha lembrança é um horror até mesmo para minha família, e aqui embaixo sofro um tratamento horrível.

“Telêmaco, impressionado, perguntou: Você era verdadeiramente feliz, durante seu reinado? Sentia essa doce paz, sem a qual o coração fica apertado e murcho, em meio às delícias? – Não, respondeu o babilônico. Eu nem mesmo sei o que você quer dizer. Os sábios falam dessa paz como um bem único, que eu nunca senti. Meu coração estava sempre agitado por novos desejos, de fé e de esperança. Eu tratava de me aturdir, pelo abalo de minhas paixões, de alimentar essa embriaguez, para torná-la contínua: o menor intervalo de razão tranquila me era muito amargo. Esta é a paz que eu desfrutei. Qualquer outra me parece uma fábula e um sonho. Estes são os bens por que lamento.



“Assim falando, o babilônico chorava como um homem enfraquecido pela prosperidade e que não está de forma alguma acostumado a suportar uma constante infelicidade. Tinha a seu lado alguns escravos, mortos para honrar seus funerais. Mercúrio os tinha entregue a Caronte<sup>10</sup>, com seu rei, a quem serviram na Terra e sobre o qual lhes dera um poder absoluto. *Estas sombras de escravos não têm mais medo da sombra de Nabofarzan e a mantêm acorrentada, submetendo-a às mais cruéis indignidades.* Todos lhe diziam: não éramos homens tanto quanto você? Como você foi tão insensato em se acreditar um deus? Não seria necessário lembrá-lo de que você era da mesma etnia<sup>12</sup> que os outros homens? Outro, para insultá-lo, dizia: você tinha razão em não querer ser considerado como um homem, porque você era um monstro, sem humanidade. Outro dizia: Está bom!!! Onde estão agora seus bajuladores? Você não tem nada a dar, infeliz! Você não pode mais fazer nenhum mal, é escravo de seus próprios escravos, os deuses demoram, mas fazem justiça.

“Diante de tão duras palavras, Nabofarzan batia o rosto contra o chão, arrancando os cabelos, em um acesso de raiva e desespero. Mas Caronte incentivava os escravos: arrastem-no pela corrente, levantem-no, contra sua vontade, ele não terá nem mesmo a consolação de esconder sua vergonha. É preciso que todas as sombras do Estige sejam testemunhas, para justificar aos deuses, que por tanto tempo suportaram que este ímpio reinasse sobre a Terra.

“Em seguida, ele percebe a seu lado o negro Tártaro<sup>11</sup>, de onde saía uma fumaça negra e espessa, cujo cheiro horrível mataria qualquer ser vivo que dela se aproximasse. Essa fumaça cobria um rio de fogo, com turbilhões de chamas, que pareciam aquelas correntes impetuosas que se lançam dos mais altos rochedos ao fundo dos abismos, fazendo um barulho tão grande, que não se podia ouvir claramente qualquer outra coisa naquele infeliz lugar.

---

<sup>(10)</sup> **Nota da tradução:** *Caronte*, segundo a mitologia, era o barqueiro idoso que transportava a alma os mortos, através do Rio Estige, aos portões do mundo inferior. Admitia em seu barco somente as almas que tinham recebido um cerimonial fúnebre e cuja passagem tinha sido paga com uma moeda colocada sob a língua do cadáver.

<sup>(11)</sup> **Nota da tradução:** Tártaro significava “abismo subterrâneo”, local de suplícios.

<sup>(12)</sup> Ver Nota Explicativa no fim deste volume, página 403.

“Telêmaco, secretamente animado por Minerva, entra, sem medo, naquele abismo. De início, vê um grande número de homens que tinham vivido nas mais humildes condições e eram punidos por ter procurado riquezas, por meio de fraudes, traições e crueldades. Aí notou muitos ímpios hipócritas que fingiram ser religiosos e usaram a religião como um belo pretexto para satisfazer sua ambição e para se aproveitar de pessoas crédulas. Esses homens, que abusaram da própria virtude, o maior dom dos deuses, eram punidos como os piores de todos. Os filhos que haviam degolado seus pais; as esposas que mancharam as mãos no sangue dos maridos; os traidores que tinham vendido a pátria, violando todos os juramentos, sofriram, apesar de tudo, penas menores que aqueles hipócritas.

“Os três juízes do infernais assim o queriam, por esta razão: os hipócritas não se contentam com ser maus como os demais ímpios, porém querem passar por bons e concorrem por sua falsa virtude para a descrença e corrupção da verdade. Os deuses de que eles se aproveitaram e que tornaram desprezíveis para os homens têm prazer em empregar toda sua força, para se vingar dos insultos que receberam.

“Ao lado daqueles, aparecem outros homens, que normalmente quase nem se julgariam culpados, mas que os deuses perseguiram sem piedade: são os ingratos, os mentirosos, os aduladores que louvaram o vício, os críticos malévolos, que denegriram a mais pura virtude. Enfim, aqueles que julgaram temerariamente as coisas, sem conhecê-las a fundo, manchando, assim, a reputação de inocentes.

“Telêmaco, vendo os três juízes sentados, condenando um homem, ousou perguntar-lhes quais seriam seus crimes. Imediatamente, o condenado gritou: eu jamais fiz qualquer mal, sempre tive prazer em fazer o bem, fui magnânimo, liberal, justo, piedoso, de que podem me acusar? Então, Minos<sup>13</sup> lhe disse: Nada o reprova, sob o ponto de vista dos homens, mas você não devia mais aos deuses que aos homens? De qual justiça se vangloria? Você não faltou a nenhum dever, com relação aos homens, que nada são. Foi virtuoso, mas creditou toda sua virtude

---

<sup>(13)</sup> **Nota da tradução:** Minos, segundo a mitologia, era filho de Zeus e Europa e rei de Creta. Após sua morte, foi escolhido para ser um dos juízes do inferno.

a você mesmo e não aos deuses, que lhe deram essa virtude. Queria aproveitar os frutos de sua própria virtude e fechar-se sobre si mesmo: *você foi sua própria divindade*. Mas os deuses, que tudo fizeram, e tudo fizeram para si mesmos, não podem renunciar a seus direitos. Você os esqueceu, eles o esquecerão, o deixarão entregue a si mesmo, já que você quis ser só você mesmo, sem eles. *Procure, então, agora, se puder, a consolação dentro de seu próprio coração*. Veja-se agora, separado dos homens que você sempre quis agradar. Veja-se sozinho consigo mesmo, já que você era seu próprio ídolo, aprenda que não há nenhuma verdadeira virtude, sem respeito e amor pelos deuses, a quem você tudo deve. Sua falsa virtude, com que, por muito tempo, você deslumbrou homens fáceis de enganar, vai ser destruída. São cegos – quanto ao bem e quanto ao mal – os homens que julgam os vícios e as virtudes, apenas pelos aspectos que lhes agradam ou incomodam. Aqui, uma luz divina joga por terra todos os seus julgamentos superficiais: muitas vezes, condena o que eles admiram e justifica o que condenam.

“Ouvindo tais palavras, o filósofo, como se tivesse sido atingido por um raio, quase não podia se segurar. Transformou-se em desespero a complacência com que ele tinha outrora contemplado sua moderação, coragem e inclinações generosas. Sentir o próprio coração, inimigo dos deuses, se tornou um suplício. Não consegue deixar de olhar a si mesmo, vê a presunção dos julgamentos dos homens, aos quais quis agradar com todos seus atos. Opera-se uma revolução completa em seu interior, como se fossem revolvidas todas suas entranhas. Não se reconhece, não encontra força no coração. Sua consciência, que lhe parecia tão serena, revolta-se contra ele e o repreende amargamente o desvio do caminho e a ilusão de todas as suas virtudes, que nunca tiveram como princípio ou como fim o culto da divindade. Fica perturbado, consternado, cheio de vergonha, remorso e desespero. *As Fúrias<sup>13</sup> não o atormentavam mais, porque era suficiente ele ter se voltado para si mesmo,*

---

<sup>(13)</sup> **Nota da tradução:** Fúrias, na mitologia romana, Erinias, na mitologia grega, eram três entidades que viviam nas profundezas, para torturar as almas pecadoras. Diz a lenda que nasceram das gotas de sangue que caíram sobre a Terra, quando o deus Urano foi castrado. Eram representadas por figuras pavorosas, corpo de velha, com cobras em lugar dos cabelos, pele negra e asas de morcego, e se chamavam: Tisífone (castigo), Megera (raiva ciumenta) e Alecto (interminável).

para que seu próprio coração vingasse muitas vezes os deuses desprezados. Não podendo se esconder de si mesmo; procura os lugares mais sombrios, para se esconder dos outros mortos. *Procura as trevas e não as encontra, porque uma luz inoportuna o segue por toda parte.* Em todos os lugares, raios penetrantes vingam a negligência que ele teve para com a verdade. Tudo o que ele amou se torna odioso, como se fosse a fonte de seus males, que nunca terminarão. E ele se lamenta: Ó insensato que fui: nunca conheci nem os deuses, nem os homens nem a mim mesmo! Nada conheci, já que nunca amei um único e verdadeiro bem, todos os meus passos foram desvios, minha sabedoria era apenas loucura, minha virtude, um orgulho ímpio e cego. Eu era o meu próprio ídolo!

“Finalmente, Telêmaco avistou os reis que estavam sendo condenados, por terem abusado do poder. De um lado, uma Fúria vingativa *lhe mostrava um espelho, que refletia toda a deformidade de seus vícios.* Sem poder desviar os olhos, viam a própria vaidade grosseira e ávida de ridículas bajulações; a dureza que tiveram para com homens a quem deveriam ter feito felizes; a insensibilidade para com a virtude, o medo de compreender a verdade e a predileção pelos fracos e bajuladores. Contemplavam sua desatenção, moleza, indolência, sua desconfiança, o fausto e a magnificência, baseados na ruína dos povos; sua ambição para comprar um pouco de glória inútil, à custa do sangue dos cidadãos. Enfim, sua crueldade, que procura novos prazeres a cada dia, nas lágrimas e desespero de tantos infelizes. Vendo-se no espelho, sentiram-se mais monstruosos do que a Quimera<sup>14</sup>, vencida por Belerofonte, que a Hidra de Lerna<sup>15</sup>, abatida por Hércules. Mais até que Cérbero<sup>16</sup>, mesmo que este vomitasse por suas três goelas um sangue negro e venenoso, capaz de infectar toda a raça de mortais da Terra.

“Ao mesmo tempo, do outro lado, outra Fúria lhes repetia, com insultos, todos os elogios que seus bajuladores lhes tinham dito durante a

<sup>(14)</sup> **Nota da tradução:** Quimera Cauda, segundo a mitologia, era um monstro pavoroso, com cabeça de leão, corpo de cabra, cauda de dragão, que vomitava chamas e aterrorizava a população.

<sup>(15)</sup> **Nota da tradução:** Hidra de Lerna era uma serpente mitológica, de sete cabeças, que renasciam todas as vezes que eram cortadas. Hércules a matou, mas suas flechas provocavam feridas incuráveis em quem atingiam.

<sup>(16)</sup> **Nota da tradução:** Cérbero (*Kerberos*, em grego) é a figura mitológica de um cão de três cabeças, que guarda a entrada das profundezas subterrâneas. Diz a lenda que ele deixa todos entrarem, mas ninguém sair.

vida e lhes mostrava outro espelho, em que eles se viam como seriam, com todas as adulações com que eram retratados. *A oposição dessas duas pinturas, tão diferentes, era o suplício para suas vaidades.* Note-se que os piores entre esses reis eram os que mais bajulações tinham recebido durante a vida. Por isso, os piores são mais temidos do que os bons e exigem, sem vergonha, as covardes adulações dos poetas e oradores.

“Eles gemem, nas trevas profundas, onde só percebem os insultos e zombarias que sofrem. Nada ao redor lhes dá algum repouso, nada que não os contradiga ou confunda, em relação ao que viveram na Terra, onde pretendiam que tudo se fizesse para servi-los. Naquelas profundezas, são entregues a todos os caprichos de alguns escravos, a quem devem dedicar uma cruel subserviência. Submetem-se dolorosamente, sem qualquer esperança de amenizar seu cativeiro. Ficam à mercê de seus escravos, que se transformaram em seus tiranos impiedosos, como uma bigorna, sob as marteladas dos Cíclopes, quando Vulcano os apressa para trabalhar, nas fornalhas ardentes do Monte Etna.

“Telêmaco viu rostos pálidos, hediondos e consternados. Uma tristeza negra corrói esses criminosos, que têm horror de si mesmos, de que não podem se livrar, porque não podem se livrar de sua própria natureza. *Não precisam de outros castigos para seus erros, que esses próprios erros, que enxergam sem parar, com toda sua enormidade, como espectros horríveis, os perseguem.* Para se livrarem, procuram uma morte mais poderosa do que a que os separou de seus corpos. Em seu desespero, pedem o socorro de uma morte que apague também todos seus sentimentos e conhecimentos. Pedem aos abismos que os engulam, para se livrarem dos raios da verdade que os perseguem. Mas o que lhe está reservada uma vingança, que destila gota a gota, sem jamais acabar. *A verdade que eles temem ver é seu suplício.* Mas essa verdade é a única coisa que conseguem ver. Ela se lança sobre eles, sua vista se fere, se despedaça e os arranca de si mesmos. Como um raio, sem nada destruir ao redor, penetra-lhes no fundo das entranhas.

“Entre esses seres, que lhes faziam arrepiar os cabelos, Telêmaco viu muitos antigos reis da Lidia<sup>17</sup>, punidos por terem preferido os prazeres

<sup>(17)</sup> **Nota da tradução:** Lidia (grego), região da Ásia Menor.

de uma vida indolente ao trabalho de amenizar a vida dos povos, que deve ser inerente à realeza.

“Esses reis, em sua cegueira, se recriminavam reciprocamente. Um dizia ao outro, que fora seu filho: Eu não lhe recomendei, muitas vezes, durante minha velhice e antes de minha morte, que reparasse os males que causei com minha negligência? – Ah, infeliz pai – dizia o filho – foi você que me perdeu! Foi o seu exemplo que me inspirou o fausto, o orgulho, a voluptuosidade e a dureza para com os homens!

Vendo-o governar com tanta incúria, rodeado de frouxos bajuladores, me acostumei a gostar de adulação e de prazeres. Acreditei que, para os reis, os homens eram para os reis o que os cavalos e outras bestas de carga são para os homens: animais que só servem para prestar serviços e comodidades. Você me fez acreditar em tudo isso e, agora, sofro tanto, por tê-lo imitado. E acrescentavam terríveis maldições a essas recrimi-nações, como que possuídos de raiva bastante, para que se dilacerassem uns aos outros.

“Ao redor desses reis, ondulavam ainda, como aves noturnas de rapina, as cruéis suspeitas, os inúteis receios e as desconfianças, que vingam os povos, pela dureza de seus reis. E também a fome insaciável de riquezas, a falsa glória, sempre tirânica, e a lassidão que duplica todos os males que sofrem, sem compensação de prazer.

“Viam-se muitos desses reis severamente punidos, não por males que tivessem praticado, mas *por terem negligenciado o bem que deveriam ter feito*. Todos os crimes dos povos, provindos da negligência em obedecer as leis, eram imputados aos reis, que só devem governar para que as leis exerçam seu ministério. Eram-lhes imputadas também todas as desordens que vieram do fausto, do luxo e de todos os outros excessos, que levam o homem a estados violentos, com a tentação de desprezar as leis para adquirir um bem. Tratavam-se com muito rigor os reis que, em vez de serem bons e vigilantes pastores de seus povos, apenas cuidaram de devastar o rebanho como lobos famintos.

“Mas o que mais entristeceu Têlêmaco foi ver, neste abismo de trevas e de males, um grande número de reis que tinham sido considerados muito bons na Terra e que eram condenados, por se deixarem influenciar por

homens maus e ardilosos. *Eram punidos pelos males que tinham permitido fazer em nome de sua autoridade.* Além disso, muitos desses reis eram tão fracos, que não tinham sido nem bons nem maus. Não tiveram medo de não conhecer a verdade, não tiveram o menor interesse pela virtude e nem o menor prazer de praticar o bem”.

## Quadro do inferno cristão

**11.** As opiniões dos teólogos podem ser resumidas pelas citações que seguem. (Tiradas de *O Inferno*, de Augusto Callet.) Esta descrição, tirada de autores sagrados e da vida de santos, pode ser considerada como a expressão da fé ortodoxa sobre o assunto, já que é sempre reproduzida, com algumas variações, nos sermões, nas igrejas e nas instruções pastorais.

**12.** “Os demônios são puros Espíritos e os condenados podem também ser considerados como puros Espíritos, já que apenas a alma desce ao inferno. O corpo torna-se poeira e se transforma continuamente em ervas, plantas, frutos, minerais, líquidos, sofrendo, sem saber, as contínuas metamorfoses da matéria. Mas os condenados, como os santos, devem ressuscitar no último dia e retomar, para sempre, o mesmo corpo carnal com que eram conhecidos, enquanto vivos. Serão diferenciados uns dos outros, porque os eleitos ressuscitarão, com um corpo purificado e radiante, e os condenados, com um corpo sujo e deformado pelo pecado. Então, não haverá mais puros Espíritos, no inferno, e sim homens como nós. O inferno é, por consequência, um lugar físico, geográfico, material, já que será povoado por criaturas terrestres, com pés, mãos, boca, língua, dentes, orelhas, olhos, semelhantes aos nossos, sangue nas veias e nervos sensíveis à dor.

“Onde está situado o inferno? Alguns doutores o colocaram nas entranhas de nossa terra; outros, em não se sabe qual planeta. É uma questão não decidida em nenhum concílio. Neste ponto, têm-se apenas conjecturas. A única coisa que se afirma é que o inferno, esteja onde estiver, é um mundo formado por elementos materiais, mas sem sol, sem lua, sem estrelas. Mais triste, menos

hospitaleiro, mais desprovido de qualquer gérmen ou aparência de bem do que as piores regiões deste mundo onde pecamos.

“Os teólogos circunspectos – como os egípcios, hindus e gregos – não se aventuram a pintar todos os horrores deste lugar e se limitam a mostrá-lo, como um exemplo do pouco que a Escritura revela: os lagos de enxofre do Apocalipse, os vermes formigantes de Isaías sobre os cadáveres de Tofel e os demônios atormentando os homens que se perderam, e os homens chorando e rangendo os dentes, segundo a expressão dos evangelistas.

“Santo Agostinho não concorda que essas penas físicas sejam simples imagens das penas morais. Vê, em um verdadeiro lago de enxofre, vermes e serpentes verdadeiras presos furiosamente sobre todas as partes do corpo dos condenados, acrescentando umas feridas às provocadas pelo fogo. Com base em um versículo de São Marcos, ele afirma que este fogo estranho, embora material como o nosso, agindo sobre os corpos materiais, os conservará, como o sal conserva a carne das vítimas. Mas os condenados sentirão a dor desse fogo, que queima sem destruir, que lhes penetrará na pele, impregnará e saturará seus membros, seus ossos, as pupilas de seus olhos e as fibras mais sensíveis de seus corpos. Se pudessem mergulhar na cratera de um vulcão, encontrariam um lugar mais fresco e mais repousante.

“Assim falam os teólogos mais tímidos, mais discretos, mais reservados. Não negam que haja no inferno outros suplícios corporais, mas alegam não terem conhecimento tão suficiente, como o têm sobre os suplícios do fogo e dos vermes, para falarem sobre eles. Há, entretanto, teólogos mais ousados ou mais esclarecidos que fazem descrições mais detalhadas, variadas e completas sobre o

---

<sup>(19)</sup> **Nota da tradução:** Diz a lenda que Orfeu ganhou uma lira de seu pai, Apolo, e se tornou um músico tão famoso, que até os animais paravam para ouvi-lo. Casou-se com uma linda jovem: Eurídice. Um pastor tentou raptar a mulher de Orfeu que, ao fugir, pisou em uma cobra que a mordeu e ela morreu envenenada. Orfeu a procurou no terreno dos mortos. Entrou no inferno, tocando sua lira de forma tão comovente que, pela primeira vez, as Fúrias choraram. Com sua música, conseguiu permissão para levar a mulher de volta ao mundo dos vivos, mas com a condição de que caminhasse na frente e não olhasse para trás, até saírem daquele lugar. Seguiu, na frente, pelo caminho dos horrores, mas quando se viu ao ar livre não resistiu e olhou para trás. Eurídice, que ainda não tinha saído, foi puxada para trás e voltou definitivamente para a região das trevas.

<sup>(20)</sup> **Nota da tradução:** Ulisses, herói dos poemas *Iliada* e *Odisseia*.



inferno. Embora não se saiba em que lugar do espaço está situado, há santos, como Santa Teresa, que o viram. Não foram para lá, com a lira nas mãos, como Orfeu<sup>19</sup>, com a espada, como Ulisses<sup>20</sup>, e sim foram transportados em Espírito.

“Segundo o relato de Santa Teresa, parecia existirem cidades no inferno. Ela viu pelo menos uma ruela, longa e estreita, como existe nas cidades medievais, pela qual caminhou com horror, sobre um terreno lodoso e fétido, cheio de répteis monstruosos. Mas foi detida por uma muralha que lhe serviu como um inexplicável abrigo. Seria, disse ela, o lugar que lhe seria destinado, caso abusasse, enquanto viva, das graças com que Deus a cobria em sua cela em Ávila. Embora tivesse entrado com muita facilidade nesse nicho de pedra, não conseguia sentar-se nem deitar. Nem ao menos manter-se em pé ou sair. As paredes a envolviam, a apertavam, como se estivessem vivas. Parecia que a sufocavam, a estrangulavam e, ao mesmo tempo, a esfolavam, a cortavam em pedaços. Sentia-se queimar e experimentava todos os tipos de angústia. Sem nenhuma esperança de socorro, tudo eram trevas à sua volta. Entretanto, através das trevas, ela podia perceber, apavorada, a terrível rua em que estava e toda a imunda redondeza, uma visão tão insuportável como os apertos de sua prisão<sup>21</sup>.

“Era, sem dúvida, um pequeno pedaço do inferno. Outros viajantes espirituais foram mais favorecidos. Viram no fogo do inferno grandes cidades, como Babilônia e Nínive e mesmo Roma, com seus palácios e templos em brasas e todos os habitantes acorrentados. Os negociantes em seu balcão, padres reunidos em festas com cortesãos, urrando, presos sem poder sair de suas cadeiras, levando aos lábios taças flamejantes. E criados de joelhos, com os braços estendidos, dentro de cloacas ferventes e príncipes em cujas mãos escorria lava de ouro derretido. Outros viram no inferno planícies sem limites e fumegantes, cavadas e semeadas com sementes estéreis, por agricultores famintos. Como nada crescia, esses camponeses se

---

<sup>(21)</sup> Esta visão tem todas as características de um pesadelo, o que pode ter acontecido com Santa Teresa.

comiam, uns aos outros, mas continuavam tão numerosos quanto antes, tão magros e esfomeados, que se dispersavam em bandos, indo procurar, inutilmente, terras melhores. Outras colônias de condenados errantes os substituíam imediatamente, nos campos que abandonavam. Outros viram ainda no inferno montanhas cheias de precipícios, fontes de lágrimas, ribeirões de sangue, rodapinhos de neve em desertos de gelo, barcos de desesperados, vagando em mares sem praias. Resumindo, viram tudo o que os pagãos viam: um reflexo da terra, uma sombra incomensurável de suas misérias, seus sofrimentos naturais eternizados e até cárceres, forcas e instrumentos de tortura forjados por nossas próprias mãos.

“De fato, há demônios que, para melhor atormentar os homens, tomam seus corpos. Têm asas de morcego, couraças de escamas, patas com garras, mostram-se armados com espadas, garfos, pinças, tenazes ardentes, foles, grelhas, executando eternamente a tarefa de cozinheiros e açougueiros da carne humana. Transformados em leões ou enormes víboras, arrastam suas presas para cavernas solitárias. Alguns se transformam em corvos, para arrancar os olhos de certos culpados, outros, em dragões voadores, para carregá-los sobre as costas, arrebatados e sangrando, aos gritos, através de espaços tenebrosos, e depois jogá-los no lago de enxofre. Há nuvens de gafanhotos, escorpiões gigantes, cuja visão produz arrepios, cujo odor dá náuseas e o menor contato dá convulsões. Há monstros de várias cabeças, que abrem suas goelas vorazes, chacoalhando suas crinas de víboras venenosas, esmagam os reprovados, com suas mandíbulas ensanguentadas, e os vomitam, mastigados, mas vivos, porque são imortais.

“Não são um acaso estes demônios, com formas sensíveis, que lembram visivelmente os deuses do Amenti<sup>22</sup> e do Tártaro, e os ídolos adorados pelos fenícios, moabitas e outros gentios, vizinhos

---

<sup>(22)</sup> **Nota da tradução:** Amenti, ou Amen-Ti, segundo a mitologia egípcia, seria um país maravilhoso, onde o sol se põe, portanto, no Ocidente, para onde iriam as almas divinizadas.

<sup>(23)</sup> Curiosa punição esta, na verdade, de poder continuar, em grande escala, o mal menor que fizeram na Terra! Seria mais racional que eles mesmos sofressem as consequências desse mal, em vez de terem o prazer de fazer os outros sofrerem.

da Judeia. Cada um tem sua função e seu trabalho. O mal que eles fazem no inferno corresponde ao mal que induziram na Terra<sup>23</sup>. Os condenados são punidos em todos os sentidos e órgãos, pelos quais ofenderam a Deus. Punidos de uma forma, como gulosos, pelos demônios da gula, de outra forma, como preguiçosos, pelos demônios da preguiça, e, ainda, como fornicadores, pelos demônios da fornicação. Enfim, punidos de tantas maneiras quantas são as formas de pecar. Sentirão frio, estando queimando, e calor, estando gelados. Desejarão eternamente repouso e movimento, sempre esfomeados e alterados, e mil vezes mais cansados do que um escravo no fim do dia, mais doentes que os moribundos, mais alquebrados e cobertos de chagas que os mártires.

“Nenhum demônio recusa – e jamais recusará – sua odiosa tarefa. Todos são bem disciplinados e fiéis à execução *das ordens de vingança que receberam*. Se não fosse assim, o que seria do inferno? Os pacientes repousariam se os carrascos discutissem ou relaxassem. Mas não há qualquer repouso para uns nem qualquer discussão entre outros. Por mais maldosos e numerosos que sejam os demônios – estão de um lado a outro do abismo – jamais se viram sobre a Terra nações tão dóceis a seus príncipes, armadas tão obedientes a seus chefes, comunidades monásticas mais humildemente submissas a seus superiores<sup>24</sup>.

“Quase nada se conhece sobre essa ralé de demônios, esses vis Espíritos que formam a legião de vampiros, sapos, escorpiões, corvos, hidras, salamandras e outras bestas sem nome, que compõem a fauna das regiões infernais. Mas se conhecem os nomes de diversos príncipes que as comandam: entre outros, Belfegor, o demônio da luxúria; Abaddon ou Apolion, o demônio do assassinato; Belzebu, o demônio dos desejos impuros ou das moscas que engendram as corrupções; Mammon, da avareza; Maloc, Belial, Baalgad, Astarot e tantos outros,

---

<sup>(24)</sup> Esses demônios, que se rebelaram contra Deus, por causa do bem, são de uma docilidade exemplar para fazer o mal: nenhum deles se recusa ou relaxa, durante toda a eternidade. Que estranha transformação sofreram, eles, que tinham sido criados puros e perfeitos como Anjos! Não é admirável vê-los dar exemplo de perfeito entendimento, de harmonia, de concordância inalterável, enquanto os homens não sabem viver em paz e se estraçalham na Terra? Vendo o requinte dos castigos reservados aos condenados e comparando essa situação com a dos demônios, pergunta-se qual das duas situações é mais lastimável: a dos carrascos ou a das vítimas?

e acima de todos, o chefe universal, o sombrio arcanjo que no céu se chamava Lúcifer e, no inferno, Satanás.

“Eis, em síntese, a ideia que nos dão sobre o inferno do ponto de vista de sua natureza e de suas penas físicas. Abram os escritos dos padres e dos antigos doutores, consultem as legendas religiosas, olhem as esculturas e pinturas de nossas Igrejas, prestem atenção ao que se diz nos púlpitos, e vocês saberão mais sobre essa questão”.

**13.** O autor ainda faz algumas reflexões sobre o quadro: “A ressurreição dos corpos é um milagre, mas Deus faz um segundo milagre, ao dar a esses corpos mortais, já desgastados pelas provas da vida, já diminuídos, a virtude de sobreviver, sem se desmanchar, em uma fornalha na qual até metais evaporariam. Pode-se compreender que se diga que a alma é seu próprio carrasco, que Deus não a persegue, que a abandona no estado infeliz que escolheu, embora o abandono eterno de um ser desgarrado e sofredor pareça pouco de acordo com a vontade de Deus. Mas não se pode dizer o mesmo da alma e das penas espirituais e do corpo e das penas corporais. Para perpetuar as penas corporais, não basta que Deus se ausente. Ao contrário, é preciso que Ele se mostre, que intervenha, que aja, sem o que o corpo sucumbiria.

“Os teólogos supõem, então, que Deus age, depois da ressurreição, este segundo milagre de que falamos. De início, Ele tira nossos corpos dos sepulcros que os devoravam. E os retira no estado em que entraram: com suas enfermidades originais, as degradações da doença e do vício. Devolve-os em estado decrépito, friorentos, gotosos, cheios de necessidades, sensíveis a uma picada de abelha, cobertos de marcas da vida e da morte – este é o primeiro milagre. Depois, dá a esses corpos médios, prontos para retornar ao pó de onde saíram, uma propriedade que nunca tiveram: a imortalidade, esse dom que em Sua cólera, ou antes, em Sua misericórdia, havia tirado de Adão, ao sair do Éden – este é o segundo milagre. Adão, imortal, era invulnerável. Tornando-se mortal, passou a ser vulnerável: a morte acompanhada pela dor.

“A ressurreição não nos restabelece, então, nem nas condições físicas de inocente nem de culpado. É uma ressurreição apenas de nossas misérias, com uma sobrecarga de novas misérias, infinitamente piores.

É, em parte, uma verdadeira – e a mais maliciosa – criação que a imaginação já ousou conceber. Deus muda de ideia e para juntar eternos tormentos carnis aos tormentos espirituais dos pecadores, por um golpe de poder, muda as leis e propriedades da matéria, por Ele criadas, desde o início. Ressuscita carnes doentes e corrompidas, junta em um nó indestrutível os elementos que tendem a se separar por si mesmos, mantém e perpetua, contra a ordem natural, essa podridão viva. Joga-a no fogo, não para purificá-la, mas para perpetuá-la e torná-la imortal, da maneira como é: sensível, sofredora, ardente, horrível.

“Por esse milagre, faz-se de Deus um dos carrascos do inferno, porque se os condenados só podem atribuir a si mesmo seus males espirituais, por outro lado, só podem atribuir a Ele os outros males. Era muito pouco, aparentemente, abandoná-los, após a morte, à tristeza, ao arrependimento e a todas as angústias de uma alma, que sente ter perdido o bem supremo. Segundo os teólogos, Deus irá procurá-los nessa noite, no fundo do abismo, chamando-os momentaneamente para a vida, não para consolá-los, mas para revesti-los de um corpo horrível, imortal, mais empestado que o manto de Dejanira,<sup>25</sup> e então abandoná-los para sempre.

“Na verdade, Deus não os abandonará, já que o inferno, o Céu e a Terra dependem de um ato de Sua vontade para existir e desapareceriam se não fossem por Ele sustentados. Assim, Deus terá em Suas mãos estes condenados, para impedir que o fogo se apague e que seus corpos parem de se consumir. Quer que estes infelizes imortais contribuam, com a perenidade de seu suplício, para a edificação dos eleitos”.

**14.** Dissemos, com razão, que o inferno dos cristãos vai além do inferno dos pagãos. No Tártaro, veem-se os culpados torturados pelo remorso, diante de seus crimes e de suas vítimas, oprimidos por aqueles que oprimiram, durante a vida. Vê-se que fogem da luz que os penetra e procuram em vão escapar dos olhares que os perseguem. O orgulho é rebaixado e humilhado. Todos trazem os estigmas de seu passado. Todos

<sup>(25)</sup> **Nota da tradução:** Dejanira, segundo a mitologia grega, foi casada com Hércules. Achando que Hércules estivesse apaixonado por outra, ofereceu-lhe um manto banhado de sangue de um centauro, que lhe dissera ter o poder de restituir o amor de Hércules, caso o perdesse. Ao vestir o manto, este cola ao corpo de Hércules, que, em agonia, acende uma pira de fogo, no Monte Etna, e se joga nas chamas, morrendo queimado.

são julgados por seus próprios erros, a tal ponto que, para alguns, não seria necessário nenhum castigo, bastaria livrarem-se deles mesmos. Mas todos são *sombras, isto é, almas com seus corpos fluidicos, imagem da existência terrestre*. Não se vê homens retomarem seu corpo carnal, para sofrer materialmente, nem o fogo penetrar-lhes a pele e saturá-los, até moer-lhes os ossos. Não se vê o requinte nem o refinamento dos suplícios, que são a base do inferno cristão. No inferno pagão, há juízes inflexíveis, mas justos, que dão a pena proporcional ao erro, enquanto que no império de Satanás, todos se confundem, sob a mesma tortura, tudo se baseia na materialidade e não existe critério de justiça.

É verdade que existem hoje na Igreja alguns homens de bom senso que não admitem essas coisas ao pé da letra, mas como alegorias que devem ser interpretadas. Mas são apenas opiniões individuais e não a lei. Portanto, a crença no inferno material, com todas as suas consequências, continua sendo um artigo de fé.

**15.** Pergunta-se como podem homens, em êxtase, enxergar coisas que não existem. Não cabe aqui explicar a fonte das imagens fantásticas, aparentemente reais, que às vezes se produzem. Diremos apenas que é necessário reconhecer que o êxtase é a menos segura fonte de revelação<sup>26</sup>, porque este estado de superexcitação nem sempre é um afastamento da alma, tão completo como se pode acreditar. Muitas vezes, é o reflexo de preocupações anteriores. As ideias que nutrem o Espírito cujas imagens são retidas pelo cérebro, ou melhor, pelo invólucro perispiritual, se reproduzem ampliadas, como em uma miragem, com formas vaporosas, que se cruzam e se confundem, e compõem conjuntos estranhos. Aqueles que entram em êxtase, em todos os cultos, sempre viram coisas relacionadas à sua própria fé. Não surpreende, pois, que aqueles, como Santa Teresa, fortemente imbuídos das ideias de inferno, formadas a partir de descrições verbais ou de pinturas, tenham visões, que são a reprodução dessas ideias, com efeito de um pesadelo. Um pagão, cheio de fé, teria antes visto o Tártaro e as Fúrias, ou Júpiter, no Olimpo, empunhando o raio.

---

<sup>(26)</sup> Ver *O Livro dos Espíritos*, números 443 e 444.

# CAPÍTULO V

## O PURGATÓRIO

1. Não há no Evangelho qualquer referência ao purgatório, que só foi admitido pela Igreja no ano de 593. É certamente um dogma mais racional e coerente com a Justiça de Deus do que o inferno, porque estabelece penas menos rigorosas e mais resgatáveis para erros de média gravidade.

O princípio do purgatório é fundado na equidade, já que, comparado à justiça humana, é a detenção temporária, ao lado da condenação perpétua. O que se pensaria de um país que tivesse somente a pena de morte, tanto para crimes como para simples delitos? Sem o purgatório, só há duas alternativas para as almas: a felicidade absoluta ou o suplício eterno. Nessa hipótese, de que lado ficariam as almas culpadas apenas de erros leves? Ou partilhariam a felicidade dos eleitos sem serem perfeitas, ou sofreriam o castigo dos grandes criminosos sem terem feito tanto mal, o que não seria justo nem racional.

2. Mas a noção de purgatório se tornaria necessariamente incompleta. Como só se conhecia a pena do fogo, criou-se um pequeno inferno: no purgatório, as almas queimam, também, mas em um fogo menos intenso. Como o progresso é inconciliável com o dogma das penas eternas, as almas não saem do purgatório pelo próprio progresso, mas pela virtude das preces que fizeram ou que foram feitas em sua intenção.

Se a ideia inicial foi boa, não se pode dizer o mesmo das consequências, que originaram muitos abusos. Por meio das preces pagas, o purgatório se tornou uma mina mais produtiva que o inferno<sup>1</sup>.

3. O lugar do purgatório jamais foi determinado, nem é clara a natureza das penas a serem sofridas. A Nova Revelação ficou com a missão de preencher essa lacuna, ao explicar a causa das misérias da vida terrestre, cuja justiça só pode se justificar pela pluralidade de existências.

Essas misérias são necessariamente o resultado das imperfeições da alma que, se fosse perfeita, não cometeria erros e não teria que sofrer as consequências. O homem sóbrio e moderado em tudo não seria vítima de doenças, causadas por excessos cometidos. Frequentemente é infeliz, aqui, por causa de seus próprios erros. Mas tem defeitos, porque era imperfeito antes de vir à Terra e aqui expia, não apenas as faltas atuais, como as do passado, que ainda não tenha reparado. Sofre em uma vida aquelas provas que fez outros sofrerem em outra existência. Os reverses que sofre são, às vezes, um castigo temporário e uma advertência sobre as imperfeições que deve corrigir para progredir e evitar males futuros. São lições, às vezes rudes, de experiência para a alma, mas tanto mais proveitosas quanto maiores impressões causarem. Esses reverses são as oportunidades para lutas incessantes, que desenvolvem suas forças e suas capacidades morais e intelectuais, fortificam-no para o bem. Daí, a alma sai sempre vitoriosa, se tem a coragem de se manter forte até o fim. O preço da vitória está na vida espiritual, a que ela chega radiosa e triunfante, como um soldado que sai do combate e recebe os louros da vitória.

4. Cada existência é para a alma a oportunidade de um passo adiante. Depende de sua vontade que este passo seja o maior possível, para escalar muitos degraus ou para ficar no ponto de partida. Neste último caso, sofreu sem proveito. E, como é sempre preciso, cedo ou tarde, pagar sua dívida, será necessário que ela recomece uma nova existência, em condições ainda mais sofríveis, porque a uma mancha não apagada junta-se outra mancha.

É, portanto, nas encarnações sucessivas que a alma se livra pouco a pouco de suas imperfeições, que se purifica, que se purga, até que esteja suficientemente pura para merecer deixar os mundos de expiação e ir

---

<sup>(1)</sup> O purgatório fez nascer um comércio escandaloso de indulgências, com as quais se vendia a entrada para o céu. Esse abuso foi a primeira causa da Reforma, realizada por Lutero, que rejeitava a ideia de purgatório.



para mundos mais felizes e, mais tarde, para aqueles em que há a felicidade suprema.

O *purgatório* é apenas uma ideia vaga e incerta, uma realidade material que vemos, tocamos e sofremos. Está nos mundos de expiação – e a Terra é um desses mundos. Os homens redimem seu passado e seu presente, em benefício de seu futuro. Mas, ao contrário da ideia que se tem de purgatório, depende de cada um abreviar ou prolongar sua permanência nesses mundos de expiação, segundo o grau de progresso e de depuração que consiga pelo trabalho. Ninguém sai porque terminou seu tempo ou pelos méritos de outros, mas apenas por seus próprios méritos, como disse o Cristo: *“A cada um, segundo suas obras”*, palavra que resume toda a Justiça de Deus.

5. Aquele, então, que sofre nesta vida, deve entender que é porque não se aperfeiçoou como deveria na vida anterior. E, se não o fizer nesta, sofrerá ainda mais na próxima. Esta é uma fé justa e lógica. Se o sofrimento é inerente à imperfeição, tanto mais tempo se sofre quanto mais imperfeito se é. Da mesma forma que se sofre por todo o tempo em que não é tratada uma doença. Assim, um homem, tanto quanto for orgulhoso, sofrerá as consequências do orgulho. Tanto quanto for egoísta, sofrerá as consequências do egoísmo.

6. O Espírito culpado sofre de início, na vida espiritual, na proporção do grau de suas imperfeições. Depois, lhe é dada a vida corporal, como um meio de reparação. Por isso encontra, na vida corporal, pessoas que ofendeu, ambientes semelhantes àqueles onde fez o mal, situações que são a contrapartida dos males que fez. Por exemplo, estar na miséria, se foi um rico maldoso; em condição humilhante, se foi orgulhoso.

A expiação, no mundo dos Espíritos e na Terra, não é absolutamente um duplo castigo para o Espírito. É o mesmo castigo que continua na Terra, como um complemento para facilitar sua melhora com um trabalho efetivo. Depende dele usar esse trabalho em seu proveito. Não vale muito mais a pena voltar à Terra, com a possibilidade de ganhar o céu, do que deixá-la, sendo condenado, sem perdão? Essa liberdade que lhe é concedida é uma prova da Sabedoria, da Bondade e da Justiça de Deus, que quer que *o homem deva tudo a seus próprios esforços e seja o*

*artesão de seu futuro*. Se é infeliz por maior ou menor tempo, não pode culpar senão a si mesmo: a via do progresso está sempre aberta.

7. Considerando-se como é grande o sofrimento de certos Espíritos culpados, no mundo invisível, quanto é terrível a situação de alguns, a que tipo de ansiedades ficam presos, e como esta posição se torna sofrida, pela impossibilidade de vê-la terminar, poder-se-ia dizer que isto é o inferno, se essa palavra não implicasse a ideia de um castigo eterno e material. Graças à revelação dos Espíritos e aos exemplos que nos oferecem, sabemos que *o prazo da expiação está subordinado ao melhoramento do culpado*.

8. O Espiritismo, então, vem para constatar e não para negar a penalidade futura. O que ele quer destruir é o inferno localizado, com suas fornalhas e penas sem perdão. Não nega o purgatório, pois prova que é nele nos achamos, e definindo precisamente, e explicando a causa das misérias terrestres, conduz à crença aqueles que o negavam.

Rejeita as preces para os mortos? Não, ao contrário, rezar para os Espíritos sofredores, que precisam de preces, é um dever de caridade, que mostra eficácia para conduzi-los ao bem e assim abreviar seus tormentos<sup>2</sup>. Falando à inteligência, o Espiritismo leva a fé aos incrédulos e a prece a muitos que antes a desdenhavam. Mas afirma que a eficácia das preces está nos pensamentos e não nas palavras, que as melhores preces são as do coração, não as dos lábios, as próprias orações e não aquelas pagas para serem ditas. Portanto, quem ousaria censurar essa doutrina?

9. O castigo sempre tem um fim, mais ou menos prolongado, seja na vida espiritual ou na vida na Terra. Existem só duas alternativas para o Espírito: *punição temporária, de acordo com a culpa, e recompensa gradual, segundo o mérito*. E o Espiritismo recusa a terceira alternativa, de condenação eterna. O inferno é uma figura simbólica, de maiores sofrimentos, que não se sabe quando terminarão. O purgatório, sim, é a realidade.

A palavra purgatório sugere uma ideia de um lugar determinado. Por isso, se aplica mais naturalmente à Terra, considerada como um local de

---

<sup>(2)</sup> Ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo 27 – “Ação da Prece”.

expição, do que ao espaço infinito, onde vagam os Espíritos sofredores. Por outro lado, é verdadeira a natureza da expiação terrestre.

Quando os homens tiverem progredido, só fornecerão bons Espíritos ao mundo invisível, e eles, voltando a encarnar, serão elementos aperfeiçoados, na Humanidade corporal. Assim, a Terra deixará de ser um mundo de expiação, onde os homens não sofrerão mais as misérias consequentes das imperfeições. Esta é a transformação que se opera agora e que elevará a Terra, na hierarquia dos mundos. (ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo III – “Progressão dos Mundos”)

**10.** Por que então o Cristo não falou em purgatório? Porque a ideia não existia, na época, e não havia palavras para representá-la. Por isso, recorreu à palavra inferno, que era conhecida, como um termo genérico, para designar indistintamente todas as penas futuras. Se, com a palavra inferno, o Cristo tivesse usado outra, equivalente a purgatório, não teria conseguido precisar-lhe o verdadeiro sentido, sem antecipar uma questão, que estava reservada para o futuro. Por outro lado, consagrou a existência de dois lugares especiais de castigo. O inferno, em sua concepção geral, despertando a ideia de punição, implicava a de purgatório, que é apenas uma forma de penalidade. O futuro, que deveria esclarecer os homens sobre a natureza das penas, viria por isso mesmo, dar ao inferno seu devido significado.

A Igreja, após seis séculos, acreditando que Jesus teria silenciado e não falado tudo, entendeu que deveria decretar a existência do purgatório. Por que não faz o mesmo sobre outras questões?



# CAPÍTULO VI

## DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS

**Origem da doutrina das penas eternas – Argumentos a favor das penas eternas – Impossibilidade material das penas eternas – A doutrina das penas eternas teve seu tempo – Ezequiel contra a eternidade das penas e o pecado original**

### **Origem da doutrina das penas eternas**

1. A crença na eternidade das penas perde terreno com tal frequência que não é preciso ser profeta para prever seu fim. Foi combatida por argumentos tão fortes e decisivos, que parece supérfluo ainda falar sobre o assunto. Bastaria deixá-lo se extinguir. Não se pode negar, entretanto, que, por mais ultrapassada que esteja esta crença, não haja ainda adversários que a defendam com vigor e ridicularizam as ideias novas, por ser essa crença um lado muito vulnerável, cujo desaparecimento terá previsíveis consequências. Por esse ponto de vista a questão merece um sério exame.

2. A doutrina das penas eternas, como a do inferno material, teve sua razão de ser, porque poderia ser um freio aos homens pouco avançados intelectual e moralmente. Mesmo que pouco ou nada se preocupassem com a perspectiva de penas morais não teriam se importado nada com a ideia de penas temporais. Não teriam mesmo compreendido a justiça

das penas graduais e proporcionais, porque não estavam preparados para perceber as diferenças, às vezes sutis, entre o bem e o mal e o valor relativo das circunstâncias atenuantes ou agravantes.

3. Quanto mais primitivo é seu estado, mais materialistas são os homens e o senso moral se desenvolve mais tarde. Por isso mesmo têm uma ideia muito imperfeita sobre Deus e Seus atributos e mais vaga ainda sobre a vida futura. Deus tem uma natureza semelhante à deles. É um soberano absoluto, tão terrível quanto invisível, como um tirano que, escondido em seu palácio, jamais se mostra a seus súditos. É poderoso apenas pela força material, já que não compreendem a força moral, e, portanto, só é visto com um raio na mão, entre relâmpagos e tempestades, semeando por onde passa a ruína e a desolação, a exemplo de guerreiros invencíveis. Um Deus de mansuetude e misericórdia não seria para eles um Deus, mas um ser fraco, que não saberia se fazer obedecer. A vingança implacável, os terríveis e eternos castigos em nada contrariavam a ideia que tinham de Deus e em nada contrariavam a razão desses homens em estado primitivo. Deus, que lhes era superior, deveria ser mais terrível que eles, que já eram implacáveis em seus ressentimentos, cruéis com os inimigos, sem piedade com os vencidos.

Para tais homens eram necessárias crenças religiosas semelhantes às suas naturezas ainda rudes. Uma religião espiritual, plena de amor e caridade, não poderia combinar com a brutalidade de seus costumes e paixões. Não censuremos, pois, Moisés e sua legislação, cruel e severa o suficiente para conter seu povo indócil nem o fato de ele ter criado a imagem de um Deus vingativo. Era necessário, naquela época. A doce doutrina de Jesus teria sido impotente e não teria encontrado repercussão.

4. À medida que o Espírito se desenvolvia, o véu material pouco a pouco se dissipou, e se tornaram gradativamente mais aptos para compreender as coisas espirituais. Em seu tempo, Jesus pôde falar de um Deus clemente, de Seu reino que não é deste mundo e dizer aos homens: *“Amai-vos uns aos outros, fazei o bem aos que vos odeiam”*, contrapondo-se aos antigos que diziam: *“olho por olho, dente por dente”*.

Ora, quem eram os homens que viviam no tempo de Jesus? Seriam almas recentemente criadas e encarnadas? Se fossem, Deus as teria criado, então, mais avançadas do que no tempo de Moisés. Neste caso, em que teriam se transformado aquelas criadas no tempo de Moisés? Teriam eternamente se enfraquecido no embrutecimento? O simples bom senso rejeita esta suposição: não! Eram as mesmas almas que, após terem vivido sob o império da lei mosaica<sup>1</sup>, tinham, durante várias existências, adquirido um desenvolvimento suficiente para compreender uma doutrina mais elevada e que, hoje, têm o avanço necessário para receber um ensinamento ainda mais completo.

5. Entretanto, o Cristo não pôde revelar a Seus contemporâneos todos os mistérios sobre o futuro. Ele mesmo disse: *“Eu teria ainda muitas coisas a vos dizer, mas vós não as compreenderíeis. Por isto vos falo por parábolas”*. Sob o ponto de vista moral, isto é, dos deveres dos homens para com o próximo, o Cristo foi bastante explícito, porque sabia que seria compreendido, abordando o lado sensível da vida material. Mas limitou-se a semear outros pontos, de forma alegórica, para que fossem desenvolvidos mais tarde.

A doutrina das penas e recompensas futuras ficou entre as questões a serem esclarecidas mais tarde. Principalmente no que diz respeito às penas, Jesus não poderia romper de uma só vez todas as ideias existentes. Ele vinha falar sobre novos deveres aos homens, substituir o espírito de ódio e vingança pelo amor e caridade, o egoísmo pela abnegação, o que já era bastante. Não podia, racionalmente, enfraquecer a crença no castigo reservado aos prevaricadores, sem enfraquecer ao mesmo tempo a ideia de dever. Prometia aos bons o reino dos céus, proibido aos maus. Portanto, para onde iriam os maus? Era preciso uma contrapartida que impressionasse as inteligências ainda muito materialistas para se identificar com a vida espiritual. Não se pode perder de vista que Jesus se dirigia aos povos, à parte menos esclarecida da sociedade, para os quais era necessário usar imagens de alguma

---

<sup>(1)</sup> **Nota da tradução:** Lei mosaica era o código de lei que Deus teria dado a Moisés no Monte Sinai. Era um código muito rígido de justiça e castigo que previa a morte para quem não cumprisse qualquer um de seus pontos.

maneira bem palpáveis e não ideias sutis. Por isto, não entrou em detalhes supérfluos. Nessa época bastava-lhe opor uma punição à recompensa, não mais que isto.

6. Se Jesus ameaçou os culpados com o fogo do inferno, também os ameaçou de serem jogados na Geena<sup>2</sup>. Ora, o que seria a Geena? Um lugar nos arredores de Jerusalém, onde se jogavam as imundícies da cidade. Poder-se-ia interpretar essa passagem ao pé da letra? Era uma dessas figuras enérgicas de linguagem que usava para impressionar as massas, da mesma forma que falava em fogo eterno. Se não era isto que pensava, estaria sendo contraditório ao exaltar a clemência e a misericórdia de Deus. Porque clemência e inexorabilidade são conceitos contrários que se anulam. Seria equivocado ver no sentido das palavras de Jesus uma aprovação ao dogma das penas eternas a partir de tudo o que Seu ensinamento proclama da mansidão do Criador.

Na oração do *Pai Nosso*, nos ensina a dizer: “*Senhor, perdoai-nos as nossas ofensas, assim como perdoamos aqueles que nos ofenderam*”. Seria inútil pedir perdão se o culpado não pudesse esperar qualquer perdão. Mas seria um perdão sem condições? Seria uma graça, uma remissão pura e simples da pena? Não! A medida desse perdão é subordinada à maneira como nós perdoamos. Isto é, se não perdoamos, não seremos perdoados. Deus, colocando o esquecimento das ofensas como uma condição absoluta, não poderia exigir que o homem, sendo fraco, fizesse o que Ele, Todo-Poderoso, não faria. O *Pai Nosso* é um protesto diário contra a eternidade da vingança de Deus.

7. A ideia de fogo material não chocava os homens que só tinham uma noção confusa da espiritualidade da alma, principalmente porque era a ideia da crença comum, vinda do inferno dos pagãos, aceita quase que universalmente. A eternidade da pena também não assustava as pessoas submetidas por séculos à legislação do terrível Jeová. Para Jesus,

---

<sup>(2)</sup> **Nota da tradução:** Geena, palavra grega, corruptela de “Vale do Hinom”, uma depressão profunda ao sul de Jerusalém. No governo de Manassés, os hebreus sacrificavam seus próprios filhos a Moloque, um ídolo oco, aquecido por dentro até ficar em brasa, e então as crianças sacrificadas eram colocadas em seus braços. Mais tarde, virou um lixão de Jerusalém, onde eram queimadas as carcaças de animais e os corpos de assassinos mortos. O fogo e a fumaça do lixo sempre queimando criaram uma imagem de inferno para os hebreus. Também porque era um lugar onde o lixo era queimado passou a ser sinônimo de castigo eterno.



o fogo do inferno podia ser apenas uma figura de linguagem e pouco lhe importava que fosse tomada ao pé da letra, desde que servisse como um freio. Ele sabia muito bem que o tempo e o progresso se encarregariam de esclarecer o sentido alegórico. Por isso previu que o *Espírito de Verdade* viria esclarecer os homens sobre todas as coisas.

O caráter essencial das penas irrevogáveis é a inutilidade do arrependimento. Ora, Jesus nunca disse que o arrependimento não alcançaria a graça de Deus. Ao contrário, em todas as oportunidades, mostrou Deus clemente, misericordioso, pronto a receber o filho pródigo que volta à casa paterna. Mostra Deus inflexível apenas para com o pecador endurecido. Mas, ainda assim, se há o castigo, há sempre o perdão, pronto a se estender ao culpado que se volte sinceramente para Deus. Certamente não é verdadeiro o quadro de um Deus impiedoso. Também é preciso lembrar que Jesus jamais falou sobre condenação irremediável, nem mesmo ao pior dos culpados.

**8.** Todas as religiões primitivas, de acordo com as características dos povos, tiveram seus deuses guerreiros, que combatiam, à frente dos exércitos. O Jeová dos hebreus lhes fornecia mil formas de exterminar os inimigos, os recompensava pelas vitórias e os castigava pela derrota. A partir da ideia que tinham de Deus, acreditavam que O honrariam ou O apaziguariam com o sangue de animais ou de pessoas. Daí os sacrifícios sangrentos que tiveram tão importante papel em todas as religiões antigas. Os judeus tinham abolido os sacrifícios humanos. Os cristãos, apesar dos ensinamentos do Cristo, acreditaram por muito tempo que honravam o Criador, torturando e queimando os hereges. Era outra forma de sacrifício humano, já que a praticavam, em cerimônias religiosas, *para a maior glória de Deus*. Ainda hoje os exércitos invocam Deus antes do combate e O glorificam depois da vitória, em guerras geralmente travadas pelas causas mais injustas e anticristãs.

**9.** Como o homem é lento para se desfazer de seus preconceitos, seus hábitos e suas ideias primitivas! Quarenta séculos nos separam de Moisés e nossa geração cristã vê ainda traços de antigos costumes bárbaros, senão consagrados, pelo menos aprovados pela atual religião!

Foi necessária a força de opinião de pessoas *não ortodoxas*, encaradas como heréticas, para pôr um fim às fogueiras e fazer compreender a verdadeira grandeza de Deus. Mas a ideia de um Deus cruel é tão enraizada nas pessoas que, na falta de fogueiras, vigoram ainda as perseguições materiais e morais. Alimentado por sentimentos que lhe foram incutidos desde a infância, sobre um Deus que se sente glorificado por atos bárbaros, poderia o homem se surpreender se este Deus condena a torturas eternas e vê sem piedade os sofrimentos dos condenados?

Sim, os filósofos, considerados ímpios por alguns, são os que se escandalizaram ao ver o nome de Deus profanado por atos indignos. Eles é que mostram aos homens um Deus em toda Sua grandeza, sem as paixões e mesquinhez humanas, como pregava a crença não esclarecida. Com isso, a religião ganhou em dignidade o que perdeu em prestígio exterior, porque agrega menos homens presos à forma e muitos mais que são religiosos sinceros, pelo coração e pelos sentimentos.

Mas, ao lado destes, há muitos que se prenderam às aparências e foram conduzidos à negação de toda a Providência! Por falta de proposta de crenças religiosas harmônicas com o progresso da razão humana, muitos aderiram ao deísmo<sup>3</sup>, outros à incredulidade absoluta, outros ao Panteísmo. Isto é, na falta de um Deus completamente perfeito, o homem se faz deus a si mesmo.

## **Argumentos a favor das penas eternas**

**10.** Argumenta-se em favor do dogma da eternidade das penas o seguinte: “Admite-se, entre os homens, que a gravidade é proporcional à qualidade da ofensa. Uma ofensa cometida contra um soberano é mais grave do que aquela que atinge um simples mortal e é punida com mais severidade. Ora, Deus é mais que um soberano, já que é infinito, e uma ofensa contra Ele é infinita, deve ter um castigo infinito, isto é, eterno”.

*Contestação* – Toda contestação é um questionamento, que deve se basear em algumas premissas. Tomemos estas premissas nos próprios

---

<sup>(3)</sup> **Nota da tradução:** Deísmo é considerado como uma postura filosófica, que rejeita toda a espécie de revelação divina ou a autoridade de qualquer igreja, mas admite a existência de um Deus, sem atributos morais e intelectuais e que poderia ou não ter influído na criação do Universo.

atributos de Deus: *Deus é único, eterno, imutável, imaterial, Todo-Poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as Suas perfeições.*

É impossível conceber Deus de outra forma, que não seja infinito em Suas perfeições, ou não seria Deus, porque se poderia conceber outro ser que possuísse algo que Ele não tem. Para que Ele seja único, acima de todos os outros seres, é preciso que nada possa ultrapassá-Lo, nem igualá-Lo, em nenhum aspecto. Então, é necessário que Deus seja infinito em tudo.

Os atributos de Deus, por serem infinitos, não são passíveis de aumento nem de diminuição ou não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Sem uma mínima parcela de apenas um de Seus atributos, não seria mais Deus, porque possibilitaria a existência de algum ser mais perfeito.

O infinito de uma qualidade exclui a existência de uma qualidade contrária que a diminuísse ou a anulasse. Um ser *infinitamente bom* não pode ter a menor parcela de maldade, assim como o ser *infinitamente mau* não poderia ter a menor parcela de bondade. Da mesma forma que um objeto não seria absolutamente negro, se tivesse um ligeiro matiz de branco, nem completamente branco, com uma leve mancha de negro. Tomado como ponto de partida o argumento acima comparem-se as seguintes reflexões:

**11.** Somente um ser infinito pode fazer alguma coisa que seja infinita. O homem, limitado em suas virtudes, conhecimentos, poder, aptidões, em sua existência terrena, só pode produzir coisas limitadas.

Se o homem pudesse ser infinito no que faz de mal, o seria também para fazer o bem, logo seria igual a Deus. Mas se o homem fosse infinito para fazer o bem, jamais faria o mal, porque o bem absoluto exclui todo o mal.

Admitindo-se que uma ofensa temporária contra a Divindade pudesse ser infinita, Deus, ao vingar-se com um castigo *infinito*, seria *infinitamente vingativo*, portanto, não poderia ser infinitamente bom e misericordioso, porque um destes atributos é a negação do outro. Se Ele não é infinitamente bom, não é perfeito. Se não é perfeito, não é Deus.

Se Deus é implacável com o culpado arrependido, não é misericordioso. Se não é misericordioso, não é infinitamente bom.

Por que Deus faria uma lei de perdão para ser cumprida apenas pelo homem se Ele mesmo não perdoasse? Se assim fosse, o homem que perdoa seus inimigos e lhes paga o mal com o bem seria melhor do que Deus, que ignora o arrependimento daquele que O ofendeu e lhe nega, pela *eternidade*, a mais leve atenuação do pecado.

Deus, que está em toda parte e tudo vê, deve ver as torturas dos condenados. Se é eternamente insensível a seus gemidos, é eternamente impiedoso. Se é impiedoso, não é infinitamente bom.

**12.** A este argumento, responde-se que o pecador que se arrepende antes de morrer recebe a misericórdia de Deus e, então, o maior dos culpados pode encontrar a graça divina. Quanto a isto não há dúvida. É compreensível que Deus só perdoe os arrependidos e que seja inflexível com os corações empedernidos. Mas, se é tão misericordioso para com a alma, antes de ela deixar o corpo, por que deixa de sê-lo, com aquela que se arrepende depois da morte? Por que o arrependimento só teria eficácia durante a vida, que é passageira, e não durante a eternidade, que não tem fim? Se a bondade e a misericórdia de Deus estão circunscritas em um tempo específico, não são infinitas e Deus não é infinitamente bom.

**13.** Deus é soberanamente justo. A soberana justiça não é nem a mais inexorável nem a que deixa qualquer falta impune. É aquela que leva em conta rigorosamente o bem e o mal, que recompensa um e pune o outro, com a mais equânime proporção, sem jamais se enganar.

Se, para uma falta temporária, que é sempre resultado da natureza imperfeita do homem e geralmente do meio em que vive, a alma pode ser unida eternamente, sem esperança de abrandamento nem de perdão, não existe qualquer proporção entre o erro e a punição, portanto, não há justiça.

Se o culpado volta-se para Deus, se arrepende e pede para reparar o mal que fez, mostra um retorno para o bem, para os bons sentimentos. Se o castigo for irrevogável, este retorno para o bem é inútil. Já que não se leva em conta o bem, não há justiça. Entre os homens, os condenados que se corrigem têm sua pena comutada, às vezes, encerrada. Então,

haveria até mesmo na justiça dos homens mais equidade do que na justiça divina!

Se a condenação é irrevogável, o arrependimento é inútil. O culpado, nada tendo a esperar de um retorno ao bem, persiste no mal. Desta forma, Deus não só o condena a sofrer eternamente como a permanecer eternamente no mal. Isto não seria nem justiça nem bondade.

**14.** Infinito em todas as coisas, Deus deve conhecer tudo: o passado e o futuro. Deve saber, no momento da criação de uma alma, se ela errará com tanta gravidade, para ser eternamente condenada. Se não sabe, Sua sabedoria não é infinita, então não é Deus. Se sabe e criou voluntariamente um ser condenado, desde o início, a torturas sem fim, então Ele não é bom.

Se Deus, tocado pelo arrependimento de um condenado, pode estender-lhe Sua misericórdia e *retirá-lo do inferno*, não há penas eternas e o julgamento formalizado pelos homens está errado.

**15.** Portanto, a doutrina das penas eternas absolutas conduz forçosamente à negação ou à diminuição de alguns dos atributos de Deus. Por consequência, é inconciliável com a perfeição infinita, de onde se pode concluir: se Deus é perfeito, a condenação eterna não existe. Se existe, Deus não é perfeito.

**16.** Ainda em favor do dogma da eternidade da pena evoca-se o seguinte argumento:

“A recompensa eterna concedida aos bons deve ter a contrapartida de uma punição eterna. É justo que haja uma proporção entre a punição e a recompensa”.

*Contestação* – Deus criou a alma para que se tornasse feliz ou infeliz?

Claro que a felicidade da criatura deve ser o objetivo de Sua criação. De outra forma, Deus não seria bom. A alma atinge a felicidade por seu próprio mérito, adquirido para não se perder. Do contrário, ela se degeneraria. A eternidade da felicidade é, então, a consequência de sua imortalidade.

Mas, antes de chegar à perfeição, tem lutas a enfrentar, combates para se livrar de más paixões. Deus não criou a alma perfeita, mas *com capacidade de se tornar perfeita*. Para que tenha mérito em suas obras, tem

a possibilidade também de fraquejar. Suas quedas são as consequências de sua fraqueza natural. Se, por uma queda, ela devesse ser punida eternamente, poder-se-ia perguntar por que Deus não a criou mais forte. Sofre punição, como advertência pelo mal que pratica, para levá-la ao bom caminho. Se a pena fosse irremissível, seu desejo de melhorar seria inútil. E o objetivo providencial da Criação não poderia ser atingido, porque haveria seres predestinados à felicidade e à infelicidade. Se uma alma culpada se arrepende, pode se tornar boa. Tornando-se boa, pode desejar a felicidade. Deus seria justo se lhe recusasse os meios de atingir esta felicidade?

O bem é o objetivo final da criação. A felicidade, prêmio pelo bem, deve ser eterna. O castigo, um meio para se chegar ao bem, deve ser temporário. A mais comum noção de justiça, mesmo entre os homens, diz que não se pode castigar eternamente alguém que tenha o desejo e vontade de fazer o bem.

**17.** Um último argumento em favor da eternidade das penas é este: “O medo de um castigo eterno é um freio. Se for suprimido, o homem, sem nada mais o que temer, se entregará a todo tipo de excessos”.

*Contestação* – Esse raciocínio seria justo, se a não eternidade das penas suprimisse toda condenação penal. O estado feliz ou infeliz, na vida futura, é uma consequência rigorosa da justiça de Deus, porque uma situação igual para o homem bom e o homem perverso seria a negação desta justiça. O castigo não é menos penoso, pelo fato de não ser eterno. Quanto mais se acredita no castigo, mas se tem medo. E tanto mais racional é o castigo, quanto mais se crê. Uma penalidade em que não se acredita não funciona como um freio, como é o caso da eternidade das penas.

A crença em penas eternas, como já dissemos, teve sua utilidade e razão de ser em uma certa época. Hoje, já não atinge mais as pessoas e mais: gera incrédulos. Antes de colocá-la como uma necessidade, seria preciso demonstrá-la como uma realidade. Seria preciso, sobretudo, que se constatasse sua eficácia, para aqueles que a preconizam e se esforçam em demonstrá-la. Infelizmente, entre estes, muitos não mostram, por seus atos, qualquer medo dessas penas. Se esta crença é impotente para

reprimir o mal entre aqueles que dizem acreditar, que poder teria entre aqueles que não acreditam?

### **Impossibilidade material das penas eternas**

**18.** Até aqui, combatemos, com argumentos, o dogma da eternidade das penas. Agora, iremos provar que é impossível, mostrando-o, na contradição com fatos óbvios.

De acordo com o dogma, o destino da alma está irrevogavelmente fixado após a morte. É, então, uma parada definitiva, em oposição ao progresso. Ora, a alma progride ou não progride? Esta é a questão. Se progride, a eternidade das penas é impossível.

Pode-se duvidar desse progresso, quando se vê a enorme variedade de atitudes morais e intelectuais que existem na Terra, desde a época do homem selvagem até o civilizado? Quando se vê a diferença que apresenta um mesmo povo de um século para outro? Admitindo-se que não são as mesmas almas, é preciso admitir também que Deus criou almas com todos os graus de desenvolvimento, conforme o tempo e o lugar. Admitir que Ele favoreceu umas, enquanto condenou outras a uma inferioridade perpétua, o que é incompatível com a justiça, que deve ser a mesma para todas as criaturas.

**19.** É incontestável que a alma atrasada intelectual e moralmente, como a dos povos bárbaros, não pode ter os mesmos elementos de felicidade, as mesmas aptidões para desfrutar o esplendor do infinito, do que aquela que já tem as faculdades muito mais desenvolvidas. Se, então, essas almas não progridem, só podem usufruir, na eternidade, em condições mais favoráveis, de uma felicidade, por assim dizer, negativa. Para estar de acordo com a rigorosa justiça, chega-se à conclusão de que as almas mais avançadas são as mesmas que já estiveram atrasadas e que evoluíram. Aqui, tocamos na grande questão da *pluralidade das existências*, como a única forma de resolver a dificuldade. No entanto, deixaremos de lado esta questão e consideraremos a alma em apenas uma existência.

**20.** Suponhamos um rapaz de 20 anos, como tantos que existem, que é ignorante, tem instintos depravados, nega Deus e a alma, se entrega à

desordem e comete todos os tipos de delitos. Todavia, vive em um meio favorável, trabalha, se instrui, pouco a pouco se corrige e finalmente se torna piedoso. Não é um exemplo palpável de progresso durante a vida que sempre pode ser encontrado? Este homem morre, santamente, em idade avançada e, naturalmente, sua salvação está assegurada. Mas qual teria sido seu destino, se um acidente o tivesse matado trinta ou quarenta anos mais cedo? Ele estaria em condições ideais para ser condenado e, uma vez condenado, todo o seu progresso cessaria. Eis um homem salvo, porque viveu bastante e que, segundo a doutrina das penas eternas, estaria perdido para sempre, se tivesse vivido menos, por causa de algum acidente imprevisto. Desde que sua alma pôde progredir em um determinado tempo, por que não teria progredido pelo mesmo tempo, depois da morte, se uma causa independente de sua vontade o impediu de fazê-lo durante a vida? Por que Deus lhe teria recusado os meios para progredir depois da morte? O arrependimento chegou mesmo que tardio. Mas, se desde o momento da morte, uma condenação irremissível o tivesse podado, o arrependimento teria sido inútil, pela eternidade, e teria sido destruída para sempre sua atitude de progredir.

**21.** O dogma da eternidade absoluta das penas é, portanto, incompatível e mesmo um obstáculo invencível ao progresso da alma. Esses dois princípios se anulam reciprocamente. Se um existe, o outro não pode existir. Qual dos dois existe? A lei do progresso é evidente, não é teoria, é um fato constatado pela experiência. É uma lei da Natureza, lei divina, imprescritível. Então, já que existe e não pode se conciliar com a outra, é a outra que não existe. Se o dogma da eternidade das penas fosse verdadeiro, Santo Agostinho, São Paulo e muitos outros, se tivessem morrido antes do progresso que os conduziu à conversão, jamais teriam visto o céu.

Responde-se a esta última afirmativa, dizendo que a conversão destes santos não foi um resultado do progresso da alma, mas a concessão da graça que os tocou.

Este argumento é jogo de palavras. Se eles fizeram o mal e, mais tarde, o bem, é porque se tornaram melhores. Logo, progrediram. Deus lhes teria dado, por um favor especial, a graça de se corrigirem? Por que a eles



de preferência a outros? É sempre a doutrina dos privilégios, incompatível com a Justiça de Deus e Seu amor igual por todas as Suas criaturas.

Segundo a Doutrina Espírita, de acordo com as palavras do Evangelho, com a lógica e a mais rigorosa justiça, o homem é o resultado de suas obras, durante esta vida e após a morte. Não deve qualquer favor: Deus o recompensa por seus esforços e o pune por sua negligência, durante todo o tempo em que for negligente.

## **A Doutrina das penas eternas teve seu tempo**

**22.** A crença na eternidade das penas materiais foi salutar, até que os homens chegassem ao estado de compreender a força moral. Este processo pode ser comparado à infância, quando se controlam, por algum tempo, as crianças que têm medo de alguns seres quiméricos. Mas chega um momento em que crescem, raciocinam e percebem a verdade sobre essas histórias que lhes eram contadas quando pequeninas. Aí, seria absurdo querer conduzi-las, com o mesmo método. Perderiam a confiança naqueles que insistissem em lhes afirmar que as tais fábulas são verdadeiras e que é preciso segui-las, ao pé da letra.

Assim está hoje a Humanidade, saiu da infância e se livrou da necessidade de ser conduzida em seus primeiros passos<sup>4</sup>. O homem já não é mais o instrumento passivo que se dobrava diante da força material, nem o ser crédulo, que tudo aceitava de olhos fechados.

**23.** Acreditar é um ato de entendimento, razão pela qual não pode ser imposto. Se, durante um certo tempo da Humanidade, o dogma da eternidade das penas pôde ser inofensivo e até mesmo salutar, chega o momento em que se torna perigoso. A partir do momento em que é imposto como uma verdade absoluta, quando a razão o rejeita, consegue-se, de duas, uma das opções: ou o homem que quer acreditar atinge uma crença mais racional ou se afasta de quem quer impor o que ele rejeita. Ou então não acredita em mais nada. É evidente, para qualquer um que

---

<sup>(4)</sup> **Nota da tradução:** No original, em francês, Kardec utiliza a palavra *lisières*, que significa “andadeiras, tiras de pano, com que se seguram as crianças pela cintura, para ensiná-las a andar” e traduzida aqui, de forma aproximada para “necessidade de ser conduzida em seus primeiros passos”. Embora a palavra “andadeiras” seja registrada no dicionário *Aurélio Século XXI*, é de uso menos comum, no Brasil.

estudou de modo imparcial esta questão, que hoje o dogma da eternidade das penas tem gerado mais materialistas e ateus do que todos os filósofos.

As ideias seguem um curso incessante e progressivo e não se pode conduzir os homens, sem seguir na mesma direção. Querer parar esse curso, fazê-lo retroceder, ou simplesmente ficar para trás, enquanto ele avança, é se perder. Seguir ou não seguir esse movimento é uma questão de vida ou de morte, tanto para as religiões como para os governos. É um bem? Ou é um mal? Certamente é um mal para aqueles que vivem do passado e veem este passado lhes escapar. Mas para aqueles que olham para o futuro, é a lei do progresso, que é uma lei de Deus. E é inútil qualquer resistência contra as leis de Deus. Lutar contra Sua vontade é querer se arrepentir.

Por que, então, querer a toda força, sustentar uma crença que caiu em desuso e que, em definitivo, causa mais dano do que benefício à religião? Infelizmente, é triste dizer, mas, neste caso, uma questão material domina a questão religiosa. Esta crença foi largamente explorada, com a ajuda da ideia de que com dinheiro se poderia abrir as portas do céu e se preservar do inferno. As somas que esta ideia rendeu e que ainda rende são incalculáveis. É o imposto antecipado sobre o medo da eternidade. Como um imposto facultativo, é pago à medida que existe a crença. Se a crença desaparece, nada mais se paga. A criança dá, voluntariamente, seu doce a quem lhe promete expulsar o lobisomem. Mas quando a criança não acreditar mais em lobisomem, guardará para si o doce.

**24.** A Nova Revelação, com ideias mais sensatas sobre a vida futura e provando que só se pode chegar à salvação pelas próprias obras, deve encontrar uma oposição tanto mais forte quanto mais secar uma importante fonte de lucros. É sempre assim quando uma descoberta ou uma invenção muda os costumes. Aqueles que vivem à custa de velhos e caros procedimentos os defendem, para que continuem, e depreciam os novos, mais econômicos. Acredita-se, por exemplo, que a tipografia, apesar de todos os benefícios que traria à Humanidade, deve ter sido aplaudida pela numerosa classe de copistas<sup>5)</sup>? Certamente que não, eles

---

<sup>5)</sup> **Nota da tradução:** Copista, a profissão daqueles que copiavam os manuscritos, antes do advento da tipografia.

devem tê-la amaldiçoado. O mesmo aconteceu com o advento das máquinas, das estradas de ferro e de uma centena de outras coisas.

Para os incrédulos, o dogma da eternidade das penas é uma questão fútil que os faz rir. Para o filósofo, os abusos praticados em nome deste dogma têm uma gravidade social. O homem verdadeiramente religioso tem interesse em acabar com os abusos e com a causa que lhes dá origem para preservar a dignidade da religião.

## **Ezequiel contra a eternidade das penas e o pecado original**

**25.** Podem ser encontrados na Bíblia textos muito claros, que contradizem todos aqueles que pretendem justificar, na própria Bíblia, a eternidade das penas. As seguintes palavras de Ezequiel são a mais explícita negação das penas irremissíveis e da responsabilidade que o pecado do Pai do gênero humano teria feito pesar sobre sua criação:

*1. O Senhor me falou novamente: 2. De onde vem esta parábola que usam entre vocês e que se tornou provérbio em Israel: os pais, dizem vocês, comeram uvas verdes e os dentes de seus filhos ficaram estragados? 3. Te juro por mim mesmo – disse o Senhor Deus – que esta parábola não passará mais entre vocês, como provérbio em Israel; 4. Porque todas as almas são minhas; a alma do filho me pertence, da mesma forma que a alma do pai; a alma que pecou é que morrerá.*

*5. Se um homem é justo, se age segundo a equidade e a justiça; 7. Se não entristece e não oprime ninguém; se devolver o penhor a seu devedor; se não tomar nada de outros, pela violência; se dá de seu pão a quem tem fome; se veste os que estão nus; – 8. Se não emprestar com usura e não receber mais do que emprestou; se desvia a mão da iniquidade; se fizer um julgamento equitativo entre dois homens que disputam; 9. Se caminha de acordo com meus preceitos e observa meus mandamentos, para agir segundo a verdade; este é justo e viverá, muito certamente, disse o Senhor Deus.*

*10. Se esse homem tem um filho que seja ladrão e derrame sangue, ou que cometa algum destes erros; 13. Esse filho morrerá, muito certamente, já que fez todas essas ações detestáveis, e seu sangue estará sobre sua própria cabeça.*

14. *Se esse homem tem um filho que, vendo os crimes de seu pai, tem medo e não o imita; 17. O filho não morrerá por causa da iniquidade de seu pai, mas viverá, muito certamente. 18. Seu pai, que tinha oprimido outras pessoas, por calúnia, e que havia cometido atos criminosos contra seu povo, está morto por causa de sua própria iniquidade.*

19. *Se dizem: Por que o filho não carregou a iniquidade do pai? É porque o filho agiu com equidade e justiça, observou e praticou todos os meus preceitos; é por isto que ele viverá, muito certamente.*

20. *A alma que pecou morrerá por si mesma. O filho não carregará a iniquidade do pai e o pai, por sua vez, não carregará a iniquidade do filho; a justiça do justo se reverterá sobre ele e a impiedade do ímpio se reverterá sobre o próprio.*

21. *Se o ímpio faz penitência de todos os pecados que cometeu, e observa todos os meus preceitos, se age de acordo com a equidade e a justiça, viverá, certamente, e de forma alguma morrerá. 22. Não me lembrarei mais de todas as iniquidades que ele cometeu; ele viverá pelas obras de justiça que praticou.*

23. *Será que eu desejo a morte do ímpio? disse o Senhor Deus, e não quero, antes, que ele se converta, que se retire do mau caminho e que viva? (Ezequiel, XVIII).*

*Diga-lhes estas palavras: Eu juro por mim mesmo, disse o Senhor Deus, que não quero de forma alguma a morte do ímpio, mas quero que o ímpio se converta, que deixe seu mau caminho e que viva. (Ezequiel, XXXIII:11)*

# CAPÍTULO VII

## AS PENAS FUTURAS, SEGUNDO O ESPIRITISMO

**A carne é fraca – Princípios da Doutrina Espírita sobre as penas futuras – Código penal da vida futura**

### **A carne é fraca**

Há tendências ao vício, que são inerentes ao Espírito, porque se inclinam mais à moral do que ao físico. Outras parecem mais ligadas ao organismo e por este motivo se pensa que acarretam menos responsabilidade aos que a possuem: são as predisposições à cólera, à indolência, à sensualidade etc.

Hoje, os filósofos espiritualistas reconhecem perfeitamente que os órgãos cerebrais, responsáveis pelas diferentes atitudes, se desenvolvem de acordo com a atividade do Espírito. Um desenvolvimento que é então um efeito, não uma causa. Um homem não é músico porque tem o dom da música e sim tem o dom da música porque seu Espírito é músico.

Se a atividade do Espírito atua sobre o cérebro deve atuar igualmente sobre as outras partes do organismo. O Espírito é, assim, artesão de seu próprio corpo, que molda por assim dizer para adaptá-lo a suas

necessidades e à manifestação de suas tendências. A partir desse dado, a perfeição dos corpos das etnias<sup>1</sup> avançadas não seria o produto de criações diferentes e sim o resultado do trabalho do Espírito, que aperfeiçoa sua ferramenta, à medida que suas faculdades aumentam.

Por consequência natural desse princípio, as disposições morais do Espírito devem dar mais ou menos atividade ao sangue, modificando suas qualidades, provocar uma secreção maior ou menor da bÍlis ou de outros fluidos. Assim, por exemplo, um comilão sente a boca cheia de saliva, quando vê um prato apetitoso. Não é o prato apetitoso, com que não teve contato direto, que excita o órgão do paladar. É o Espírito, que teve despertada sua sensibilidade e agiu pelo pensamento sobre este órgão, enquanto que o mesmo prato não teria o menor efeito para outra pessoa.

É ainda pela mesma razão que uma pessoa sensível chora com facilidade. Não é a abundância de lágrimas que dá a sensibilidade ao Espírito, mas é a sensibilidade do Espírito que provoca a abundância de lágrimas. Sob o domínio da sensibilidade, o organismo é moldado a esta disposição normal do Espírito, da mesma forma que é apropriado ao espírito guloso.

Seguindo esta ordem de ideias, compreende-se que um Espírito irascível deve incitar a um comportamento colérico. Não é colérico porque produz excesso de bÍlis, mas produz excesso de bÍlis porque é colérico. Da mesma maneira se processam todas as outras disposições instintivas. Um Espírito fraco e indolente deixará seu organismo em um estado de inércia, enquanto que um Espírito ativo e enérgico dará qualidades muito diferentes a seu sangue e nervos. A ação do Espírito sobre o físico é de tal forma evidente, que é comum vermos violentas comoções morais produzirem graves desordens orgânicas. A expressão popular: *A emoção lhe ferveu o sangue* não é tão sem sentido como possa parecer. Ora, o que poderia *ferver o sangue* senão as disposições morais do Espírito?

Pode-se admitir que, pelo menos em parte, a natureza do Espírito determina o temperamento: é causa e não efeito. Pelo menos em

---

<sup>(1)</sup> Nota Explicativa no fim deste livro, página 403.

parte, porque há casos em que o físico influencia evidentemente o moral, quando existe um estado mórbido ou anormal, determinado por causa externa, independente do Espírito, como a temperatura, o ambiente, os vícios hereditários de constituição, um mal-estar passageiro etc. O moral do Espírito pode ser afetado em suas manifestações por um estado atológico sem que sua natureza seja intrinsecamente modificada.

Desculpar-se de erros, por causa da fraqueza da carne, é um pretexto para escapar à responsabilidade. *A carne é fraca, porque o Espírito é fraco*, o que inverte a questão e deixa ao Espírito a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, que não pensa nem tem vontade própria, jamais prevalece sobre o Espírito, que é o ser pensante e com vontade própria. É o Espírito que dá à carne as qualidades correspondentes a seus instintos, como um artista imprime em sua obra material o talento de sua genialidade. O Espírito, liberto dos instintos da bestialidade, molda para si um corpo que não seja um tirano para suas aspirações, rumo à espiritualidade de seu ser. É assim que o homem come para viver, porque viver é necessário, mas não vive mais para comer.

A responsabilidade moral dos atos da vida continua integral, mas a razão diz que as consequências desta responsabilidade devem ser de acordo com o desenvolvimento intelectual do Espírito: quanto mais esclarecido, menos desculpáveis são seus erros, porque o senso moral, as noções de bem e de mal, de justo e de injusto, nascem com a inteligência.

Esta lei explica o insucesso da Medicina, em alguns casos. Desde que o temperamento seja um efeito e não uma causa, os esforços para modificá-lo são paralisados pelas disposições morais do Espírito, que opõe uma resistência inconsciente e neutraliza a ação terapêutica. Então, é necessário agir sobre a causa primeira. Dê coragem ao medroso, se for possível, e verá desaparecerem os efeitos fisiológicos do medo.

Isto prova, mais uma vez, para a arte de curar a necessidade de levar em conta a ação do elemento espiritual sobre o organismo. (*Revista Espírita*, março de 1869, página 65)

## **Princípios da Doutrina Espírita sobre as penas futuras**

A Doutrina Espírita, no que diz respeito às penas futuras, não se baseia em uma teoria preconcebida. Não é um sistema que substitui outro sistema: tem competência em todos os pontos, porque se apoia em observações. Ninguém nunca imaginou que as almas, após a morte, devem se encontrar nesta ou naquela situação. São os seres que deixaram a Terra que hoje vêm nos iniciar nos mistérios da vida futura, contar sobre sua situação feliz ou infeliz, suas impressões e transformação com a morte do corpo. Em uma palavra: completar, neste ponto, o ensinamento do Cristo.

Não se trata aqui de um único Espírito, que poderia ver as coisas apenas sob seu ponto de vista ou ser dominado por julgamentos preconcebidos na Terra, nem de uma revelação feita a um único indivíduo, que poderia se deixar enganar pelas aparências, nem de uma *visão em êxtase*, que se presta a ilusões e quase sempre é o reflexo de uma imaginação exaltada<sup>2</sup>. Trata-se de inumeráveis exemplos, dados por todas as categorias de Espíritos, desde o mais alto até o mais baixo da escala, com a ajuda de incontáveis intermediários espalhados pelo globo terrestre, de tal forma que a revelação não é privilégio de ninguém e cada um pode por si mesmo ver e observar. Ninguém é obrigado a crer pela fé de outra pessoa.

### **Código Penal da vida futura**

De forma alguma, o Espiritismo vem destituído de autoridade para formular um código de fantasia. Sua lei sobre o futuro da alma foi deduzida de observações sobre o fato e se resume nos seguintes pontos:

1º – A alma ou Espírito sofre, na vida espiritual, as consequências de todas as imperfeições de que não se despojou, durante a vida corporal. O estado feliz ou infeliz é inerente ao grau de sua purificação ou de suas imperfeições.

---

<sup>(2)</sup> Ver o capítulo VI, parágrafo 7, e *O Livro dos Espíritos*, números 443 e 444.



2º – A felicidade completa é ligada à perfeição, isto é, à purificação completa do Espírito. Toda imperfeição é, às vezes, uma causa de sofrimento e de privação de alegria, da mesma forma que toda qualidade adquirida é uma causa de alegria e de atenuação dos sofrimentos.

3º – *Não há uma única imperfeição da alma que não acarrete consequências lastimáveis, inevitáveis. E não há uma única boa qualidade que não seja fonte de alegria.* A soma das penas é proporcional à soma das imperfeições, como a soma das alegrias é proporcional à soma das qualidades.

A alma que tem dez imperfeições, por exemplo, sofre mais do que aquela que só tem três ou quatro. Sofrerá menos quando tiver um quarto ou a metade das imperfeições e será completamente feliz, quando não tiver mais nenhuma. Da mesma forma que, na Terra, sofre mais aquele que tem muitas doenças do que o que só tem uma ou nenhuma. Pela mesma razão, a alma que tem dez qualidades tem mais alegrias do que a que tem menos que dez qualidades.

4º – Por causa da lei do progresso, toda alma tem a possibilidade de adquirir o bem que lhe falta e de se desfazer do que tem de ruim, segundo seus esforços e vontade. Portanto, o futuro não é fechado a nenhuma criatura. Deus não repudia qualquer de Seus filhos. Recebe-os em Seu seio, à medida que atingem a perfeição, deixando assim a cada um o mérito de suas obras.

5º – O sofrimento é ligado à imperfeição, como a alegria à perfeição, e a alma traz em si mesma seu próprio castigo, não importa onde esteja: não há necessidade de um lugar circunscrito. O inferno é qualquer lugar onde existam almas sofredoras, como o céu é qualquer parte onde existam almas felizes.

6º – O bem e o mal são produtos das boas ou das más qualidades. Não fazer o bem que se poderia é o resultado de uma imperfeição. Se toda imperfeição é fonte de sofrimento, o Espírito deve sofrer não apenas pelo mal que praticou, mas por todo bem que poderia, mas deixou de praticar, durante sua vida na Terra.

7º – O Espírito sofre pelo mal que praticou. *Se prestar atenção ao que vem depois do mal praticado*, vai compreender melhor suas inconveniências e será motivado a se corrigir.

8º – A justiça de Deus, sendo infinita, leva em conta rigorosa o bem e o mal. Não há uma única má ação, um único mau pensamento que não tenha consequências fatais. Não há uma única boa ação, um único bom movimento de alma, o menor mérito, que se perca, *mesmo entre os mais perversos, porque é um começo de progresso.*

9º – Toda falta cometida, todo mal realizado, é uma dívida contraída e que deve ser paga. Se não for em uma existência, será na próxima ou em outras, porque todas as existências são solidárias entre si. O que foi pago no presente não terá que ser pago uma segunda vez.

10º – O Espírito sofre as consequências de suas imperfeições, no mundo espiritual ou no mundo corporal. Todas as misérias, todas as vicissitudes que se suportam na vida corporal são provenientes das imperfeições, expiação de erros cometidos ou na existência presente ou nas anteriores.

Pela natureza dos sofrimentos e dos reveses que se tem na vida corporal, pode-se julgar a natureza das imperfeições que deram causa aos erros cometidos na existência anterior.

11º – A expiação varia segundo a natureza e a gravidade do erro. O mesmo erro pode ter expiações diferentes, de acordo com as circunstâncias agravantes ou atenuantes em que foi cometido.

12º – Não há, com relação à natureza e à duração do castigo, nenhuma regra absoluta e uniforme. A única lei geral é a de que todo erro recebe sua punição e toda boa ação, sua recompensa, *de acordo com seu valor.*

13º – A duração do castigo é subordinada à melhora do Espírito culpado. Nenhuma condenação por um tempo determinado lhe é imputada. O que Deus exige para colocar fim aos sofrimentos é uma melhora séria, efetiva e um retorno sincero para o bem.

O Espírito é assim árbitro de seu próprio destino. Pode prolongar seus sofrimentos, pelo endurecimento no mal, ou suavizá-los e abreviá-los, pelos esforços de fazer o bem.

Qualquer condenação por tempo determinado teria o duplo inconveniente, ou de continuar a fazer sofrer o Espírito que estaria melhorando ou de libertá-lo do sofrimento, enquanto o Espírito ainda estivesse praticando o mal. Deus, que é justo, pune o mal *enquanto existe* e

deixa de punir quando *o mal desaparece*<sup>3</sup>. Em outras palavras, sendo o mal moral uma causa de sofrimento, o sofrimento existe tanto tempo quando persista o mal e diminui de intensidade à medida que o mal enfraquece.

14º – Estando a duração do castigo subordinada ao aperfeiçoamento, o Espírito que jamais melhorasse sofreria para sempre e sua pena seria eterna.

15º – Uma condição inerente à inferioridade dos Espíritos é não conseguir ver o fim de sua situação e acreditar que sofrerão para sempre. Para estes um castigo pode parecer eterno<sup>4</sup>.

16º – O arrependimento é o primeiro passo para o progresso, mas não o suficiente: é preciso ainda expiar e reparar os erros.

*Arrependimento, expiação e reparação* são as três condições necessárias para apagar os traços de um erro e suas consequências.

O arrependimento suaviza as dores da expiação, o que dá esperanças e prepara os caminhos para a reabilitação. Mas a reparação só pode anular os efeitos, destruindo a causa. *O perdão seria uma graça e não uma anulação.*

17º – O arrependimento pode acontecer em qualquer parte e tempo: se for tardio, o culpado sofrerá por um período mais longo.

A expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais, consequência dos erros cometidos e até que todos os sinais destes erros sejam apagados, na vida presente ou após a morte, na vida espiritual ou ainda em uma nova existência corporal.

A reparação consiste em fazer o bem a quem se fez o mal. Aquele que não repara seus desvios nesta vida, por impotência ou má vontade, reencontrará na próxima existência as mesmas pessoas que prejudicou e nas condições escolhidas por ele mesmo para reparar-lhes os aborrecimentos e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha causado.

---

<sup>3</sup> Ver, no capítulo VI, nº 25, citação de Ezequiel.

<sup>4</sup> Perpétuo é sinônimo de eterno. Em português, perpétuo tem o sentido de contínuo, sem fim, vitalício. Por isso, pode-se dizer: o secretário perpétuo da Academia, o que não quer dizer que ele o será pela eternidade, mas por um tempo ilimitado. Eterno tem o sentido de algo que não tem princípio nem fim, que tem duração indefinida. Eterno e perpétuo são empregados, aqui, com o sentido de indeterminado. Nesse sentido, pode-se dizer que as penas são eternas, entendendo-se que não têm uma duração limitada. São eternas para o Espírito que não lhes vê o fim.

Nem todas as faltas trazem um prejuízo direto e efetivo. Neste caso, a reparação se completa por atos como: fazendo o que se deixou de fazer, completando os deveres que foram negligenciados ou ignorados, as missões em que se falhou, fazendo o bem a quem se fez mal. Isto é, sendo humilde quem foi orgulhoso, doce quem foi duro, caridoso quem foi egoísta, benevolente quem foi maldoso, trabalhador quem foi preguiçoso, útil quem foi inútil, moderado quem foi devasso, dar bons exemplos quem serviu de mau exemplo etc. Assim é que o Espírito progride, aproveitando seu passado<sup>5</sup>.

18º – Os Espíritos imperfeitos são excluídos dos mundos felizes, onde encontrariam a harmonia. Ficam em mundos inferiores, em que expiam seus erros pelas adversidades da vida e se purificam de suas imperfeições, até que mereçam encarnar em mundos mais avançados moral e fisicamente.

Se é possível conceber um lugar delimitado de castigo, é nestes mundos de expiação, porque é onde abundam Espíritos imperfeitos desencarnados, esperando uma nova existência que lhes permitirá reparar o mal que fizeram e os ajudará no progresso.

19º – A melhora é às vezes lenta, e é forte a obstinação na prática do mal, porque o Espírito tem sempre o livre-arbítrio. Pode persistir no mesmo estado por anos ou séculos, mas chega sempre um momento em que sua obstinação em afrontar a Justiça de Deus se verga diante do sofrimento e, apesar de sua arrogância, reconhece a força superior que o domina. Desde que se manifestem as primeiras luzes do arrependimento, Deus permite antever a esperança.

Nenhum Espírito é incapaz para sempre de progredir e nem será condenado para sempre a uma condição de inferioridade, escapando à lei do progresso, que rege providencialmente todas as criaturas.

---

<sup>5</sup> A necessidade da reparação é um princípio de rigorosa justiça, que se pode considerar como a verdadeira lei da reabilitação moral dos Espíritos. É uma doutrina que nenhuma religião ainda divulgou. Algumas pessoas a rejeitam, porque acham mais cômodo apagar seus erros por um simples arrependimento, que só com palavras, algumas fórmulas repetidas por elas mesmas, quitam seus débitos. É o caso de lhes perguntar: este princípio, não consagrado pelas leis humanas, o seria pela Lei de Deus? Pode ser a Justiça de Deus inferior à justiça dos homens? Dar-se-iam por satisfeitas se um indivíduo, que as arruinou por abuso de confiança, se limitasse a dizer-lhes que lamentava muito o que fez? Por que recuariam, diante de uma obrigação que todo homem honesto tem o dever de cumprir, na medida de suas forças?

Desde que esta perspectiva da reparação seja absorvida pela crença das massas, será um freio muito mais poderoso do que a ideia de inferno e das penas eternas, porque atinge a atualidade da vida e faz com que o homem compreenda as circunstâncias penosas em que se encontra.

20º – *Deus jamais abandona os espíritos*, independente do grau de inferioridade e de perversidade. Todos têm um anjo da guarda que os vela, acompanha os movimentos da alma e se esforça por inspirar-lhes bons pensamentos, o desejo de progredir e de reparar o mal que tenham praticado. Entretanto, o guia protetor frequentemente age de maneira oculta, sem exercer qualquer pressão. O Espírito deve progredir por *sua própria vontade* e não por imposição de quem quer que seja. Age bem ou mal, em função de seu livre-arbítrio, sem ser fatalmente empurrado para um ou outro lado. Se pratica o mal, sofre as consequências pelo tempo em que permanecer no mau caminho e sentirá logo os efeitos de um único passo que dê em direção ao bem.

*Observação* – Seria um erro acreditar que por causa da lei do progresso, a certeza de cedo ou tarde se chegar à perfeição e à felicidade pode ser um encorajamento à perseverança no mal, para se arrepender mais tarde. Primeiro, porque o Espírito inferior não vê o fim desta situação. Segundo, porque o Espírito, sendo o artesão de sua própria infelicidade, acaba por compreender que o término do sofrimento só depende dele e que, quanto mais tempo persistir no mal, mais tempo permanecerá infeliz. Que seu sofrimento durará para sempre se ele mesmo não lhe colocar um fim. Seria, pois um falso golpe, no qual ele seria o primeiro a “cair como um patinho”. Se, ao contrário, como preconiza o dogma das penas irremissíveis, toda esperança lhe for negada, o Espírito não terá qualquer interesse em retomar o bem que lhe seria inútil.

Diante dessa lei, cai também a objeção baseada na presciência divina. Deus, ao criar a alma, sabe realmente se, em virtude do livre-arbítrio, seguirá o bom ou o mau caminho. Sabe que será punida se fizer o mal. Mas sabe também que será um castigo temporário, como *um meio* de fazê-la compreender o próprio erro e retornar ao bom caminho, onde chegará mais cedo ou mais tarde. De acordo com a doutrina das penas eternas, Deus sabe que alma vai fraquejar e por antecipação está condenada a torturas intermináveis.

21º – Cada pessoa é responsável apenas por seus próprios erros. Ninguém carrega a pena de outros, a não ser que tenha sido o inspirador do erro pelos exemplos ou que, possuindo o poder, não tenha impedido os outros de praticarem erros.

Assim, por exemplo, o suicida é sempre punido. Mas sofrerá uma pena ainda maior aquele que, por sua dureza, levar um indivíduo ao desespero e a se destruir.

22º – Embora exista uma diversidade infinita de punições, algumas são inerentes à inferioridade do Espírito e suas conseqüências; salvo alguns pormenores, são mais ou menos idênticas.

A punição mais imediata para os que, sobretudo, estão muito presos à vida material, negligenciando o progresso espiritual, é a lentidão com que a alma se separa do corpo: são as angústias que acompanham a morte e o despertar na outra vida, é o tempo de confusão que pode existir durante meses ou anos. Para aqueles que, ao contrário, têm a consciência limpa, durante a vida material estão identificados com a vida espiritual e desapegados das coisas materiais, a separação é rápida, sem traumas, o despertar é tranquilo e quase não existe confusão.

23º – Um fenômeno muito frequente entre os Espíritos de uma certa inferioridade moral é o de se acreditarem ainda vivos. Essa ilusão pode se prolongar por anos, durante os quais sentem todas as necessidades, todos os tormentos e todas as perplexidades da vida.

24º – Para o criminoso é um cruel suplício a visão incessante de suas vítimas e das circunstâncias do crime.

25º – Alguns Espíritos mergulham em espessas trevas; outros, em um isolamento absoluto no espaço, atormentados pela ignorância de sua posição e de seu destino. Os mais culpados sofrem torturas tão mais dolorosas, que lhes parecem intermináveis. Muitos são privados de enxergarem os seres que amam. Todos geralmente sofrem com intensidade relativa os males, as dores e as necessidades que fizeram outros sofrerem, até que cheguem o arrependimento e a vontade de reparação e lhes tragam um certo abrandamento, que permite antever a possibilidade de colocarem, por si mesmos, um fim à situação.

26º – É um suplício para o orgulhoso ver-se relegado às últimas

posições, enquanto acima, cobertos de glória e de festas, estão aqueles que desprezou na Terra. Para o hipócrita, é um tormento se ver transpassado pela luz que o desnuda e permite que todo mundo possa ler seus mais secretos pensamentos, sem nenhum meio para se esconder e dissimular. Para o sensual, ter todas as tentações, todos os desejos, sem poder satisfazê-los. Para o avaro, ver todo o seu ouro dilapidado, sem nada poder guardar. Para o egoísta, ser abandonado por todos e sofrer tudo o que fez outros sofrerem: terá sede e ninguém lhe dará o que beber, terá fome e ninguém lhe dará o que comer. Nenhuma mão amiga virá apertar a sua, nenhuma voz compadecida virá consolá-lo. Ele só cuidou de si mesmo durante a vida, ninguém pensa nele nem o lamenta, após a morte.

27º – A maneira de evitar ou atenuar as consequências dos defeitos na vida futura é desfazer-se deles na vida presente, reparar o mal para não ter que fazê-lo mais tarde, de forma mais terrível. Quando mais tarde uma pessoa se desvencilha de seus defeitos, mais sofrerá as consequências e mais rigorosa será a reparação.

28º – A situação do Espírito na vida espiritual é aquela para a qual se preparou na vida corporal. Mais tarde, outra encarnação lhe será dada para a expiação e reparação, por meio de novas provas, que ele aproveitará mais ou menos, por seu livre-arbítrio. Se não aproveitar, será uma tarefa para recomeçar mais uma vez, em condições mais penosas, de modo que pode-se dizer: *aquele que sofre muito na Terra tinha muito a expiar*. Os que desfrutam de uma felicidade aparente, apesar de seus vícios e inutilidades, certamente pagarão caro em outra existência. É o sentido do que disse Jesus: *“Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”*. (Ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo V)

29º – A misericórdia de Deus é infinita, sem dúvida, mas não é cega. O culpado que recebe o perdão não está dispensado de reparar os erros e, enquanto não satisfaz a justiça, sofre as consequências de suas faltas. Por misericórdia infinita, é preciso entender que Deus não é implacável e que deixa sempre aberta a porta para o retorno ao bem.

30º – As penas, temporárias e subordinadas ao arrependimento e à reparação, que dependem da livre vontade do homem, são às vezes

castigos e *remédios*, que ajudam a curar as feridas do mal. Os Espíritos em punição não são como os condenados por algum tempo às galeras, mas como doentes no hospital, que sofrem de uma doença muitas vezes causada por sua culpa. Os meios curativos dolorosos de que necessitam são a esperança da cura e curam tão mais depressa quanto mais exatamente forem seguidas as prescrições do médico, que vela por eles com solicitude. Se prolongam o sofrimento por sua própria falta, o médico nada tem com isso.

31º – Às penas que o Espírito sofre na vida espiritual somam-se aquelas da vida corporal, consequências das imperfeições do homem, de suas paixões, do mau emprego de suas faculdades e também a expiação das faltas presentes e passadas. É na vida corporal que o Espírito repara o mal de existências anteriores, que põe em prática as decisões que tomou na vida espiritual. Assim se explicam as misérias e os reveses que, em um primeiro momento, parecem sem razão de ser, mas são justos porque são o resgate do passado e servem ao progresso<sup>6</sup>.

32º – Alguns se perguntam: Deus não teria mostrado um maior amor por Suas criaturas se as tivesse criado infalíveis e sem os reveses ligados à imperfeição?

Para isso, teria sido necessária a criação de seres perfeitos, sem nada a adquirir em conhecimentos nem em moralidade. Sem nenhuma dúvida, poderia tê-lo feito. Se não o fez, é porque em Sua sabedoria quis que a lei geral fosse o progresso.

Os homens são imperfeitos e, como tais, sujeitos a reveses mais ou menos penosos. É preciso aceitar o fato, já que existe. Inferir que Deus não seja bom nem justo seria revoltar-se contra Ele.

Seria injustiça se tivesse criado seres privilegiados, mais favorecidos que outros, que desfrutassem sem trabalho de uma felicidade que outros só atingiriam com muita pena ou que nunca atingiriam. Mas Sua Justiça brilha justamente na igualdade absoluta que preside à criação de todos os Espíritos. Todos têm o mesmo ponto de partida. Nenhum, na formação, é melhor dotado que outro. Nenhum que tenha sua marcha

---

<sup>6</sup> Ver acima, capítulo VI, “O Purgatório”, nºs 3 e seguintes, e após, o capítulo XX: Exemplos de expiações terrestres. – *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo V: Bem-aventurados os aflitos.



para a ascensão facilitada por exceção. Aqueles que chegaram ao fim passaram, como os outros, pela fileira de provas e de inferioridade.

Admitindo-se essa premissa, o que há de mais justo do que a liberdade de cada um? O caminho da felicidade está aberto a todos. O fim é o mesmo para todos. As condições para atingir esse fim são as mesmas. *Deus fez para a felicidade o preço do trabalho e não o do favor*, para que cada um tivesse seu mérito. Cada um é livre para trabalhar ou não por seu avanço. Aquele que trabalha muito e vive para este avanço é recompensado mais cedo. O que se afasta do caminho e perde seu tempo retarda sua chegada e só pode culpar a si mesmo. O bem e o mal são voluntários e facultativos. O homem, sendo livre, não é naturalmente empurrado para um nem para o outro.

33º – Apesar da diversidade de gêneros e de graus de sofrimento dos Espíritos imperfeitos, o código penal da vida futura pode se resumir nos três seguintes princípios:

1º – O sofrimento é ligado à imperfeição.

2º – Toda imperfeição e toda falta causada pela imperfeição trazem em si o próprio castigo, por suas consequências naturais e inevitáveis, como a doença é resultado dos excessos; o aborrecimento, da ociosidade, sem que haja necessidade de uma condenação especial para cada falta e cada indivíduo.

3º – Todo homem pode se desfazer das imperfeições pela força da vontade, pode poupar-se dos males que são o resultado das imperfeições e assegurar um futuro feliz.

*“A cada um segundo as suas obras”*, esta é a lei da Justiça Divina, tanto no Céu como na Terra.



# CAPÍTULO VIII

# OS ANJOS

## Os anjos segundo a Igreja – Contestação – Os anjos segundo o Espiritismo

### Os anjos segundo a Igreja

1. Todas as religiões tiveram, com diferente nomes, os anjos: seres superiores à Humanidade, intermediários entre Deus e os homens. O materialismo, negando qualquer existência espiritual fora da vida orgânica, tratou naturalmente colocou os anjos entre as ficções e as alegorias. A crença nos anjos faz parte essencial dos dogmas da Igreja, que os definiu assim<sup>1</sup>:

2. “Acreditamos firmemente – diz um concílio geral e ecumênico<sup>2</sup> – que há um só verdadeiro Deus, eterno e infinito, que *no começo dos tempos* retirou *conjuntamente* do nada duas criaturas: a espiritual e a

---

<sup>(1)</sup> Para este resumo, servimo-nos do mandamento de Monsenhor Gousset, cardeal-arcebispo de Reims (França), para a Quaresma de 1864. Pode-se considerar esse trabalho como a última expressão do dogma da Igreja sobre o assunto, tanto sobre Anjos como sobre demônios, citados no próximo capítulo, com base nesta mesma fonte.

<sup>(2)</sup> Concílio de Latrão. **Nota da tradução:** A História registra 21 concílios universais da Igreja Católica que definiram os dogmas a serem seguidos pelos fiéis. O primeiro foi o Concílio de Niceia I, convocado pelo Papa Silvestre I, no ano de 325. O chamado Concílio de Latrão foi convocado cinco vezes. Latrão I, convocado pelo Papa Calixto II, em 1123. Latrão II, convocado por Inocêncio II, em 1139. Latrão III, em 1179, por Alexandre III. Latrão IV, convocado por Inocêncio III, em 1215, que entre outros dogmas declarou a existência dos demônios, que seriam anjos bons que caíram em pecado. Houve ainda Latrão V, convocado pelo Papa Júlio II, em 1517. Outra curiosidade é que a Catedral São João de Latrão abriga o trono oficial do Papa e não a Basilica de São Pedro, como se costuma pensar. É a construção de igreja mais antiga da cristandade, chamada de “Igreja Mãe”. Data da época de Constantino e foi doada ao bispo de Roma no século IV.

corporal, a angelical e a mundana, e depois formou, como um elo entre as duas, a natureza humana, composta de corpo e Espírito.

“Este é, segundo a fé, o plano divino para a Criação. Plano majestoso e completo, como convinha à sabedoria eterna. Concebido dessa forma, oferece a nosso entendimento o ser em todos os graus e condições. Na esfera mais elevada aparecem a existência e a vida puramente espirituais. No último degrau, a existência e a vida puramente materiais. E no espaço que separa os dois estágios uma maravilhosa união das duas substâncias, uma vida ao mesmo tempo comum ao Espírito inteligente e ao corpo organizado.

“Nossa alma é de uma natureza simples e indivisível, mas limitada em suas faculdades. A ideia que temos da perfeição nos faz compreender que podem existir outros seres simples como a alma e superiores por suas qualidades e privilégios. Ela é grande e nobre, mas agregada à matéria, servida por órgãos frágeis, limitada em sua ação e poder. Por que não haveria outras naturezas ainda mais pobres, livres dessa escravidão e desses entraves, dotadas de uma força maior e de uma atividade incomparável? Antes que Deus tivesse colocado o homem sobre a Terra, para conhecê-Lo, amá-Lo e servi-Lo, não poderia já ter chamado outras criaturas para compor Sua corte celeste e adorá-Lo em Sua glória? Deus, enfim, recebe do homem o tributo de honra e a homenagem deste Universo. Seria surpresa que Ele recebesse pelas mãos dos anjos o louvor e a prece do homem? Se não existissem anjos, o grande trabalho do Criador não teria o mesmo refinamento e perfeição. Este mundo, que atesta toda a Sua onipotência, não seria mais a obra-prima de Sua sabedoria. Nossa própria razão, embora fraca, poderia facilmente concebê-Lo mais completo e acabado.

“Em cada página dos livros sagrados do Velho e do Novo Testamento, Deus menciona essas sublimes inteligências, em invocações piedosas ou em referências históricas. Sua intervenção aparece clara na vida dos patriarcas e dos profetas. Deus se serve das funções dessas inteligências tanto para transmitir Suas vontades como para anunciar futuros acontecimentos e os transforma quase sempre em instrumento de Sua Justiça ou de Sua Misericórdia. A presença dessas inteligências

superiores ressalta das diversas circunstâncias do nascimento, da vida e da paixão do Salvador. Sua lembrança é inseparável da dos grandes homens e dos fatos mais importantes da antiguidade religiosa. Existem mesmo no politeísmo<sup>3</sup> e nas fábulas da mitologia, porque a crença nos anjos é tão velha e tão universal quanto o mundo. Os cultos que os pagãos faziam aos bons e maus gênios eram uma falsa aplicação da verdade, um resto degenerado do dogma primitivo.

“As palavras do santo concílio de Latráo contêm uma distinção fundamental entre os anjos e os homens. Ensinam que os primeiros são puros Espíritos, enquanto que os segundos se compõem de um corpo e uma alma, ou seja, a natureza angelical se sustenta por si mesma, não apenas sem mistura, mas ainda sem associação real possível com a matéria, por mais leve e sutil que se imagine, ao passo que nossa alma, igualmente espiritual, *tem como destino essencial associar-se ao corpo, formando com ele uma só pessoa.*

“Enquanto dura esta união tão íntima da alma com o corpo, essas duas substâncias têm uma vida comum e exercem uma influência recíproca. A alma não pode se livrar da condição imperfeita de estar ligada ao corpo: suas ideias só lhe chegam pelos sentidos, pela comparação de objetos exteriores e sempre sob imagens mais ou menos aparentes. Porque não pode contemplar-se a si mesma, não consegue representar Deus e os anjos sem alguma forma visível e palpável. Por isso, os anjos, para serem vistos pelos santos e profetas, hão de revestir formas tangíveis e palpáveis. Essas formas não passavam de corpos leves, que se movimentavam e tinham atributos simbólicos, de acordo com a missão de que estavam encarregados.

“Seu ser e seus movimentos não estão localizados e circunscritos em um ponto fixo e limitado do espaço. Não ligados a um corpo, não podem ser presos ou limitados, como nós somos, por outros corpos. Não ocupam qualquer lugar nem preenchem qualquer vazío. Mas, da mesma forma que nossa alma está inteira em nosso corpo e em cada uma de suas partes, eles estão inteiros e quase simultaneamente em todos os pontos e

---

<sup>(3)</sup> **Nota da tradução:** Politeísmo – crença religiosa em muitos deuses: forças da Natureza, ídolos, heróis etc.

em todas as partes do mundo. Mais rápidos que o pensamento, podem trabalhar por toda parte, em um piscar de olhos, sem qualquer obstáculo a seus propósitos, além da vontade de Deus e a resistência da liberdade humana.

“Enquanto somos limitados a enxergar pouco a pouco e dentro de um certo limite as coisas que estão fora de nós, e as verdades da ordem sobrenatural nos aparecem como enigmas e em um espelho, segundo a expressão do Apóstolo Paulo, eles enxergam sem esforços o que lhes importa saber e estão em contato imediato com o objeto de seus pensamentos. *Seus conhecimentos não são o resultado da indução e do raciocínio*, mas dessa intuição clara e profunda que abraça todo o conjunto do gênero e suas espécies descendentes, seus princípios e conseqüências.

“A distância dos tempos, a diferença de lugares, a multiplicidade de objetos não conseguem produzir nenhuma confusão em seus Espíritos.

“A essência divina, por ser infinita, é incompreensível. Tem mistérios e profundezas que eles não podem alcançar. Os propósitos particulares da Providência lhes são escondidos, mas o segredo lhes é revelado, em algumas circunstâncias, quando são encarregados de anunciá-lo aos homens.

“As comunicações de Deus aos anjos e entre eles mesmos não se fazem como entre nós, por intermédio de sons articulados e de outros sinais sensíveis. As puras inteligências não precisam de olhos para ver, de ouvidos para ouvir, não têm mais o órgão da voz para manifestar seus pensamentos. Este intermediário habitual de nossos encontros não lhes é necessário. Comunicam seus sentimentos de uma maneira própria e espiritual. Basta que eles queiram e são compreendidos.

“Só Deus conhece a quantidade de anjos que existem. Sem dúvida, não seria um número infinito, mas muito grande, de acordo com os autores sagrados e santos doutores. Se é natural que o número de habitantes seja proporcional à extensão de área de uma cidade, sendo a Terra apenas um átomo em comparação ao firmamento e às imensas dimensões do espaço, conclui-se que o total de habitantes do céu e do ar seja muito maior que o dos homens na Terra.

“Já que a majestade dos reis empresta seu brilho a todos seus súditos, oficiais e servidores, o que haveria de mais natural para nos dar a ideia da majestade do Rei dos reis do que essa multidão inumerável de anjos que povoam o céu da Terra, o mar e os abismos, e a ideia da dignidade daqueles que permanecem sem cessar prostrados ou em pé diante de Seu trono?

“Os padres da Igreja e os teólogos ensinam geralmente que os anjos estão distribuídos em três hierarquias ou principados e cada hierarquia dividida em três companhias ou grupos.

“Os da primeira e mais alta hierarquia são designados pelas funções que exercem nos céus. Alguns são chamados de *Serafins*, porque diante de Deus ficam como que afogueados pelo ardor da caridade. Outros são os *Querubins*, porque são um reflexo luminoso da sabedoria de Deus. Outros ainda são os *Tronos*, porque proclamam e resplandecem a grandeza de Deus.

“Os da segunda hierarquia recebem seus nomes, de acordo com as operações que lhes são atribuídas no governo geral do Universo: as *Dominações*, que atribuem aos Anjos de ordens inferiores suas missões e encargos. As *Virtudes*, que executam os prodígios solicitados pelos grandes interesses da Igreja e pelo gênero humano. As *Potências*, que protegem com sua força e vigilância as leis que regem o mundo físico e moral.

“Os da terceira hierarquia compartilham a direção das sociedades e das pessoas. São os *Principados*, encarregados pelos reinos, províncias e dioceses. Os *Arcanjos* que transmitem as mensagens de grande importância. Os *Anjos da guarda* acompanham cada um de nós, para velar por nossa segurança e santificação”.

## Contestação

**3.** O princípio geral que sobressai nesta doutrina é de que os anjos são seres puramente espirituais, anteriores e superiores à Humanidade, *criaturas privilegiadas, escolhidas para a felicidade suprema e eterna desde a formação*, dotadas pela própria natureza de todas as virtudes e todos os conhecimentos, sem nada terem feito para adquiri-los. Estão no primeiro patamar na obra da Criação. No último patamar está a vida puramente

material e entre os dois degraus está a Humanidade formada por almas, seres espirituais, inferiores aos anjos, unidos a corpos materiais.

Várias dificuldades capitais resultam deste sistema. Para começar, o que é esta vida puramente material? Trata-se da matéria bruta? Mas a matéria bruta é inanimada e não tem vida própria. Refere-se às plantas animais? Seria então uma quarta ordem na Criação? Porque não se pode negar que há mais inteligência em um animal do que em uma planta e em uma planta, mais do que em uma pedra. Quanto à alma humana, que é a transição, está unida ao corpo, que é matéria bruta. Sem a alma, o corpo não tem mais vida que um torrão de terra.

Evidentemente, falta clareza a essa divisão, que não está de acordo com a observação dos fatos. Parece a teoria dos quatro elementos, que caiu com o progresso da ciência. Admitamos, todavia, estes três termos: a criatura espiritual, a criatura humana e a criatura corporal. Este é – fala-se – o plano divino, majestoso e completo, como conviria à sabedoria eterna. Note-se que entre essas três palavras não há nenhuma ligação necessária. São três criações distintas, formadas sucessivamente. De uma a outra, há uma interrupção, enquanto que na Natureza tudo se encadeia, tudo nos mostra uma admirável lei de unidade, cujos elementos se transformam em outros, guardando um traço de união. Essa teoria é verdadeira, no sentido de que os três termos existem, evidentemente. Apenas é incompleta: é fácil demonstrar que lhe faltam pontos de contato.

4. Esses três pontos culminantes da criação – diz a Igreja – são necessários à harmonia do conjunto. Houvesse um a menos e a obra seria incompleta e não estaria mais à altura da sabedoria eterna. Entretanto, um dos dogmas fundamentais da religião diz que a Terra, os animais, as plantas, o Sol, as estrelas, a luz, foram criados e tirados do *nada* há seis mil anos. Antes, não havia nem criatura humana nem criatura corporal. Durante a eternidade passada, então, a obra divina ficou imperfeita. A criação do Universo há seis mil anos é um artigo de fé de tal forma capital que há poucos anos a Ciência era execrada porque acabava de destruir a cronologia bíblica, provando a remota antiguidade da Terra e de seus habitantes.



Entretanto, o concílio de Latrão – concílio ecumênico que transformou a lei em matéria ortodoxa, diz: *“Acreditamos firmemente que há um só verdadeiro Deus, eterno e infinito, que no começo dos tempos retirou conjuntamente do nada duas criaturas: a espiritual e a corporal”*. Por *começo dos tempos* só se pode entender a eternidade passada, porque o tempo, como o Espaço, é infinito, não tem começo nem fim. A expressão *o começo dos tempos* é uma figura que implica a ideia de uma anterioridade ilimitada. O concílio de Latrão acredita *firmemente* que as criaturas espirituais e as corporais foram formadas simultaneamente e tiradas *em conjunto* do nada, em uma época indeterminada do passado. Como fica então o texto bíblico que fixa esta criação em seis mil anos atrás? Admitindo-se que seja nessa data o começo do universo visível, certamente não é o começo do tempo. Em qual acreditar: no texto do concílio ou no da Bíblia?

5. Por outro lado, o mesmo concílio formula uma estranha proposição: *“Nossa alma, igualmente espiritual, tem como destino essencial associar-se ao corpo, formando com ele uma só pessoa”*. Se a destinação essencial da alma é estar unida ao corpo, esta união constitui seu estado normal, é seu objetivo, seu fim. Entretanto, a alma é imortal e o corpo mortal. A união com o corpo se realiza uma única vez, segundo a Igreja. Ainda que essa união durasse um século, o que seria este tempo em relação à eternidade? Mas, para muitos, essa união acontece por apenas algumas horas. Qual a utilidade para o ser dessa união efêmera? Quando, para a eternidade, por mais longa que seja a duração, ainda é um tempo imperceptível, é justo afirmar que *sua destinação é ser essencialmente ligada ao corpo*? Essa união, na realidade, é apenas um incidente, um ponto na vida da alma e não seu estado essencial.

Se a destinação da alma é estar unida a um corpo material, se por sua natureza e segundo o objetivo providencial de sua criação, essa união é necessária às manifestações de suas faculdades, é preciso concluir que sem o corpo a alma humana é um ser incompleto. Ora, para continuar o que é, por destinação, após deixar um corpo, é necessário que retome outro, o que nos conduz forçosamente à pluralidade de existências. Ou seja, à reencarnação, pela eternidade. É muito estranho que um concílio

visto como uma das luzes da Igreja tenha identificado a tal ponto o ser espiritual e o ser material, de modo que eles não possam existir separados, já que a condição essencial de sua criação é estarem unidos.

6. O quadro hierárquico dos anjos nos mostra que foram criados em diversas ordens, com atribuição de governar o mundo físico e a Humanidade. Mas, segundo a *Gênese*, o mundo físico e a Humanidade só existem há seis mil anos. Que faziam então esses anjos antes desse tempo, durante a eternidade, já que os objetos de sua ocupação não existiam? Os anjos foram criados por toda a eternidade? Provavelmente, já que servem à glorificação do Todo-Poderoso. Se Deus os criou em uma época determinada qualquer, ficou até então, isto é, durante uma eternidade, sem adoradores.

7. Após, diz o texto do concílio: *“Enquanto durar esta união tão íntima da alma com o corpo”*. Então, chega um momento em que essa união não existe mais? Esta proposição contradiz aquela de que a união com o corpo é a destinação essencial da alma.

Diz ainda: *“Suas ideias só lhe chegam pelos sentidos, pela comparação de objetos exteriores”*. Eis uma doutrina verdadeira em parte, mas não no sentido absoluto. Segundo o eminente teólogo, é uma condição inerente à natureza da alma só receber as ideias pelos sentidos. Esquece as ideias inatas, as faculdades às vezes tão transcendentais, a intuição das coisas que a criança traz ao nascer e sem ter qualquer instrução. Por quais sentidos esses jovens pastores, calculadores naturais que surpreenderam os sábios, adquiriram as ideias necessárias para a solução quase imediata dos mais complicados problemas? Pode-se dizer o mesmo de alguns músicos, pintores e linguistas precoces.

*“Os conhecimentos dos anjos não são resultado da indução e do raciocínio”*. Eles sabem porque são anjos, sem necessidade de aprender. Deus os criou assim. Ao contrário, a alma deve aprender. Se a alma só recebe as ideias por órgãos corporais, que ideias pode ter a alma de uma criança morta com poucos dias de vida, admitindo-se como a Igreja que ela não renascerá?

8. Aqui se apresenta uma questão vital: a alma adquire ideias e conhecimentos após a morte do corpo? Se, uma vez separada do corpo,

não pode adquirir mais nada, a da criança, do selvagem, do cretino, do idiota, do ignorante, permanecerá para sempre como era no momento da morte. Está condenada à nulidade, por toda a eternidade.

Se a alma adquire novos conhecimentos após a vida atual, pode progredir. Sem o progresso posterior, chega-se a consequências absurdas. Com o progresso, chega-se à negação de todos os dogmas baseados no estado estacionário: o destino irrevogável, as penas eternas etc. Se a alma progride, onde acaba o progresso? Não há qualquer razão para que não atinja o grau dos anjos ou dos puros Espíritos. Se pode chegar a esse estágio, não é preciso acreditar em seres especiais e privilegiados, isentos de qualquer trabalho, que desfrutam a felicidade eterna sem nada terem feito para conquistá-la, enquanto outros seres menos favorecidos só obtêm a suprema felicidade com longos e cruéis sofrimentos e com as mais difíceis provas. Deus pode fazer isto sem dúvida. Mas, admitindo-se o infinito de Suas perfeições, sem as quais não seria Deus, é preciso admitir que Ele não faria nada inútil, nada que desmintas a Sua soberana Justiça e Bondade.

9. *“Já que a majestade dos reis empresta seu brilho a todos seus súditos, oficiais e servidores, o que haveria de mais natural para nos dar a ideia da majestade do Rei dos reis do que esta multidão inumerável de anjos que povoam o céu da terra, o mar e os abismos, e a ideia da dignidade daqueles que permanecem sem cessar prostrados ou em pé diante de Seu trono?”*

Não é rebaixar a Divindade comparar Sua glória com o fausto dos soberanos da Terra? Essa ideia, gravada no espírito das massas ignorantes, é uma falsa opinião da verdadeira grandeza de Deus, sempre reduzido às mesquinhas proporções da Humanidade. Supor que tenha necessidade de milhões de adoradores *sem cessar prostrados ou em pé* diante de si é atribuir a Deus as fraquezas dos monarcas déspotas e orgulhosos do Oriente. O que fez os soberanos verdadeiramente grandes? É o número e o brilho de seus cortesãos? Não. É a bondade e a justiça, o título merecido de pais de seu povo. Pergunta-se: não há alguma coisa melhor para dar uma ideia da majestade de Deus do que uma multidão de anjos que compõem Sua corte? Sim, certamente: é representá-Lo soberanamente bom, justo e misericordioso para todas as Suas criaturas e não como um

Deus colérico, ciumento, vingativo, inexorável, exterminador, parcial, que cria para Sua própria glória seres privilegiados, favorecidos com todos os dons, nascidos para a eterna felicidade, enquanto obriga outros a comprarem dolorosamente sua felicidade e pune um momento de erro com uma eternidade de suplícios.

**10.** O Espiritismo professa uma doutrina infinitamente mais *espiritualista*, para não dizer *menos materialista*, para a união da alma e do corpo e tem a vantagem de estar mais de acordo com a observação e a destinação da alma. Ele nos ensina que a alma é independente do corpo. O corpo é apenas um invólucro temporário. Sua *essência é a espiritualidade, e sua vida normal é a vida espiritual*. O corpo é apenas um instrumento para o exercício de suas faculdades na relação com o mundo material. Mas, separada desse corpo, desfruta de maneira mais ampla de suas faculdades e com mais liberdade.

**11.** A união com o corpo, necessária aos primeiros desenvolvimentos, opera-se no período que se pode chamar de infância e adolescência. Assim que a alma atinge um certo grau de perfeição e de desmaterialização, a união com o corpo não é mais necessária e ela progride apenas na vida espiritual. Por mais numerosas que sejam as existências corporais, são necessariamente limitadas à vida do corpo, e a soma total do tempo, em todo caso, é uma parte imperceptível da vida espiritual, que é infinita.

## **Os anjos segundo o Espiritismo**

**12.** Não se duvida de que existam seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos. A revelação espírita confirma a crença de todos os povos, ao mesmo tempo em que explica a natureza e a origem desses seres.

As almas, ou Espíritos, são criadas simples e ignorantes, sem conhecimentos e sem consciência do bem e do mal, mas aptas a adquirir, pelo trabalho, tudo o que lhes falta. O objetivo, que é a perfeição, é o mesmo para todas e é atingido mais ou menos rapidamente, em virtude do livre-arbítrio e dos seus esforços. Todas têm os mesmos degraus a percorrer, o mesmo trabalho a fazer. Deus não faz a parte nem mais

larga nem mais fácil para uns do que para outros, porque todos são Seus filhos e, sendo justo, não tem preferência por nenhum. Ele lhes diz: *“Eis a lei que deve ser sua regra de conduta, só pode levá-los ao objetivo proposto. Tudo que está de acordo com esta lei é o bem; todo o contrário é o mal. Vocês são livres para observá-la ou transgredi-la e serão, assim, os árbitros de seus próprios destinos”*. Deus não criou o mal, todas Suas leis são para o bem. Foi o próprio homem quem criou o mal, infringindo as leis de Deus. Se as observasse escrupulosamente jamais sairia do bom caminho.

**13.** Mas a alma, como uma criança, nas primeiras fases da existência, é falível, não tem experiência. Deus não lhe dá a experiência, mas os meios para adquiri-la. Cada passo em falso em direção ao mal é um atraso para a alma, que, sofrendo-lhe as consequências, aprende por si mesma o que deve evitar. Assim, pouco a pouco se desenvolve, se aperfeiçoa e avança na hierarquia espiritual, até que chegue ao estado *puro Espírito* ou *Anjo*. Os anjos são as almas dos homens que chegaram ao grau possível de perfeição para a criatura, que gozam a plenitude da felicidade prometida. Antes de atingir o grau supremo, desfrutam de uma felicidade relativa ao seu progresso. Mas essa felicidade não está na ociosidade e sim nas funções que lhes foram confiadas pela vontade de Deus, que elas têm o prazer de cumprir, porque tais ocupações são um meio de progredir. (Ver capítulo III, “O Céu”)

**14.** A Humanidade não é limitada à Terra. Ocupa inumeráveis mundos que circulam no espaço. Ocupou os que já desapareceram e ocupará os que se formarão. Deus criou sem parar durante toda a eternidade. Muito tempo antes que a Terra existisse, por mais antiga que a suponhamos, havia em outros mundos Espíritos encarnados que percorreram as mesmas etapas que nós, Espíritos de formação mais recente, percorremos neste momento, e que chegaram ao objetivo final antes mesmo que tivéssemos saído das mãos do Criador. Por toda eternidade há então anjos ou Espíritos puros, cuja longevidade se perde no infinito do passado e por isso nos parece que sempre foram anjos.

**15.** Assim se realiza a grande lei da unidade da Criação. Deus jamais esteve inativo. Sempre houve puros Espíritos, que passaram por provas e foram esclarecidos pela transmissão das ordens divinas em todas as partes

do Universo, desde o governo dos mundos até os menores detalhes. Não há então necessidade de acreditar em seres privilegiados, isentos de encargos. Todos, velhos ou novos, conquistaram seus degraus pela luta e por mérito próprio. Todos, enfim, são os filhos de suas próprias obras. Assim realiza-se com igualdade a soberana Justiça de Deus.

# CAPÍTULO IX

## OS DEMÔNIOS

**Origem da crença nos demônios – Os demônios  
segundo a Igreja – Os demônios segundo o Espiritismo**

### **Origem da crença nos demônios**

1. Em todas as épocas, os demônios desempenharam importante papel, nas diferentes teogonias<sup>1</sup>. Embora bastante desacreditado na opinião geral, a importância que ainda hoje se atribui ao demônio tem uma certa gravidade, porque atinge fundo algumas crenças religiosas. Por isso, é importante examinar a questão e todos os seus desenvolvimentos.

A crença em um poder superior é instintiva entre os homens, sob todas as formas e em todas as eras do mundo. Mas, se ainda hoje discutem a natureza e os atributos desse poder, imagine-se quanto mais imperfeitas deveriam ser as noções sobre o assunto, na infância da Humanidade!

2. É, sem dúvida, poético, mas pouco real o quadro que nos apresenta a inocência dos povos primitivos em contemplação diante das belezas da natureza, na qual admiram a bondade do Criador.

Quanto mais o homem se aproxima do estado natural, mais é dominado pelo instinto, como se pode constatar entre os povos selvagens e

---

<sup>(1)</sup> **Nota da tradução:** Teogonia, doutrina mística sobre o nascimento dos deuses e frequentemente se relaciona com a criação do mundo. Designa também o conjunto de divindades cultuadas pelos povos politeístas.

bárbaros. Ainda hoje se preocupam exclusivamente em satisfazer suas necessidades materiais, porque não têm outros tipos de necessidade. O único sentido que lhes permite atingir as alegrias puramente morais só se desenvolve pouco a pouco, no decorrer do tempo. A alma tem também sua infância, adolescência e virilidade, como o corpo humano. Mas, para atingir a virilidade, que a torna apta a compreender as coisas abstratas, quanto desenvolvimento deve buscar na Humanidade! Quantas existências lhe serão necessárias!

Sem retrocedermos às primeiras idades, observemos à nossa volta os camponeses e perguntemos que sentimentos de admiração lhes despertam o esplendor do nascer do Sol, do céu estrelado, o canto dos passarinhos, o murmúrio das ondas claras, os campos cobertos de flores! Para eles, o Sol se levanta por hábito e lhes dá o calor necessário para amadurecer as colheitas sem queimá-las. É tudo que pedem. Se olham o céu, é para saber se vai ou não chover na manhã seguinte. O canto dos passarinhos lhes é indiferente, desde que não comam os grãos a serem colhidos. Preferem o cacarejo das galinhas e o grunhido dos porcos à melodia do rouxinol. Esperam que os riachos, claros ou lamacentos, não sequem nem inundem. Nos campos querem uma boa plantação, com ou sem flores. É tudo o que desejam e, digamos mais, tudo o que compreendem da Natureza. E, entretanto, já estão bem distantes dos homens primitivos!

**3.** Se retrocedermos aos homens primitivos, os veremos mais exclusivamente ainda preocupados com a satisfação das necessidades materiais. O que serve como provimento e o que é prejudicial se resumem para eles no bem e no mal deste mundo. Acreditam em um poder sobre humano, mas, como o que traz prejuízo material é o que mais os preocupa, atribuem esse poder, sobre o qual têm apenas uma ideia muito vaga, ao que lhes causa prejuízo. Como ainda não conseguem conceber qualquer coisa fora do mundo visível e tangível, atribuem poder a seres e coisas que lhes são prejudiciais. Assim os animais nocivos são para os primitivos os representantes naturais e diretos do poder sobre humano. Pela mesma razão, veem a personificação do bem em coisas úteis. Daí o culto a certos animais e plantas e mesmo a objetos inanimados. Mas o Homem geralmente é mais sensível ao mal do que ao bem. O bem lhe



parece natural, enquanto o mal o afeta mais. Por isso, nos cultos primitivos, são mais numerosas as cerimônias em honra ao poder do mal: o medo prevalece sobre o agradecimento.

Durante muito tempo, o homem só compreendeu o bem e o mal físicos. O sentimento de bem e mal morais representou um progresso da inteligência humana. Somente depois que o Homem pressentiu a espiritualidade é que compreendeu que o poder sobre humano estava fora do mundo visível e não nas coisas materiais. Essa compreensão foi resultado do trabalho de algumas inteligências de elite, mas que não puderam, entretanto, ultrapassar certos limites.

4. Como se via uma luta incessante entre o bem e o mal e muitas vezes o mal prevalecendo sobre o bem, não se podia racionalmente admitir que o mal fosse obra de uma força do bem. Concluiu-se que havia duas forças rivais governando o mundo. Nasceu a doutrina dos dois princípios: o do bem e o do mal. Uma doutrina lógica para aquela época, porque o Homem ainda não era capaz de conceber outra e de alcançar a essência do Ser supremo. Como poderia compreender que o mal é apenas um estado momentâneo e que os males que o afligiam poderiam levar à felicidade, ajudando no progresso? Os limites de seu horizonte moral não lhe permitiam ver qualquer coisa fora da vida presente, nem no futuro, nem no passado. O Homem não podia compreender que tinha progredido e que ainda progrediria individualmente e entendia ainda menos que os reveses da vida são o resultado da imperfeição do ser espiritual que existe nele, que é anterior e vai sobreviver ao corpo e se purifica em uma série de existências, até atingir a perfeição. Para compreender o bem que pode resultar do mal é preciso não olhar apenas para uma única existência. É preciso entender o conjunto: somente assim aparecem as verdadeiras causas e seus efeitos.

5. O duplo princípio do bem e do mal foi, durante muitos séculos e com diferentes nomes, a base de todas as crenças religiosas. Entre os persas chamavam-se *Oromase* e *Arimane*. Entre os hebreus, *Jeová* e *Satanás*. Como todo soberano deve ter ministros, todas as religiões admitiram poderes secundários ou gênios bons e maus. Os pagãos personificaram uma multidão enorme de indivíduos, a que davam o

nome geral de deuses, cada um com atribuições especiais para o bem e para o mal, para os vícios e para as virtudes. Os cristãos e os muçulmanos herdaram dos hebreus os anjos e os demônios.

6. A doutrina dos demônios tem sua origem na antiga crença nos dois princípios: o bem e o mal. Examinaremos aqui apenas o ponto de vista cristão, para ver se está de acordo com o conhecimento mais exato que se tem hoje dos atributos da Divindade.

Os atributos de Deus são o ponto de partida, a base de todas as doutrinas religiosas. Os dogmas, o culto, as cerimônias, os usos e costumes, a moral, tudo está em relação com a ideia mais ou menos justa que se faz de Deus, desde o fetichismo<sup>2</sup> até o Cristianismo. Se a essência íntima de Deus ainda é um mistério para nossa inteligência, nós a compreendemos hoje muito mais do que em qualquer outro tempo passado, graças aos ensinamentos do Cristo. O Cristianismo nos ensina, racionalmente, que *Deus é único, eterno, imutável, imaterial, Todo-Poderoso, soberanamente bom e justo, infinito em todas Suas perfeições.*

Como dissemos antes (capítulo VI, “Penas eternas”): “Sem uma mínima parcela de apenas um de Seus atributos, não seria mais Deus, porque possibilitaria a existência de algum ser mais perfeito”. Esses atributos, em sua plenitude mais absoluta, são o critério de todas as religiões, a medida da verdade de cada um dos princípios que ensinam. Para que cada um desses princípios seja verdadeiro é preciso que não arranhe nenhuma das perfeições de Deus. Vejamos se é o que ocorre com a doutrina comum sobre os demônios.

## Os demônios segundo a Igreja

7. Segundo a Igreja, *Satanás*, o chefe ou o rei dos demônios, não é uma personificação alegórica mas, sim, um *ser real*, que faz exclusivamente o mal, enquanto Deus faz exclusivamente o bem. Vamos enfocar Satanás com esta definição da Igreja.

---

<sup>(2)</sup> **Nota da tradução:** Fetichismo: podem-se explicar as crenças pela ignorância sobre as causas reais e naturais dos fenômenos. O homem chamado “primitivo” atribuía as causas dos fenômenos a objetos, que teriam um poder mágico (fetiches) ou à vontade de seres sobrenaturais. Daí derivam as superstições ainda hoje bastante comuns e generalizadas: a sexta-feira treze, o gato preto, o passar embaixo da escada, os amuletos, a ferradura, o pé de coelho e tantos outros.

Satanás é eterno como Deus ou posterior? Se é eterno, *não foi criado*, por consequência, é igual a Deus. Deus então não é único: há um Deus do bem e um deus do mal.

É posterior? Nesse caso, é uma criatura de Deus. Já que só faz o mal, que é incapaz de fazer o bem e de se arrepender, Deus criou um ser devotado eternamente ao mal. Se o mal não é obra de Deus, mas de uma de Suas criaturas predestinadas a praticá-lo, então Deus é o autor primeiro do mal e não é infinitamente bom para todos os seres maldosos chamados demônios.

8. Assim se acreditou durante muito tempo. Hoje se diz<sup>3</sup>: “Deus, que é bondade e santidade por essência, não os havia criado maus e perversos. Sua mão paternal, que se compraz em derramar sobre todas as Suas obras um reflexo das perfeições infinitas, os havia cumulado dos mais magníficos dons. Às qualidades magníficas por natureza, tinha acrescentado a generosidade da graça, criando-os semelhantes aos Espíritos sublimes que vivem na glória e na felicidade. Divididos por todas as ordens e misturados em todos os degraus tinham o mesmo fim e as mesmas destinações. Seu chefe foi o mais belo dos arcanjos. Poderiam, por eles mesmos, ter merecido a confirmação de serem justos e admitidos eternamente na felicidade dos céus. Este último favor seria o auge de todos os outros favores que já tinham recebido, seria o prêmio de sua docilidade. Mas se tornaram indignos e perderam o prêmio, em uma revolta audaciosa e insensata.

“O que foi obstáculo para sua perseverança? Que verdade ignoraram? Que ato de fé e adoração recusaram a Deus? *A Igreja e os anais da história santa não o dizem de uma maneira positiva*, mas parece que eles não concordaram nem com a mediação do Filho de Deus em seu favor nem com a exaltação da natureza humana de Jesus Cristo.

“O Verbo Divino, criador de todas as coisas, é também o único mediador e salvador, no Céu e na Terra. O fim sobrenatural só foi dado aos anjos e aos homens, na previsão de sua encarnação e de seus méritos,

---

<sup>(3)</sup> As citações seguintes são extraídas do mandamento de Monsenhor Cardeal Gousset, cardeal-arcebispo de Reims (França), para a quaresma de 1865. Em razão do mérito pessoal e da posição do autor, pode-se considerar esta doutrina como a última expressão da Igreja sobre os demônios.

porque não há proporção entre as obras dos Espíritos mais eminentes e esta recompensa, que é o próprio Deus. Nenhuma criatura teria conseguido chegar a este termo sem a intervenção maravilhosa e sublime da caridade. Ora, para completar a distância que separa a essência divina de suas obras, foi necessário reunir na criatura os dois extremos que a associou à divindade: as naturezas do anjo e do homem e ela fez a escolha pela natureza humana.

“Esse desígnio, concebido na eternidade, foi mostrado aos anjos muito tempo antes de ser realizado. O Homem-Deus lhes foi mostrado no futuro como Aquele que deveria confirmá-los na graça e introduzi-los na glória, com a condição de que o adorassem na Terra, durante Sua missão, e no Céu, por todos os séculos. Revelação inesperada, visão arrebatadora para os corações generosos e reconhecidos, mas mistério profundo, opressivo para os espíritos orgulhosos! Esse fim sobrenatural, esse peso imenso da glória que lhes foi proposto não seria então unicamente a recompensa de seus méritos pessoais! Jamais poderiam atribuir a si mesmos os títulos e os créditos dessa glória! Um mediador entre eles e Deus: que injúria para sua dignidade! Que injúria a preferência gratuita pela natureza humana! Que atentado a seus direitos! Contemplarão um dia esta Humanidade, tão inferior a eles, divinizada pela união com o Verbo e sentada à direita de Deus, em um trono resplandecente? Consentirão em oferecer-lhe suas homenagens e adorações?

“Lúcifer e um terço dos anjos sucumbiram a esses pensamentos de orgulho e inveja. São Miguel e muitos outros gritavam: ‘Quem é semelhante a Deus? Ele é o Mestre de todos seus dons e o soberano Senhor de todas as coisas. Glória a Deus e ao Cordeiro, que será imolado pela salvação do mundo!’. Mas o chefe dos rebeldes, esquecendo que devia a seu Criador a nobreza e suas prerrogativas, só ouviu a própria ousadia e disse: ‘Eu mesmo subirei ao Céu, estabalecerei minha morada acima dos astros, sentarei sobre a montanha da aliança, nos flancos do Aquilão<sup>4</sup>, dominarei as nuvens mais elevadas e serei semelhante ao Todo-Poderoso’. Em todos os graus da hierarquia houve quem partilhasse esses

---

<sup>(4)</sup> **Nota da tradução:** Aquilão designa o vento norte, a direção norte e também as nações do norte, acima do Equador. Na aceção usada no texto, seria uma referência ao vento.

sentimentos e acolheram as palavras com um murmúrio de aprovação. Mas o fato de serem uma multidão não os livrou do castigo”.

9. Esta doutrina levanta várias objeções.

1<sup>a</sup>) Se Satanás e os demônios eram anjos, eram perfeitos; como poderiam fraquejar e desconhecer a tal ponto a autoridade de Deus, em Sua presença? Ainda se poderia conceber essa ideia, se eles tivessem chegado gradualmente a esse degrau eminente, depois de terem passado pela imperfeição: poderiam ter tido um lamentável retrocesso. O que torna a coisa mais incompreensível é que nos são apresentados como tendo sido criados perfeitos. A consequência dessa teoria é que Deus quis criar seres perfeitos, já que os tinha dotado de todos os dons e se enganou. Então, segundo a Igreja, Deus não é infalível<sup>5</sup>.

2<sup>a</sup>) Já que nem a Igreja nem os anais da história santa explicam a causa da revolta dos Anjos contra Deus, que somente *parece* que foi pela recusa em reconhecer a futura missão do Cristo, que valor pode ter a descrição tão precisa e detalhada do que teria se passado? De que fontes foram extraídas palavras tão claras e até simples murmúrios, como os descritos? De duas uma: ou a cena é verdadeira ou é falsa. Se é verdadeira, sem nenhuma incerteza, por que a Igreja não fala claro sobre a questão? Se a Igreja e a história se calam, se a causa só *parece* certa, trata-se apenas de uma suposição e a descrição da cena é uma obra da imaginação<sup>6</sup>.

<sup>5</sup>) Esta doutrina monstruosa é confirmada por Moisés, quando diz (Gênesis, cap. VI, v. 6 e 7): “*Ele se arrependeu de ter criado o homem na Terra*”. E, atingido pela dor no fundo do coração, disse: “*Exterminarei da face da Terra o homem que eu criei, exterminarei tudo: desde o homem até os animais, desde os que rastejam sobre a Terra até os pássaros no céu, porque me arrependo de tê-los feito*”. Um Deus que se arrepende do que fez não é perfeito nem infalível: então não é Deus. No entanto, são estas as palavras que a Igreja proclama como santas verdades. Tampouco se vê o que havia de comum entre os animais e a perversidade dos homens, para merecerem o extermínio.

<sup>6</sup>) Encontra-se em Isaías, cap. XIV, v. 11 e seguintes: – “*Teu orgulho foi lançado no inferno, teu corpo morto caiu por terra, teu leito será a podridão e tua roupa serão os vermes. Como caíste do céu, Lúcifer, tu que parecias tão brilhante como o amanhecer do dia? Como tombaste sobre a terra, tu que desferias golpes nas nações, que dizias de coração: Eu subirei ao céu, estabelecerei minha morada acima dos astros de Deus, sentarei sobre a montanha da aliança, nos flancos do Aquilão, me colocarei acima das nuvens mais elevadas e serei semelhante ao Todo-Poderoso? E no entanto foste jogado desta glória para o inferno, até o mais profundo dos abismos. Aqueles que te verão se aproximarão e encarando-te dirão: é este homem que aterrorizou a Terra, que espalhou o terror nos reinos, que transformou o mundo em um deserto, que destruiu as cidades e que manteve em correntes seus prisioneiros?*”. Estas palavras do profeta não se referem à revolta dos Anjos e sim ao orgulho e à queda do rei da Babilônia, que mantinha os judeus em cativeiro, como mostram os últimos versículos. O rei da Babilônia é designado alegoricamente como Lúcifer, mas não há qualquer menção à cena descrita no texto citado. Tais palavras são as que o rei dizia em seu coração e se colocava, com seu orgulho, acima de Deus, cujo povo mantinha cativo. Além disso, o assunto exclusivo deste capítulo de Isaías é a profecia da libertação dos judeus, a ruína da Babilônia e a derrota dos assírios.

3º) As palavras atribuídas a Lúcifer mostram uma ignorância surpreendente, para um arcanjo que, pela própria natureza e grau de conhecimento, não poderia compartilhar dos erros e preconceitos que os homens tiveram sobre a organização do Universo, até serem esclarecidos pela Ciência. Como poderia dizer: “estabelecerei minha morada acima dos astros, dominarei as nuvens mais elevadas?” É sempre a antiga crença da Terra como o centro do Universo, de um céu com nuvens que se estendem até as estrelas, de que a região limitada das estrelas forma uma abóbada. A Astronomia já mostrou que as estrelas estão esparramadas por um espaço infinito. Como se sabe hoje as nuvens não ultrapassam duas léguas além da superfície da Terra. Para dizer que dominará as nuvens mais elevadas e falar de montanhas seria preciso que a cena acontecesse na superfície da Terra que seria a morada dos anjos. Se essa morada fosse em regiões superiores, seria bobagem dizer que ele se elevaria acima das nuvens. Dotar os anjos de uma linguagem marcada pela ignorância é admitir que os homens hoje sabem mais que os anjos. A Igreja sempre errou ao não levar em conta o progresso da Ciência.

**10.** A resposta à primeira objeção se encontra na seguinte passagem: “A Escritura e a tradição dão o nome de Céu ao lugar onde os anjos foram colocados no momento da Criação. Mas não era exatamente o Céu dos céus, o Céu da visão que causa êxtase, no qual Deus se mostra face a face com Seus eleitos, que O contemplam sem esforço e sem obstáculos, porque aí não há perigo nem possibilidade de pecar. A tentação e a fraqueza são desconhecidas, a justiça, a alegria, a paz reinam em imutável serenidade e a santidade e glória não se perdem jamais. Era então em outra região celeste, uma esfera luminosa e afortunada, onde essas nobres criaturas eram muito ajudadas pelas comunicações divinas, que deveriam receber e abraçar pela humildade da fé, antes de terem permissão para se enxergarem claramente na realidade da própria essência de Deus”.

Pode-se entender que os anjos que erraram pertenciam a uma categoria menos elevada, menos perfeita e que ainda não tinham chegado ao lugar supremo, onde o erro é impossível. Certo, mas há uma evidente contradição, porque ele disse antes que “Deus os tinha feito *em tudo semelhantes aos Espíritos sublimes*, que, distribuídos em todas suas ordens

e misturados em todas as suas categorias, tinham o mesmo fim e o mesmo destino, que seu chefe era o mais belo dos arcanjos”. Se foram criados em tudo semelhantes uns aos outros, os anjos que erraram não eram de uma natureza inferior. Se estavam misturados em todas as categorias, não estavam em um lugar especial. Então, a completa objeção ainda continua.

**11.** Há outra passagem que, sem réplica, é a mais grave e séria de todas. Diz: “Este desígnio (a mediação do Cristo), concebido *na eternidade*, foi mostrado aos anjos muito tempo antes de ser realizado”. Deus sabia então, pela eternidade, que os anjos e os homens teriam necessidade dessa mediação. Ele sabia que alguns anjos falhariam, que essa queda causaria uma condenação eterna, sem esperança de retorno. Que seriam destinados a tentar os homens e os homens que se deixassem seduzir por eles teriam o mesmo destino. Se Deus sabia, criou esses anjos com conhecimento de causa, para se perderem irrevogavelmente e com eles arrastar uma grande parte do gênero humano. Diga-se o que for, é impossível conciliar Sua criação com semelhante perspectiva e Sua soberana bondade. Se Ele não sabia, não era Todo-Poderoso. Nos dois casos, se tem a negação de dois atributos sem cuja plenitude Deus não seria Deus.

**12.** Admitindo-se que os anjos e os homens sejam falíveis, a punição é uma consequência natural e justa do erro. Mas nada desmente a bondade de Deus, admitindo-se a possibilidade do resgate pelo retorno ao bem, a volta à graça, depois do arrependimento e da expiação. Deus sabia que falhariam, que seriam punidos, mas sabia também que o castigo temporário seria um meio de fazê-los compreender o erro e tirarem proveito da situação. Assim se verificaria a palavra do profeta Ezequiel: “Deus não quer a morte do pecador, mas sua salvação”<sup>7</sup>. A inutilidade do arrependimento e a impossibilidade de retorno ao bem seriam a negação da bondade. Sob essa hipótese, é rigorosamente correto dizer que “estes anjos, desde a criação, já que Deus não podia ignorar, foram escolhidos para praticar eternamente o mal e predestinados a se tornarem *demônios* para arrastar os homens para o mal”.

---

<sup>(7)</sup> Ver o capítulo VI, número 23, citação de Ezequiel.

**13.** Vejamos agora qual o destino desses anjos e o que eles fazem.

“Mal explodiu sua revolta, na linguagem dos Espíritos, isto é, no impulso de seus pensamentos, e foram banidos irrevogavelmente da cidade celeste e jogados no abismo. Por estas palavras, entendemos que foram relegados a um lugar de suplício, onde sofrem a pena do fogo, conforme o texto do Evangelho, ditado pelo Salvador: ‘Ide, malditos, ao fogo eterno, que foi preparado para o demônio e seus anjos’. São Pedro disse claramente: “Deus os abandonou às correntes e torturas do inferno, onde não ficarão eternamente. Isso só acontecerá no fim do mundo, quando eles serão encarcerados para sempre, com os condenados. No presente, Deus ainda permite que ocupem um lugar na criação a que pertencem, na ordem das coisas a que se prendem suas existências, nas relações, enfim, que deveriam ter com o homem e das quais fazem o mais pernicioso abuso. Enquanto uns ficam em sua estadia tenebrosa, servindo de instrumento à justiça divina, *contra as almas infortunadas que seduziram*, uma infinidade de outros formam legiões invisíveis, conduzidos por seus chefes, que permanecem nas camadas de nossa atmosfera e percorrem todas as partes do globo. Misturam-se e geralmente têm parte ativa em tudo o que acontece aqui embaixo”.

No que diz respeito às palavras do Cristo sobre o suplício do fogo eterno, já falamos do assunto no capítulo IV, “O Inferno”.

**14.** De acordo com essa doutrina apenas uma parte dos demônios fica no inferno. A outra parte vaga em liberdade, envolvendo-se com tudo o que existe aqui embaixo, pelo prazer de fazer o mal, até o fim do mundo, cuja época não está determinada e provavelmente não será tão cedo. Por que então essa diferença? São menos culpados? Certamente não. A menos que eles se revezem, como parece dizer esta passagem: “Enquanto uns ficam em sua morada tenebrosa, servindo de instrumento à justiça divina, *contra as almas infortunadas que seduziram*”.

Suas funções então consistem em atormentar *as almas que seduziram*. Não estão encarregados de punir os culpados por erros cometidos livre e voluntariamente, mas aqueles que foram provocados. São, ao mesmo tempo, *a causa do erro e o instrumento do castigo*, algo que a justiça humana não admitiria, por mais imperfeita que seja: a vítima



que se abate, por fraqueza, em situações criadas para tentá-la, é punida tão severamente quanto o agente provocador, que usa a esperteza e a astúcia. É mais severo mesmo, porque deixa a Terra e vai para o inferno, para nunca mais sair, sofrendo sem trégua nem piedade durante toda a eternidade, enquanto que o causador de seu erro desfruta de prazo e liberdade até o fim do mundo! Então a justiça de Deus não é mais perfeita que a dos homens?

**15.** E não é tudo. “Deus ainda permite que ocupem um lugar na criação a que pertencem, na ordem das coisas a que se prendem suas existências, nas relações, enfim, que deveriam ter com o homem e das quais fazem o mais pernicioso abuso”. Deus poderia ignorar o abuso com que usariam a liberdade que lhes foi concedida? Ora, por que lhes dá a liberdade? Então, é com conhecimento de causa que abandona Suas criaturas à própria mercê, sabendo, por Sua onipotência, que sucumbirão e terão o destino dos demônios. Não teriam elas suficiente fraqueza própria, sem que fossem induzidas ao mal por um inimigo tanto mais perigoso quanto invisível? Ainda se o castigo fosse temporário e o culpado pudesse se resgatar pela reparação! Mas não, é condenado eternamente. O arrependimento, o retorno ao bem, os lamentos são desnecessários.

Assim, os demônios são agentes provocadores predestinados a recrutar almas para o inferno, com a permissão de Deus, que sabia, quando criou essas almas, o destino que lhes estava reservado. Que se diria, na Terra, de um juiz que agisse assim, para encher as prisões? Estranha ideia que nos dão de um Deus, cujos atributos essenciais são a soberana justiça e a soberana bondade! E é em nome de Jesus Cristo, que só pregou o amor, a caridade e o perdão, que nos ensinam semelhantes doutrinas! Houve um tempo em que tais anomalias passavam despercebidas, não se faziam sentir. O homem, curvado ao jugo do despotismo, submetia cegamente sua razão, ou melhor, abria mão de sua razão. Hoje, chegou a hora da emancipação: ele compreende a justiça e a deseja durante a vida e após a morte, dizendo: “Isto não existe, não pode ser, ou Deus não é Deus!”

**16.** “O castigo segue por toda a parte os seres decaídos e malditos, trazem o inferno dentro de si: não têm mais paz nem repouso. Mesmo

as doçuras da esperança se transformaram em odiosa amargura. A mão de Deus os cortou no ato de seu pecado e sua vontade é de permanecer no mal. Uma vez pervertidos, não querem deixar de sê-lo e o são para sempre.

“São, após o pecado, o que o homem é após a morte. *A reabilitação dos que caíram é impossível*; sua perda é daqui em diante sem retorno e eles perseveram em seu orgulho diante de Deus, seu ódio contra o Cristo e sua inveja contra a Humanidade.

“Não conseguindo se apropriar da glória do Céu, pelo impulso da ambição, se esforçam para banir o Reino de Deus e estabelecer seu império na Terra. O Verbo feito carne completou, apesar deles, Seus desígnios para a salvação e a glória da Humanidade. Os anjos decaídos usam todos os meios para arrebatam as almas que o Cristo resgatou: a astúcia e a inconveniência, a mentira e a sedução. Recorrem a tudo para levá-las ao mal e consumir-lhes a ruína.

“Com inimigos tão persistentes, pobre do Homem, sua vida, do berço ao túmulo, tem que ser uma luta perpétua, porque eles são poderosos e infatigáveis.

“Esses inimigos, na verdade, são os mesmos que, depois de introduzir o mal no mundo, vieram cobrir a Terra das espessas trevas do erro e do vício, aqueles que durante séculos se fizeram adorar como deuses e que reinaram como mestres entre os povos da Antiguidade. Aqueles, enfim, que ainda exercem seu império tirânico em regiões onde se pratica a idolatria e que fomentam a desordem e o escândalo até mesmo em sociedades cristãs.

“Para compreender todos os recursos que usam a serviço da maldade, basta assinalar que *nada perderam das prodigiosas faculdades que são características da natureza angelical*. É certo que o futuro e a ordem sobrenatural têm mistérios que só Deus conhece e que eles não podem descobrir, mas sua inteligência é bem superior à nossa, porque eles percebem com um golpe de vista os efeitos de suas causas e as causas de seus efeitos, o que lhes permite antecipar acontecimentos que escapam às nossas suposições. Têm uma agilidade que anula as distâncias entre os diferentes lugares. Mais imprevistos que um raio, mais

rápidos que o pensamento, estão quase ao mesmo tempo em diferentes pontos do globo e podem descrever de longe as coisas, no momento em que acontecem.

“Não têm domínio e não podem mudar as leis gerais com que Deus rege o Universo, por isso não podem predizer ou operar verdadeiros milagres, mas possuem, com certo limite, a arte de imitar e de disfarçar as obras divinas. Conhecem os fenômenos que resultam da combinação dos elementos e predizem com certeza tanto os que acontecem naturalmente como aqueles que eles mesmos podem produzir. Daí o grande número de oráculos, as bruxarias extraordinárias relatadas em livros profanos e sagrados e que servem de base e alimentam todas as superstições.

“Feitos de substância simples e imaterial, são invisíveis e permanecem a nosso lado sem serem percebidos, atingem nossa alma sem impressionar nossos ouvidos. Acreditamos obedecer aos nossos pensamentos, enquanto nos submetemos às suas tentações e funesta influência. Conhecem nossas disposições pelas impressões que demonstramos e nos atacam, normalmente, pelo lado fraco. Para seduzirem com mais segurança, costumam jogar iscas e sugestões que combinam com nossas inclinações. Modificam sua ação de acordo com as circunstâncias e os traços característicos de cada comportamento. Suas armas favoritas são a mentira e a hipocrisia”.

**17.** Afirmam que o castigo os segue por toda parte; não têm mais paz nem repouso. Isso não invalida de forma alguma a observação que fizemos sobre o descanso de que gozam aqueles que não estão no inferno. Um descanso tanto menos justificado pelo fato de que, estando fora do inferno, fazem um mal maior. Não são felizes como os bons Anjos, mas não vale nada a liberdade que usufruem? Se não têm a felicidade moral que se encontra na virtude, são incontestavelmente menos infelizes do que seus cúmplices, que estão nas chamas do inferno. Por outro lado, o maldoso tem uma espécie de prazer em praticar o mal com toda liberdade. Pergunte a um criminoso se é a mesma coisa estar em uma prisão ou correr pelos campos e cometer seus crimes à vontade. A posição é exatamente a mesma.

Diz-se que o remorso os persegue sem trégua nem piedade. Mas se esquece de que o remorso é o precursor imediato do arrependimento, senão o próprio arrependimento. Ora, diz-se que “uma vez pervertidos, não querem deixar de sê-lo e o são para sempre”. Desde que não queiram deixar de ser perversos, não têm qualquer remorso. Se lamentassem minimamente o que fazem, deixariam de fazer o mal e pediriam perdão. Então, o remorso não é um castigo para eles.

**18.** “São, após o pecado, o que o homem é após a morte. *A reabilitação dos que caíram é impossível*”. De onde vem essa impossibilidade? Não se compreende que seja a consequência da semelhança com o homem após a morte, uma proposição que, de resto, não é tão clara. Essa impossibilidade vem de sua própria vontade ou da vontade de Deus. Se for por vontade própria, mostra uma extrema perversidade, um endurecimento absoluto no mal. A partir daí não se compreende que seres tão essencialmente maus tenham sido *anjos de virtude* e que durante o tempo *indefinido* que passaram entre os bons não tenham deixado perceber nenhum traço de sua natureza má. Se é a vontade de Deus, compreende-se menos ainda que Ele imponha como castigo a impossibilidade de retorno ao bem, depois de um primeiro erro. Não há nada parecido no Evangelho.

**19.** “Sua perda é daqui em diante sem retorno e eles perseveram em seu orgulho diante de Deus”. Para que serviria não perseverar no orgulho, se todo arrependimento é inútil? Se tivessem alguma esperança de reabilitação, não importa a que preço, o bem teria um objetivo, enquanto que sem esperança não há qualquer objetivo. Perseveram no mal porque a porta da esperança está fechada. Por que Deus a fechou? Para se vingar da ofensa de falta de submissão. Assim, para satisfazer o ressentimento contra alguns culpados, prefere vê-los não apenas sofrer, mas fazer o mal ao invés do bem, induzir ao mal e empurrar para a perdição eterna todas as criaturas do gênero humano. Seria suficiente um simples ato de clemência para evitar um desastre tão grande previsto para toda a eternidade!

Trata-se de um ato de clemência, de uma graça pura e simples, que teria talvez encorajado à permanência no mal? Não, trata-se de perdão

condicional, subordinado a um sincero retorno ao bem. Em vez de uma palavra de esperança e misericórdia, atribui-se a Deus: *Pereça toda a raça humana, antes de minha vingança!* E ainda se admira que, com uma doutrina deste tipo, existam incrédulos e ateus! É assim que Jesus nos apresenta seu Pai? Ele, que nos mostra uma lei expressa no esquecimento e no perdão das ofensas, que nos fala em devolver o mal com o bem, que coloca o amor aos inimigos como a primeira das virtudes para merecer o Céu, queria que os homens fossem melhores, mais justos, mais indulgentes do que o próprio Deus?

## Os demônios segundo o Espiritismo

**20.** Segundo o Espiritismo, nem Anjos nem demônios são seres isolados. A criação de seres inteligentes é única. Unidos a corpos materiais, constituem a Humanidade que povoa a Terra e outras esferas. Separados do corpo, constituem o mundo espiritual ou os Espíritos, que povoam os espaços. Deus os criou com todas as condições para atingirem a perfeição, que é seu objetivo final, e a felicidade, que é a consequência da perfeição. Mas não lhes deu a perfeição. Quis que a devessem ao trabalho pessoal, que a conquistassem com mérito. A partir do instante da Criação, progridem, estejam encarnados ou em estado espiritual. Quando chegam ao apogeu, são *puros Espíritos* ou *Anjos*, segundo a denominação comum, de forma que a partir do embrião do ser inteligente até o estágio de Anjo existe uma corrente ininterrupta, em que cada elo marca um degrau para o progresso.

Assim, existem Espíritos em todos os graus de adiantamento moral e intelectual, de acordo com o degrau da escala em que estejam: embaixo, no alto ou no meio. Há, por consequência, Espíritos em todos os graus de conhecimento e de ignorância, de bondade e de maldade. Nas escalas inferiores, existem aqueles ainda profundamente inclinados e que se deleitam no mal. Podem ser chamados de *demônios*, se quiser, porque são capazes de todos os mesmos malefícios. O Espiritismo não os chama de demônios, porque a palavra dá ideia de seres diferentes da Humanidade, com uma natureza essencialmente voltada para o mal, por toda a eternidade, e incapazes de progredir em direção ao bem.

**21.** Segundo a doutrina da Igreja, os demônios foram criados bons e se tornaram maus, por desobediência, são anjos decaídos. Foram colocados por Deus no alto da escala e desceram. Segundo o Espiritismo, são espíritos imperfeitos, que melhorarão. Estão ainda embaixo na escala e subirão.

Estes, que por indolência, negligência, obstinação e má vontade, ficam mais tempo nos degraus inferiores, carregando a pena, e o hábito do mal lhes torna mais difícil a saída. Mas chega um tempo em que se cansam dessa existência penosa e dos consequentes sofrimentos, comparam a própria situação com a dos bons Espíritos e compreendem que seu interesse é o bem e procuram melhorar. Mas o fazem por vontade própria, sem serem constrangidos. *São submetidos à lei do progresso por sua aptidão para progredir, mas não progridem nada contra a própria vontade.* Deus oferece sem cessar os meios para progredir, mas eles são livres para aproveitá-los ou não. Se o progresso fosse obrigatório, eles não teriam nenhum mérito e Deus quer que tenham o mérito de suas obras. Não coloca ninguém no primeiro degrau da escala, por privilégio. O primeiro degrau está aberto a todos e chega-se a ele por próprios esforços. Os anjos mais elevados conquistaram o grau de adiantamento passando pelo mesmo caminho que os outros.

**22.** Quando chegam a um certo grau de depuração, os Espíritos têm missões de acordo com seu adiantamento, executam todas aquelas destinadas aos anjos de diferentes ordens. Como Deus criou durante toda a eternidade, sempre existiram Espíritos em número suficiente para atender às necessidades do governo do Universo. Uma única espécie de seres inteligentes, submetidos à lei do progresso, é suficiente para tudo. Esta unidade na Criação, com a ideia de que todos têm o mesmo ponto de partida, o mesmo caminho a percorrer e que se elevam pelos próprios méritos, corresponde melhor à justiça de Deus do que a criação de espécies diferentes, mais ou menos favorecidas por dons e privilégios.

**23.** A doutrina comum sobre a natureza dos anjos, dos demônios e das almas humanas, não admitindo a lei do progresso nem a existência de seres em diferentes degraus, concluiu que foram o produto de criações

especiais. Assim, chega-se a fazer de Deus um pai parcial, que dá tudo a alguns de Seus filhos enquanto impõe a outros o mais rude trabalho. Não surpreende que durante muito tempo os homens não tenham se chocado com essas preferências, porque faziam a mesma coisa com seus próprios filhos, estabelecendo direitos ao filho primogênito e privilégios de nascimento. Poderiam acreditar que faziam mais errado do que Deus? Hoje, o círculo das ideias se estendeu. Os homens veem mais claro e têm noções mais claras da justiça. Veem a justiça por si mesmos e, se não a encontram na Terra, esperam ao menos encontrá-la mais perfeita no Céu. Por isso, a razão rejeita toda doutrina em que a justiça divina não apareça na plenitude da sua clareza.





# CAPÍTULO X

## INTERVENÇÃO DOS DEMÔNIOS NAS MANIFESTAÇÕES MODERNAS

1. Os fenômenos espíritas modernos chamaram a atenção para os fatos parecidos que ocorreram em todas as épocas e sobre os quais nunca a História foi tão consultada como nos últimos tempos. Pela semelhança dos efeitos concluiu-se a unidade da causa. Como em todos os fatos extraordinários de razão não conhecida, a ignorância viu nos fenômenos espíritas uma causa sobrenatural, aumentada pela superstição. E a partir daí surgiu um grande número de lendas que, na maior parte, são um pouco de verdade e muito de mentiras.

2. As doutrinas que prevaleceram por muito tempo enfatizaram de tal forma o poder do demônio que quase fizeram os homens se esquecerem de Deus. Viam a mão de Satanás em todos os acontecimentos que ultrapassavam o limite do poder humano. As melhores coisas, as descobertas mais importantes e principalmente aquelas que poderiam tirar o homem da ignorância e alargar seu círculo de ideias foram muitas vezes encaradas como obras diabólicas. Os fenômenos espíritas, mais difundidos hoje em dia, mais bem observados à luz da razão e dos dados científicos, confirmaram, é verdade, a intervenção de inteligências ocultas.

Mas inteligências que agem sempre dentro dos limites das leis naturais e revelam, pela ação, uma nova força e leis desconhecidas até então. O problema se reduz em saber a que categoria pertencem essas inteligências.

Enquanto se teve apenas noções incertas ou sistemáticas sobre o mundo espiritual, foi possível até ignorá-lo. Hoje, depois das observações rigorosas e dos estudos experimentais que esclareceram a natureza, origem e destino dos Espíritos, seu papel no Universo e sua maneira de agir, a questão está resolvida pelos fatos. Sabe-se agora que são as mesmas almas daqueles que viveram na Terra. Sabe-se também que as diversas categorias de Espíritos bons ou maus não são seres de diferentes espécies, mas, sim, que estão em *diferentes graus de progresso*. Os Espíritos que se manifestam se apresentam das maneiras mais diversas, de acordo com o desenvolvimento intelectual e moral de cada um, o que não quer dizer que não sejam originários da mesma grande família humana, estejam eles no estágio de selvagem, bárbaro ou de homem civilizado.

**3.** Neste e em muitos outros pontos, a Igreja mantém suas velhas crenças no demônio e afirma: “Temos princípios que se mantêm por dezoito séculos e que são imutáveis”. O erro é exatamente não levar em conta o progresso das ideias e de acreditar que Deus é tão pouco sábio a ponto de não proporcionar a revelação ao desenvolvimento da inteligência e de falar aos homens primitivos e aos homens avançados com a mesma linguagem. Se, enquanto a Humanidade avança, a religião se prende aos velhos erros, tanto no aspecto espiritual quanto no científico, chega um momento em que é ultrapassada pela incredulidade.

**4.** Vejamos como a Igreja explica a intervenção exclusiva dos demônios nas manifestações modernas<sup>1</sup>:

“Na intervenção exterior, os demônios são muito atentos, para disfarçar e evitar suspeitas sobre sua presença. Sempre ardilosos e perversos, atraem os homens para suas emboscadas, antes de lhes impor as correntes da opressão e da escravidão. Aqui, despertam a curiosidade para fenômenos e jogos ingênuos; lá, causam espanto e subjagam pela atração ao maravilhoso. Se aparece o sobrenatural e os desmascara, eles se acalmam e

---

<sup>(1)</sup> As citações deste capítulo são a continuação daquelas utilizadas no capítulo anterior. Têm, portanto, a mesma fonte e a mesma autoridade.

diminuem as apreensões, atraem a confiança e provocam a familiaridade. Ora se fazem passar por divindades e bons gênios, ora tomam emprestados nomes e mesmo rostos dos mortos que são lembrados pelos vivos. Com o recurso dessas fraudes, dignas da velha serpente, eles falam e são ouvidos, dogmatizam e são acreditados, misturam algumas verdades a suas mentiras e fazem com que o erro seja aceito, sob todas as formas. É a isso que chegam as supostas revelações do além-túmulo. E é para chegar a este resultado que a madeira, a pedra, as florestas e as fontes, o santuário dos ídolos, os pés das mesas e as mãos das crianças se transformam em oráculos. É para isso que a pitonisa<sup>2</sup> profetiza em seu delírio e que o ignorante, em um misterioso sono, se transforma, de repente, em doutor da Ciência. Enganar e perverter é, por toda parte e todos os tempos, o supremo objetivo dessas estranhas manifestações.

“Os resultados dessas práticas ou atos, a maioria estranhos ou ridículos, não podem proceder de uma virtude intrínseca ou da *ordem estabelecida por Deus*, só se pode esperar que sejam manifestações de forças ocultas. Tais são, notadamente, os fenômenos extraordinários obtidos em nossos dias, por meio de procedimentos aparentemente inofensivos do magnetismo e do instrumento inteligente das mesas falantes. Entre as operações da magia moderna, vemos se reproduzirem entre nós as evocações e os oráculos, as consultas, as *curas* e os prodígios que ilustraram os templos dos ídolos e os antros das sibilas<sup>3</sup>. Como antigamente, ordena-se à madeira e ela obedece, pergunta-se e ela responde em todas as línguas e sobre todas as questões. Estamos diante de seres invisíveis que usam indevidamente o nome dos mortos e cujas supostas revelações são marcadas pela contradição e mentira. Formas ligeiras e sem consistência aparecem de repente e mostram uma força sobre-humana.

---

<sup>(2)</sup> **Nota da tradução:** Alusão à mitologia grega. Os oráculos tinham uma função muito importante na vida dos gregos antigos. Eram santuários em que um deus transmitia profecias ou conselhos por um intermediário humano. O oráculo do deus Apolo, em Delfos, na Grécia, é um dos mais famosos e conhecidos, onde havia uma sacerdotisa, a **pitonisa**, que entrava em transe, sentada em um tripé, em cima de um buraco na terra que emitia vapores misteriosos e transmitia, segundo a mitologia, os conselhos e profecias dos deuses, com palavras muitas vezes indecifráveis, que eram traduzidas pelos sacerdotes, em forma de verso.

<sup>(3)</sup> **Nota da tradução:** Sibila, entre os antigos, o mesmo que pitonisas ou bruxas.

“Quem são os agentes secretos desses fenômenos e os verdadeiros atores dessas cenas inexplicáveis? Os Anjos não aceitariam de forma alguma esses papéis indignos e não se prestariam aos caprichos de uma vã curiosidade. Deus proíbe consultar as almas dos mortos, que permanecem no lugar que lhes foi destinado pela justiça divina e não podem, sem a permissão de Deus, se intrometer entre os vivos. Os seres misteriosos que se entregam ao primeiro apelo do *herético, do ímpio e do crente*, seja do crime ou da inocência, não são os enviados de Deus nem os apóstolos da verdade e da salvação, mas os cúmplices do erro e do inferno. Apesar do cuidado que tomam em se esconder sob os nomes mais veneráveis, se traem tanto pela nulidade de suas doutrinas quanto pela baixaza de seus atos e incoerência de suas palavras. Fazem um esforço para apagar do símbolo religioso os dogmas do pecado original, da ressurreição dos corpos, da *eternidade das penas* e toda a revelação divina, a fim de anular a verdadeira aprovação às leis e de abrir todas as barreiras do vício. Se suas sugestões pudessem prevalecer, formariam uma religião cômoda, para uso do socialismo e de todos aqueles que se sentem incomodados com a noção do dever e da consciência. Os caminhos foram preparados para eles pela incredulidade do nosso século. Possam as sociedades cristãs, por um retorno sincero à fé católica, escapar ao perigo desta nova e perigosa invasão!”

5. Toda esta teoria se baseia no princípio de que os Anjos e os demônios são seres diferentes das almas dos homens. E que as almas dos homens são produto de uma criação especial, inferior mesmo aos demônios, em inteligência, conhecimentos e faculdades de todos os tipos. Conclui pela intervenção exclusiva de anjos maus nas manifestações antigas e nas modernas, atribuídas aos Espíritos dos mortos.

A possibilidade de as almas se comunicarem com os vivos é uma questão de fato, um resultado da experiência e da observação, que não discutiremos mais aqui. Mas, admitamos, por hipótese, a doutrina citada e vejamos se ela não se autodestrói por seus próprios argumentos.

6. Nas três categorias de anjos, segundo a Igreja, uma se ocupa exclusivamente do Céu; outra, do governo do Universo, e a terceira é encarregada da Terra e na qual se encontram os anjos da guarda, predestinados

à proteção de cada indivíduo. Somente uma parte dos anjos dessa categoria participou da revolta e se transformou em demônios. Se Deus lhes permitiu induzir os homens a se perderem, usando todos os tipos de sugestão e manifestações ostensivas, por que, sendo soberanamente justo e bom, teria concordado com tal enorme poder, deixando-lhes uma liberdade que usam de forma tão perniciosamente, sem permitir aos anjos bons que lhes fizessem um contrapeso, por meio de manifestações semelhantes, dirigidas para o bem? Admitamos que Deus tenha dado uma parte igual de poder aos bons e aos maus, o que já seria um favor exorbitante em favor dos maus. Os homens ao menos seriam livres para escolher. Mas lhes dar o monopólio da tentação, com a faculdade de simular e confundir-se com o bem, para seduzir com mais segurança, seria uma verdadeira armadilha, estendida à fraqueza, à inexperiência e à boa-fé. Digamos mais: seria abusar da confiança que os homens têm em Deus. A razão recusa-se a admitir uma tal particularidade em proveito do mal. Vejamos os fatos.

7. Concedem-se aos demônios faculdades transcendentais, nada perderam da natureza angelical. Possuem a sabedoria, a perspicácia, a providência, a clarividência dos anjos e mais: a astúcia, a habilidade e a esperteza em elevado grau. Seu objetivo é desviar os homens do bem e principalmente distanciá-los de Deus e arrastá-los para o inferno de que são os provedores e recrutadores.

Compreende-se que se dirijam àqueles que, por persistirem no bom caminho, os demônios perderam. Compreende-se a sedução e a simulação do bem, para atraí-los para a rede do inferno. O que não se compreende é que se dirijam àqueles que já lhes pertencem de corpo e alma, para conduzi-los a Deus e ao bem. Ora, quem está mais em suas garras do que aquele que renega e blasfema Deus, que mergulha no vício e na desordem das paixões? Já não está no caminho do inferno? Compreende-se que, seguro da posse de sua presa, a incite a rezar para Deus, a submeter-se à sua vontade, a reconhecer o mal, que exalte a delícia da vida dos bons Espíritos e pinte com horror a posição dos maus? Já se viu alguma vez um comerciante elogiar ao cliente as mercadorias do vizinho, em detrimento de suas próprias e induzi-lo a ir comprar

na casa do vizinho? Um recrutador depreciar a vida militar e elogiar o descanso da vida doméstica? Dizer aos recrutas que terão uma vida de fadigas e privações e dez chances por uma de serem mortos ou ao menos de terem os braços e as pernas amputados? É, portanto, este o papel estúpido que se atribui ao demônio, porque é um fato notório que, na sequência das instruções emanadas do mundo invisível, veem-se todos os dias incrédulos e ateus reconduzidos para Deus e aqueles que nunca rezaram, fazendo preces com fervor, pessoas viciadas trabalharem com ardor para melhorarem. Pretender que este tipo de coisa seja artimanha do demônio é se passar por um verdadeiro tolo. Ora, como nada aqui é mera suposição e sim o resultado da experiência e que contra um fato não há negações possíveis, é preciso concluir ou que o demônio é um desajeitado de primeira categoria ou que ele não tem tantas artimanhas nem é tão maligno como se pretende e, por consequência, não há muito a temer, já que ele trabalha contra seus interesses. Ou então concluir-se que todas as manifestações não são dele.

8. “Fazem com que o erro seja aceito, sob todas as formas. É a isto que chegam as supostas revelações do além-túmulo. É para chegar a esse resultado que a madeira, a pedra, as florestas e as fontes, o santuário dos ídolos, os pés das mesas, as mãos das crianças se transformam em oráculos”.

Depois disso, qual é então o valor das palavras do Evangelho: *“Derramarei meu Espírito sobre toda a carne, vossos filhos e filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos terão sonhos. Nesses dias, derramarei meu Espírito sobre meus servos e servas e eles profetizarão”*? (Atos dos Apóstolos, II:17 e 18). Não se realiza agora a profecia da mediunidade concedida a todos, mesmo às crianças? Os Apóstolos excomungaram essa faculdade? Não. Eles a anunciam como um dom de Deus e não como obra do demônio. Os teólogos de hoje sabem mais do que os Apóstolos? Não deveriam ver o dedo de Deus no cumprimento dessas palavras?

9. “Entre as operações da magia moderna, vemos se reproduzirem entre nós as evocações e os oráculos, as consultas, as curas e os prodígios que ilustraram os templos dos ídolos e os antros das sibilas.”

Onde enxergam operações de magia nas evocações espíritas? Houve um tempo em que se podia acreditar que as magias tinham sua eficácia, mas hoje são ridículas. Ninguém mais acredita e o Espiritismo as condena. Na época em que florescia a magia, tinha-se uma ideia muito imperfeita sobre a natureza dos Espíritos, que eram vistos como seres dotados de um poder sobre-humano. Só eram chamados para obter, mesmo que ao preço da própria alma, os favores da sorte e da fortuna, a descoberta de tesouros, a revelação do futuro ou meios para seduzir e encantar. A magia, com seus signos, fórmulas e operações cabalísticas, era censurada por fornecer supostos segredos para realizar prodígios, constringendo os Espíritos a se colocarem sob as ordens dos homens para satisfazer-lhes os desejos. Hoje, sabe-se que os Espíritos são as almas dos homens. São chamados apenas para que os bons deem conselhos, para moralizar os imperfeitos e para continuar as relações com aqueles que nos são queridos. Eis o que diz o Espiritismo sobre o assunto.

**10.** Não há nenhum meio de constringer um Espírito a vir, contra a própria vontade, se for seu igual ou superior em moralidade, porque você não tem nenhuma autoridade sobre ele. Se for inferior a você, você pode trazê-lo, *se for para o bem dele*, porque outros Espíritos auxiliam. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. XXV)

– A mais essencial de todas as disposições para as evocações é o recolhimento, quando se quer ter contato com Espíritos sérios. Com a *fé e o desejo do bem* se tem mais poder para evocar os Espíritos superiores. Elevando sua alma por alguns instantes de recolhimento no momento da evocação, identifica-se com os bons Espíritos e cria-se neles a disposição de virem. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. XXV)

– Nenhum objeto, medalha ou talismã, tem a propriedade de atrair ou afastar os Espíritos. A matéria não tem qualquer ação sobre eles. Nunca um bom Espírito aconselhou semelhantes absurdos. A virtude de talismãs sempre existiu apenas na imaginação dos crédulos. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. XXV)

– Não existe nenhuma fórmula sacramental para a evocação dos Espíritos. Qualquer pessoa que queira fornecer uma fórmula pode, sem medo, ser chamada de charlatã, porque as fórmulas nada significam

para os Espíritos. Entretanto, a evocação deve sempre ser realizada em nome de Deus. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. XVII)

– Os Espíritos que marcam encontros em lugares lúgubres e em horas indevidas são os que se divertem à custa de quem os escuta. É sempre inútil e muitas vezes perigoso seguir tais sugestões. Inútil, porque nada se ganha, além da mistificação. Perigoso, não pelo mal que esses Espíritos possam fazer, mas pela influência que tais fatos podem exercer em cérebros fracos. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. XXV)

– Não há dias nem horas especialmente propícios para as evocações. Isso, como tudo o que é material, é completamente indiferente para os Espíritos e seria superstição acreditar nessa influência. Os momentos mais favoráveis são aqueles em que o invocador está o menos envolvido possível com suas ocupações habituais, em que seu corpo e seu Espírito estão mais calmos. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. XXV)

– A crítica malevolente se compraz em dizer que as comunicações espíritas são cercadas das práticas ridículas e supersticiosas da magia e da nigiomancia. Se aqueles que falam do Espiritismo sem conhecer tivessem se dado ao trabalho de estudá-lo, teriam poupado muitos desgastes da imaginação ou de alegações que só servem para provar-lhes a ignorância e má vontade. Para o esclarecimento de pessoas estranhas à Ciência, diremos que para se comunicar com os Espíritos não há nem dias, nem horas nem lugares mais propícios que outros. Que para evocá-los não são necessárias fórmulas nem palavras sacramentais ou cabalísticas. Que não é necessária nenhuma preparação e nenhuma iniciação. Que o uso de gestos ou objetos materiais para atrair ou afastar os Espíritos não produz efeito, basta o pensamento. Enfim, que os médiuns recebem suas comunicações sem sair do estado normal, tão simples e naturalmente como se fossem ditadas por uma pessoa viva. Só o charlatanismo poderia adotar maneiras excêntricas e acessórios ridículos. (Ver *O que é o Espiritismo?* – cap. II, nº 49)

– Em princípio, o homem não deve conhecer o futuro, a não ser em casos raros e excepcionais em que Deus permite sua revelação. Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente e não agiria com a mesma liberdade, porque seria dominado pelo pensamento de que se



algo vai acontecer ele não tem com que se preocupar. Ou mesmo tentaria entrar o acontecimento. Deus não quis que fosse assim, para que o homem pudesse contribuir com a realização das coisas, mesmo daquelas que gostaria de evitar. Deus permite a revelação do futuro, quando este conhecimento prévio possa facilitar a realização de alguma coisa, em vez de impedi-la, induzindo a um comportamento que seria diferente, sem tal conhecimento. (Ver *O Livro dos Espíritos*, 3ª parte, cap. X)

– Os Espíritos não podem conduzir pesquisas científicas e descobertas. A ciência é obra do gênio, só pode ser adquirida pelo trabalho, porque apenas pelo trabalho o homem avança em seu caminho. Que mérito haveria em perguntar aos Espíritos para saber tudo? Assim, qualquer imbecil poderia se tornar um sábio. O mesmo se dá com as invenções e descobertas na indústria.

Quando chega o tempo de uma descoberta, os Espíritos encarregados de dirigi-la procuram um homem capaz de executá-la e lhe inspiram as ideias necessárias, de maneira a deixar-lhe todo o mérito da execução. Porque é necessário elaborar as ideias para executá-las. É assim que acontece com todos os grandes trabalhos da inteligência humana. Os Espíritos deixam cada homem em sua esfera. Não entregarão os segredos de Deus para um homem que está pronto apenas para cavar a terra, mas saberão *tirar da obscuridade* o homem capaz de desincumbir-se de seus desígnios. Não se deixem, portanto, levar pela curiosidade ou ambição, em um caminho que não é o objetivo do Espiritismo e que levaria às mais ridículas mistificações. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. XXVI)

– O Espiritismo não pode levar à descoberta de tesouros escondidos. Os Espíritos superiores não se ocupam dessas coisas, mas os zombeteiros muitas vezes indicam tesouros que não existem ou podem mostrá-los em um lugar, quando estão em outro completamente diferente. Isso tem a utilidade de mostrar que a verdadeira fortuna vem do trabalho. Se a Providência destina riquezas escondidas a alguém, esta pessoa as encontrará naturalmente; ao contrário de outras que não encontrarão. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. XXVI)

O Espiritismo, esclarecendo sobre as propriedades dos fluidos, que são os agentes e meios de ação do mundo invisível e constituem

uma das forças e um dos poderes da Natureza, nos dá a chave de uma enorme quantidade de coisas não explicadas e impossíveis de explicar por qualquer outro meio e que, em tempos passados, foram vistas como sobrenaturais. Revela também que o magnetismo é uma lei desconhecida ou pelo menos mal compreendida. Melhor dizendo: conhecem-se seus efeitos, porque se produzem o tempo todo, mas não se conhece a lei que produz estes efeitos. E a ignorância sobre esta lei faz nascer a superstição. Uma vez que se conheça a lei, o lado assombroso desaparece e os fenômenos se encaixam entre as coisas consideradas naturais. Por isso, o Espírito, ao rodar uma mesa ou interpretar os mortos, não faz um milagre maior do que o médico ao reviver um moribundo ou o físico, ao provocar um raio. Alguém que pretendesse, com a ajuda do Espiritismo, *fazer milagres* seria ou um ignorante ou um charlatão. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 1ª parte, cap. II)

Algumas pessoas têm uma ideia muito falsa a respeito das evocações: acreditam que fazem os mortos voltarem com o aspecto lúgubre do túmulo. Só em romances, em contos fantásticos sobre fantasmas ou no teatro se veem mortos ressequidos saírem de seus sepulcros, enrolados em lençóis extravagantes e estalando os ossos. O Espiritismo nunca fez milagres ou coisas parecidas nem reviveu um corpo morto. Quando o corpo está enterrado, é para sempre. Mas o ser espiritual, fluídico, inteligente, não foi enterrado com o envelope grosseiro que é o corpo. Separou-se no momento da morte e a partir daí nada mais tem a ver com aquele corpo. (Ver *O que é o Espiritismo?* – cap. II, nº 48)

**11.** Estendemo-nos sobre estas explicações, para mostrar que os princípios do Espiritismo não têm qualquer relação com os princípios da magia. Nada de Espíritos que cumprem ordens dos homens, nenhum meio para constranger os Espíritos, nenhum signo ou forma cabalística, nada de descoberta de tesouros ou de fórmulas para enriquecer, nada de milagres ou prodígios, nada de adivinhações ou aparições fantásticas. Nada, enfim, das coisas que constituem o objetivo e os elementos essenciais da magia. Ao contrário: o Espiritismo as desaprova e demonstra que são impossíveis e ineficazes. Não há, então, qualquer analogia entre o objetivo e os meios da magia e os do Espiritismo. Querer assimilá-los

é ignorância ou má-fé, porque os princípios do Espiritismo não têm nada de secreto, são formulados claramente e sem equívoco, de forma que não prevaleça o erro.

Quanto às reais curas, reconhecidas na citação que utilizamos, são um exemplo mal escolhido para deturpar as relações com os Espíritos. Tais curas são alguma coisa boa a mais e que cada um pode observar. Poucas pessoas estarão dispostas a renunciar a essas curas, com medo de serem curadas pelo diabo, principalmente depois de terem esgotado todos os outros meios. Ao contrário, muitos dirão que se o diabo os curou fez uma boa ação<sup>4</sup>.

**12.** “Quem são os agentes secretos desses fenômenos e os verdadeiros atores dessas cenas inexplicáveis? Os anjos não aceitariam de forma alguma esses papéis indignos e não se prestariam aos caprichos de uma vã curiosidade.” O autor refere-se às manifestações físicas dos Espíritos, entre as quais, algumas, evidentemente, não são de Espíritos superiores. Se trocarmos a palavra *Anjo* por *Espíritos puros* ou por *Espíritos superiores*, teremos exatamente a mesma coisa que diz o Espiritismo. Mas não se podem colocar na mesma linha de raciocínio as comunicações inteligentes, por escrito, pela fala, pela audição ou por outros meios. Essas são dignas dos bons Espíritos. São comunicações de bons Espíritos, por intermédio dos homens mais eminentes da Terra, as aparições, curas e muitas outras coisas citadas nos livros sagrados como ações de anjos e de santos. Se anjos e santos produziram fatos semelhantes no passado, por que não poderiam produzi-los atualmente? Por que os mesmos fatos seriam um milagre dos santos, se produzidos por algumas pessoas, e obra do demônio, se produzidos por outras pessoas? Sustentar semelhante tese é deixar de lado qualquer lógica.

O autor da Pastoral labora em erro quando diz que tais fenômenos são inexplicáveis. Ao contrário, estão hoje perfeitamente explicados e por isso não mais encarados como prodigiosos e sobrenaturais. Mesmo que ainda não estivessem explicados, seria mais lógico atribuir ao diabo todos os efeitos naturais que no passado não eram compreendidos e foram atribuídos à sua honra.

Por papéis indignos, é preciso entender aqueles ridículos e que consistem em fazer o mal. Não é esta a qualificação do papel dos Espíritos que fazem o bem e reconduzem os homens para Deus e para a virtude. Ora, o Espiritismo diz *expressamente* que os papéis indignos não estão de maneira alguma entre as atribuições dos Espíritos superiores, como provam os preceitos que seguem.

**13.** Reconhece-se a qualidade dos Espíritos pela linguagem: a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, sem contradições. Respira sabedoria e benevolência, modéstia e a mais pura moral. É conciso e não usa palavras inúteis. Entre os Espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos, o vazio de ideias é quase sempre compensado pelo excesso de palavras. Todo pensamento evidentemente falso, todo conceito contrário ao senso moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, todo sinal de malevolência, presunção ou arrogância, são sinais incontestáveis de inferioridade de um Espírito.

– Os Espíritos superiores só se ocupam de comunicações inteligentes, instrutivas. As manifestações físicas ou puramente materiais estão mais especialmente entre as atribuições dos Espíritos inferiores, vulgarmente chamados de *Espíritos golpeadores*<sup>5</sup>, da mesma forma que entre nós existem as habilidades que são desenvolvidas pelos saltimbancos<sup>6</sup> e não pelos sábios. *Seria absurdo pensar que os Espíritos, por menos elevados que sejam, se divirtam se exibindo e fazendo alarde.* (*O que é o Espiritismo?* – cap. II, n<sup>os</sup> 37, 38, 39, 40 e 60). Ver também: *O Livro dos Espíritos*, livro II, cap. I: “Diferentes ordens de Espíritos, escala espírita”, *O Livro dos Médiuns*, segunda parte, cap. XXIV: “Identidade dos Espíritos, Distinção entre os bons e maus Espíritos”)

Qual é o homem de boa-fé que consegue ver nestes preceitos um

(4) Ao tentar convencer aqueles que foram curados pelos Espíritos de que o foram pelo diabo, a Igreja fez com que se afastasse dela um grande número de pessoas que jamais tinham sonhado com este afastamento.

(5) **Nota da tradução:** No original, em francês: *esprits frappeurs*. A palavra *frappeur* designa, normalmente, a qualidade de quem *cunha moedas* ou *estampa tecidos*. Deriva do verbo *frapper*, que tem vários significados: *como bater, atingir, comover, acertar em cheio* etc.

(6) **Nota da tradução:** Saltimbanco designa os artistas populares que geralmente se exibem em circos ou feiras. Segundo o *dicionário Aurélio Século XXI* tem também o sentido figurado de homem sem opiniões seguras, que não merece confiança nem consideração.

papel indigno, atribuído aos Espíritos elevados? Enquanto se atribui aos demônios uma inteligência igual à dos anjos, o Espiritismo não só não confunde os Espíritos, como constata pela observação dos fatos que os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes, que têm um horizonte moral limitado, uma perspicácia estreita, uma ideia geralmente falsa e incompleta sobre as coisas e são incapazes de resolver determinadas questões, o que os coloca em uma condição de incapazes de fazer tudo o que se atribui aos demônios.

14. “Deus proíbe consultar as almas dos mortos, que permanecem no lugar que lhes foi destinado pela justiça divina e não podem, sem a permissão de Deus, se intrometer entre os vivos.”

O Espiritismo também diz que elas não podem vir sem a permissão de Deus e é ainda mais rigoroso. Diz que nenhum Espírito, bom ou mau, pode vir sem essa permissão, enquanto a Igreja atribui este poder ao demônio. E o Espiritismo vai mais longe, diz que, mesmo com essa permissão, quando vêm a chamado dos vivos, não é, em hipótese alguma, *para se colocar sob suas ordens*.

O Espírito evocado vem voluntariamente ou é constrangido a vir? *Ele obedece à vontade de Deus*, quer dizer, à lei geral que rege o Universo, julga se é conveniente vir e ainda se é de seu livre-arbítrio. O Espírito superior sempre vem, quando chamado para um objetivo útil, só se recusa a responder a pessoas pouco sérias que tratam o fato como brincadeira. (Ver *O Livro dos Médiuns*, cap. XXV)

– O Espírito evocado pode recusar o chamado e não vir? Perfeitamente, ou como ficaria seu livre-arbítrio? Vocês acham que todos os seres do Universo estão às suas ordens? Mesmo vocês se acham obrigados a atender a todos que os chamam? Quando digo que um Espírito pode se recusar a vir, me refiro *ao pedido daquele que evoca*, porque um Espírito inferior não pode ser constrangido a vir por um Espírito superior. (Ver *O Livro dos Médiuns*, cap. XXV)

Os espíritas têm tanta certeza de que não exercem nenhum poder direto sobre os Espíritos e de que nada podem conseguir sem a permissão de Deus, que quando chamam qualquer Espírito, dizem: *Peço a Deus Todo-Poderoso que permita a um bom Espírito comunicar-se comigo, peço*

*também que meu Anjo da guarda me assista e afaste os maus Espíritos. Ou então, quando se chama um Espírito determinado: Peço a Deus Todo-Poderoso que permita ao Espírito TAL comunicar-se comigo.*(Ver *O Livro dos Médiuns*, cap. XVII, nº 203)

**15.** As acusações da Igreja contra a prática de evocações não atingem o Espiritismo e sim a magia, que nada tem em comum com o Espiritismo. Aliás, são práticas que o Espiritismo condena tanto quanto a Igreja, ao mesmo tempo que não submete de maneira nenhuma os bons Espíritos a qualquer papel indigno e assume nada pedir nem nada obter sem a permissão de Deus.

Claro que mesmo no Espiritismo pode haver pessoas que abusam e jogam com as evocações, que deturpam seu objetivo providencial para submetê-lo ao interesse pessoal, que, por ignorância, imprudência, orgulho ou cobiça, se desviam dos verdadeiros princípios da Doutrina. Mas o Espiritismo sério os desaprova, como a verdadeira religião desaprova os falsos devotos e o excesso de fanatismo. Não é, pois, lógico nem justo imputar ao Espiritismo em geral os abusos que ele mesmo condena ou os erros daqueles que não o compreendem. Antes de fazer uma acusação, é preciso ver se é justa. Diremos então: a reprovação da Igreja recai sobre os charlatães, os exploradores, as práticas da magia e da bruxaria e nisto ela está certa. Quando a crítica religiosa ou cética difama os abusos e estigmatiza o charlatanismo apenas ressalta a pureza da íntegra doutrina e a ajuda, assim, a se desembaraçar dos maus lementos, o que facilita nosso trabalho. Seu erro é confundir o bem e o mal, por ignorância da maioria, e má-fé de alguns. Mas existem aqueles que fazem esta distinção que a Igreja não faz. Em todos os casos, sua crítica, apoiada por qualquer Espírito sincero até onde é dirigida ao mal, não pode atingir a Doutrina.

**16.** “Os seres misteriosos que se entregam ao primeiro apelo do *herético*, do *ímpio* e do *crente*, seja do crime ou da inocência, não são os enviados de Deus nem os apóstolos da verdade e da salvação, mas os cúmplices do erro e do inferno.”

Assim sendo, Deus não permite que os bons Espíritos venham afastar do erro e salvar da perdição eterna o herético, o ímpio e o criminoso!

Só lhes manda os cúmplices do inferno, para afundá-los ainda mais no lamaçal! Além disso, Deus só envia seres perversos para corromper a inocência! Não há então entre os anjos, estas criaturas privilegiadas de Deus, nenhum ser suficientemente compadecido para vir em socorro dessas almas perdidas? Para que servem suas brilhantes qualidades a não ser para o próprio prazer? São realmente bons se, mergulhados nas delícias da contemplação, enxergam estas almas a caminho do inferno e não procuram desviá-las? Não é esta a imagem do rico egoísta que, tendo tudo em excesso, deixa sem piedade o pobre morrer de fome em sua porta? Não é o egoísmo promovido a virtude e levado aos pés do Eterno Criador?

Vocês que se espantam que os bons Espíritos ajudem o herético e o ímpio, esquecem da palavra do Cristo: “Não é o homem são que precisa de médico”. Não veriam vocês as coisas de um ponto mais elevado do que os fariseus, em sua época? Vocês mesmos, se fossem solicitados por um descrente, se recusariam a ajudá-lo a encontrar o bom caminho? Os bons Espíritos fazem o que vocês fariam, vão aos ímpios para dizer-lhes boas palavras. Em vez de amaldiçoar as comunicações o além-túmulo, abençoem os caminhos do Senhor e admirem Sua onipotência e infinita bondade.

**17.** Dirá a Igreja que existem os Anjos da guarda. Mas se esses anjos da guarda não conseguem se fazer ouvir pela voz misteriosa da consciência ou da inspiração, por que não poderiam empregar meios que existem, mais diretos e materiais de ação, para atingir os sentidos? Já que tudo vem de Deus e nada acontece sem Sua permissão, Ele coloca então estes meios, que são Sua obra, apenas à disposição dos maus Espíritos e os recusa aos bons? Se for assim, pode-se concluir que Deus dá aos demônios mais facilidades para fazer os homens se perderem do que aos anjos da guarda para salvá-los.

Esta é boa! Segundo a Igreja, os demônios fazem o que os anjos da guarda não podem fazer. Com a ajuda das mesmas comunicações, ditas infernais, reconduzem a Deus os que O renegavam e ao bem os que estavam mergulhados no mal. Oferecem o extraordinário espetáculo de milhões de homens que acreditam em Deus pelo poder do diabo,

enquanto a Igreja foi impotente para convertê-los. Homens que jamais tinham orado, rezam hoje com fervor, graças às instruções desses mesmos demônios! Como não enxergam que esses homens antes orgulhosos, egoístas, devassos, se tornaram humildes, caridosos e menos sensuais! E dizem que é obra dos demônios! Se assim for, é preciso convir que o demônio prestou aos homens um maior serviço e os assistiu melhor que os anjos. É preciso ter uma opinião muito pobre sobre a capacidade de julgamento dos homens neste século para acreditar que eles aceitem cegamente estas ideias. Uma religião que faz de tal doutrina a sua pedra angular, que se declara enfraquecida na base se lhe tiram os demônios, o inferno, as penas eternas e o Deus sem piedade, é uma religião suicida.

**18.** Afirmam que Deus enviou Seu Cristo para salvar os homens, provando-lhes com isso o seu amor. Como se explica, entretanto, que os deixasse depois em abandono?

Sem nenhuma dúvida, Cristo é o divino Messias, enviado para ensinar aos homens a verdade e lhes mostrar o caminho da salvação. Mas contai – e somente após a sua vinda – quantos não puderam ouvir-lhe a palavra da verdade, quantos morreram e morrerão sem conhecê-la, quantos, finalmente, dos que a conhecem, a põem em prática! Por que Deus, zeloso com a saúde de Seus filhos, não mandaria outros mensageiros, para todas as partes da Terra, aos mais humildes redutos, entres os grandes e pequenos, entre os sábios e os ignorantes, entre os incrédulos e os crédulos, para ensinar a verdade àqueles que não a conhecem? Para torna-los compreensível àqueles que não compreendem, suprimindo pelo Seu ensinamento *direto e múltiplo a insuficiência da propagação do Evangelho*, e apressar, assim, a elevação ao Reino de Deus? E quando esses mensageiros chegam em falanges inumeráveis, abrindo os olhos dos cegos, convertendo os ímpios, curando os doentes, consolando os aflitos, seguindo o exemplo de Jesus! Que fazeis vós, e como os recebeis? Ah! vós os repudiam, repelis o bem que eles fazem, dizendo que são os demônios!

Esta é também a linguagem dos fariseus, diante de Jesus, porque diziam que Ele fazia o bem pelo poder do diabo. O que Jesus lhes respondeu? *“Reconheci a árvore pelos frutos: uma árvore má não pode dar bons frutos”*.



Para os fariseus os frutos de Jesus eram maus porque Jesus vinha acabar com os abusos e proclamar a liberdade que lhes arruinaria a autoridade. Se Ele tivesse vindo para afagar-lhes o orgulho, aprovar seus erros e sustentar-lhes o poder, então O teriam reconhecido como o Messias tão esperado pelos judeus. Jesus era sozinho, pobre e fraco, e eles O condenaram à morte, acreditando com isso matar Sua palavra. Mas ela era divina e sobreviveu. Entretanto, se propagou lentamente e após dezoito séculos é conhecida apenas pela décima parte do gênero humano e numerosas cisões eclodiram mesmo entre Seus discípulos. Então Deus, em Sua misericórdia, envia os Espíritos para confirmar a palavra do Cristo, completá-la, colocá-la ao alcance de todos e esparamá-la por toda a Terra. Mas os Espíritos não estão encarnados em apenas um único homem, cuja voz foi limitada. São incontáveis, vão a todas as partes e não podem ser tolhidos. Eis por que Seu ensinamento se espalha com a rapidez de um raio. Falam ao coração e à razão, por isso são compreendidos pelos mais humildes.

**19.** Dizem: “Não é indigno de mensageiros celestes transmitir instruções por um meio tão vulgar como o das mesas falantes? Não é ultrajá-los supor que se divertem com trivialidades e deixam sua brilhante morada para se pôr à disposição do primeiro que chega?”

Jesus não deixou a morada de Seu Pai para nascer em um estábulo? Onde alguém viu que o Espiritismo tenha atribuído coisas triviais a Espíritos superiores? Ao contrário, afirma que as coisas vulgares são produto de Espíritos vulgares. Mas, pela própria vulgaridade, só atiçaram as imaginações, serviram para provar a existência do mundo espiritual e mostraram que este mundo é muito diferente do que se pensava. Era o começo, era simples como tudo o que começa, mas a árvore só porque saiu de uma pequena semente não deixa de desenvolver sua folhagem. Quem acreditaria que da miserável manjedoura de Belém sairia a palavra que deveria transformar o mundo?

Sim, o Cristo é o Messias divino. Sim, Sua palavra é a verdade. Sim, a religião fundada sobre esta palavra é inabalável, mas com a condição de segui-la e de praticar os sublimes ensinamentos e de não fazer do Deus justo e bom que Ele nos fez conhecer um Deus parcial, vingativo e sem piedade.



# CAPÍTULO XI DA PROIBIÇÃO DE EVOCAR OS MORTOS

1. A Igreja não nega a realidade das manifestações. Ao contrário, admite-as totalmente, como vimos em citações anteriores, mas as atribui à intervenção exclusiva dos demônios. Alguns recorrem ao Evangelho, para proibi-las, o que é um erro, porque não há no Evangelho nenhuma palavra sobre esse assunto. O último argumento válido que utilizam é a proibição de Moisés. Vejamos, em resumo, como se refere a esse respeito o mandamento já citado em capítulos anteriores.

“Não é permitido estabelecer relações com eles (os Espíritos), seja de forma direta, seja por intermédio daqueles que os evocam e os interrogam. A lei mosaica punia com a morte estas práticas detestáveis usadas pelos gentios<sup>1</sup>. Não procureis os mágicos, está escrito no livro dos Levíticos, não façais perguntas aos adivinhos, pelo risco de se contaminarem em contato com eles”. (cap. XIX, v. 31)

“Se um homem ou uma mulher tem o espírito de píton<sup>2</sup>, que sejam mortos. Serão transformados em pedra e seu sangue cairá sobre suas cabeças” (cap. XX, v. 27). E diz o livro Deuteronômio: *“Que não haja entre vós ninguém que consulte os adivinhos ou que observe os sonhos e os presságios ou que use malefícios, sortilégios e encantamentos, ou que pratique a adivinhação ou pergunte aos mortos para saber a verdade,*

---

<sup>(1)</sup> **Nota da tradução:** O termo gentio era usado pelos hebreus, com o sentido de estrangeiro e para os cristãos designava aqueles que professavam o paganismo.

<sup>(2)</sup> **Nota da tradução:** Píton, atualmente, designa um tipo de serpente. Na Antiguidade, era o nome dado aos que se dedicavam à adivinhação.

*porque o Senhor abomina todas estas coisas e destruirá, na vossa chegada, as nações que cometem esses crimes*". (cap. XVIII, v.10, 11, 12)

2. É importante, para melhor compreensão do verdadeiro sentido das palavras de Moisés, lembrar o texto completo, um pouco resumido nesta citação:

*"Não vos afasteis de maneira alguma de vosso Deus, para procurar os mágicos e não consulteis os adivinhos, pelo risco de se contaminarem em contato com eles. Eu sou o Senhor vosso Deus"*. (Levítico, XIX:31)

*"Se um homem ou uma mulher tem o espírito de píton, que sejam mortos. Serão transformados em pedra e seu sangue recairá sobre suas cabeças"*. (Idem, cap. XX, v. 27)

*"Quando entrardes no país que o Senhor vosso Deus vos dará, cuidem-se para não serem tentados a imitar as abominações dos povos que lá estiverem – e que não se encontre ninguém entre vós que pretenda purificar seu filho ou sua filha, pelo fogo, ou que consulte os adivinhos, ou que observe os sonhos e os presságios, ou que use malefícios, sortilégios e encantamentos, ou que consulte aqueles que têm o espírito de píton e que se juntam para adivinhar ou que perguntam aos mortos para saber a verdade. – Porque o Senhor abomina todas estas coisas e destruirá todos esses povos na vossa chegada, por causa desse tipo de crime que cometeram."* (Deuteronômio, XVIII: 9, 10, 11 e 12)

3. Se a lei de Moisés deve ser tão rigorosamente observada neste ponto, deve sê-lo igualmente em todos os outros. Por que seria boa no que diz respeito às evocações e ruim em outras partes? É preciso ser consequente: se admite-se que sua lei não está mais em harmonia com nossos costumes e nossa época para algumas coisas, não há razão para que o mesmo não seja admitido no que diz respeito à proibição das evocações.

Por outro lado, é necessário se reportar aos motivos que provocaram essa proibição, que tinham sua razão de ser e que seguramente não existem mais nos dias de hoje. O legislador hebreu queria que seu povo rompesse com todos os costumes oriundos do Egito, onde usavam e abusavam das evocações, como provam as palavras de Isaías: *"O espírito do Egito se aniquilará por si mesmo e eu destruirei sua prudência. Eles consultarão seus ídolos, seus adivinhos e seus mágicos"*. (Cap. XIX, v. 3)

Além disso, os israelitas não deveriam fazer aliança com nações estrangeiras. Ora, iriam encontrar as mesmas práticas que deveriam combater nas nações em que entrariam. Moisés, por política, deve ter inspirado ao povo hebreu a aversão por todos os costumes que tivessem sido assimilados pelo contato com os egípcios. Para motivar essa aversão, era preciso apresentá-la como reprovada pelo próprio Deus. Por isso, ele disse: *“O Senhor abomina todas estas coisas e destruirá todos esses povos na vossa chegada, por causa desse tipo de crime que cometeram”*.

4. A proibição de Moisés era tanto mais justificada, na medida em que não se evocavam os mortos por respeito e afeição nem com um sentimento de piedade, mas como uma forma de adivinhação, assim como os augúrios e os presságios eram explorados pelo charlatanismo e pela superstição. Por mais que tenha feito, não conseguiu desraizar este hábito, que se tornou objeto de comércio, como atestam as seguintes passagens do mesmo profeta:

*“E quando lhes disserem: consultem os mágicos e os adivinhos, que sussuram, em seus encantamentos, respondam: ‘Cada povo não consulta seu próprio Deus? E vamos falar com os mortos sobre o que diz respeito aos vivos?’”* (Isaías, VIII:19)

*“Sou eu quem chama atenção para a falsidade dos prodígios da magia, que transformam em insensatos aqueles que se ocupam em adivinhar, que perturbam o Espírito dos sábios e que induzem à loucura, com sua vã ciência”*. (cap. XLIV, v. 25)

*“Que os adivinhos<sup>3</sup> que estudam o céu, contemplam os astros e contam os meses para fazer as previsões que querem sobre o futuro venham agora salvar vocês. – Tornaram-se palha, o fogo os devorou, não poderão livrar suas almas das chamas ardentes. Não sobrarão de suas brasas nem carvões, para se aquecer, nem fogo, diante do qual se possa sentar. – É nisso que se transformarão todas as coisas às quais se dedicaram com tanto trabalho. Desapareceram, cada um para um lado, todos os mistificadores que vocês conheceram desde a juventude e não se pode encontrar nenhum para tirá-los de seus males”*. (cap. XLVII, v. 13, 14, 15)

<sup>(3)</sup> **Nota da tradução:** No original em francês, está a palavra *augure*: pode ser traduzida em português para *augure*, que designa: “sacerdote romano que tirava presságios do canto e do voo das aves, agoureiro”.

Neste capítulo, Isaías se dirige aos babilônios, usando a figura alegórica da “*virgem filha da Babilônia<sup>4</sup>, filha dos caldeus*” (v. 1). Diz que os adivinhos não impedirão a ruína da monarquia. No capítulo seguinte, ele se dirige diretamente aos israelitas.

*“Venham aqui vocês, filhos de uma agoureira, raça de um homem adúltero e de uma prostituta. – De quem vocês riem? Contra quem abrem a boca e mostram a língua ferina? Não são vocês filhos pérfidos e bastardos, que procuram consolação em seus deuses, embaixo das árvores carregadas de folhagem e que sacrificam crianças, nas enxurradas, embaixo dos rochedos? Vocês confiaram e ofereceram sacrifícios às pedras da enxurrada; derramastes lícores em sua honra. Depois disso, é possível não se incendiar a minha indignação?”* (cap. LVII, v. 3, 4, 5, 6)

Estas palavras são inequívocas e provam claramente que naquele tempo as evocações tinham como objetivo a adivinhação da qual se fazia comércio. As evocações estavam associadas às práticas da magia e da bruxaria e eram acompanhadas de sacrifícios humanos. Moisés tinha razão de proibir estes atos e de dizer que Deus os abominava. Essas práticas supersticiosas se perpetuaram até a Idade Média, mas hoje a razão as rejeita e o Espiritismo veio para mostrar o objetivo exclusivamente moral, consolador e religioso das relações com o além-túmulo, uma vez que os espíritas não “sacrificam criancinhas e não esparramam líquidos para honrar os deuses”. Os espíritas não interrogam nem os astros nem os mortos nem os adivinhos, para conhecer o futuro que Deus sabiamente escondeu dos homens. Repudiam qualquer comércio com a faculdade de se comunicar com os Espíritos, não são movidos pela curiosidade nem pela ganância e sim por um sentimento piedoso, com o desejo único de se instruir, de progredir e de aliviar as almas sofredoras. A proibição de Moisés nada tem a ver com os espíritas. Isto é que deveria ter sido percebido por aqueles que apelam contra a prática espírita. Se tivessem aprofundado melhor o sentido das palavras

---

<sup>(4)</sup> **Nota da tradução:** Berço de algumas das civilizações mais ricas da Antiguidade, a Mesopotâmia viu surgir as primeiras grandes invenções do homem: cidades, escrita, legislação. Fica na região delimitada entre os rios Tigre e Eufrates, no sudeste da Ásia, atual território do Iraque. Os romanos designavam de Mesopotâmia a parte norte, montanhosa, e de Babilônia a parte sul, plana, onde inclusive hoje fica a cidade de Bagdá. Os sumérios ocupavam a região norte, montanhosa, e os assírios e babilônios, as planícies do sul.

bíblicas, teriam reconhecido que não existe qualquer analogia entre as coisas praticadas pelos hebreus e os princípios do Espiritismo. E mais: teriam reconhecido que o Espiritismo condena exatamente a mesma coisa que Moisés. Mas, cegos pelo desejo de encontrar um argumento contra as ideias novas, não perceberam que tais argumentos eram completamente falsos.

A atual lei civil pune os abusos que Moisés queria reprimir. Se ele sentenciou o último castigo contra os delinquentes, é porque lhe faltavam meios rigorosos para governar seu povo indisciplinado. Assim, havia muita pena de morte em sua legislação. De resto, ele não tinha grande escolha, com seus meios de repressão. Não havia prisões nem casas de correção no deserto e não era natural a seu povo ter medo das penas apenas disciplinares. Moisés não podia ter gradações de penas como existem hoje. Portanto, é um erro basear-se na severidade do castigo para julgar o grau de culpabilidade da evocação dos mortos. Seria preciso, por respeito à lei mosaica, manter a pena capital em todos os casos em que se aplicava? Por que no caso das evocações é lembrada com tanta insistência a punição com pena de morte, ao mesmo tempo em que se mantém silêncio sobre o início do capítulo, em que se proíbe *aos sacerdotes possuírem os bens da terra, de ter parte em heranças, porque o próprio Senhor é sua herança?* (Deuteronômio, XVIII:1 e 2)

5. Há duas partes distintas na lei de Moisés: a lei de Deus propriamente dita, promulgada sobre o Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes da época e ao caráter do povo. A primeira é invariável; a segunda se modifica de acordo com o tempo. Não pode passar pela cabeça das pessoas que seja possível sermos governados hoje com os mesmos meios com que eram governados os hebreus no meio do deserto. Nem mesmo os decretos de Carlos Magno<sup>5</sup> se poderiam aplicar à França do século dezenove. Quem sonharia, por exemplo, em retomar hoje este artigo da lei mosaica: *“Se um boi ferir e matar com os chifres um homem ou uma mulher, será apedrejado e não se comerá sua carne, mas seu proprietário será considerado inocente”*. (Êxodo, XXI:28 e seguintes).

Este artigo, por mais absurdo que pareça, não tinha por objetivo punir o boi e absolver seu proprietário. Pretendia simplesmente confiscar o boi, causa do acidente, para obrigar o dono a tomar conta melhor de seus animais. A perda do boi seria uma punição bastante sentida, para o dono, que era parte de um povo de pastores, a ponto de dispensar outro castigo. Esta mesma perda não deveria ser aproveitada por ninguém, porque era proibido comer a carne do boi apedrejado. Outros artigos da mesma lei estipulavam casos em que o proprietário era também responsabilizado.

Tudo tinha uma razão de ser e era previsto nos mínimos detalhes, na legislação de Moisés. Mas, tanto na forma como no conteúdo, tal legislação era adaptada às circunstâncias da época. Com certeza, se Moisés voltasse hoje para dar um código a uma nação civilizada da Europa, não seria o mesmo dos hebreus.

6. Costuma-se argumentar que todas as leis de Moisés foram editadas em nome de Deus, da mesma forma que as recebidas no Monte Sinai. Se julgarmos todos os artigos como de fonte divina, porque os Mandamentos são apenas dez? Aí está a diferença. Se todos emanam de Deus, todos são igualmente obrigatórios. Por que não observá-los? Por outro lado, por que não conservar a circuncisão a que Jesus foi submetido e a qual não aboliu? Esquecem-se de que todos os antigos legisladores disseram ter recebido as leis da divindade, para dar mais autoridade a essas leis. Moisés, mais do que qualquer outro, tinha necessidade desse recurso, por causa do caráter de seu povo. Se, apesar disso, foi tão difícil para ele se fazer obedecer, teria sido muito pior se tivesse promulgado leis em seu próprio nome.

Jesus não veio para modificar a lei mosaica e Sua lei não é o código dos cristãos? Não disse Ele: *“Vocês aprenderam que foi dito aos antigos, tal e tal coisa, e Eu vos digo tal coisa?”* Mas Ele tocou na lei do Sinai? De forma nenhuma. Ele a confirmou e Sua doutrina moral é um desenvolvimento da lei do Sinai. Ora, em nenhum lugar Ele fala da proibição de evocar os mortos. Entretanto, era uma questão muito grave, para ser omitida em Suas instruções, já que tratou de outras mais secundárias.

---

<sup>(5)</sup> **Nota da tradução:** Carlos Magno viveu no período de 768 a 814 e foi em sua época o único rei da chamada Europa cristã. Rei da França, na época chamada “Carolíngia”, foi coroado pelo Papa. Em 802, editou uma série de decretos, chamados de “capitulares” porque eram divididos em capítulos e estabeleciam novas leis.



7. Em resumo, trata-se de saber se a Igreja coloca a lei mosaica acima da lei evangélica, ou seja, se é mais judaica do que cristã. Vale mesmo observar que, entre todas as religiões, a que menos se opõe ao Espiritismo é a judaica, que nunca apela para a lei de Moisés, sobre a qual se apoiam as seitas cristãs, contra as relações com os mortos.

8. Outra contradição: se Moisés proibiu evocar os Espíritos dos mortos, é porque eles podem vir. Do contrário, a proibição seria inútil. Se podiam vir naquele tempo, podem ainda hoje. Se são os Espíritos dos mortos, não são necessariamente demônios. Além do mais, Moisés não fala em nenhum momento em demônios.

É evidente que não seria lógico apoiar-se na lei de Moisés sobre esse assunto, por um duplo motivo: ela não rege o Cristianismo nem é apropriada aos costumes atuais. Mas, supondo-se que a lei mosaica tenha toda a autoridade que alguns querem lhe conferir, mesmo assim, já vimos que não se aplica ao Espiritismo.

Moisés, é verdade, inclui a interrogação aos mortos em sua proibição, mas o faz apenas de modo secundário, como complementar às práticas de bruxaria. O verbo *interrogar*, colocado ao lado de adivinhos e agourentos, prova que entre os hebreus as evocações eram um meio de adivinhação. Ora, os espíritas não evocam os mortos para conseguir revelações ilícitas e sim para receber sábios conselhos e para levar alívio aos que sofrem. Certamente, se os hebreus só tivessem usado as comunicações com o além-túmulo com este objetivo, Moisés, longe de proibir, as teria incentivado, porque tornariam seu povo bem melhor.

9. Se alguns críticos facciosos e mal-intencionados se satisfizeram em apresentar as reuniões espíritas como se fossem assembleias de bruxas e de indivíduos que utilizam as evocações para fazer adivinhações, e mostrar os médiuns como adivinhos, se alguns charlatães misturam o nome do Espiritismo com práticas ridículas, que ele desaprova, há muita gente que conhece exatamente o caráter essencialmente moral e austero das reuniões do Espiritismo sério. A Doutrina escrita para todos protesta contra os abusos de todos os tipos, o suficiente para impedir que a calúnia recaia sobre seu mérito.

**10.** Dizem que a evocação é uma falta de respeito para com os mortos, que precisam ser respeitados. Quem diz isso? Os adversários de dois campos opostos, que se dão as mãos: *os incrédulos, que não acreditam nas Almas, e aqueles que creem, mas acham que só o demônio pode vir, elas não podem.*

Quando a evocação é feita religiosamente e com recolhimento, quando os Espíritos são chamados, não por curiosidade, mas por um sentimento de afeição e simpatia, com o sincero desejo de receber instruções e de progredir, não se tem um comportamento menos respeitoso em chamá-los após a morte do que quando eram vivos. Há outra resposta decisiva para esta objeção: os Espíritos vêm livremente e não por constrangimento, vêm mesmo espontaneamente, sem serem chamados, mostram satisfação em se comunicar com os homens e lamentam sempre o esquecimento a que, às vezes, são relegados. Se fossem perturbados em sua tranquilidade ou se sentissem descontentes com nosso chamado, eles nos diriam ou não viriam. Uma vez que são livres, vêm quando lhes convém.

**11.** Alegam outra razão: “As Almas permanecem no lugar que lhes foi destinado pela justiça divina, isto é, no inferno ou no paraíso”. Assim, se estão no inferno, não podem sair, apesar de toda a liberdade dada aos demônios. Se estão no paraíso, inteiramente dedicadas à felicidade eterna e suprema, estão muito acima dos mortais, para se preocuparem com eles e muito felizes para voltar a esta Terra e se interessar pelos parentes e amigos que deixaram. São, então, como os ricos que desviam os olhos dos pobres, com medo de perturbarem a digestão? Se fosse assim, essas almas mereceriam muito pouco a felicidade suprema, que seria o prêmio pelo egoísmo. Sobram as que estão no purgatório, mas que são sofredoras e precisam pensar antes de tudo na própria salvação. Então como nenhuma delas pode vir, em vez dessas Almas, só mesmo o diabo pode atender à evocação. Se elas não podem vir, não há por que ter medo de perturbar-lhes o repouso.

**12.** Aqui aparece uma grande dificuldade: se as Almas estão em seu estado de felicidade suprema e não podem deixar esse lugar afortunado para vir em socorro dos mortais, por que a Igreja invoca a assistência dos

santos que, mais que os anjos, devem estar em lugar da mais suprema felicidade possível? Por que diz aos fiéis para invocar os santos em casos de doenças, aflições e para se preservarem de flagelos? Por que, segundo a Igreja, os santos e a própria Virgem vêm se mostrar aos homens e fazer milagres? Eles deixam o Céu para virem à Terra. Se aqueles que estão no mais alto dos céus podem deixá-lo, por que os que estão menos elevados não poderiam?

**13.** Pode-se entender que os incrédulos negam a manifestação das Almas, porque não acreditam em sua existência. Mas é estranho ver aqueles que acreditam na existência e no futuro das Almas *se obstinarem contra os meios de provar que elas existem e se esforçarem para demonstrar que tais meios são impossíveis*. Seria mais natural que aqueles que têm interesse em provar a existência da Alma recebessem com alegria e como um benefício da Providência os meios para desmascarar, com provas irrefutáveis, os que negam a Alma, porque negam a religião. Lamentam sem parar a incredulidade que leva à evasão e dizima o rebanho de fiéis e, quando aparece o meio de combatê-la, rejeitam-no com mais obstinação do que os próprios incrédulos. Depois, quando as provas ultrapassam qualquer limite da dúvida, recorrem à proibição da evocação das almas, como um argumento supremo. E para justificar essa proibição vão buscar um artigo da lei de Moisés, com o qual ninguém nem sonhava mais e querem, por toda força, impingir uma aplicação que já não tem razão de ser. Ficam tão felizes com a descoberta de tal artigo, que nem percebem que este mesmo artigo justifica a Doutrina Espírita.

**14.** Nenhum dos motivos alegados contra a relação com os Espíritos resiste a um exame mais sério. Pelo tipo de ataque que fazem, pode-se deduzir, entretanto, que esta questão desperta bastante interesse. Caso contrário, não atacariam com tanta insistência. Ao ver essa verdadeira cruzada de todos os cultos contra as manifestações dos Espíritos pode-se dizer que *eles têm medo*. O verdadeiro motivo bem poderia ser o receio de que os Espíritos, bastante clarividentes, viessem esclarecer os homens em pontos que interessa à Igreja manter obscuros, dando conhecimento justo sobre o que é o outro mundo e as verdadeiras condições *para, lá, ser feliz ou infeliz*. É pela mesma razão que se diz a uma criança: “Não

vá lá, porque tem lobisomem”. Aos homens dizem: “Não chamem os Espíritos: é o diabo”. Mas as coisas se arranjam: proibem os homens de chamar os Espíritos, mas não impedem os Espíritos de virem até os homens, para mostrar a verdade<sup>6</sup>.

O culto que estiver com a verdade absoluta não deverá temer a luz, porque a luz ressaltará a verdade e o demônio não prevalecerá à verdade.

**15.** Rejeitar as comunicações do além-túmulo é recusar um forte meio de instrução que por si mesmo é uma iniciação à vida futura, e é recusar os exemplos recebidos por meio dessas comunicações. Por outro lado, a experiência nos mostra o bem que se pode fazer, desviando do mal os espíritos imperfeitos, ajudando os que sofrem a se afastar da matéria e a progredir. Proibir as evocações é privar Almas infelizes da assistência que podemos dar. As palavras que seguem resumem admiravelmente as consequências da evocação praticada com objetivo caridoso:

“Cada Espírito sofredor e desolado contará a causa de sua queda, as práticas em que falharam. Falará de suas esperanças, suas lutas, seus medos. Falará sobre seus arrependimentos, suas dores, seus desesperos. Mostrará Deus, justamente irritado, punindo o culpado com toda a severidade de Sua justiça. Ao ouvi-lo, vocês serão tocados pela compaixão por ele e pelo medo por vocês mesmos. Prestando atenção a suas queixas, vocês verão um Deus que não o perde de vista, que espera o pecador arrependido, estendendo-lhe o braço assim que ele tenta melhorar. Verão os progressos do culpado, para os quais vocês tiveram a felicidade e a glória de contribuir. Vocês os acompanharão com cuidado, como um cirurgião segue o progresso da ferida de que cuida diariamente”. (Bordeaux, 1861)

---

<sup>6</sup> **Nota da tradução:** No original: “ôter la lampe de dessous le boisseau” literalmente seria: “retirar a lâmpada debaixo do candeeiro”. A expressão, em francês: “mettre la lampe de dessous le boisseau”, literalmente “colocar a lâmpada embaixo do candeeiro” tem o sentido figurado de “esconder a verdade”.

SEGUNDA  
PARTE  
EXEMPLOS



# CAPÍTULO I

## A PASSAGEM

**1.** A confiança na vida futura não elimina a apreensão com a passagem desta para a outra vida. Muitos não temem a morte em si e sim o momento da transição. O que preocupa é: as pessoas sofrem ou não durante a travessia? Preocupação muito justa, já que ninguém escapa da passagem. Pode-se até desistir de fazer uma viagem na Terra, mas diante da morte, nem ricos nem pobres podem tomar a decisão de não ir. Se a ida é dolorosa, nem posição social nem fortuna servem para amenizar a amargura.

**2.** Ao observar a calma com que transcorrem certas mortes e as terríveis convulsões de agonia que acontecem em outras, já se percebe que as sensações não são sempre as mesmas para todos. Quem pode ensinar algo sobre isso? Quem descreverá o fenômeno psicológico da separação entre a alma e o corpo? Quem nos falará sobre as impressões deste instante supremo? Sobre esta questão calam-se a Ciência e a Religião. Por quê? Porque falta tanto a uma como a outra o conhecimento das leis que regem as relações entre o Espírito e a matéria. Uma cessa no limite da vida espiritual e a outra, no limite da vida material. O Espiritismo é o traço de união entre as duas, seja pelas noções mais positivas que dá sobre a natureza da alma, seja pelo relato daqueles que já deixaram a vida. O conhecimento do laço fluídico que une a alma e o corpo é a chave deste e de muitos outros fenômenos.

**3.** A matéria inerte é insensível, isto é um fato comprovado. Somente a alma sente as sensações de prazer e de dor. Durante a vida, toda a

desagregação da matéria repercute na alma, que recebe uma impressão mais ou menos dolorosa. É a alma que sofre e não o corpo. O corpo é apenas o instrumento da dor enquanto a alma é o paciente. Após a morte, o corpo, separado da alma, pode ser mutilado e não sentirá nada. A alma, isolada, não recebe nenhum prejuízo pela desorganização do corpo. Tem sensações próprias cuja fonte não está na matéria palpável. O perispírito é o envoltório da alma do qual ela não se separa nem antes nem depois da morte. Alma e perispírito formam uma única entidade e não se pode conceber uma sem o outro. Durante a vida, o fluido perispiritual adentra todas as partes do corpo e serve para a alma como veículo das sensações físicas. E funciona do mesmo jeito para a alma. É o veículo pelo qual a alma age sobre o corpo e dirige seus movimentos.

4. A extinção da vida orgânica leva à separação da alma e do corpo pela ruptura do laço fluídico que os uniu. Esta separação nunca é violenta. O fluido perispiritual desprende-se pouco a pouco de todos os órgãos, de forma que a separação só é completa e absoluta quando não resta mais nem um único átomo do perispírito unido a uma única molécula do corpo. “A sensação dolorosa que a alma sente neste momento é proporcional à soma dos pontos de contato que existem entre o corpo e o perispírito e à maior ou menor dificuldade e lentidão com que se processa a separação.” Então, não adianta ignorar o fato de que, dependendo das circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. São estas diferentes circunstâncias que passaremos a examinar.

5. Estabeleçamos, como princípio, os quatro casos seguintes, que podem ser considerados situações extremas, entre os quais há uma gama enorme de variantes:

1ª) Se, no momento da extinção da vida orgânica, a separação do perispírito estiver completa, a alma nada sentirá.

2ª) Se, nesse momento, a ligação dos dois elementos estiver muito forte, haverá uma separação brutal, muito dolorosa para a alma.

3ª) Se a ligação estiver fraca, a separação será fácil e ocorrerá sem trauma.

4ª) Se, depois do fim completo da vida orgânica, ainda existirem vários pontos de contato entre o corpo e o perispírito, a alma poderá



sofrer os efeitos da decomposição do corpo, até que o laço seja completamente rompido.

Portanto, o sofrimento que acompanha a morte está subordinado à força de aderência que une o corpo e o perispírito. Tudo o que pode ajudar a diminuir esta força e a apressar a separação torna a passagem menos penosa. Enfim, se a separação acontece sem dificuldade, a alma não sofre nenhuma sensação desagradável.

6. Na passagem da vida corporal para a espiritual, produz-se ainda outro fenômeno de importância capital: a confusão. Nesse momento, a alma tem um entorpecimento, que paralisa momentaneamente suas faculdades e neutraliza, pelo menos em parte, as sensações. Fica em uma espécie de estado de catalepsia, de modo que quase nunca acompanha, consciente, o último suspiro. Dizemos *quase nunca*, porque há casos em que ela pode estar consciente, como veremos logo mais. A confusão pode ser considerada como um estado normal, no instante da morte, e sua duração é indeterminada: varia de algumas horas a alguns anos. À medida que a confusão se dissipa, a alma se encontra na situação de um homem que acorda de um sono profundo. As ideias estão confusas, vagas e incertas. Enxerga como que através de um nevoeiro. De acordo com a pessoa, pouco a pouco a vista clareia, volta a memória. Para uns, a volta é calma, dá uma sensação deliciosa e se reencontram. Para outros, esse despertar é bem diferente, cheio de terror e ansiedade, produz o efeito de um terrível pesadelo.

7. O momento do último suspiro não é o mais penoso porque normalmente é o instante em que a alma não está consciente. Mas, antes, ela sofre a desagregação da matéria, durante as convulsões da agonia, e depois sofre as angústias da confusão. Digamos logo que esse estado não é geral. A intensidade e a duração do sofrimento são, como dissemos, proporcionais à afinidade que existe entre o corpo e o perispírito. Quanto maior a afinidade, maiores, mais longos e penosos serão os esforços do Espírito para se desembaraçar de seus laços. Mas há pessoas em que a ligação é tão fraca, que a separação ocorre naturalmente. O Espírito se separa do corpo como um fruto maduro se solta do galho. É o caso das mortes calmas e do despertar tranquilo.

**8.** O estado moral da alma é a causa principal que influi sobre a menor ou maior facilidade do desligamento. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego do Espírito à matéria. Esse apego atinge o máximo grau entre os homens que concentram suas preocupações na vida e prazeres materiais. E é mínimo entre aqueles que têm uma alma pura, identificada, por antecipação, à vida espiritual. Já que a lentidão e a dificuldade de separação são proporcionais ao grau de purificação e de imaterialidade da alma, depende de cada um tornar a passagem mais ou menos fácil ou penosa, agradável ou dolorosa.

A partir deste fato, com a fé como teoria e resultado de observação, resta-nos examinar a influência do tipo de morte sobre as sensações da alma, no último momento.

**9.** Na morte natural, que resulta da extinção das forças vitais pela idade ou pela doença, a separação se opera gradualmente. Entre os homens de alma não materialista, cujos pensamentos estão distantes das coisas terrenas, o desligamento é quase completo antes da morte real. O corpo ainda vive a vida orgânica, mas a alma já entrou na vida espiritual e mantém com o corpo um laço tão frágil, que se rompe sem dor à última batida do coração. Nesta situação, o Espírito pode já ter recobrado sua lucidez e ser testemunha consciente da extinção da vida de seu corpo, do qual ele está feliz de se livrar. Para este Espírito, a confusão quase não existe. Tem apenas um momento de um sono tranquilo e acorda com uma indescritível sensação de felicidade e de esperança.

Para o homem materialista e sensual, que viveu mais para o corpo do que para o Espírito, para quem a vida espiritual nunca importou nem mesmo em pensamento, tudo contribuiu para estreitar os laços que o prendem à matéria. Nada relaxou estes laços durante a vida. Ao se aproximar a morte, o desligamento também é gradativo, mas com esforço contínuo. As convulsões da agonia são o sinal da luta que às vezes o Espírito trava para romper os laços que o prendem e outras vezes ele se agarra ao corpo do qual uma força irresistível o arrebatava com violência, molécula por molécula.

**10.** O Espírito prende-se de tal forma à vida corporal, que nada enxerga, além dela. Sente que ela escapa e quer retê-la. Em vez de se

deixar levar pelo movimento que o conduz, resiste com todas as forças. Pode, assim, prolongar a luta por muitos dias, semanas e meses inteiros. Sem dúvida, nesse momento o Espírito não está completamente lúcido. A confusão começou muito tempo antes da morte. A incerteza sobre o que acontecerá aumenta suas angústias. A morte chega e nada acaba. A confusão continua, ele se sente vivo, mas não sabe se na vida material ou espiritual. Luta ainda até que os últimos laços do perispírito se rompem. A morte pôs um fim a uma doença efetiva, mas ele não parou de sentir suas sequelas. Enquanto houve pontos de contato entre o corpo e o perispírito, o Espírito se sentiu ferido e sofrendo.

**11.** É muito diferente a posição do Espírito não materialista, mesmo diante das mais cruéis doenças. Os laços fluídicos que o unem ao corpo são muito fracos e se rompem sem qualquer trauma. Depois, a confiança no futuro, que ele já tinha adquirido pelo pensamento e muitas vezes até pela própria realidade, o faz encarar a morte como uma libertação e seus males como uma prova. Em tal situação, experimenta uma calma moral e uma resignação que aliviam seu sofrimento. Com os laços rompidos no mesmo instante da morte, o Espírito não tem nenhuma reação dolorosa. Desperta sentindo-se livre, disposto, aliviado de um grande peso e bem feliz por ter parado de sofrer.

**12.** Nos casos de morte violenta, as condições não são exatamente as mesmas. Nenhuma desagregação parcial pôde iniciar antes a separação entre o corpo e o perispírito. A vida orgânica, com toda sua força, parou subitamente e a separação do perispírito só começa depois da morte. E, nesse caso, como nos outros, esta separação não pode acontecer instantaneamente. O Espírito foi apanhado de forma inesperada, está meio aturdido, pensa e se acredita ainda vivo. Essa impressão permanece até que ele se dê conta de sua posição. Esse estado intermediário entre a vida corporal e a espiritual é um dos mais interessantes para ser estudado, porque apresenta a singular situação de um Espírito que confunde seu corpo fluídico com o corpo material e sente todas as sensações da vida orgânica. Essa situação mostra uma infinidade de sutis diferenças entre os Espíritos, de acordo com o caráter, os conhecimentos e o grau de progresso moral. É um período de curta duração, para aqueles que

têm a alma purificada, porque tinham um afastamento antecipado que a morte, mesmo súbita, só apressou. Para outros, a situação pode se prolongar durante anos. Esse estado é muito frequente, mesmo em casos de mortes comuns, conforme as qualidades dos Espíritos. Não significa nada de penoso para alguns e é uma situação terrível para outros. Se o corpo está preso ao perispírito por todas as suas fibras, a alma sente todas as convulsões e experimenta sofrimentos atrozes.

**13.** Pode-se resumir o estado do Espírito no momento da morte da seguinte maneira: quanto mais lento é o desligamento do perispírito, mais sofre o Espírito. A rapidez da separação é proporcional ao progresso moral. Para o Espírito não materialista, que tem a consciência pura, a morte é um sono rápido, sem qualquer sofrimento, e o despertar é muito suave.

**14.** Para trabalhar pela própria depuração, reprimir as más tendências, vencer as paixões, *é preciso ver neste trabalho vantagens para o futuro.* Para se identificar e dirigir as aspirações à vida futura, preferi-la à vida terrestre, é necessário não apenas acreditar, mas também compreender este futuro. É preciso representá-lo sob uma forma que satisfaça a razão, que esteja de acordo com a lógica, o bom senso e a ideia que se faz da grandeza, da bondade e da justiça de Deus. Nesse aspecto, o Espiritismo é o que mais influência exerce, entre todas as doutrinas filosóficas, respaldado na fé inquebrantável que propicia.

O espírita *sério* não se limita a acreditar. *Acredita porque compreende.* Compreende porque a Doutrina toca seu raciocínio. A vida futura é uma realidade que se mostra continuamente diante de seus olhos. Pode-se dizer que ele a vê, a toca, o tempo todo. A dúvida não tem como atingir sua alma. A vida corporal tão limitada se apaga diante da vida espiritual, que é a verdadeira vida. Por isso, o pouco caso que mostra diante dos incidentes do caminho e sua resignação diante das contingências da vida, cuja causa e utilidade ele compreende bem. Sua alma eleva-se por meio das relações diretas que mantém com o mundo invisível. Os laços fluídicos que o ligam à matéria se enfraquecem e assim se processa um primeiro desligamento parcial, que facilita a passagem desta para a outra vida. A confusão inseparável da transição dura pouco, porque tão

logo se resolve a mudança, ele se reconhece, nada lhe é estranho e ele se dá conta da própria situação.

**15.** O Espiritismo não é seguramente indispensável a este resultado. Também não tem a pretensão de, sozinho, garantir a salvação da alma. Mas, facilita, com os conhecimentos que proporciona, os sentimentos que inspira e as disposições em que coloca o Espírito, fazendo-o compreender a necessidade de melhorar. Por outro lado, o Espiritismo oferece também a cada um os meios que lhe facilitam desprender-se dos *outros espíritos*, no momento em que deixa seu invólucro terreno, e de abreviar o tempo da confusão pela prece e evocação. A prece sincera, que é uma magnetização espiritual, provoca uma desagregação mais rápida do fluido perispiritual. A evocação, conduzida com sabedoria e prudência e com palavras de benevolência e estímulo, tira o Espírito do entorpecimento em que se encontra e o ajuda a se reconhecer mais cedo. Se ele está sofrendo, incita-o ao arrendimento que só pode abreviar os sofrimentos<sup>1</sup>.

---

<sup>(1)</sup> Os exemplos que apresentaremos mostram Espíritos nas mais diferentes fases de felicidade e de infelicidade da vida espiritual. Não buscamos tais exemplos em personagens mais ou menos ilustres da Antiguidade, cuja posição pôde mudar consideravelmente, depois da existência em que os conhecemos e, portanto, não ofereceriam provas suficientes de autenticidade. Nós os extraímos em circunstâncias comuns da vida contemporânea, em que cada um pode encontrar o máximo de assimilação e de que se pode tirar as instruções mais proveitosas para a comparação. Quanto mais a existência terrena dos Espíritos é próxima da nossa, pela posição social, relações ou laços de parentesco, mais eles nos interessam e é mais fácil certificar sua identidade. As posições comuns são as mais numerosas, por isso cada um pode se identificar mais facilmente. As posições excepcionais tocam menos porque saem da esfera de nossos costumes. Não são, portanto, as sumidades que procuramos. Se nesses exemplos se encontram algumas individualidades conhecidas, a maior parte é completamente obscura. Nomes de grande repercussão não acrescentariam nada à instrução e poderiam ferir suscetibilidades. Não nos dirigimos nem aos curiosos nem aos que gostam de escândalos, mas aos que querem seriamente se instruir. Esses exemplos poderiam se multiplicar infinitamente, mas, forçados a limitar-lhes o número, escolhemos aqueles que poderiam clarear mais a ideia sobre o mundo espiritual, seja pela posição do Espírito, seja pelas explicações que deram. A maior parte dos exemplos é inédita. Apenas alguns já foram publicados na *Revista Espírita*. Suprimimos os detalhes supérfluos e só conservamos as partes essenciais para o objetivo a que nos propusemos aqui e juntamos aos exemplos as instruções complementares possíveis de serem acrescentadas posteriormente.



# CAPÍTULO II

## ESPÍRITOS FELIZES

### **Sanson**

O Sr. Sanson, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, faleceu em 21 de abril de 1862, depois de um ano de cruéis sofrimentos. Prevendo seu fim, endereçou ao presidente da Sociedade a seguinte carta:

“Em caso de surpresa pela separação entre minha alma e meu corpo, tenho a honra de lembrá-lo de um pedido que já fiz, há cerca de um ano: evocar meu Espírito o mais imediatamente possível e com a frequência que o senhor julgar adequada, a fim de que eu, membro bastante inútil de nossa Sociedade, durante minha presença na Terra, possa servir a alguma coisa, quando estiver no além-túmulo, fornecendo os meios para estudar, nas evocações, cada fase das diversas circunstâncias que acontecem no período logo após o que normalmente chamamos de morte, mas que, para nós, espíritas, é apenas uma transformação, sempre útil ao objetivo proposto, segundo os desígnios insondáveis de Deus.

“Além desse pedido, que é uma autorização para me honrarem com uma espécie de autópsia espiritual, sugiro que poderá ser inútil a evocação, por causa de meu pequeno avanço como Espírito. Neste caso, sua sabedoria o levará a fazer apenas algumas tentativas. Ouso pedir pessoalmente ao senhor e a todos meus colegas que supliquem ao Todo-Poderoso permitir aos bons Espíritos que me assistam com seus

conselhos benevolentes, e em particular a São Luís, nosso presidente espiritual, que me guie na escolha e na época de uma reencarnação, o que me preocupa muito. Tenho medo de me enganar sobre minhas forças espirituais e de pedir a Deus, muito cedo e com muita presunção, um novo corpo, com o qual eu poderia justificar a bondade divina e que, em vez de servir ao meu avanço, prolongasse minha permanência na Terra ou em outro lugar, se eu fracassasse”.

Para atender seu desejo de ser evocado o mais cedo possível, após a morte, fomos ao local do velório, com alguns membros da Sociedade e, na presença do corpo, a seguinte entrevista aconteceu uma hora antes do enterro. Tínhamos um duplo objetivo: cumprir sua última vontade e observar mais uma vez a situação da alma em um momento tão próximo da morte, no caso de um homem eminentemente inteligente e esclarecido e profundo conhecedor das verdades espirituais. Queríamos constatar a influência desses conhecimentos sobre o estado do Espírito, para apreender suas primeiras impressões. Nossa expectativa não foi frustrada. O Sr. Sanson, por causa da elevação do Espírito, descreveu com perfeita lucidez o instante da transição, se viu morrer e se viu renascer, um fato pouco comum.

## I

### (Local do velório, 23 de abril de 1862.)

1 – *Evocação:* Venho atender a seu apelo e cumprir minha promessa.

2 – Meu caro senhor Sanson, cumprimos nosso dever e temos a satisfação de evocá-lo o mais cedo possível, após sua morte, como era seu desejo.

R – É uma graça especial de Deus, que permite a meu Espírito poder se comunicar. Agradeço a boa vontade dos senhores, mas *estou fraco e confuso*.

3 – O senhor estava sofrendo tanto, que podemos perguntar-lhe como está se sentindo. O senhor ainda sente dores? Qual a sensação agora, comparada com o que o senhor sentia há dois dias?

R – Minha situação é bem melhor, porque sinto muito menos



minhas velhas dores. Estou regenerado, me sentindo novo, como vocês costumam dizer. A transição da vida terrestre para a vida espiritual, de início, deixou todas as coisas incompreensíveis para mim, porque ficamos vários dias sem recobrar a lucidez. Mas antes de morrer eu tinha pedido a Deus que me permitisse falar com aqueles que amo e Deus me ouviu.

4 – Depois de quanto tempo o senhor recobrou a lucidez?

R – Depois de oito horas. Deus, repito, me deu um sinal de Sua bondade, me julgou suficientemente digno e eu não saberia nunca agradecer-Lhe o suficiente.

5 – O senhor está bem certo de que não está mais no nosso mundo, já constatou esse fato?

R – Claro! Eu não estou mais no seu mundo, mas estarei sempre ao lado de vocês, para protegê-los e apoiá-los, para pregar a caridade e abnegação que guiaram minha vida. Depois, ensinarei a fé verdadeira, a fé espírita, que deve ressaltar a crença do justo e do bom. Eu estou forte, muito forte. Os senhores não reconheceriam mais o velhinho doente, obrigado a deixar de lado todo o prazer e alegria. Eu sou Espírito, minha pátria é o espaço e meu futuro é Deus, que resplandece na imensidão. Gostaria de poder falar a meus filhos, porque lhes ensinaria aquilo que eles sempre tiveram má vontade para acreditar.

6 – O que o senhor sente vendo seu corpo aqui do lado?

R – Meu corpo, pobre e ínfimo despojo, você deve ir para o pó, e eu guardo boa lembrança de todos os que me estimaram. Olho esta pobre carne deformada, moradia de meu Espírito, prova de tantos anos! Obrigado, meu pobre corpo! Você purificou meu Espírito e o sofrimento dez vezes santo me deu um lugar bem merecido, já que consigo falar com vocês imediatamente.

7 – O senhor manteve seus pensamentos até o último momento?

R – Sim, meu Espírito conservou suas faculdades. Eu não via mais, mas pressentia. Toda a minha vida se desenrolou na lembrança e meu último pensamento, meu último pedido foi poder falar com os senhores, o que estou fazendo agora. Depois, pedi a Deus que os protegesse, para que se cumprisse o último sonho de minha vida.

8 – O senhor teve consciência do momento em que seu corpo deu o último suspiro? O que aconteceu neste instante? O que o senhor sentiu?

R – A vida se interrompe e a vista, ou melhor, a vista do Espírito se extingue. Encontra-se o vazio, o desconhecido e, levado por não sei que tipo de encanto, a gente se encontra em um mundo de alegria e grandeza. E não sentia mais e não percebia e, no entanto, era tomado de uma felicidade indescritível. Não sentia mais a opressão da dor.

9 – O senhor tem conhecimento... do que eu pretendo ler no momento de seu enterro?

(Mal tinha pronunciado essas palavras e o Espírito respondeu, antes que eu terminasse de falar. Respondeu mais, sem nenhuma pergunta. Respondeu a uma discussão que tinha havido entre os presentes, sobre a oportunidade de ler essa comunicação no cemitério, por causa de outras pessoas, que poderiam ou não compartilhar de nossas opiniões.)

R – Ah, meu amigo! Eu sei, porque vi o senhor ontem e o vejo hoje. Minha satisfação é enorme! Obrigado! Obrigado! Fale, para que as pessoas o compreendam e o estimem. Não tenha medo de nada, porque todos respeitam a morte. Fale, então, para que os incrédulos tenham a fé. Adeus. Fale com coragem, com confiança. E que meus filhos possam se converter a uma crença respeitada!

*J. Sanson*

Durante a cerimônia no cemitério, ele ditou o seguinte:

“Que a morte não os apavore, meus amigos. É uma etapa para vocês, se souberem viver bem. É uma felicidade, se tiverem merecido dignamente e bem cumprido suas provas. Repito: coragem e boa vontade!

Não se prendam aos bens da Terra, por um preço medíocre, e vocês serão recompensados. *Não se pode aproveitar demais sem subtrair o bem-estar dos outros* e sem fazer moralmente um enorme mal. Que a terra me seja leve!

## II

(Sociedade Espírita de Paris, 25 de abril de 1862.)

1 – *Evocação:*

R – Eu estou ao lado de vocês, meus amigos.

2 – Estamos muito felizes com a entrevista que tivemos com o senhor no dia de seu enterro e já que o senhor permite estamos tentados a completá-la para nossa instrução.

R – Estou preparado, feliz por vocês pensarem em mim.

3 – Tudo o que possa nos esclarecer e nos fazer compreender o mundo invisível é de grande importância, porque é uma falsa ideia sobre este mundo que geralmente leva à incredulidade. Não se surpreenda com as perguntas que possamos fazer.

R – Não me surpreenderei de maneira alguma e espero suas perguntas.

4 – O senhor descreveu com muita clareza a passagem da vida para a morte. Disse que no instante em que o corpo dá seu último suspiro a vida se quebra e a vista do Espírito se extingue. Esse momento é acompanhado de uma sensação penosa, dolorosa?

R – Sem dúvida, porque a vida é uma sequência contínua de dores e a morte é o complemento de todas as dores. Há uma ruptura violenta, como se o Espírito tivesse de fazer um esforço sobre-humano para escapar de seu invólucro e este esforço absorve todo o nosso ser e faz com que se perca o conhecimento do que está por vir.

Não é um caso geral. A experiência prova que muitos Espíritos perdem o conhecimento antes de expirar. E há casos em que chegam a um certo grau de desmaterialização e a separação acontece sem esforço.

5 – O senhor sabe se há casos de Espíritos para os quais este momento é mais doloroso? É mais penoso, por exemplo, para o materialista, para aquele que acredita que tudo para ele acaba neste instante?

R – Certamente, porque o Espírito preparado já esqueceu o sofrimento, ou antes, tem o hábito de sofrer e a calma com que encara a morte o impede de sofrer duplamente porque sabe o que o espera. O sofrimento moral é mais forte e sua ausência no instante da morte é

um grande alívio. Aquele que não acredita parece alguém condenado à pena de morte, vê a faca e *o desconhecido*. Há uma semelhança entre esta morte e a do ateu.

6 – Existem materialistas suficientemente duros, para acreditar, neste momento supremo, que mergulharão no nada?

R – Sem dúvida, até a última hora existem os que acreditam no nada. Mas, no momento da separação, o Espírito tem um retorno profundo, a dúvida se apodera dele e o tortura, porque se pergunta o que vai lhe acontecer. A separação não pode acontecer sem esta impressão.

Um Espírito nos deu, em outra circunstância, o seguinte quadro sobre o fim da incredulidade:

“O incrédulo endurecido experimenta nos últimos momentos as angústias de pesadelos terríveis: vê-se à beira de um precipício, prestes a cair nele. Esforça-se inutilmente para fugir e não pode andar. Quer segurar em alguma coisa, agarrar um ponto de apoio e sente que escorrega. Quer chamar alguém e não consegue emitir nenhum som. Então, se vê o moribundo se torcer, crisar as mãos e dar gritos abafados, sinais do pesadelo a que está preso. Em um pesadelo comum, o despertar acaba com a inquietação e vocês ficam felizes em perceber que tudo não passou de um sonho. Mas o pesadelo da morte geralmente se prolonga por muito tempo, por anos mesmo, além da morte, e as trevas em que às vezes ele mergulha torna a sensação ainda mais penosa para o Espírito”.

7 – O senhor disse que no momento de morrer não via mais, apenas pressentia. Não via mais com o corpo, isto se compreende. Antes que a vida se extinguisse, o senhor já antevia a claridade do mundo dos Espíritos?

R – É o que eu disse antes: o momento da morte dá uma clarividência ao Espírito. Os olhos não enxergam mais, mas o Espírito, que tem uma visão bem mais profunda, descobre instantaneamente um mundo desconhecido e a verdade, que aparece de repente, lhe dá momentaneamente uma alegria profunda ou uma dor inexplicável, de acordo com o estado de sua consciência e a lembrança de sua vida passada.

A questão é sobre o último instante, antes de o Espírito perder a consciência, o que explica o uso da palavra *momentaneamente*, porque as mesmas sensações – agradáveis ou penosas – se manifestam em seguida ao despertar.

8 – O senhor poderia nos falar sobre o que o atingiu no instante em que reabriu os olhos para a luz, o que viu? Poderia nos descrever, se possível, o aspecto das coisas oferecidas ao senhor?

R – Logo que voltei a mim e a enxergar o que tinha diante dos olhos, estava como que ofuscado e não me dava conta do que estava acontecendo. A lucidez não volta instantaneamente. Mas Deus, que me deu um sinal profundo de Sua bondade, permitiu que eu recobrasse minhas faculdades. Eu me vi cercado de numerosos e fiéis amigos. Todos os Espíritos protetores que nos assistem me cercavam e me sorriam, animados por uma felicidade ímpar. E eu mesmo, forte e em boa forma, podia sem esforço me movimentar no espaço. Não há palavras na língua humana para descrever o que vi. Virei sempre falar a vocês sobre minhas alegrias, mas sem ultrapassar os limites exigidos por Deus. Saibam que a felicidade, tal como vocês entendem, é uma ficção. Vivam sábia e santamente, com espírito de caridade e amor, e serão preparados para impressões que nem os maiores poetas saberiam descrever.

Os contos de fada são, sem dúvida, recheados de coisas absurdas. Mas não seriam, em alguns pontos, a pintura do que se passa no mundo dos Espíritos? O relato do Sr. Sanson não parece o de um homem que adormeceu em uma cabana pobre e obscura e acordou em um palácio esplêndido, no meio de uma corte brilhante?

### III

9 – Com que aspecto os Espíritos se apresentaram ao senhor? Com forma humana?

R – Sim, meu caro amigo. Os Espíritos nos ensinaram que conservam no outro mundo a forma transitória que tiveram na Terra e é verdade. Mas que diferença existe entre a máquina disforme, que se arrasta penosamente pelo cumprimento de provas, e a fluidez maravilhosa do corpo

dos Espíritos! A feiura não existe mais, porque os traços perderam a dureza de expressão, característica da aparência da raça humana. Deus beatificou esses corpos graciosos, que se movem com elegância. A linguagem tem entonações intraduzíveis para vocês e o olhar tem a profundidade de uma estrela. Esforcem-se pelo pensamento para imaginar o que Deus, o Arquiteto dos arquitetos, pode fazer em Sua onipotência e terão uma vaga ideia sobre a forma dos Espíritos.

10 – E o senhor, como se vê? Percebe-se em uma forma limitada, circunscrita, embora fluídica? O senhor sente que tem uma cabeça, um tronco, braços, pernas?

R – O Espírito, tendo conservado sua forma humana, mais divinizada, idealizada, tem, sem contradição, todos os membros de que vocês falam. Eu sinto perfeitamente as pernas, os dedos. Podemos, por nossa vontade, aparecer a vocês ou apertar-lhes as mãos. Estou perto de vocês e apertei as mãos de todos os meus amigos, sem que percebessem. Nossa fluidez, se quisermos, pode estar em toda parte, sem obstruir o espaço, sem causar nenhuma sensação. Neste momento, vocês têm as mãos cruzadas e minhas mãos estão entre as suas. Digo-lhes: eu os amo, mas meu corpo não ocupa um espaço, a luz o atravessa. E o que vocês chamariam de milagre, se pudessem ver, é para os Espíritos uma ação contínua a todo momento.

A vista dos Espíritos não tem relação com a vista humana. O mesmo ocorre com o corpo, que não tem uma aparência real, porque tudo mudou, na forma e na personalidade. O Espírito, repito, tem uma perspicácia divina, que se estende sobre tudo, já que pode até mesmo adivinhar seus pensamentos. Assim, pode assumir a melhor forma da qual vocês se lembram. Na realidade, o Espírito superior que terminou suas provas prefere a forma que o conduziu para perto de Deus.

11 – Os Espíritos não têm sexo. Entretanto, como há pouco tempo ainda o senhor estava em casa, no novo estado o senhor tende a uma natureza mais masculina que feminina? Acontece o mesmo a um Espírito que deixou seu corpo há muito tempo?

R – Não tendemos a ser de natureza masculina ou feminina: os Espíritos não se reproduzem. Deus os criou conforme Sua vontade e se,

por uma visão maravilhosa, quis que os Espíritos se encarnassem na Terra, acrescentou a reprodução das espécies por intermédio do macho e da fêmea. Mas vocês pressentem isso, sem que seja necessária qualquer explicação, os Espíritos não podem ter sexo.

Sempre se disse que os Espíritos não têm sexo. Os sexos são necessários apenas para a reprodução dos corpos. Como os Espíritos não se reproduzem, o sexo lhes seria inútil. Nossa pergunta não tinha o objetivo de constatar este fato, mas pela morte recente do Sr. Sanson, queríamos saber se lhe restava uma impressão de seu estado terreno. Os Espíritos purificados têm plena consciência de sua natureza, mas entre os Espíritos inferiores, não desmaterializados, há muitos ainda que acreditam ser como eram na Terra e conservam as mesmas paixões e os mesmos desejos. Acreditam ainda que são homens ou mulheres e é por isso que alguns dizem que os Espíritos têm sexo. É assim que se originam algumas contradições, pelo estado mais ou menos avançado dos Espíritos que se comunicam. O erro não é dos Espíritos, mas daqueles que lhes fazem as perguntas e não se dão ao trabalho de aprofundar as questões.

12 – Como o senhor vê a sessão? Com sua nova visão, a vê da mesma forma que quando vivia? As pessoas têm a mesma aparência? Tudo é tão claro e tão nítido?

R – Bem mais claro, porque posso ler o pensamento de todos e estou muito feliz, com a boa impressão que me dá a boa vontade de todos os Espíritos que estão reunidos. Quero que a mesma cordialidade aconteça não só em Paris, para a reunião de todos os grupos, mas também em toda a França, *onde grupos se separam e se invejam mutuamente, impelidos por Espíritos trapalhões, que gostam da desordem*, enquanto o Espiritismo deve ser o instrumento que tem todas as qualidades para aperfeiçoamento do ego.

13 – O senhor diz que lê nossos pensamentos. Poderia nos explicar como se processa essa transmissão de pensamento?

R – Não é fácil. Para explicar a vocês este prodígio singular da visão dos Espíritos, seria necessário abrir-lhes todo um arsenal de novos agentes e vocês saberiam tanto quanto nós, o que não é possível, porque

suas faculdades são limitadas pela matéria. Paciência! Tornem-se bons e chegarão a esse entendimento. Atualmente vocês só têm o que Deus permite, mas com a esperança de progredir continuamente. Mais tarde, vocês serão como nós. Tratem então de estar bem ao morrer, para saberem bastante. O desejo de saber, que estimula o homem que pensa, os guiará com tranquilidade até a morte, guardando para vocês a satisfação de todas as curiosidades passadas, presentes e futuras. Enquanto esperam, eu lhes direi, para responder mais ou menos à pergunta: o ar que os cerca, imaterial como nós, leva o caráter de seu pensamento. O suspiro que vocês exalam é, por assim dizer, uma página escrita do que pensam. São lidos e comentados por Espíritos que esbarram em vocês o tempo todo. São os mensageiros de uma telegrafia divina a quem nada escapa.

### **A morte do justo**

Com este título, um Espírito nos deu a comunicação seguinte, logo após a primeira evocação do Sr. Sanson, na Sociedade de Paris:

“A morte do homem com que vocês falavam há pouco é a de um justo, isto é, acompanhada de calma e de esperança. Para ele, a vida espiritual sucedeu a vida terrena da mesma forma que o dia acompanha o amanhecer, sem trauma, sem ruptura. Seu último suspiro foi exalado como um hino de reconhecimento e amor. São poucos os que atravessam assim essa rude passagem! Muito poucos, depois dos êxtases e desesperos da vida, concebem o ritmo harmonioso das esferas! Assim como um homem em boa forma ainda sente os membros amputados de repente por uma bala, a alma do homem que morre sem fé e sem esperança sofre e tem convulsões, ao se separar do corpo e se lançar ao espaço, sem consciência de si mesma.

“Rezem por essas almas perturbadas, rezem por todos os que sofrem. A caridade não está restrita ao mundo visível, também socorre e consola os seres que povoam o espaço. Vocês receberam uma prova tocante, pela conversão tão rápida deste Espírito, atendido pelas preces espíritas feitas sobre o túmulo de um homem de bem, que vocês queriam interrogar e que desejava ajudá-los a progredir no bom caminho<sup>1</sup>. O amor

---

<sup>(1)</sup> Alusão ao Espírito de Bernard que se manifestou espontaneamente no dia do velório do Sr. Sanson (ver a *Revista* de maio de 1862, p. 132.)



não tem limites, preenche todo o espaço, dá e recebe, reciprocamente, suas divinas consolações. O mar se esparrama em uma perspectiva infinita, seu limite parece ser o céu e o Espírito é fascinado pelo espetáculo dessa amplidão. Assim é o amor, mais profundo que as ondas, mais infinito que o espaço, deve reunir todos, vivos e Espíritos, em uma mesma comunhão de caridade e realizar a admirável fusão entre o que é transitório e o que é eterno”.

*Georges*

## **Jobard**

Diretor do Museu da Indústria de Bruxelas, nasceu em Baissey (Alto Marne, França) e morreu em Bruxelas, de um ataque fulminante de apoplexia, em 27 de outubro de 1861, com 69 anos.

“O Sr. Jobard era presidente honorário da Sociedade Espírita de Paris. Pensávamos evocá-lo na sessão de 8 de novembro. Quando ele previu nosso desejo, deu espontaneamente a seguinte comunicação:

“Eis me aqui. Eu, que vocês iriam evocar e que quero, antes, me manifestar a este médium, a quem já instiguei inutilmente até agora.

“Quero de início contar-lhes minhas impressões sobre o momento da separação de minha alma. Senti uma vibração inédita. Lembrei-me, num estalo, de meu nascimento, minha juventude, minha velhice. Toda a minha vida me foi nitidamente mostrada na memória. Eu só sentia o piedoso desejo de me encontrar nas regiões reveladas por nossa querida crença. Depois, esse tumulto serenou. Eu estava livre e meu corpo jazia inerte. Ah, meus caros amigos, que êxtase me despojar do peso do corpo! Que êxtase abraçar o espaço! Entretanto, não acreditem que me transformei de repente em um eleito do Senhor. Não, estou entre os Espíritos que aprenderam um pouco, mas têm ainda muito a aprender. Não demorei a me lembrar de vocês, *meus irmãos no exílio* e reafirmo toda a minha simpatia e minhas preces que os envolvem.

“Querem saber quais os Espíritos que me receberam e quais foram as minhas impressões? Meus amigos, foram todos aqueles que evocamos, todos os irmãos com quem partilhamos nossos trabalhos. Vi o esplendor

que não posso descrever. Dediquei-me a discernir o que era verdade, nas comunicações, pronto a corrigir todas as afirmações que estivessem erradas. Pronto, enfim, a ser o cavaleiro da verdade no outro mundo, assim como fui no de vocês.”

*Jobard*

1 – Quando vivo, o senhor nos recomendou que o evocássemos, quando deixasse a Terra. Estamos fazendo agora, não apenas para atender a seu desejo, mas para sobretudo renovar o testemunho de nossa sincera simpatia e também pelo interesse de nossa instrução. Porque o senhor, melhor que ninguém, está em condições de nos transmitir ensinamentos precisos sobre o mundo em que se encontra. Ficaremos felizes se quiser responder a nossas perguntas.

R – Agora, o que mais interessa é a instrução. Quanto à simpatia, eu sinto e não apenas ouço sua expressão, através dos ouvidos, o que é um grande progresso.

2 – Para fixar nossas ideias e não falar no vazio: em que lugar o senhor está e como o veríamos, se pudéssemos?

R – Estou perto do médium. Vocês me veriam com a aparência do Jobard que se sentava a esta mesa, porque vocês ainda não têm os olhos abertos e só podem ver os Espíritos com sua aparência mortal.

3 – Haveria possibilidade de o senhor se tornar visível para nós? Se não, o que impede?

R – Existe uma disposição bem pessoal. Um médium vidente me veria, os outros não.

4 – Este lugar que lhe reservamos é o que o senhor ocupava quando vivo e assistia a nossas sessões. Aqueles que o viram antes devem vê-lo como o senhor era. Se não está aqui com seu corpo material e sim com o corpo fluídico, que tem a mesma forma, se não o vemos com os olhos do corpo, o vemos com os olhos do pensamento, se não pode se comunicar pela palavra, pode fazê-lo por escrito, com ajuda de um intérprete. Nossas relações não foram interrompidas por sua morte e podemos entrevistá-lo com a mesma facilidade e tão completamente como antes. É assim que são as coisas?

R – Sim, vocês sabem disso há muito tempo. Ocuparei com frequência este lugar, mesmo sem que vocês saibam, porque meu Espírito viverá entre vocês.

Chamamos atenção para esta última frase: “*Meu Espírito viverá entre vocês*”. Na presente circunstância, não é uma figura de linguagem, mas uma realidade. Pelo conhecimento que o Espiritismo dá sobre a natureza dos Espíritos, sabe-se que um Espírito pode estar entre nós, não apenas em pensamento e sim  *pessoalmente*, com ajuda de seu corpo etéreo, que lhe dá uma individualidade clara. Um Espírito pode então viver entre nós, após a morte, tão bem como vivia quando tinha o corpo material. E, melhor ainda, pode vir e ir quando quer. Temos assim uma multidão de convidados invisíveis, uns indiferentes, outros presos a nós pela afeição. A estes últimos se aplicam as palavras: “*Eles vivem entre nós*”, que podem ser assim traduzidas: eles nos assistem, nos inspiram e nos protegem.

5 – Não há muito tempo o senhor estava sentado nesse mesmo lugar. As condições em que está agora lhe parecem estranhas? Qual o efeito dessa mudança?

R – Essas condições não me parecem nada estranhas, porque meu Espírito desencarnado goza de uma nitidez que não deixa obscura nenhuma questão que ele encare.

6 – O senhor se lembra de ter vivido neste mesmo estado, antes de sua última existência? Acha que alguma coisa mudou?

R – Lembro-me de minhas existências anteriores e acho que melhorei. Olho e me comparo com o que vejo. Na época de minhas encarnações precedentes tinha o Espírito perturbado e só me via com as falhas terrenas.

7 – Lembra-se de sua penúltima existência, antes de ser o Sr. Jobard?

R – Na minha penúltima existência eu era um operário mecânico, consumido pela miséria e pelo desejo de aperfeiçoar meu trabalho. *Realizei, na existência como Jobard, os sonhos do pobre operário* e louvo a Deus, que com Sua bondade infinita fez germinar a planta da semente que tinha depositado em meu cérebro.

8 – O senhor já se comunicou em outros lugares?

R – Tenho ainda me comunicado pouco. Em muitos lugares, um Espírito tomou meu nome. Algumas vezes eu estava perto dele sem poder me comunicar diretamente. Minha morte é muito recente e dependo ainda de algumas influências terrenas. É preciso uma perfeita simpatia para que eu possa me exprimir. Em pouco tempo, agirei indistintamente mas, repito, ainda não posso. Quando morre um homem um pouco conhecido, é chamado em todos os lugares. Mil Espíritos rapidamente se apossam de sua individualidade. Foi o que aconteceu comigo em várias circunstâncias. Garanto a vocês que logo depois da passagem, poucos Espíritos podem se comunicar, mesmo através de um médium predileto.

9 – O senhor vê os Espíritos que estão aqui conosco?

R – Vejo principalmente Lázaro e Erasto. Depois, mais afastado, o *Espírito de Verdade* planando nos espaços. E uma multidão de Espíritos amigos que cercam vocês, solícitos e benevolentes. Fiquem felizes, meus amigos, porque as boas influências defendem vocês das desgraças do erro.

10 – Durante sua vida, o senhor concordava com a opinião de que a Terra se formou pela junção de quatro planetas, que se agregaram. Acredita nisso ainda?

R – É um erro. As novas descobertas geológicas provam as transformações da Terra e sua formação gradual e sucessiva. A Terra, como outros planetas, tem vida própria, e Deus não teve necessidade dessa grande desordem ou dessa agregação de planetas. A água e o fogo são os únicos elementos orgânicos da Terra.

11 – O senhor pensava também que os homens poderiam entrar em catalepsia por tempo ilimitado e que o gênero humano teria sido trazido nesse estado para a Terra.

R – Coisa de minha imaginação, que sempre ia além do objetivo. A catalepsia pode ser longa, mas não por tempo indeterminado. São tradições, lendas grosseiras da imaginação oriental. Meus amigos, tenho sofrido muito, revendo as ilusões com que alimentei meu Espírito. Não se enganem. Eu tinha aprendido muito e posso dizer que minha inteligência, precipitada para absorver esses vastos e diferentes estudos, tinha guardado de minha última encarnação o gosto pelas coisas prodigiosas e

místicas e pelo conjunto de crenças extraídas da imaginação popular. Ainda tenho me ocupado pouco com as questões puramente intelectuais, com o sentido que vocês lhes dão. Como poderia, se estou deslumbrado, empolgado pelo maravilhoso espetáculo que me rodeia? O laço do Espiritismo, mais forte do que vocês supõem, só pode me atrair para esta Terra que eu abandono, não com alegria – seria impiedoso – mas com o profundo reconhecimento pela libertação.

Quando a Sociedade abriu uma subscrição em favor dos operários de Lyon<sup>2</sup>, um dos membros doou cinquenta francos: vinte e cinco em seu próprio nome e vinte e cinco em nome do Sr. Jobard. Esse fato deu oportunidade à seguinte comunicação: Estou lisonjeado e reconhecido por não ter sido esquecido por meus irmãos espíritas. Agradeço ao coração generoso pela doação que eu teria feito se ainda habitasse o mundo de vocês. No mundo em que habito agora não se tem necessidade de dinheiro. Então foi necessário extrair da bolsa da amizade as provas materiais de que eu estava preocupado com o infortúnio de meus irmãos de Lyon. Bravos trabalhadores, que ardentemente cultivam as vinhas do Senhor, vocês devem acreditar muito que a caridade não é uma palavra inútil, depois que grandes e pequenos lhes mostraram simpatia e fraternidade. Vocês estão no grande caminho humano do progresso. Que Deus os mantenha nesse caminho e possam vocês ser mais felizes. Os Espíritos amigos os sustentarão e vocês triunfarão.

Eu começo a viver espiritualmente, mais em paz e menos perturbado pelas evocações inconvenientes que choviam sobre mim. A moda reina mesmo entre os Espíritos. Quando a moda Jobard der lugar a uma outra e eu cair no esquecimento humano, pedirei a meus amigos sérios que me evoquem, e espero que não me esqueçam. Então, aprofundaremos as questões tratadas muito superficialmente e este seu Jobard, completamente transfigurado, poderá lhes ser útil. É o que desejo de todo meu coração.

*Jobard*

---

<sup>(2)</sup> **Nota da tradução:** Lyon é uma das grandes cidades industriais da França.

Após os primeiros tempos, dedicados a consolar seus amigos, o Sr. Jobard colocou-se entre os Espíritos que trabalham ativamente pela renovação social, enquanto espera seu próximo retorno entre os vivos, para tomar parte mais direta nesta ação. Depois disso, sempre deu à Sociedade de Paris, de que continua membro, comunicações de incontestável superioridade, sem se afastar da originalidade e vivacidade que o caracterizavam e, assim, é reconhecido antes mesmo de se identificar.

## Samuel Filipe

Samuel Filipe era um homem de bem, na acepção da palavra. Ninguém se lembrava de tê-lo visto fazer uma má ação nem de ter, voluntariamente, feito mal a quem quer que seja. De um devotamento sem limites com os amigos, dava a segurança de estar sempre pronto, quando se tratava de prestar algum serviço, mesmo que à custa de seus interesses. Esforço, cansaço, sacrifício, nada o impedia de ser útil e o fazia naturalmente, sem ostentação, surpreendendo-se quando lhe era atribuído algum mérito. Nunca atacou os que lhe faziam algum mal e os tratava de tal forma que parecia que lhes tinham feito um bem. Quando tinha algum problema com pessoas ingratas, pensava: “Não é a mim que é preciso lamentar, mas a eles mesmos”. Embora muito inteligente e dotado de Espírito natural, sua vida, de muito trabalho, tinha sido obscura e cheia de rudes provas. Era uma dessas naturezas de elite que florescem na sombra, com que o mundo não se importa muito e cujo brilho não reflete sobre a Terra. Pelos conhecimentos do Espiritismo, tinha uma fé ardente na vida futura e uma grande resignação com os males da vida terrena. Morreu em dezembro de 1862, com 50 anos, depois de uma dolorosa doença, sinceramente pranteado por sua família e por alguns amigos. Foi evocado várias vezes após a morte.

P – O senhor tem uma lembrança clara de seus últimos momentos na Terra?

R – Perfeitamente. A lembrança me vem aos poucos, porque naquele momento eu estava ainda confuso.

P – Para nossa instrução e pelo interesse que nos inspira sua vida exemplar, poderia nos descrever como se deu sua passagem da vida

corporal para a vida espiritual e qual sua situação no mundo dos Espíritos?

R – Com prazer, essa narrativa não será útil apenas para vocês, mas também para mim. Voltando-me aos pensamentos na Terra, a comparação me faz avaliar melhor ainda a bondade do Criador.

Vocês sabem quantas atribulações tive em minha vida. Nunca perdi a coragem na adversidade, graças a Deus! Hoje me congratulo por isto. Quanto eu teria perdido, se tivesse perdido a coragem! Temo só de pensar que, por fraqueza, tudo o que sofri tivesse sido sem proveito e eu tivesse que recomeçar. Meus amigos, possam vocês acreditar nesta verdade, porque disto depende sua felicidade futura! Não, certamente, alguns anos de sofrimento não significam pagar muito caro por esta felicidade. Se vocês soubessem como alguns anos são muito pouco, diante do infinito!

Se vocês acham que minha última existência teve algum mérito, não diriam o mesmo das anteriores. Foi à força de muito trabalho que me transformei no que sou agora. Para apagar os últimos traços de meus erros anteriores, era preciso ainda sofrer essas últimas provas, que voluntariamente aceitei. Busquei na firmeza de minhas resoluções a força para suportá-las sem queixas. Hoje, bendigo essas provas, com as quais rompi com o passado, que agora é apenas uma lembrança para mim. E posso daqui para a frente olhar com legítima satisfação o caminho que percorri.

“Oh! Vocês que me fizeram sofrer na Terra, que foram duros e mal-intencionados comigo, que me humilharam e me cobriram de amargura, vocês, cuja maldade muitas vezes me levaram às piores privações, não somente os perdoo como agradeço. Querendo me fazer o mal, não imaginam como me fizeram o bem. Portanto, é verdade que devo a vocês a felicidade de que gozo, porque me deram a oportunidade de perdoar e de devolver o mal com o bem. Deus os colocou em meu caminho para provar minha paciência e me exercitar na prática da caridade mais difícil: *a de amar os inimigos*.

“Não se impacientem por eu me desviar do assunto, já chego ao que vocês perguntaram.

“Embora sofrendo cruelmente em minha última doença, não tive qualquer agonia, a morte veio como um sono, sem luta, sem traumas. Não tendo medo do futuro, eu não estava agarrado à vida. Em consequência, não tive que me debater com os últimos apertos. A separação ocorreu sem esforços, sem dor e sem que eu percebesse.

“Ignoro quanto tempo durou esse último sono, mas foi curto. O despertar foi de uma calma que contrastava com meu estado anterior. Não sentia mais dor e estava contente, queria me levantar, andar, mas um entorpecimento nada desagradável e até com um certo encanto, me segurava. Então me abandonei a esse torpor com uma espécie de volúpia, sem ter consciência de minha situação e sem duvidar de que tinha deixado a Terra. O que me cercava me aparecia como em um sonho. Vi minha mulher e alguns amigos de joelhos no meu quarto, chorando, e pensei que certamente acreditavam que eu estava morto. Quis avisá-los de que estavam enganados, mas não pude articular nem uma palavra e imaginei que estava sonhando. O que confirmou essa ideia foi que me vi cercado por pessoas amadas, que tinham morrido havia muito tempo, e por outras que não reconheci em um primeiro momento, que pareciam me velar e esperar meu despertar.

Esse estado foi entremeado de instantes de lucidez e de sonolência, durante os quais eu recuperava e perdia alternadamente a consciência de meu *eu*. Pouco a pouco minhas ideias adquiriram mais nitidez, a luz que eu só entrevia através de uma névoa ficou mais brilhante. Então comecei a me reconhecer e compreendi que não pertencia mais ao mundo terreno. Se eu não tivesse conhecido o Espiritismo, a ilusão teria, sem dúvida, sido muito mais prolongada.

Meus restos mortais ainda não tinham sido enterrados e eu já os olhava com piedade, feliz por ter me livrado deles. Estava tão feliz de ser livre! Respirava à vontade, como alguém que sai de uma atmosfera repugnante. Uma indescritível sensação de felicidade penetrava todo meu ser, a presença daqueles que eu tinha amado me enchia de alegria. Eu não estava nem um pouco surpreso em vê-los. Tudo parecia tão natural, parecia-me revê-los depois de uma longa viagem. Uma coisa ainda me espanta: nós nos entendíamos sem articular nenhuma palavra,



nossos pensamentos se transmitiam apenas pelo olhar, como uma espécie de penetração fluídica.

Entretanto, eu não estava completamente livre das ideias terrenas. A lembrança de tudo o que tinha sofrido me voltava de tempos em tempos, como para me fazer valorizar ainda mais a nova situação. Sofri no corpo, mas sobretudo sofri moralmente, fui alvo de maledicências, dessas mil perplexidades mais penosas talvez que a infelicidade real, porque causam uma eterna ansiedade. A impressão desse sofrimento não estava completamente apagada e às vezes me perguntava se realmente eu tinha me libertado de tudo. Parecia-me ainda ouvir algumas vozes desagradáveis, receava as dificuldades que tantas vezes me atormentaram e, contra minha vontade, eu tremia. Eu me tocava, por assim dizer, para ter certeza de que não estava sonhando. Quando tive certeza de que tudo aquilo tinha acabado, parecia que me tinha sido tirado um peso enorme. Então é verdade, pensava, que enfim estou livre de todas as preocupações que foram o tormento de minha vida, e dava graças a Deus. Estava como um pobre que de repente recebe uma grande fortuna e durante algum tempo duvida da realidade e sente medo da necessidade. Ah! Se os homens compreendessem a vida futura, que força, que coragem esta convicção lhes daria diante da adversidade! O que não fariam, enquanto estão na Terra, para assegurar a felicidade que Deus reserva a Seus filhos que são obedientes à Sua lei! Veriam que todas as alegrias que vivenciam não são nada, perto daquelas que negligenciam!”

P – Esse mundo tão novo para o senhor, perto do qual o nosso é quase nada, os inúmeros amigos que encontrou fizeram-no se esquecer de sua família e dos amigos na Terra?

R – Se eu os tivesse esquecido, seria indigno da felicidade que tenho. Deus pune e não recompensa o egoísmo. O mundo em que estou pode me fazer ignorar a Terra, mas não os Espíritos que aí estão encarnados. Somente entre os homens a prosperidade faz esquecer os amigos de infortúnio. Vou sempre rever os meus, fico feliz com a boa lembrança que guardam de mim. Eles me atraem com o pensamento, ouço suas conversas, gozo suas alegrias. Seus sofrimentos me entristecem, mas não

é essa tristeza ansiosa da vida humana, porque sei que são passageiros e pelo próprio bem deles. Fico feliz em pensar que um dia eles virão para essa morada afortunada, onde não se conhece a dor. Dedico-me a torná-los dignos de virem para cá, esforço-me para sugerir-lhes bons pensamentos e, sobretudo, a resignação à vontade de Deus que eu mesmo tive. Meu maior sofrimento é quando os vejo retardarem esse momento, por falta de coragem, por suas lamentações, dúvida sobre o futuro ou qualquer outro ato repreensível. Tento então desviá-los do mau caminho. Se consigo, é uma grande felicidade e todos nos regozijamos aqui. Se fracasso, lamento comigo mesmo: mais um atraso para eles, mas me consolo pensando que nem tudo está perdido sem retorno.”

*Samuel Filipe*

## **Van Durst**

Antigo funcionário, morto em Antuérpia, em 1863, com 80 anos.

Pouco tempo depois de sua morte, um médium perguntou a seu guia espiritual se poderia evocá-lo e ele respondeu: “Este Espírito sai lentamente de sua confusão, poderia já responder, mas a comunicação lhe seria penosa. Peço que vocês esperem ainda uns quatro dias e ele responderá. Nesse tempo, já saberá que vocês têm boas impressões a respeito dele e virá reconhecido e amigo”.

Quatro dias mais tarde o Espírito ditou o seguinte:

“Meu amigo, minha vida pesou muito pouco na balança da eternidade, mas não estou infeliz. Estou em uma condição humilde, mas relativamente feliz, que é a condição de quem não fez mal, sem visar à perfeição. Se há pessoas felizes em uma pequena esfera, estou entre elas! Só lamento não ter conhecido o que vocês sabem hoje, porque minha confusão teria sido mais curta e menos penosa. Na verdade, a confusão foi longa: viver e não viver, ver o próprio corpo, estar muito preso a ele sem nada poder fazer. É terrível ver aqueles que a gente ama e sentir que está se extinguindo o pensamento que nos liga a eles. Oh! Que momento cruel! Que momento difícil este em que a perturbação aperta e estrangula! E um instante após, as trevas. Sentir e um momento depois estar aniquilado. A gente quer ter a consciência do

próprio eu e não consegue recobrá-la. A gente já não é mais e sente que ainda é! É uma perturbação profunda! E depois de um tempo incalculável, tempo de angústias contidas, porque não se tem mais forças para senti-las, depois desse tempo interminável, renascer lentamente para a existência, despertar em um novo mundo! Sem o corpo material, sem vida terrena: a vida imortal! Homens leves, sem forma carnal, Espíritos que deslizam por todos os lados, giram em torno da gente e que podem ser abraçados com o olhar, porque flutuam no infinito! Ter o espaço diante de si e poder atravessá-lo só com o exercício da vontade, comunicar-se pelo pensamento com tudo o que está em volta! Amigo, que vida nova! Que vida brilhante! Que vida de alegrias! Viva, oh! Viva a eternidade que me abriga! Adeus, Terra que me reteve por tanto tempo longe do elemento natural de minha alma! Não, nada mais quero com você, Terra, porque você é a terra do exílio e sua maior felicidade não é nada!

Se eu soubesse o que vocês sabem, como essa iniciação na outra vida me teria sido mais fácil e mais agradável! Eu saberia antes de morrer o que tive de aprender mais tarde, no momento da separação, e minha alma teria se separado com mais facilidade. Vocês estão no bom caminho mas nunca irão longe demais! Digam isso a meu filho, convençam-no, para que ele creia e se instrua e então, quando chegar aqui, não nos separaremos.

Adeus a todos, meus amigos, adeus. Eu espero vocês, e, durante o tempo em que estiverem na Terra, virei com frequência me instruir com vocês, porque eu ainda sei menos do que muitos de vocês. Mas aprenderei rapidamente aqui, porque já não tenho entraves que me atrapalhem e nem os problemas da idade, que enfraqueçam minhas forças. Aqui se vive sem perder tempo com pormenores e se avança, porque se tem diante de si horizontes tão belos que se tem pressa de abraçá-los.

Adeus, deixo-os, adeus”.

*Van Durst*

---

<sup>(3)</sup> **Nota da tradução:** Bordeaux é uma cidade localizada na região sudeste, costa atlântica da França, atualmente famosa pela produção de vinhos considerados de alta qualidade.

## Sixdeniers

Homem de bem, morto em um acidente. Durante a vida, era conhecido do médium.

**(Bordeaux<sup>3</sup>, 11 de fevereiro de 1861)**

P – O senhor poderia nos dar alguns detalhes sobre sua morte?

R – Depois de afogado, sim.

P – Por que não antes?

R – Você já os conhece. (O médium realmente já conhecia.)

P – Poderia então descrever suas sensações depois da morte?

R – Demorei muito tempo para me reconhecer, mas com a graça de Deus a luz me alcançou. Pode acreditar: você encontrará sempre mais do que espera. Não há nada material, tudo atinge os sentidos, de forma oculta, sem que se possa nem ver nem tocar, compreende? É uma admiração espiritual que ultrapassa seu entendimento, porque não há palavras para explicar, só se pode senti-la com a alma.

Meu despertar foi bem feliz. A vida é um desses sonhos – apesar da ideia grotesca que se tem desta palavra – que só posso qualificar como um terrível pesadelo. Um sonho em que você está trancado em um cárcere infecto, em que seu corpo é roído por vermes até à medula dos ossos, que está suspenso sobre uma fornalha ardente, em que sua boca ressecada não encontra água nem mesmo para se refrescar, em que seu Espírito é golpeado pelo horror de só enxergar ao redor monstros prestes a devorá-lo. Imagine, enfim, tudo o que a fantasia do sonho pode criar de mais monstruoso, mais horrível e em seguida, de repente, você se vê transportado para um Éden delicioso. Imagine-se acordando, cercado de todos aqueles que você amou e por quem chorou, veja em seu redor todos os rostos adorados sorrirem com felicidade, respire os mais suaves perfumes, refresque sua garganta seca na fonte da água da vida, sinta seu corpo elevado no espaço infinito, que transporta e balança, como a brisa faz com uma flor que cai de cima de uma árvore. Sinta-se envolvido pelo Amor de Deus, como a criança, quando nasce, é envolvida pelo amor da mãe. Sinta tudo isso e terá apenas uma ideia muito imperfeita

sobre essa transição. Tentei explicar a felicidade que espera um homem depois da morte do corpo, mas não consegui. Pode-se explicar o infinito a uma pessoa que tem os olhos fechados para a luz e os membros que nunca puderam sair do círculo estreito em que permanecem enfermos? Para explicar a felicidade eterna, eu diria a você: ame, pois só o amor pode levar a um pressentimento do que seja essa felicidade: amor, nesse caso, significa ausência de egoísmo.

P – O senhor foi tão feliz assim, desde que chegou ao mundo dos Espíritos?

R – Não, tive que pagar a dívida do homem. Meu coração me fazia pressentir o futuro do Espírito, mas eu não tinha fé. Tive que expiar minha indiferença para com o Criador. Sua misericórdia me fez perceber que pratiquei o bem muito pouco, em relação ao que poderia ter feito e perceber as dores que experimentei com resignação, apesar do sofrimento. A Justiça Divina, que tem uma balança que os homens nunca compreenderão, pesou com tanta bondade e amor o bem que fiz, que o mal foi rapidamente apagado.

P – O senhor poderia nos dar notícias de sua filha? (Morreu quatro ou cinco anos antes.)

R – Está em missão na Terra.

P – Ela está feliz como encarnada? Não quero ser indiscreto.

R – Eu sei, por acaso não vejo seu pensamento como um quadro diante de meus olhos? Não, como criatura ela não está feliz. Ao contrário, todas as misérias da vida de vocês devem atingi-la, mas ela deve pregar com exemplos essas grandes virtudes que vocês pregam com palavras. Eu a ajudarei, porque devo velar por ela. Mas não sofrerá muito para superar os obstáculos: *não está em expiação e sim em missão*. Tranquelize-se em relação a ela e obrigado pela lembrança.

Nesse momento, o médium sentiu dificuldade para escrever e disse: se for um Espírito sofredor que me atrapalha, peço que se identifique.

R – Uma infeliz.

P – Diga seu nome.

R – Valéria.

P – A senhora quer falar sobre o que a levou a sofrer o castigo?

R – Não.

P – A senhora se arrepende de seus erros?

R – Estas vendo.

P – Quem a trouxe aqui?

R – Sixdeniers.

P – Por que ele a trouxe aqui?

R – Para que você me ajude.

P – Por que a senhora me impediu de escrever, há pouco?

R – Ele me colocou em seu lugar.

P – Que relação existe entre ele e a senhora?

R – Ele me guia.

P – Peça a ele que se junte a nós, na prece. (Após a prece, Sixdeniers retoma). Obrigado por ela. Você compreendeu. Não esquecerei. Pense nela.

P – (A Sixdeniers) Como Espírito, o senhor tem muitos Espíritos sofredores para guiar?

R – Não, mas assim que encaminhamos um Espírito ao bem, buscamos outro, sem por isto abandonar os primeiros.

P – Como o senhor pode dar conta de uma vigilância que deve se multiplicar ao infinito, com o passar dos séculos?

R – Compreenda que aqueles que levamos à depuração e ao progresso nos dão menos trabalho. Ao mesmo tempo, nós nos elevamos, subindo a escala do progresso, nossas faculdades aumentam, nosso poder se irradia na proporção de nossa pureza.

*Observação* – Os Espíritos inferiores são assistidos por bons Espíritos que têm a missão de guiá-los. Esta tarefa não é desenvolvida apenas pelos encarnados, mas estes também devem realizá-la, porque é um meio de progresso. Quando um Espírito inferior interrompe uma boa comunicação, nem sempre o faz com boa intenção. Mas os bons Espíritos permitem essa intromissão, seja como prova, seja para que aquele que a recebe trabalhe pelo progresso do Espírito inferior. Se a intromissão se transforma em persistente, na verdade, às vezes pode se degenerar em

obsessão. Quanto maior a persistência, maior é a prova da necessidade de assistência. Neste caso, é um erro repelir a intromissão. É preciso encará-la como a um pobre que vem pedir uma esmola e pensar: *é um Espírito infeliz que os bons Espíritos me mandaram, para ajudá-lo em sua educação. Se eu conseguir, terei a alegria de levar uma alma de volta para o bem e de ter abreviado seus sofrimentos.* Esta tarefa é quase sempre penosa. Sem dúvida, seria mais agradável receber sempre belas comunicações e só conversar com Espíritos que a gente escolhe. Mas não é apenas procurando a própria satisfação e recusando as oportunidades que nos são oferecidas para praticar o bem que merecemos a proteção dos bons Espíritos.

## O doutor Demeure

**Morto em Albi (Tarn)<sup>4</sup>, em 25 de janeiro de 1865**

O senhor Demeure era um médico homeopata muito considerado em Albi. Tanto seu caráter como sua cultura fizeram com que ele tivesse a estima e a veneração de seus conterrâneos. Sua bondade e caridade eram inesgotáveis e, apesar da idade, nenhuma fadiga o impedia de ir cuidar de pobres doentes. O preço de suas visitas era o que menos importava. Ocupava-se muito mais dos infelizes do que com aqueles que ele sabia que podiam pagar, porque dizia que estes últimos, independente dele, poderiam pagar outro médico. Não apenas dava remédios gratuitamente aos primeiros como muitas vezes deixava alguma coisa para ajudar nas necessidades materiais, o que às vezes era mais útil que os remédios. Pode-se dizer que ele era o Cura d'Ars<sup>5</sup> da medicina.

O Sr. Demeure tinha abraçado com ardor a Doutrina Espírita, na qual encontrou a chave da solução dos mais graves problemas, que ele inutilmente tinha procurado na ciência e em todas as filosofias. Seu

<sup>(4)</sup> **Nota da tradução:** Albi, uma pequena cidade, cortada pelo Rio Tarn, no sul da França, onde nasceu também o pintor Toulouse-Lautrec (1864-1901), um dos pioneiros na arte do pôster e da pintura publicitária, é próxima à conhecida cidade de Toulouse.

<sup>(5)</sup> **Nota da tradução:** Cura d'Ars era o padre João Maria Vianney, nascido em 1786 em Dardilly, pequena vila a 10 km da cidade de Lyon, na França. Muito caridoso e gentil, com 25 anos tornou-se pároco na cidade de Ars, onde doava grandes somas em dinheiro, que acumulara de uma herança do pai e das doações de pessoas abastadas, a seus paroquianos necessitados. Sua caridade tornou-se detal forma conhecida, que se formavam peregrinações para procurá-lo. Morreu em agosto de 1859. Vianney comparece na codificação, com uma mensagem em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. VIII, denominada "Bem-aventurados os que têm os olhos fechados".

Espírito profundo e investigador o fez compreender imediatamente toda a dimensão da Doutrina Espírita, da qual foi um dos mais zelosos propagadores.

Por meio de correspondência, estabeleceu-se uma viva e recíproca simpatia entre ele e nós. Soubemos, no dia 30 de janeiro, de sua morte e nossa primeira ideia foi entrevistá-lo. Eis a comunicação que ele nos deu, no mesmo dia:

“Estou aqui. Tinha me prometido, quando vivo, que quando morresse eu viria, se fosse permitido, apertar a mão de meu mestre e amigo, Sr. Allan Kardec. “A morte tinha dado à minha alma este pesado sono, que se chama letargia, mas meu pensamento vigiava. Quebrei esse torpor funesto que prolonga a confusão que se segue à morte, despertei e com uma rápida transição fiz a viagem.

“Como estou feliz! Não sou mais velho nem doente. Meu corpo era apenas um disfarce imposto. Sou jovem e belo, belo com essa eterna juventude dos Espíritos, cujas rugas jamais marcam o rosto, cujos cabelos não branqueiam com o passar do tempo. Estou leve como o passarinho que atravessou com um voo rápido o horizonte de seu céu nebuloso. Admiro, contemplo, bendigo, amo e me inclino, sentindo-me um átomo, diante da grandeza, da sabedoria, da ciência de nosso Criador, diante das maravilhas que me cercam.

“Estou feliz, em estado de glória! Oh! Quem poderia contar sobre as esplêndidas belezas da terra dos eleitos, os céus, os mundos, os sóis, seu papel nos grandes acontecimentos da harmonia universal? Bem, eu tentarei, meu mestre. Vou estudá-las e virei homenageá-lo com meus trabalhos espirituais, que já dedico ao senhor, com antecedência. Até logo”.

*Demeure*

As duas comunicações seguintes, dadas em 1º e 2 de fevereiro, referem-se à doença que me acometia no momento. Por mais pessoais que sejam, nós as reproduzimos, porque provam que o Sr. Demeure é tão bom como Espírito como foi como homem.



“Meu bom amigo, tenha confiança em nós e coragem! Esta crise, embora fatigante e dolorosa, não será longa e, com os cuidados prescritos, o senhor poderá, de acordo com seu desejo, completar a obra que é o objetivo principal de sua existência. Estou sempre a seu lado, com o *Espírito de Verdade*, que me permite falar em seu nome, como o último de seus amigos vindos para o mundo dos Espíritos. Eles me dão a honra das boas-vindas. Caro mestre, estou feliz por ter morrido a tempo de estar com eles neste momento. Se eu tivesse morrido mais cedo, talvez pudesse ter evitado essa sua crise, que eu não previa. Havia muito pouco tempo que estava desencarnado e não podia me ocupar de outras coisas, só das espirituais. Mas agora velarei pelo senhor, caro mestre, é seu irmão e amigo que está feliz de ser Espírito para estar a seu lado e cuidar de sua doença. Mas o senhor conhece o provérbio: “Ajuda-te, e o céu te ajudará”. Ajude então os bons Espíritos a cuidarem do senhor, submetendo-se estritamente a suas prescrições.

“Está muito quente aqui. Esse carvão é incômodo. Enquanto o senhor estiver doente, não acenda o aquecedor a carvão, ele continua a aumentar sua opressão, porque emite gases tóxicos”.

*Seu amigo Demeure.*

“Sou eu, Demeure, o amigo do senhor Kardec. Venho lhes dizer que estava perto dele, quando o acidente aconteceu e que poderia ter sido pior, sem uma intervenção eficaz, para a qual fiquei feliz de colaborar. A partir de minhas observações e de ensinamentos que recebi de boa fonte, é evidente para mim que, quanto mais cedo acontecer seu desencarne, mais cedo ele poderá reencarnar, para concluir sua obra. Entretanto, é necessário ajudá-lo, antes que ele parta, nos trabalhos que devem completar a teoria da Doutrina de que ele é o iniciador. Ele se tornaria culpado de homicídio voluntário, contribuindo, por excesso de trabalho, com a imperfeição de seu organismo, ameaçado por uma partida repentina para nosso mundo. É preciso não ter medo de lhe dizer toda a verdade, para que ele se preserve e siga ao pé da letra nossas prescrições.”

*Demeure*

---

<sup>(6)</sup> **Nota da tradução:** Montauban, pequena cidade no sul da França.

A comunicação seguinte foi obtida em Montauban<sup>6</sup>, no dia 26 de janeiro, dia seguinte à sua morte, em um círculo de amigos espíritas que ele tinha nesta cidade.

“Antoine Demeure. Não estou morto para vocês, meus bons amigos, mas para os que não conhecem, como vocês, esta santa Doutrina que reuniu aqueles que se amam sobre a Terra e que têm os mesmos pensamentos e os mesmos sentimentos de amor e de caridade. “Estou feliz, mais feliz do que poderia esperar, porque gozo de uma lucidez rara entre os Espíritos separados da matéria há muito pouco tempo. Tenham coragem, meus bons amigos, estarei sempre perto de vocês e não deixarei de vos instruir sobre muitas coisas que ignoramos quando estamos presos à nossa pobre matéria, que nos esconde tantos esplendores e tantas alegrias. Rezem pelos que estão privados dessa felicidade, porque não sabem o mal que fazem a si mesmos.

“Não me prolongarei por muito tempo hoje, mas digo a vocês que não me sinto completamente estranho no mundo dos invisíveis. Parece-me que sempre o habitei. Estou feliz aqui, porque vejo meus amigos e posso me comunicar com eles todas as vezes que eu desejar.

“Não chorem, meus amigos, pois vocês me fariam lamentar tê-los conhecido. Deixem passar o tempo e Deus os conduzirá a este lugar em que deveremos todos nos reunir. Boa tarde, meus amigos, que Deus os console. Estou ao lado de vocês”.

*Demeure*

Uma carta de Montauban contém o seguinte relato:

“Tínhamos escondido da senhora G..., médium vidente e sonâmbula muito lúcida, a morte do senhor Demeure, para poupar sua extrema sensibilidade, e o bom doutor, sem dúvida entrando em nossos pensamentos, tinha evitado se manifestar a ela. No último dia 10 de fevereiro, estávamos reunidos, a convite de nossos guias que diziam querer aliviar a senhora G... de uma lesão nas articulações que a fazia sofrer cruelmente desde o dia anterior. Nada sabíamos antes e nem de longe esperávamos a surpresa que eles nos prepararam. Mal essa senhora entrou em sonambulismo, começou a gritar, mostrando o pé. Eis o que se passava:

“A senhora G... via um Espírito curvado sobre sua perna, com o rosto escondido, que fazia fricções e massagens, de vez em quando exercendo na parte doente uma tração longitudinal, absolutamente como faria um médico. A operação era tão dolorosa que a paciente gritava e fazia movimentos desordenados. A crise não durou muito. Depois de dez minutos toda a luxação havia desaparecido, o pé estava desinflado e readquirido a aparência normal. A senhora G... estava curada.

“No entanto, o Espírito continuava sempre desconhecido do médium e insistia em não mostrar o rosto, parecia mesmo querer escapar, quando de um salto nossa doente que, alguns minutos antes não podia dar um passo, se jogou no meio do quarto para apertar a mão de seu doutor espiritual. Desta vez ainda o Espírito tentou virar a cabeça, deixando apenas as mãos entre as da senhora G... Nesse momento, ela solta um grito e cai desmaiada. Acabava de reconhecer o senhor Demeure no Espírito que a curou. Durante a síncope, recebia os cuidados apressados de vários amigos espirituais que lhe eram simpáticos. Enfim, recuperando a lucidez do sonambulismo, ela conversava com os Espíritos, trocando gestos carinhosos, principalmente com o Espírito do doutor, que respondia a sua afeição, injetando-lhe um fluido reparador.

“Não é uma cena surpreendente e dramática e não parece que estamos vendo todos esses personagens desempenhando seu papel na vida humana? Não é uma prova, entre mil, de que os Espíritos são seres bem reais, que têm um corpo e agem como se estivessem vivendo na Terra? Estávamos felizes por reencontrar nosso amigo espiritual, com seu excelente coração e sua delicada atenção. Ele tinha sido durante a vida o médico da médium. Conhecia sua extrema sensibilidade e tinha cuidado de sua saúde como se fora seu próprio filho. Esta prova de identidade dada àqueles que o Espírito amava não é tocante e bem na medida para nos fazer encarar o futuro sob um aspecto mais consolador?”

*Observação* – A situação do senhor Demeure, como Espírito, é bem aquela que se poderia imaginar, tendo em vista a vida tão digna e útil que ele viveu. Mas outro fato não menos instrutivo ressalta dessas comunicações: a atividade que le desenvolve, para ser útil, quase

imediatamente após a morte. Por sua grande inteligência e suas qualidades morais, ele pertence à ordem dos Espíritos muito avançados. É feliz, mas não com uma felicidade baseada na inatividade. Alguns dias antes ele cuidava de doentes como médico e, mal desencarnou, se apressa em cuidar dos doentes, como Espírito. O que se ganha, então, em estar no outro mundo, dirão algumas pessoas, se não se descansa? A essas pessoas perguntaremos se não é nada o fato de não termos mais preocupações, nem necessidades, nem as enfermidades da vida. Não é nada sermos livres e podermos, sem cansaço, percorrer o espaço com a rapidez do pensamento, irmos ver os amigos a qualquer hora, em qualquer lugar em que estejam? Depois, acrescentaremos: quando vocês estiverem no outro mundo, nada os forçará a fazer qualquer coisa. Vocês serão perfeitamente livres para ficar em uma beatífica ociosidade todo o tempo que quiserem. Mas vocês deixarão logo esse repouso egoísta e serão os primeiros a pedir uma ocupação. Então está respondido: se vocês se aborrecerem por não fazer nada, procurem vocês mesmos fazerem qualquer coisa. Não faltam ocasiões para serem úteis tanto no mundo dos Espíritos quanto entre os homens. Assim, a atividade espiritual não é uma obrigação. Torna-se uma necessidade, uma satisfação para os Espíritos, que procuram ocupações de acordo com seus gostos e aptidões e escolhem de preferência as que podem ajudar em seu progresso.

## **A viúva Foulon, nascida Wollis**

A senhora Foulon morreu em Antibes<sup>7</sup>, em 3 de fevereiro de 1865. Morou muito tempo em Havre<sup>8</sup>, onde ganhou reputação como miniaturista muito hábil. No início, usava seu notável talento apenas como distração de artista amadora. Mais tarde, vieram as dificuldades e ela aproveitou o talento para garantir o sustento. Tornou-se conhecida, querida e estimada, deixando boas lembranças a todos que a conheceram, graças a sua doçura, uma qualidade que apenas os que a conheceram na intimidade puderam apreciar plenamente, porque não fazia alarde de suas qualidades e, como todos aqueles que têm o bom sentimento inato,

---

<sup>7)</sup> **Nota da tradução:** Antibes é a maior cidade da chamada Côte d'Azur, no sul da França, costa mediterrânea.

as achava naturais. Talvez nunca o sentimento de abnegação tenha ido tão longe como o dela, sempre pronta a sacrificar o descanso e a saúde pelos interesses daqueles a quem poderia ser útil. Sua vida foi uma longa sequência de abnegação e desde a juventude passou por duras e cruéis provas, que sempre enfrentou com força, resignação e coragem. Infelizmente sua vista cansada por um trabalho minucioso como o que executava foi se extinguindo até atingir a completa cegueira.

A Doutrina Espírita foi para a senhora Foulon um espaço de luz. Parecia-lhe que se levantava um véu sobre alguma coisa que não lhe era completamente desconhecida e sobre a qual ela tinha apenas uma vaga intuição. Estudou a Doutrina com ardor, mas ao mesmo tempo com a lucidez e seriedade próprias de sua grande inteligência. É preciso conhecer todas as perplexidades de sua vida, que atingiam não a ela, mas aos seres que lhe eram queridos, para compreender a força da consolação que encontrou nesta sublime revelação, que lhe deu uma fé inquebrantável no futuro e lhe mostrou a nulidade das coisas terrenas.

Sua morte foi digna como sua vida. Sentiu-lhe a aproximação sem qualquer apreensão ou sofrimento: era sua libertação dos laços terrenos, que lhe abriria as portas para a vida espiritual feliz, com a qual se identificava através do estudo do Espiritismo. Morreu calmamente, porque tinha consciência de ter cumprido a missão que aceitara, vindo para a Terra, pois desempenhara escrupulosamente seus deveres de esposa e de mãe de família. Também porque tinha deixado de lado qualquer ressentimento contra aqueles que a tinham magoado, demonstrado ingratidão, aos quais devolveu o bem em vez do mal. Deixava a vida perdoadando a todos e dirigindo-se à bondade e à justiça de Deus. Enfim, morreu com a serenidade de quem tem a consciência limpa e com a certeza de que estaria mais próxima de seus filhos do que esteve durante a vida corporal, porque poderia, a partir de então, estar com eles em Espírito, onde quer que estivessem, ajudá-los com seus conselhos e protegê-los.

A partir do momento em que soubemos da morte da senhora Foulon, nosso primeiro desejo foi conversar com ela. As relações de amizade e de simpatia que a Doutrina Espírita havia propiciado entre

ela e nós explicam algumas de suas palavras e a familiaridade de sua linguagem.

## I

### **(Paris, 6 de fevereiro de 1865, três dias após sua morte)**

“Eu tinha certeza de que vocês pensariam em me evocar, logo após minha passagem e estava pronta a responder, porque não tive o período de perturbação, que só acontece para aqueles que têm medo e que estão envolvidos por suas espessas trevas.

“Muito bem! Meu amigo, agora estou feliz. Estes pobres olhos que estavam fracos e que me deixavam apenas a lembrança dos prismas cintilantes de luz que tinham colorido minha infância estão abertos, aqui, e reencontraram os esplêndidos horizontes que alguns de seus grandes artistas mal conseguem idealizar, mas que são a mais completa realidade majestosa, severa e cheia de encanto.

“Há apenas três dias que morri e já sinto que sou artista. Minhas aspirações artísticas para o ideal de beleza eram a intuição das faculdades que eu tinha estudado e adquirido em outras existências e que se desenvolveram na última encarnação. Imaginem o que tenho a fazer, para reproduzir uma obra de arte digna da grande cena que toca o Espírito ao chegar à região da luz! Pincéis e pincéis! E provarei ao mundo que a arte espírita é o coroamento da arte pagã, da arte cristã, que corre perigo, e que cabe somente ao Espiritismo a glória de reviver a arte em toda sua luz, neste mundo deserdado de vocês.

“É o bastante para a artista. Agora, dirijo-me à amiga.

“Por que, boa amiga (refere-se à senhora Allan Kardec), você está tão sentida com minha morte? Justo você, que conhecia as decepções e amarguras de minha vida. Ao contrário, deveria estar feliz de ver que agora já não tenho que beber a taça amarga das dores terrenas que esvaziei até o fim. Acredite-me, os mortos são mais felizes que os vivos e chorar por eles é duvidar da verdade do Espiritismo. Esteja certa de que você irá me rever. Parti primeiro porque minha tarefa terminou aí embaixo. Cada um tem a própria tarefa sobre a Terra e quando a sua terminar você virá descansar um pouco ao meu lado, para recomeçar

em seguida, se necessário, porque a inatividade não é natural. Cada um obedece às tendências de sua própria natureza. É uma lei suprema que prova o poder do livre-arbítrio. Minha boa amiga, também todos nós temos necessidade recíproca de indulgência e caridade, seja no mundo visível ou no invisível. Seguindo-se esta máxima, tudo vai bem.

“Vocês não me pediriam para parar. Saibam que já conversei muito para uma primeira vez! Por isso deixo vocês. Dirijo-me a meu excelente amigo senhor Kardec.

“Quero agradecer-lhe as afetuosas palavras que dirigiu à amiga que o precedeu no túmulo, já que não partimos juntos para o mundo onde estou, meu bom amigo! (Alusão à doença de que fala o doutor Demeure). Que diria a amada companheira de seus dias, se os bons Espíritos não tivessem cuidado do senhor? Aí então ela teria chorado e gemido e eu a compreendo: mas também é preciso que ela cuide para que o senhor não se exponha mais ao perigo, antes de terminar seu trabalho de iniciação espírita. Sem se cuidar, o senhor corre o risco de chegar muito cedo entre nós e de, como Moisés, só ver de longe a Terra Prometida. Então, cuide-se. É uma amiga que o previne.

“Agora, vou embora. Vou para perto de meus queridos filhos. Depois, irei ver, além-mar, se minha ovelha viajante enfim chegou ao porto ou se está ao sabor da tempestade (Refere-se a uma de suas filhas que morava na América). Que os bons Espíritos a protejam. Vou me juntar a eles para isto. Voltarei para conversar com vocês, porque, lembrem-se, sou uma tagarela incansável. Então, até logo, muito logo, meus bons e queridos amigos.”

*Viúva Foulon*

## II

**(8 de fevereiro de 1865)**

P – Cara senhora Foulon, estou muito contente com a comunicação que tivemos no outro dia e com sua promessa de continuarmos nossa conversa. Eu a reconheci perfeitamente na comunicação, porque falou de coisas ignoradas pelo médium e que só poderiam ter vindo da senhora mesmo. Depois, a linguagem afetuosamente para conosco é característica de sua alma amorosa. Mas há em suas palavras uma segurança,

um equilíbrio, uma firmeza, que a senhora não tinha quando viva. Lembra-se de que em algumas circunstâncias eu me permiti adverti-la nesse aspecto.

R – É verdade. Mas, a partir do momento em que me vi gravemente doente, recobrei minha firmeza de Espírito, perdida pelas angústias e reveses que algumas vezes me deixavam medrosa durante a vida. Disse a mim mesma: você é Espírito, esqueça a Terra, prepare-se para a transformação de seu ser e veja, pelo do pensamento, o caminho luminoso que sua alma deverá seguir ao deixar o corpo e que a levará, feliz e livre, para as esferas celestes onde você deverá viver no futuro.

Vocês podem me dizer que era um pouco presunçoso de minha parte contar com a felicidade perfeita quando deixasse a Terra. Mas eu tinha sofrido tanto, que imaginava ter expiado os erros desta e das existências anteriores. Essa intuição não me enganou e me deu a coragem, a calma e a firmeza nos últimos instantes: essa firmeza naturalmente aumentou quando, depois de minha morte, vi minhas esperanças realizadas.

P – A senhora poderia nos descrever agora sua passagem, seu despertar e suas primeiras impressões?

R – Eu sofri, mas meu Espírito foi mais forte que o sofrimento material da separação do corpo. *Após o último suspiro*, me senti como em um desmaio, sem a menor consciência de meu estado, sem pensar em nada, em uma vaga sonolência que não era nem o sono do corpo nem o despertar da alma. Fiquei muito tempo assim. Depois, como se voltasse de um desmaio, acordei pouco a pouco, entre irmãos que eu não conhecia e que não poupavam cuidados e carinhos para comigo, mostravam um ponto no espaço que parecia uma estrela brilhante e me disseram: “É para lá que você vai conosco, você não pertence mais à Terra”. Então me lembrei, me apoiei neles e, como um gracioso grupo que se lança para esferas desconhecidas, com a certeza de encontrar a felicidade, subimos, subimos, enquanto a estrela aumentava. Era um mundo feliz, um mundo superior, onde esta sua boa amiga enfim vai encontrar o repouso. Quero dizer o repouso do ponto de vista das fadigas corporais que eu sofri e dos reveses da vida terrena e não a indolência do Espírito, porque a atividade é uma alegria para o Espírito.



P – Será que a senhora deixou definitivamente a Terra?

R – Ainda deixo muitos entes queridos aqui para abandoná-la definitivamente. Voltarei em Espírito, porque tenho uma missão a cumprir, junto de meus filhos. Vocês bem sabem que não há nenhum obstáculo para que os Espíritos que estão no mundo superior venham visitar a Terra.

P – A posição em que a senhora está parece que deverá enfraquecer seus laços com aqueles que deixou aqui embaixo?

R – Não, meu amigo. O amor aproxima as almas. Creiam, a gente pode ser, na Terra, mais próximo daqueles que atingiram a perfeição do que daqueles que por inferioridade e egoísmo vagam na esfera terrestre. A caridade e o amor são duas forças motrizes de poderosa atração. É o laço que cimenta a união das almas que são muito ligadas e que prolonga essa união, apesar da distância e dos lugares. Só existe distância para os corpos materiais, não para os Espíritos.

P – O que acha agora de meus trabalhos sobre o Espiritismo?

R – Acho que o senhor tem responsabilidade com as almas e que o fardo é difícil de carregar. Mas vejo que atingirá o objetivo. Vou ajudá-lo, se possível, com meus conselhos espirituais, para que possa ultrapassar as dificuldades que encontrar, induzindo-o a tomar medidas convenientes para apressar, enquanto estiver vivo, o movimento renovador que faz crescer o Espiritismo. Seu amigo Demeure, unido ao *Espírito de Verdade*, vai ajudá-lo ainda muito mais. Ele é mais sábio e mais sério que eu. Como sei que a assistência dos bons Espíritos fortifica o senhor e o sustenta em seu trabalho, acredite que contará com meu apoio sempre e em toda parte.

P – Poderíamos deduzir, por algumas de suas palavras, que a senhora não dará uma cooperação pessoal muito ativa à obra do Espiritismo?

R – Estão enganados, mas vejo tantos outros Espíritos mais capazes que eu de tratar essa questão tão importante, que um sentimento invencível de timidez me impede, no momento, de responder a vocês como gostaria. Talvez isso venha a acontecer, quando eu tiver mais coragem e ousadia, mas antes é preciso que eu os conheça melhor. Há apenas quatro dias que morri, ainda estou sob o impacto do deslumbramento

que me cerca, compreende, meu amigo? Não posso exprimir suficientemente as novas sensações que experimento. Eu teria que me violentar, para me afastar da fascinação que as maravilhas que admiro exercem sobre meu ser. Só consigo agradecer e adorar a Deus em Suas obras. Mas isso passará. Os Espíritos me garantem que logo estarei acostumada a todo este esplendor e poderei, então, com minha lucidez de Espírito, tratar de todas as questões relacionadas à renovação terrestre. A tal situação devem juntar neste momento o fato de eu ter uma família para consolar.

Adeus e até breve. Esta sua boa amiga que o ama e o amará sempre, meu mestre, porque é ao senhor que ela deve a única consolação durável e verdadeira que experimentou sobre a Terra.”

*Viúva Foulon*

### III

#### **A comunicação seguinte foi destinada a seus filhos, em 9 de fevereiro:**

“Meus muito amados filhos, Deus me retirou do convívio de vocês, mas a recompensa que se dignou me conceder é muito grande, em comparação ao pouco que fiz na Terra. Resignem-se, meus bons filhos, à vontade do Todo-Poderoso. Encontrem em tudo o que receberam a força para suportarem as provas da vida. Mantenham sempre firme no coração essa crença que tanto facilitou minha passagem da vida terrena para a vida que os espera quando saírem desse baixo mundo. Deus estendeu sobre mim, após minha morte, Sua inesgotável bondade, como o fez quando eu estava sobre a Terra. Agradeçam todos os benefícios que Ele concede a vocês, bendigam, meus filhos, bendigam sempre, em todos os momentos. Jamais percam de vista o objetivo que lhes foi indicado nem o caminho que vocês devem seguir. Pensem em como bem empregar o tempo que Deus lhes deu sobre a Terra. Aí vocês serão felizes, meus queridos, felizes uns pelos outros, se a união reinar entre vocês. Felizes por seus filhos, se os educarem bem, na vida que Deus permitiu que lhes fosse revelada.

“Se vocês não podem me ver, saibam que o laço que nos unia aí embaixo não foi de maneira alguma rompido pela morte do corpo, porque não era

o invólucro que nos unia e sim o Espírito. É pelo Espírito, meus queridos, que ainda poderei, pela bondade do Todo-Poderoso, guiá-los e encorajá-los na caminhada para mais tarde nos reencontrarmos.

“Sigam em frente, meus filhos, cultivem com o mesmo amor esta sublime crença. Melhores dias estão reservados a vocês que acreditam. Disseram já a vocês, porém eu não devia ver estes dias sobre a Terra. Será do alto, pois, que terei uma ideia sobre os tempos felizes prometidos por Deus bom, justo e misericordioso.

“Não chorem, meus filhos. Que estas nossas conversas possam fortalecer sua fé e amor a Deus, que tantos dons esparramou sobre vocês, que tantas vezes socorreu a mãe de vocês. Rezem sempre: a prece fortalece. Sigam o que eu seguia tão ardentemente, na vida que Deus lhes deu.

“Eu voltarei, meu filhos, mas é preciso que eu apoie minha pobre filha que tem muita necessidade ainda de mim. Adeus, até logo. Creiam na bondade do Todo-Poderoso. Rezo por vocês. Até logo.”

*Viúva Foulon.*

*Observação* – Qualquer Espírito sério e esclarecido perceberá facilmente os ensinamentos que ressaltam em comunicações desse tipo. Chamaremos a atenção para apenas dois pontos. O primeiro é que este exemplo mostra a possibilidade de não mais se encarnar na Terra e de se passar daqui para um mundo superior, sem com isto se separar dos entes queridos deixados aqui. Então, aqueles que duvidam da reencarnação por causa das misérias da vida, podem se tranquilizar, fazendo o que é necessário, isto é, trabalhando para melhorar. Assim como aquele que não quer vegetar em categorias inferiores deve se instruir e trabalhar para subir de posto.

O segundo ponto é a confirmação desta verdade de que após a morte estamos menos separados dos entes queridos do que durante a vida. A senhora Foulon, presa pela idade e pela doença em uma pequena cidade do Sul, só tinha perto de si uma parte da família. A maior parte de seus filhos e amigos estava dispersa, longe. Havia obstáculos materiais que a impediam de vê-los tanto quanto ela e eles desejavam. A grande distância tornava rara e difícil até mesmo a correspondência,

para alguns. Mal ela se livrou de seu corpo, leve, correu ao lado de cada um, venceu as distâncias sem cansaço, com a rapidez da eletricidade. Ela os vê, assiste a suas reuniões íntimas, cerca-os de proteção e pode, pela voz da mediunidade, falar com eles a todo instante, como quando era viva. E pensar que há pessoas que a este consolador pensamento preferem a ideia de uma separação definitiva!

## Um médico russo

M. P... era um médico de Moscou, que se distinguia tanto por suas elevadas qualidades morais como pelo saber. A pessoa que o evocou o conhecia apenas por sua reputação e havia tido com ele apenas relações indiretas. A comunicação original estava em língua russa.

P – (Após a evocação) O senhor está aqui?

R – Sim. No dia de minha morte, eu o atormentei com minha presença, mas o senhor resistiu a todas as minhas tentativas de fazê-lo escrever. Eu tinha ouvido suas palavras sobre minha pessoa, o que me fez conhecê-lo e então tive vontade de falar com o senhor, para lhe ser útil.

P – Por que o senhor, que era tão bom, sofreu tanto?

R – Era uma bondade do Senhor, que queria com isso me fazer sentir duplamente o preço de minha libertação e avançar o mais possível, aí embaixo.

P – A ideia da morte lhe causava terror?

R – Não, eu tinha muita fé em Deus para ter medo da morte.

P – A separação foi dolorosa?

R – Não. O que vocês chamam de o último momento não é nada. Senti apenas um estalo bem curto e logo depois me senti muito feliz por estar livre de minha miserável carcaça.

P – E o que aconteceu então?

R – Tive a felicidade de ver muitos amigos virem ao meu encontro e me darem boas-vindas, notadamente aqueles a quem tive a satisfação de ajudar.

---

<sup>(9)</sup> **Nota da tradução:** Gênesis, XXVIII:10 e 11 e seguintes: Jacó tem um sonho: “*E viu em sonhos uma escada posta sobre a terra, cujo cimo tocava o céu, e os anjos de Deus subindo e descendo por ela (...)*”. No Evangelho de João, 1:51, Jesus repete a frase do sonho de Jacó: “*Em verdade, em verdade, vos digo, verei o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem*”.

P – Em que região o senhor está? Está em um planeta?

R – A tudo que não é um planeta chamamos de espaço. É onde estou. Mas o homem não faz ideia de quantos níveis tem esta imensidão! Quantos degraus tem esta escada de Jacó<sup>9</sup>, que vai da Terra ao Céu, isto é, da degradação de uma encarnação em um mundo inferior como o seu até a depuração completa da alma! Ao lugar em que estou só se chega por uma longa série de provas, o que significa por muitas encarnações.

P – Quer dizer que o senhor deve ter tido muitas existências?

R – Como poderia ser diferente? Nada é excepcional na ordem imutável estabelecida por Deus. A recompensa só pode vir depois da vitória conquistada na luta. E para que a recompensa seja grande é preciso que a luta também o seja. Mas a vida humana é tão curta que a luta real se realiza em intervalos. E esses intervalos são as sucessivas existências. Ora, já que estou em um dos degraus já avançados, é certo que atingi essa felicidade pela continuidade de combates em que Deus permitiu que algumas vezes eu alcançasse a vitória.

P – Como é sua felicidade?

R – É difícil fazê-los compreender. Minha felicidade é um contentamento extremo comigo mesmo, não por meus méritos, que seria orgulho e o orgulho é próprio dos Espíritos em reprovação, mas um contentamento mergulhado no Amor de Deus, no reconhecimento de Sua bondade infinita. É a alegria profunda de ver o bom, de ver o bem, de dizer a mim mesmo: talvez eu tenha contribuído para o progresso de alguns daqueles que se elevaram para o Senhor. A gente se identifica com o bem-estar, é uma espécie de fusão entre o Espírito e a bondade divina. Tem-se o dom de ver os Espíritos mais puros, de compreendê-los em suas missões, de saber que a gente também chegará ao estágio em que eles estão. A gente antevê, no incomensurável infinito, as regiões tão resplandecentes do fogo divino, que se fica deslumbrado ao contemplá-las, mesmo através do véu que ainda as cobre. Mas o que estou dizendo? Vocês compreendem minhas palavras? Vocês acreditam que esse fogo de que falo é parecido com o Sol, por exemplo? Não, não, é alguma coisa impossível de descrever para o homem, porque as palavras só exprimem os objetos, as coisas físicas ou metafísicas de

que se tem conhecimento pela memória ou intuição da alma, enquanto que, não se podendo ter esta mesma memória do desconhecido, não há termos que possam dar uma noção do que seja. Mas saibam: já é uma imensa felicidade pensar que é possível se elevar infinitamente.

P – O senhor teve a bondade de dizer que queria me ser útil. Como poderia?

R – Posso ajudá-lo em suas falhas, sustentá-lo em suas fraquezas, consolá-lo em suas angústias. Se sua fé vacilar, perturbada por algum trauma que o confunde, me chame: Deus me dará palavras para lembrá-lo e fazê-lo voltar a si. Se sentir-se prestes a sucumbir sob o peso de tendências que o senhor mesmo reconhece como culpáveis, me chame: eu o ajudarei a carregar sua cruz, como Jesus foi ajudado a carregar a Sua, aquela que devia nos proclamar altamente a verdade, a caridade. Se o senhor enfraquecer sob o peso de suas angústias, se o desespero se apossar do senhor, me chame: eu virei tirá-lo desse abismo, falando de Espírito para Espírito, lembrando os deveres que lhe são impostos, não por considerações sociais e materiais, mas pelo amor que sentirá em mim, amor que Deus colocou em meu ser para ser transmitido àqueles que Ele pode salvar.

Sem dúvida, o senhor tem amigos na Terra. Compartilharam suas dores e talvez já o tenham salvado. Nas angústias irá encontrá-los, irá levar-lhes seus prantos e suas lágrimas e eles lhe darão conselhos, apoio, carinhos. Bem, o senhor não acha que um amigo também seja uma coisa boa? Não é consolador pensar consigo mesmo: quando eu morrer, meus amigos da Terra estarão à minha cabeceira, rezando e chorando por mim, mas meus amigos do espaço estarão na porta de entrada da vida e virão, sorrindo, me conduzir ao lugar que terei merecido, por conta de minhas virtudes?

P – O que eu fiz para merecer a proteção que quer me dar?

R – Eis por que estamos ligados desde o dia de minha morte. Eu o vi como espírita, bom médium e sincero adepto. Entre os que deixei embaixo eu o vi primeiro. Então resolvi vir e contribuir para seu avanço, se o senhor tiver interesse, sem dúvida, e ainda mais no interesse de todos aqueles que o procuram para se instruírem na verdade. O senhor percebe que Deus o ama o suficiente para torná-lo missionário. A seu redor, todos, pouco a pouco, compartilham suas crenças. Os

mais rebeldes ao menos o escutam e um dia os verá acreditando. Não desanime, caminhe sempre, apesar das pedras do caminho. Ocupe-me como cajado para a fraqueza.

P – Não ousou acreditar que mereça tão grande favor.

R – Sem dúvida, o senhor está longe da perfeição, mas seu ardor em difundir as justas doutrinas, em sustentar a fé daqueles que o escutam, em pregar a caridade, a bondade, a benevolência, mesmo quando agem mal com o senhor, sua resistência nos momentos de cólera, em que poderia facilmente se voltar contra aqueles que o afligem ou que menosprezam suas intenções, felizmente servem de contrapeso ao que ainda existe de mal em sua pessoa. E saiba que o perdão é um poderoso contrapeso.

Deus o cumula de graças através das faculdades que lhe dá e cabe-lhe desenvolvê-las, por seus próprios esforços, a fim de trabalhar com eficácia pela salvação do próximo. Vou deixá-lo, mas conte comigo. Trate de moderar suas ideias terrenas e de viver mais frequentemente com seus amigos daqui.

*P*

## **Bernadin**

**(Bordeaux, abril de 1862)**

“Sou um Espírito esquecido há muitos séculos. Vivi sobre a Terra na miséria e na desonra. Trabalhei sem descanso para levar um insuficiente pedaço do pão de cada dia à minha família. Mas eu amava meu verdadeiro Mestre e quando aumentava meu fardo de dor na Terra, dizia: ‘Meu Deus, dai-me a força para suportar este peso sem me lamentar’. Eu expiava, meus amigos, mas ao sair dessa rude prova, o Senhor me recebeu na paz e meu maior desejo é reunir todos vocês ao meu lado: meus filhos, meus irmãos, e dizer-lhes que a felicidade que os espera está muito acima do preço que vocês pagarem, por maior que seja esse preço.

“Eu não tinha uma boa situação. Filho de uma família numerosa, servi a quem podia me ajudar a suportar a vida. Nascido em uma época de cruel escravidão, suportei todas as injustiças, trabalhei de graça como camponês. Sofri todas as cargas que os subalternos do senhor achavam que deviam me impor. Vi, sem poder me queixar, minha mulher ultrajada. Vi minhas

filhas raptadas e depois rejeitadas. Vi meus filhos serem levados pela guerra da pilhagem e do crime, enforcados por erros que não cometeram! Se vocês soubessem, pobres amigos, o que eu sofri na minha longa existência! Mas eu esperava. Esperava a felicidade que não existe sobre a Terra e que o Senhor me concedeu. A todos vocês, então, meus irmãos, coragem, paciência e resignação.

“Meu filho, pode guardar o que lhe dei, é um ensinamento prático. Aquele que prega é mais ouvido quando pode dizer: eu suportei mais que vocês, suportei sem me queixar.

P – Em que época o senhor viveu?

R – De 1400 a 1460.

P – O senhor teve outra existência depois?

R – Sim, vivi ainda entre vocês como missionário. Sim, missionário da fé, mas da verdadeira, da pura, daquela fé que sai da mão de Deus e não daquela fé criada pelos homens.

P – Agora, como Espírito, ainda tem ocupações?

R – Vocês acreditam que Espíritos ficam inativos? A inércia, a inutilidade seriam suplícios para eles. Minha missão é guiar os centros que trabalham no Espiritismo, aos quais inspiro bons pensamentos e me esforço para neutralizar os pensamentos que os maus Espíritos tentam sugerir.

*Bernardin*

## **A condessa Paula**

Era uma mulher jovem, bonita, bem nascida e um modelo completo de todas as qualidades do coração e do Espírito. Morreu com 36 anos, em 1851. Era uma dessas pessoas para quem a oração fúnebre se resume a estas palavras, em todas as bocas: “Por que Deus retira da Terra tão cedo tais pessoas?” Felizes aqueles que têm sua memória assim abençoada! Ela era boa, doce, indulgente com todo mundo, sempre pronta a perdoar ou a atenuar o mal, em vez de agravá-lo. Jamais uma maledicência maculou seus lábios. Sem arrogância nem orgulho, tratava seus inferiores com uma benevolência que nada tinha de falsa familiaridade e sem afetar um ar de superioridade ou de uma proteção humilhante.



Compreendia que as pessoas que vivem do trabalho não são rendeiros e têm necessidade do dinheiro que lhes é devido e por isso jamais atrasou-lhe um salário. A ideia de que alguém pudesse sofrer algum problema por falta de pagamento lhe traria remorsos à consciência. Ela não era desse tipo de pessoa que usa o dinheiro para satisfazer as fantasias e nunca para pagar as dívidas. Não entendia como havia ricos que gostavam de ter dívidas e se sentiria humilhada se alguém pudesse dizer que seus fornecedores tinham sido obrigados a lhe fazer adiantamentos. Assim, em sua morte, só teve lamentos e nenhuma reclamação.

Sua caridade era inesgotável, mas não essa beneficência oficial que se instala publicamente. Em sua casa havia a caridade do coração e não da ostentação. Só Deus sabe as lágrimas que ela secou e os desesperos que acalmou, porque suas boas ações só eram testemunhadas por ela mesma e pelos infelizes a que assistia. Ela sabia descobrir essas infelicidades escondidas, que são as mais tocantes, e que socorria com a delicadeza que eleva e não que rebaixa o moral das pessoas.

Sua posição social e as altas funções de seu marido a obrigavam a uma responsabilidade intransferível de cuidar de sua casa, mas satisfazia a todas as exigências de sua posição sem mesquinhez, colocando uma ordem que evitava grandes desperdícios e despesas supérfluas. Com isso conseguia reduzir as despesas à metade do que outros gastavam, sem fazerem melhor do que ela.

Assim procedendo, podia dedicar mais de sua fortuna aos necessitados. Tinha separado um capital importante, cujos rendimentos tinham exclusivamente essa destinação sagrada e eram contabilizados por ela como uma quantia a menos a ser gasta na casa. Dessa forma, encontrava um meio de conciliar seus deveres para com a sociedade e para com a infelicidade<sup>10</sup>.

Doze anos após sua morte, foi evocada por um de seus parentes iniciados no Espiritismo e respondeu às diversas perguntas que lhe fizeram<sup>11</sup>:

---

<sup>(10)</sup> Pode-se dizer que esta senhora era o retrato vivo da mulher beneficente, encontrado em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XIII.

<sup>(11)</sup> O original da comunicação está em alemão. Foram extraídas as partes instrutivas do assunto que nos interessa e suprimidas aquelas que só interessam à família.

“Você tem razão, meu amigo, em pensar que estou feliz. Na verdade, estou muito mais feliz do que é possível exprimir a vocês e, no entanto ainda estou longe do último degrau. Eu estava entre os felizes, na Terra, porque não me lembro de ter passado por uma real aflição. Juventude, saúde, fortuna, respeito, eu tinha tudo o que constitui a felicidade entre vocês. Mas o que é essa felicidade perto do que experimento aqui? O que são as mais esplêndidas festas, nas quais se veem as mais ricas joias, ao lado dessas assembleias de Espíritos resplandecentes, de uma luz que a vista humana não poderia suportar e que é a marca da pureza? O que são seus palácios, seus salões dourados, ao lado das mansões aéreas, dos vastos campos do espaço, de cores tão variadas, que tornariam pálido um arco-íris? O que são seus passeios, passo a passo, nos parques, ao lado das corridas através da imensidão, mais rápidas que o relâmpago? O que são seus horizontes limitados e nebulosos, ao lado do espetáculo grandioso dos mundos se movendo no Universo sem limites, sob a possante mão do Todo-Poderoso? Seus concertos mais melodiosos são tristes e desafinados, perto desta suave harmonia que faz vibrar os fluidos do éter e todas as fibras da alma! Suas maiores alegrias são tristes e insípidas, perto da inebriante sensação de felicidade que penetra incessante em todo o nosso ser, como um aroma salutar, sem qualquer mistura de inquietação, sem nenhuma apreensão, sem nenhum sofrimento! Aqui tudo respira o amor, a confiança, a sinceridade. Em toda parte há corações cheios de amor, há amigos. Em nenhuma parte existem invejosos nem ciumentos. Este é o mundo onde estou, meu amigo, e onde vocês chegarão infalivelmente, se seguirem o caminho certo.

“Entretanto, a gente se cansaria logo de uma felicidade uniforme. Não pense que nossa felicidade está livre de incidentes. Não se trata de um concerto eterno, de uma festa sem fim, de uma beatífica contemplação por toda a eternidade. Não, é o movimento, a vida, a atividade. As ocupações, embora não sejam cansativas, estão salpicadas de mil incidentes que trazem uma incessante variedade de aparências e de emoções. Cada um tem sua missão a cumprir, seus protegidos para cuidar, os amigos da Terra para visitar, mecanismos da natureza para dirigir, almas sofredoras para consolar. A gente vai, a gente vem, não de

uma rua a outra, mas de um mundo a outro. A gente se reúne, se separa para se reunir de novo. A gente se reúne em um ponto, se comunica sobre o que fez, se cumprimenta pelos sucessos obtidos, faz planos, se apoia reciprocamente em casos difíceis. Enfim, garanto que ninguém tem um segundo de tempo para se aborrecer.

“Nesse momento a Terra é objeto de nossa grande preocupação. Que movimento há entre os Espíritos! Há numerosos grupos que se dirigem à Terra para cooperar em sua transformação! Poderia dizer que há uma multidão de trabalhadores ocupados em desbravar uma floresta, conduzidos por chefes experientes. Uns derrubam as velhas árvores com o machado, arrancam as profundas raízes, outros desobstruem. Estes, arando e semeando. Aqueles, edificando a nova cidade sobre as ruínas corroídas do velho mundo. Enquanto isso, os chefes se reúnem, decidem e enviam mensageiros para dar ordens em todas as direções. A Terra deve ser regenerada daqui a algum tempo. É necessário que os desígnios da Providência se cumpram e é para isso que cada um executa seu trabalho. Não pense que sou uma simples espectadora desse grande trabalho. Eu teria vergonha de ficar inativa enquanto todo mundo se ocupa. Foi-me confiada uma grande missão e me esforço para cumpri-la o melhor possível.

“Não foi sem luta que cheguei à posição que ocupo na vida espiritual. Acreditem que minha última existência não foi suficiente, por mais meritória que pareça a vocês que tenha sido. Durante muitas existências, passei por provas de trabalhos e de miséria, que eu tinha voluntariamente escolhido para fortificar e depurar minha alma, das quais tive a felicidade de sair vitoriosa. Mas ainda restava uma prova, a mais perigosa de todas: a de minha fortuna e do bem-estar material. *De um bem-estar sem amargura*: aí estava o perigo. Antes de tentá-la, eu quis me sentir bem forte, para não fracassar. Deus levou em conta minhas boas intenções e me deu a graça de me amparar. Muitos Espíritos, seduzidos pelas aparências, se apressaram em escolher essa prova e, muito fracós, coitados, para enfrentar o perigo, deixaram que as seduções triunfassem sobre sua inesperiência.

“Trabalhadores, eu estive na mesma condição de vocês. Eu, a nobre dama, como vocês, ganhei o pão com o suor de meu rosto. Sofri priva-

ções, intempéries e foi isso que desenvolveu as forças viris de minha alma. Sem isso eu provavelmente teria fracassado em minha última prova, o que me teria deixado bem para trás em minha caminhada. Como eu, vocês terão também, a seu tempo, a prova da fortuna, mas não se apressem em pedi-la muito cedo. E vocês que são ricos não se esqueçam de que a verdadeira fortuna, a fortuna imperecível não está sobre a Terra e compreendam qual o preço para merecer os benefícios do Todo-Poderoso”.

*Paula, na Terra, Condessa de \*\*\*.*

## **Jean Reynaud**

### **(Sociedade Espírita de Paris. Comunicação espontânea)**

“Meus amigos, como esta nova vida é magnífica! Como uma torrente luminosa, ela conduz em sua marcha enorme as almas inebriadas de infinito! Após a ruptura dos laços carnaís, meus olhos abraçaram os novos horizontes que me cercam e usufruí das esplêndidas maravilhas do infinito. Passei das sombras da matéria à aurora brilhante que anuncia o Todo-Poderoso. Fui salvo, não pelo mérito de minhas obras, mas pelo conhecimento do princípio eterno que me fez evitar as manchas impressas pela ignorância na pobre Humanidade. Minha morte foi abençoada. Meus biógrafos a julgaram prematura, os cegos! Eles lamentarão alguns escritos nascidos da vaidade e não compreenderão como o silêncio diante de meu túmulo recém-fechado é útil para a santa causa do Espiritismo. Minha obra estava acabada. Meus antepassados apressaram o caminho. Eu tinha atingido este ponto culminante em que o homem já deu o que tinha de melhor e só o que tem a fazer é recomeçar. Minha morte reaviva e atrai a atenção dos letrados para minha obra capital, que toca na questão espírita, que eles fingem desconhecer, mas que logo os envolverá. Glória a Deus! Ajudado pelos Espíritos superiores que protegem a nova Doutrina serei um dos esclarecedores que sinalizam o caminho de vocês.”

*Jean Reynaud*

**(Paris, reunião familiar. Outra comunicação espontânea)**

O Espírito responde a uma reflexão sobre sua morte inesperada, quando ainda era jovem, o que surpreendeu muita gente.

“Quem disse que minha morte não é um benefício para o futuro e para as consequências do Espiritismo? Você notou, meu amigo, a marcha do progresso, o caminho que toma a fé espírita? Em primeiro lugar, Deus deu provas materiais: dança das mesas, batidas e todos os tipos de fenômenos. Era para chamar a atenção. Era um prefácio divertido. Os homens precisam de provas palpáveis, para acreditar. Agora, é outra coisa! Depois dos feitos materiais, Deus fala à inteligência, ao bom senso, à razão fria. Não são mais proezas admiráveis e sim coisas racionais que devem convencer e unir mesmo os incrédulos, os mais obstinados. E isto é apenas o começo. Notem o que eu digo: vai acontecer toda uma série de fatos inteligentes, irrefutáveis, e o número de adeptos da fé espírita, já bem grande, vai ainda aumentar. Deus vai se impor às inteligências de elite, às sumidades do Espírito, do talento e do saber. Será como um raio luminoso que se esparramará sobre a Terra como um fluido irresistível, e induzirá os mais teimosos à procura do infinito, ao estudo desta admirável ciência que nos ensina máximas tão sublimes. Todos se agruparão ao seu redor e, deixando de lado o diploma de gênio que lhes tinha sido dado, se transformarão em humildes e pequenos, para aprender e se convencer. Depois, mais tarde, quando estiverem instruídos e bem convencidos, usarão a própria autoridade e a notoriedade de seus nomes para fazer crescer ainda mais e atingir os últimos limites o objetivo a que vocês todos se propõem: a regeneração da espécie humana pelo conhecimento racional e aprofundado das existências passadas e futuras. Esta é minha sincera opinião sobre o estado atual do Espiritismo.”

**(Bordeaux)**

*Evocação* – Atendo com prazer a seu chamado, senhora. Sim, a senhora tem razão, a confusão espiritual, por assim dizer, quase não

existiu para mim (respondia ao que pensava a médium). Exilado voluntário em sua terra, onde eu tinha que jogar a primeira semente séria das grandes verdades que envolvem o mundo nesse momento, sempre tive consciência da pátria e me reconheci rapidamente entre meus irmãos.

P – Agradeço sua boa vontade em vir, mas eu não acreditava que minha vontade de conversar com o senhor o influenciasse. Deve existir uma diferença tão grande entre nós que eu só penso nisso com respeito.

R – Obrigado por seu bom pensamento, minha filha, mas a senhora deve saber também que, por maior que seja a distância que as provas acabadas mais ou menos rapidamente, com mais ou menos felicidade, possam estabelecer entre nós, há sempre um laço poderoso que nos une: a simpatia. E a senhora estreitou este laço com seu constante pensamento.

P – Apesar de muitos Espíritos terem explicado suas primeiras sensações ao despertar, seria muito bom o senhor me dizer o que sentiu ao se reconhecer e como aconteceu a separação entre seu Espírito e seu corpo.

R – Aconteceu como para todo mundo. Senti o momento da libertação se aproximar. Mais feliz que muitos, não senti angústia, porque eu conhecia os resultados desse momento, embora fossem ainda maiores do que eu pensava. O corpo é um entrave para as faculdades espirituais e por mais luzes que tenhamos conservado, são sempre abafadas pelo contato com a matéria. Adormeci, esperando um despertar feliz, o sono foi curto, a admiração, enorme! Os esplendores celestes que se desenrolaram diante de meus olhos brilhavam com toda sua claridade. Minha vista maravilhada mergulhava na imensidão desses mundos que eu afirmava existirem e serem habitados. Era uma visão que me revelava e confirmava a verdade de meus sentimentos. Por mais que o homem acredite, quando fala, há sempre no fundo de seu coração alguns momentos de dúvida, de incerteza. Desconfia, senão da verdade que ele proclama, pelo menos dos meios imperfeitos que utiliza para demonstrá-la. Convencido da verdade que eu queria que as pessoas

admitissem, muitas vezes tive que lutar comigo mesmo contra o desânimo de ver, de tocar, por assim dizer, a verdade e de não poder torná-la palpável para aqueles que teriam tanta necessidade de acreditar, para caminharem com segurança na rota que deveriam seguir.

P – Quando estava encarnado o senhor pregava o Espiritismo?

R – Há uma grande diferença entre pregar e praticar. Muitas pessoas pregam uma doutrina que não praticam. Eu praticava e não pregava. Da mesma forma que é cristão todo homem que segue as leis do Cristo, sem conhecê-las, todo homem pode ser espírita, se crê na sua alma imortal, em suas reencarnações, em sua marcha progressiva incessante, nas provas terrenas, nas abluções<sup>12</sup> necessárias para se purificar. Eu acreditava em tudo isso, então era espírita. Compreendi a erraticidade, esse laço intermediário entre as encarnações, esse purgatório no qual o Espírito culpado se despoja de suas vestes manchadas para revestir uma nova, e onde o Espírito em evolução, tece com cuidado a roupa que usará de novo e que quer conservar sem manchas. Eu compreendi, já disse, e sem pregar, continuei a praticar.

*Nota* – Estas três comunicações foram obtidas por três médiuns diferentes, que não se conheciam. Pela analogia dos pensamentos, pela forma da linguagem, pode-se admitir ao menos a presunção da identidade. A expressão *tece com cuidado a roupa que usará de novo* é uma elegante figura que mostra a consideração com que o Espírito em evolução prepara a nova existência que deverá fazê-lo progredir ainda mais. Os Espíritos atrasados tomam menos cuidado e algumas vezes fazem escolhas infelizes que os forcem a recomeçar.

## Antoine Costeau

Membro da Sociedade Espírita de Paris, enterrado em 12 de setembro de 1863, em uma vala comum, no cemitério de Montmartre. Era um homem sensível, que o Espiritismo reconduziu a Deus. Sua fé no futuro

---

<sup>(12)</sup> **Nota da tradução:** Ablução, segundo o *dicionário Aurélio Século XXI*, tem o sentido de “lavar-se antes de uma prece”. Refere-se também ao “ritual de purificação por meio da água, praticado em várias religiões”.

era completa, sincera e profunda. Simples pedreiro, praticava a caridade em pensamentos, palavras e obras, de acordo com seus poucos recursos, porque ainda encontrava um meio de ajudar aqueles que tinham menos do que ele. Se a sociedade não gastou com um túmulo particular é porque havia um emprego mais útil para o dinheiro. Era preferível empregá-lo em proveito dos vivos a satisfazer um inútil amor-próprio e principalmente os espíritas sabem que a vala comum é uma porta de entrada para o céu tanto quanto o mais suntuoso mausoléu.

O senhor Canu, secretário da Sociedade, outrora profundo materialista, fez o seguinte discurso, por ocasião do enterro:

“Caro irmão Costeau, há apenas alguns anos, muitos entre nós e, confesso, eu em primeiro lugar, veriam diante de um túmulo aberto o fim das misérias humanas e, depois, o nada. O horrível nada, isto é, sem a existência da alma para merecer ou expiar e conseqüentemente sem Deus para recompensar, castigar ou perdoar. Hoje, graças à nossa divina Doutrina, vemos no túmulo o fim das provas e para você, caro irmão, cujos restos mortais devolvemos à terra, vemos o triunfo de seus trabalhos e começo de recompensas que você merece, por sua coragem, resignação, caridade, enfim, suas virtudes e, acima de tudo, a glorificação de um Deus sábio, Todo-Poderoso, justo e bom. Leve, então, meu caro irmão, nossas ações de graças aos pés do Senhor Eterno, que quis dissipar em nós as trevas do erro e da incredulidade, porque pouco tempo atrás, teríamos dito, nesta circunstância, de cabeça baixa e com desalento no coração: “Adeus, amigo, para sempre”. Hoje, lhe dizemos, com a cabeça erguida e iluminada pela esperança, com o coração cheio de coragem e amor: “Caro irmão, até logo, e reze por nós”<sup>13</sup>.

Um dos médiuns da Sociedade recebeu, ao lado do túmulo, ainda aberto, a seguinte comunicação, cuja leitura todos os presentes, inclusive os Coveiros, ouviram de cabeça descoberta e com profunda emoção. Era, de fato, um espetáculo novo e surpreendente ouvir as palavras de um morto, recebidas ao lado do túmulo.

---

<sup>(13)</sup> Para mais detalhes e outros discursos, ver a *Revista Espírita*, de outubro de 1863, página 297.



“Obrigado, meus amigos, obrigado. Meu túmulo ainda não foi fechado e, portanto, um segundo a mais e a terra vai recobrir meus restos. Mas vocês sabem que minha alma não será enterrada sob esta poeira. Ela vai planar no espaço, para subir até Deus!

“Sabem também que é consolador poder dizer ainda, apesar da dissolução dos despojos: Oh! Não, não estou morto, vivo a vida verdadeira, a vida eterna!

“O enterro de um pobre não tem muitas pessoas, nem orgulhosas manifestações ao lado de seu túmulo e, portanto, meus amigos, acreditem, *a grande multidão não faz falta aqui*, e bons Espíritos acompanharam com vocês e suas piedosas mulheres o corpo daquele que está lá, deitado! Ao menos todos vocês acreditam e amam o bom Deus!

“Oh! Certamente não morremos só porque nosso corpo se aniquilou, esposa amada! De agora em diante estarei sempre perto de você para consolá-la e ajudá-la a suportar a prova. A vida será dura para você, mas, com o coração cheio da ideia de eternidade e do Amor de Deus, seus sofrimentos serão leves!

“Parentes que cercam minha querida companheira, amem-na, respeitem-na, sejam para ela irmãos e irmãs. Não se esqueçam de que vocês devem dar assistência a todos na Terra, se quiserem entrar na morada do Senhor.

“E vocês, espíritas, irmãos, amigos, obrigado por virem me dizer adeus até esta morada de poeira e lama. Mas vocês sabem, sabem bem que minha alma é imortal, que algumas vezes virá pedir-lhes preces, que não me serão negadas, para me ajudar a caminhar nesta via magnífica que vocês abriram em minha vida.

“Adeus para todos que estão aqui. Poderemos nos rever em outro lugar que não seja ao lado deste túmulo. As almas me chamam a seu encontro. Adeus, rezem por aqueles que sofrem. Até logo!”

*Costeau*

Três dias mais tarde, o Espírito do senhor Costeau, evocado em um grupo particular, ditou o texto seguinte, por intermédio de outro médium:

“A morte é a vida, não paro de repetir o que já foi dito. Para vocês, não há outra expressão, a não ser esta, apesar do que dizem os materialistas, os que querem permanecer cegos. Oh! Meus amigos, como é bonita a visão sobre a Terra das bandeiras do Espiritismo! É uma ciência enorme, da qual vocês ainda conhecem apenas as primeiras palavras! Quanta clareza esta ciência traz ao homem de boa vontade, àqueles que quebraram as terríveis cadeias do orgulho para elevar bem alto sua crença em Deus! Rezem, humanos, agradeçam a Deus por todos Seus benefícios. Pobre Humanidade! Se pudesse compreender!... Mas não, não chegou ainda o tempo em que a misericórdia do Senhor deve se estender sobre todos os homens, para que reconheçam e se submetam à Sua vontade.

“É por seus raios luminosos, Ciência bendita, que os homens chegarão a esse tempo e compreenderão. É em seu calor salutar que virão aquecer os corações no fogo divino que traz a fé e as consolações. É sob seus raios vivificantes que o *mestre e o operário* se confundirão e se tornarão apenas um, porque compreenderão esta caridade fraterna pregada pelo divino Messias.

“Meus irmãos, reflitam sobre a grande felicidade de vocês por terem sido os primeiros iniciados na obra regeneradora. Ponto de honra para vocês, amigos! Continuem e, como eu, chegando à pátria dos Espíritos, dirão: a morte é a vida. Ou antes: é um sonho, uma espécie de pesadelo que dura o espaço de um minuto e do qual se acorda cercado de amigos, que nos felicitam e estão felizes em estender os braços. Minha felicidade foi tão grande que eu não podia compreender por que Deus me deu tantas graças por ter feito tão pouco. Parecia-me sonhar, e como algumas vezes eu tinha chegado a sonhar que estava morto, por um instante tive medo de ser obrigado a voltar para meu infeliz corpo. Mas não demorei a me dar conta da realidade e agradei a Deus. Glorifiquei o Mestre que tão bem soube despertar em mim os deveres de um homem que sonha com a vida futura. Sim, eu os bendigo e lhes agradeço, porque *O Livro dos Espíritos* despertou em minha alma o impulso do amor por meu Criador.

“Obrigado, meus bons amigos, por terem me atraído. Digam a nossos

---

(14) Senhorita Emma Livry.

irmãos que estou sempre em companhia de nosso amigo Sanson. Até logo! Coragem! A vitória os espera. Felizes aqueles que tiverem tomado parte no combate!”

Depois disso, o senhor Costeau se manifestou, na Sociedade, em outras reuniões, onde sempre deu provas da elevação de pensamentos que caracteriza os Espíritos avançados.

### Senhorita Emma<sup>14</sup>

Jovem morta em consequência de acidente causado pelo fogo e depois de cruéis sofrimentos. Alguém tinha proposto chamá-la em evocação na Sociedade Espírita de Paris, quando ela se apresentou espontaneamente, em 31 de julho de 1863, pouco depois de sua morte.

“Eis-me aqui ainda no teatro do mundo, eu que me acreditava enterada para sempre em meu véu de inocência e de juventude. O fogo da terra me salvaria do fogo do inferno – assim eu pensava em minha fé católica e se ousava antever os esplendores do paraíso, minha alma, trêmula, se refugiava na expiação do purgatório e eu rezava, chorava, sofria. Mas quem dava à minha fraqueza as forças para suportar minhas angústias? Quem, nas longas noites de insônia e de febre dolorosa, se curvava sobre meu leito de martírio? Quem refrescava meus lábios áridos? Era você, meu anjo guardião, que me envolvia com a branca auréola. Eram vocês também, caros Espíritos amigos, que vinham murmurar em meus ouvidos palavras de esperança e de amor.

“A chama que consumiu meu frágil corpo me despojou do apego por ele e assim *morri já vivendo a verdadeira vida*. Não senti a confusão da passagem e entrei serena e recolhida no dia radioso que envolve aqueles que esperavam um pouco, depois de muito sofrer. Minha mãe, minha querida mãe, foi a última vibração terrena que ressoou em minha alma. Como eu queria que ela se tornasse espírita!

“Fui separada da árvore terrestre como fruto que amadurece da antes do tempo. Eu mal tinha sido tocada pelo demônio do orgulho que pica as almas dos infelizes, arrastados pelos sucesso e pela embriaguez da juventude. Eu bendigo as chamas, bendigo os sofrimentos, bendigo a prova, que era uma expiação. Como esses leves fios brancos de outono,

eu flutuo, arrastada pela corrente luminosa. Não são mais as estrelas de diamante que brilham em minha testa, mas as estrelas de ouro do bom Deus.”

## **Emma**

Em outro Centro, no Havre, o mesmo Espírito dera também espontaneamente a seguinte comunicação, em 30 de julho de 1863:

“Aqueles que sofrem na Terra são recompensados na outra vida. Deus é pleno de justiça e de misericórdia para com aqueles que sofrem aqui embaixo. Ele dá uma felicidade tão pura, uma felicidade tão perfeita, que a gente não lamentaria nem os sofrimentos nem a morte, se fosse possível às pobres criaturas humanas avaliarem os misteriosos desígnios de nosso Criador. Mas a Terra é um lugar de provas, às vezes bem pesadas, muitas vezes semeadas de dores bem pungentes. Sejam todos resignados se estão abalados. Inclinem-se todos, diante da suprema bondade de Deus, que é Todo-Poderoso. Se Ele dá um pesado fardo para carregar, se Ele os chama para si, depois de grandes sofrimentos, vocês verão na outra vida, na vida feliz, como os sofrimentos eram pouca coisa. Eram pouca coisa essas dores e tristezas da Terra, quando vocês avaliarem a recompensa que Deus lhes reserva, se nenhuma queixa, nenhum murmúrio entrar em seus corações. Deixei a Terra bem jovem. Deus quis me perdoar e me dar a vida daqueles que respeitaram Sua vontade. Adorem sempre a Deus. Amem-No de todo seu coração. Sobretudo, rezem. Rezem firmemente. A prece é seu alimento aqui embaixo, sua esperança, sua salvação”.

*Emma*

## **O doutor Vignal**

Antigo membro da Sociedade de Paris, morreu em 27 de março de 1865. Na véspera do enterro, foi pedido a um sonâmbulo muito lúcido e que via muito bem os Espíritos, que se transportasse ao lado dele e dissesse se o enxergava. A resposta é a seguinte:

“Vejo um cadáver no qual se realiza um trabalho extraordinário. Diria que uma massa se agita, como alguma coisa que se esforça para se separar, mas que tem dificuldade para vencer a resistência. Não distingo uma forma bem determinada de Espírito.”

### **Foi evocado na Sociedade de Paris, em 31 de março**

P – Caro senhor Vignal, todos os seus velhos colegas da Sociedade de Paris conservaram as melhores lembranças a seu respeito e eu, em particular, lembro-me das excelentes relações que existiram entre nós e que nunca se romperam. Chamando-o entre nós, queremos primeiro lhe testemunhar nossa simpatia e ficaremos muito felizes se o senhor quiser ou puder vir conversar conosco.

R – Caro amigo e digno mestre, sou muito sensível a suas boas lembranças e testemunhos de simpatia. Se hoje posso vir até vocês e assistir livre e desembaraçado a esta reunião de todos nossos amigos e irmãos espíritas, é graças ao bom pensamento de vocês e às preces que me enviaram. Como dizia corretamente meu jovem secretário, eu estava impaciente para me comunicar. Desde o começo desse encontro, usei todas as minhas forças espirituais para dominar esse desejo. As conversas de vocês e as graves questões que tratam me interessam vivamente, tornaram minha espera menos sofrida. Perdoe-me, caro amigo, mas meu reconhecimento me pedia que me manifestasse.

P – Diga-nos primeiro como o senhor está, no mundo dos Espíritos. Ao mesmo tempo, nos descreva o trabalho da separação, suas sensações naquele momento, e nos diga depois de quanto tempo o senhor se reconheceu.

R – Estou tão feliz quanto possível, quando a gente vê se confirmarem plenamente todos os pensamentos secretos que tivemos sobre uma Doutrina consoladora e reparadora. Sim, estou feliz, porque agora vejo sem nenhum obstáculo se desenvolver diante de mim o futuro da ciência e da filosofia espírita.

Mas deixemos de lado essas digressões inoportunas. Virei de novo, para falar sobre este assunto, sabendo que minha presença dá a vocês o mesmo prazer que tenho em visitá-los.

A separação foi bastante rápida. Mais rápida do que meu pouco mérito me permitia esperar. Fui muito ajudado por vocês e o sonâmbulo lhes deu uma ideia bastante nítida do fenômeno da separação, por isso não preciso insistir nesse assunto. Era um tipo de oscilação descontínua, uma espécie de arrebatamento em dois sentidos opostos. O Espírito triunfou já que estou aqui. Só deixei o corpo completamente no momento em que foi colocado na terra. Voltei com vocês.

P – O que o senhor pensa sobre o que se fez em seu funeral? Achei que era meu dever assisti-lo. Naquele momento o senhor já estava suficientemente separado, para ver o que acontecia? E chegaram até o senhor as preces que fiz (não ostensivamente, claro)?

R – Sim, como eu disse, a assistência de vocês fez parte de tudo e voltei com vocês, abandonando completamente minha velha crisálida. As coisas materiais me tocam pouco, vocês sabem. Eu só pensava na alma e em Deus.

P – Lembra-se de que, a seu pedido, há cinco anos, em fevereiro de 1860, fizemos um estudo com o senhor ainda vivo<sup>15</sup>. Naquele dia, seu Espírito se separou do corpo para vir conversar conosco. Conte-nos, na medida do possível, a diferença entre aquela separação e esta de hoje.

R – Sim, certamente me lembro desse fato. Mas que diferença entre meu estado de então e o de hoje! Naquele dia a matéria ainda me apertava em sua rede inflexível. Eu queria me separar de uma maneira mais absoluta e não podia. Hoje estou livre. Um vasto campo, desconhecido, se abre diante de mim e espero, com a ajuda de vocês e dos bons Espíritos, aos quais peço proteção, avançar e compenetrar-me dos sentimentos necessários e das ações que é preciso cumprir para escalar o caminho da prova e merecer o mundo das recompensas. Que majestade! Que grandeza! É quase um sentimento de assombro que predomina quando, fracos como somos, queremos fixar as sublimes claridades.

P – Em uma outra vez, ficaremos felizes em continuar esta conversa, quando o senhor quiser voltar entre nós.

R – Respondi sucintamente e sem seqüência às suas diversas

---

<sup>(15)</sup> Ver a *Revista Espírita* do mês de março de 1860.

perguntas. Não pergunte muito ainda a este seu fiel discípulo: não estou inteiramente livre. Conversar, conversar ainda será a minha felicidade. Meu guia modera meu entusiasmo e eu já pude apreciar muito sua bondade e sua justiça, para me submeter à sua decisão, embora lamente um pouco ser interrompido. Eu me consolo, pensando que poderia vir sempre incógnito assistir a suas reuniões. Algumas vezes, falarei. Eu os amo e quero demonstrar-lhes esse amor. Porém, outros Espíritos mais avançados que eu reclamam a prioridade e devo me apagar diante daqueles que permitiram a meu Espírito dar livre curso à torrente de pensamentos que eu tinha acumulado.

Eu os deixo, amigos, e devo agradecer duplamente, não apenas aos espíritos, que me chamaram, mas a este Espírito que me permitiu tomar seu lugar e que, quando vivo, tinha o ilustre nome de Pascal.

Deste que foi e que será sempre o mais devotado de seus adeptos”.

*Doutor Vignal.*

## **Victor Lebufle**

Jovem auxiliar de navegação, trabalhava no porto de Havre e morreu com 20 anos. Morava com sua mãe, pobre e pequena comerciante, a quem dedicava os mais ternos e carinhosos cuidados e sustentava com o produto de seu rude trabalho. Nunca foi visto frequentando cabarés nem se entregando aos excessos tão frequentes em sua profissão, porque não queria desviar a menor parte de seus ganhos do piedoso fim a que se destinavam. Dedicava todo o tempo em que não estava em serviço à sua mãe, para poupá-la do cansaço. Atingido durante muito tempo por uma doença, da qual sentia que ia morrer, escondia da mãe seus sofrimentos, por medo de deixá-la inquieta e de que ela quisesse assumir seu trabalho. Eram necessárias a esse jovem muitas qualidades naturais e grande força de vontade para resistir, em plena idade das paixões, aos perniciosos apelos do meio em que vivia. Ele era de uma piedade sincera e sua morte foi edificante.

Na véspera de sua morte, exigiu que sua mãe fosse descansar, dizendo-lhe que ele mesmo estava precisando dormir. Então, a mãe teve uma visão: contou que se encontrava em uma grande escuridão.

Depois viu um ponto luminoso que aumentava pouco a pouco, e o quarto foi iluminado por uma brilhante claridade, da qual se destacou a figura de seu filho, radiante, que se elevava no espaço infinito. Compreendeu que o fim estava próximo. De fato, no dia seguinte a bela alma do jovem tinha deixado a Terra, enquanto os lábios murmuravam uma prece.

Uma família espírita que conhecia sua bela conduta e se interessava pela mãe, que ficara sozinha, teve a intenção de evocá-lo pouco tempo depois da morte, mas ele se manifestou espontaneamente, com a seguinte comunicação:

“Vocês desejam saber como estou agora: bem feliz! Oh! bem feliz!

Não levem em conta os sofrimentos e as angústias, porque são a fonte de bênçãos e de felicidade, do outro lado do túmulo. Felicidade! Vocês não compreendem o que significa essa palavra. As felicidades da Terra estão tão distantes do que experimentamos, quando retornamos para o Mestre com a consciência pura, com a confiança de um servidor que executou bem seu trabalho e que espera cheio de alegria a aprovação Daquele que é tudo!

“Ó! meus amigos, a vida é penosa e difícil, quando se não tem em vista o seu fim. Mas digo a vocês, na verdade, quando vierem entre nós, se viveram seguindo a lei de Deus, serão recompensados, muito além, mas muito além dos sofrimentos e dos méritos que vocês pensam ter adquirido para a outra vida. Sejam bons, caridosos, dessa caridade desconhecida por muitos entre os homens e que se chama benevolência. Sejam disponíveis para seus semelhantes, façam por eles mais do que vocês gostariam que fizessem por vocês mesmos. Porque vocês ignoram a íntima miséria e conhecem a de vocês. Socorram minha mãe, minha pobre mãe, a única coisa que lamento na Terra. Ela deve ainda sofrer outras provas e é preciso que ela chegue ao céu. Adeus. Irei até ela”.

*Victor.*

*O guia do médium* – Os sofrimentos suportados durante uma encarnação terrena nem sempre são uma punição. Os Espíritos que, por vontade de Deus, vêm à Terra cumprir uma missão, como este que



acabou de se comunicar, ficam felizes de suportar males que, para outros, são uma expiação. O sono os reanima, perto do Onipotente, e lhes dá força de tudo suportar, para sua maior glória. A missão desse Espírito na última existência não era uma missão de aparato. Mas por mais obscura que tenha sido, não teve menos méritos, porque não poderia ser estimulada pelo orgulho. Primeiro, ele tinha um dever de reconhecimento, diante daquela que foi sua mãe. Em seguida, tinha que mostrar que, mesmo nos piores meios, podem-se encontrar almas puras, com sentimentos nobres e elevados e que, com vontade, pode-se resistir a todas as tentações. É uma prova de que as qualidades têm uma causa anterior e de que seu exemplo não terá sido inútil.

### **Senhora Anais Gourdon**

Mulher muito jovem, memorável pela doçura de seu caráter e pelas mais eminentes qualidades, morreu em novembro de 1860. Pertencia a uma família de trabalhadores de carvão, nos arredores de Saint-Étienne, circunstância importante para apreciar sua posição, como Espírito.

#### *Evocação*

R – Estou aqui.

P – Seu marido e seu pai me pediram para chamá-la e ficarão muito felizes de receber sua comunicação.

R – Estou feliz por me comunicar.

P – Por que foi retirada tão jovem da afeição de sua família?

R – Porque terminei minhas provas terrenas.

P – A senhora vem vê-los algumas vezes?

R – Oh! Estou sempre ao lado deles.

P – A senhora está feliz como Espírito?

R – Sim, estou feliz, espero, aguardo, amo. Os céus não me dão medo, e espero com confiança e amor que me cresçam as asas brancas.

P – O que a senhora entende por asas brancas?

R – Espero me tornar um puro Espírito e resplandecer como os mensageiros celestes que me ofuscam.

As asas dos anjos, arcanjos, serafins, que são puros Espíritos, evidentemente são apenas um atributo imaginado pelos homens para representar a rapidez com que se transportam, porque sua natureza etérea os dispensa de qualquer recurso para percorrer os espaços. Podem, entretanto, aparecer aos homens com esses acessórios, para corresponder a seus pensamentos, da mesma forma que outros Espíritos tomam a aparência que tinham na Terra, para serem reconhecidos.

P – Seus parentes podem fazer alguma coisa para agradá-la?

R – Podem. Que estes queridos seres não me entristeçam mais por ver seus lamentos, já que eles sabem que não estou perdida para eles. Que pensar em mim lhes seja doce, leve, e minha lembrança, perfumada. Passei como uma flor e nada de triste deve subsistir de minha passagem.

P – Como sua linguagem é tão poética e tem tão pouca relação com a posição que a senhora tinha na Terra?

R – É minha alma que fala. Deus permite que os Espíritos delicados encarnem entre os homens mais rudes, para fazê-los pressentir as delicadezas que atingirão e compreenderão mais tarde.

Sem essa explicação tão lógica e tão de acordo com a solicitude de Deus para com Suas criaturas, dificilmente a gente se daria conta de um fato que, em um primeiro momento, poderia parecer uma anomalia. Realmente, o que há de mais gracioso e mais poético do que a linguagem do Espírito dessa jovem mulher educada em meio aos mais rudes trabalhos? Muitas vezes se vê o contrário: Espíritos inferiores encarnados entre homens mais adiantados, com o objetivo oposto. Tendo em vista seu próprio progresso, Deus os coloca em contato com um mundo esclarecido e algumas vezes também para servirem de prova a este mundo. Que outra filosofia pode resolver tais problemas?

## **Maurice Gontran**

Era filho único, morreu com 18 anos, de uma infecção pulmonar. Inteligência rara, razão precoce, grande amor aos estudos, caráter doce,

amoroso e simpático, possuía todas as qualidades que dão as mais legítimas esperanças em um brilhante futuro. Tinha terminado muito cedo e com muito sucesso seus estudos e se preparava para entrar na Escola Politécnica. Sua morte foi para seus pais a causa de uma dessas dores que deixam marcas profundas, ainda mais sofridas, porque ele sempre teve uma saúde delicada e os pais se reprovavam, pois atribuíam o fim prematuro ao trabalho de estudos a que eles o tinham incentivado. “Para que serve, diziam eles, tudo o que aprendeu? Melhor teria sido que tivesse ficado ignorante, porque não tinha necessidade disso para viver, e sem dúvida, ele ainda estaria entre nós. Teria sido a consolação de nossos velhos dias.” Se tivessem conhecido o Espiritismo, sem dúvida teriam raciocinado de forma diferente. Mais tarde, no Espiritismo encontraram a verdadeira consolação. A seguinte comunicação foi dada por seu filho a um de seus amigos, alguns meses depois de sua morte.

P – Meu caro Maurice, a afetuosa ligação que você tinha com seus pais faz com que eu não duvide de seu desejo de reerguer a coragem deles, se você puder. O desgosto, eu diria o desespero em que sua morte os mergulhou altera-lhes visivelmente a saúde, eles vivem em desgosto. Algumas boas palavras suas poderiam, sem dúvida, fazer renascer-lhes a esperança.

R – Meu velho amigo, espero com impaciência a ocasião que você oferece para me comunicar. A dor de meus pais me aflige, mas se acalmará quando eles tiverem certeza de que não estou perdido para eles. Você precisa se apegar à ideia de convencê-los sobre esta verdade. E você conseguirá. Esse acontecimento era necessário para trazê-los a uma crença que será a felicidade deles, porque os impedirá de murmurar contra os decretos da Providência. Meu pai, você sabe, era muito descrente quanto à vida futura. *Deus permitiu que ele tivesse essa aflição para tirá-lo de seu erro.*

Nós nos reencontraremos aqui, neste mundo onde não se conhecem os desgostos da vida e para onde eu vim primeiro. Mas diga categoricamente a eles que a satisfação de me rever aqui lhes será recusada como punição por sua falta de confiança na bondade de Deus. Com isso, será

mesmo proibido para mim comunicar-me com eles enquanto estiverem na Terra. O desespero é uma revolta contra a vontade do Todo-Poderoso, que é sempre punida com *o prolongamento da causa que o provocou*, até que estejamos submissos a ela. O desespero é um verdadeiro suicídio, porque mina as forças do corpo, e aquele que abrevie seus dias, com a ideia de escapar mais cedo dos apertos da dor, se prepara para a mais cruel das decepções. Ao contrário, é para sustentar as forças do corpo que é preciso trabalhar, para suportar mais facilmente o peso das provas.

Meus bons pais, é a vocês que me dirijo. Depois que deixei meus despojos mortais não parei de estar ao lado de vocês, muito mais vezes do que quando eu vivia na Terra. Então, se consolem, eu não estou morto. Apenas meu corpo está morto, mas meu Espírito vive sempre. Ele é livre, feliz, de agora em diante protegido das doenças, das enfermidades e da dor. Em vez de se afligirem, fiquem contentes por saberem que estou em um meio isento de cuidados e de sustos, onde o coração está arrebatado de uma alegria pura e sem manchas.

Oh! Meus bons amigos, não lamentem aqueles que morrem prematuramente. É uma graça que Deus lhes concede para poupá-los das tribulações da vida. Desta vez, minha existência não devia se prolongar por mais tempo na Terra. Aí, eu já tinha adquirido o que precisava para me preparar para cumprir mais tarde uma missão mais importante. Se eu tivesse vivido muitos anos, sabem vocês a quais perigos, a quais tentações teria sido exposto? Sabem que, não estando ainda suficientemente forte para resistir, se eu tivesse sucumbido, poderia significar para mim um atraso de muitos séculos? Por que então lamentar o que é vantajoso para mim? Uma dor inconsolável, neste caso, acusaria uma falta de fé e só poderia ser legitimada pela crença no nada. Oh! Sim, lamentam aqueles que têm esta crença desesperadora porque para eles não há consolação possível. Os seres que lhes são caros estão perdidos, sem retorno. O túmulo levou-lhes a última esperança!

P – Sua morte foi dolorosa?

R – Não, meu amigo, só sofri antes de morrer, com a doença que me levou, *mas este sofrimento diminuía à medida que o último momento se aproximava*. Depois, um dia, eu dormi, sem pensar na morte. Sonhei,

oh! Tive um sonho delicioso! Sonhava que estava curado, não sofria mais, respirava a plenos pulmões e com volúpia um ar perfumado e fortificante. Era transportado através do espaço por uma força desconhecida. Uma luz brilhante resplandecia em volta de mim sem cansar minha vista. Vi meu avô. Ele não estava mais muito magro, tinha um ar de frescor de juventude. Estendeu-me os braços e me apertou com efusão contra seu coração. Uma multidão de outras pessoas, sorridentes, acompanhava. Todos me acolheram com bondade e benevolência. Parecia-me reconhecê-los, estava feliz de revê-los e juntos trocamos palavras e testemunhos de amizade. Bem, o que eu acreditava ser um sonho era a realidade. Eu não acordaria mais na Terra: eu tinha acordado no mundo dos Espíritos.

P – Sua doença foi causada pelo excesso de estudos?

R – Oh! Não, tenham absoluta certeza disto. O tempo que eu deveria viver na Terra estava marcado e nada poderia me segurar mais aqui. Meu Espírito, em seus momentos de desprendimento, bem o sabia e estava feliz, sonhando com a libertação que se aproximava. Mas o tempo que passei na Terra não foi sem proveito e hoje me felicito por não tê-lo perdido. Os sérios estudos que fiz fortificaram minha alma e aumentaram meus conhecimentos. Aprendi muito e se não pude aplicar os conhecimentos em minha curta permanência entre vocês, eu os aplicarei mais tarde, com mais proveito.

Adeus, caro amigo, vou para junto de meus pais, prepará-los para receberem esta comunicação”.

*Maurice*



# CAPÍTULO III ESPÍRITOS EM CONDIÇÕES MEDIANAS

## Joseph Bré

Falecido em 1840, evocado por sua neta em Bordeaux, em 1862. O homem honesto segundo Deus ou segundo os homens.

1. Caro avô, o senhor pode dizer como está entre os Espíritos e dar alguns pormenores que sejam instrutivos para nosso progresso?

R. Tudo o que você quiser, minha querida filha. Sofro as consequências de minha falta de fé, mas a bondade de Deus é grande, considera as circunstâncias em que as coisas acontecem. Sofro, não como você poderia entender, mas pelo arrependimento de não ter empregado bem meu tempo na Terra.

2. Como o senhor não empregou bem seu tempo? O senhor sempre viveu como um homem honesto.

R. Sim, honesto do ponto de vista dos homens. *Mas há um abismo entre o homem honesto diante dos homens e o honesto diante de Deus.* Você quer se instruir, querida filha, tentarei fazê-la sentir a diferença. Entre vocês, as pessoas são estimadas quando respeitam as leis de seu país, um respeito variável para muitos, quando não fazem mal ao próximo, tomando-lhe ostensivamente um bem, mas frequentemente se toma sem escrúpulo sua honra, sua felicidade, desde que o código penal ou

a opinião pública não possam atingir o culpado hipócrita. Quando se pôde gravar na pedra do túmulo as ladainhas das virtudes que enalteçemos se pensa ter pago a dívida com a Humanidade. Grande erro! Não é suficiente, para ser honesto diante de Deus, ter respeitado as leis dos homens. Antes, é preciso não ter transgredido as leis divinas.

O homem honesto diante de Deus é aquele que, cheio de devotamento e de amor, consagra sua vida ao bem, ao progresso de seus semelhantes. Aquele que, animado por um zelo sem limites, é ativo na vida: ativo para completar a tarefa material que lhe foi imposta. Deve ensinar a seus irmãos o amor pelo trabalho, deve ser ativo em boas obras, sem esquecer que é apenas um servidor ao qual o Mestre pedirá contas, um dia, sobre como empregou seu tempo. Ativo sem limites, porque deve pregar o amor ao Senhor e ao próximo. O homem de bem, diante de Deus, deve evitar palavras mordazes, maldade escondida entre flores, que destrói as reputações e frequentemente mata o homem moral, cobrindo-o de ridículo. O homem honesto diante de Deus deve sempre ter o coração fechado à menor semente de orgulho, de inveja, de ambição. Deve ser paciente e doce com aqueles que o atacam, deve perdoar, do fundo de seu coração, sem esforço e, sobretudo, sem ostentação, a qualquer pessoa que o tenha ofendido. Deve amar seu Criador em todas as Suas criaturas. Deve, enfim, pôr em prática esse resumo tão sucinto e tão grande dos deveres do homem. Amar a Deus acima de todas as coisas e a seu próximo como a si mesmo.

Eis, minha querida filha, quase tudo o que deve ser o homem honesto diante de Deus. Bem, eu fiz tudo isso? Não, faltei com muitas dessas condições, confesso sem ficar vermelho. Não tive a atividade que deveria. O esquecimento do Senhor me levou a outros esquecimentos que, embora não estejam sujeitos às leis humanas, são considerados como prevaricação, diante da lei de Deus. Quando compreendi isso, sofri muito, eis por que hoje espero, com consoladora esperança na bondade de Deus, que vê meu arrependimento. Querida filha, diga e repita a todos os que têm a consciência pesada, que reparem suas faltas com boas obras e a misericórdia divina se voltará para eles, seus olhos paternais levarão em conta as expiações e sua mão possante apagará as faltas.



## Senhora Helene Michel

Jovem, de 25 anos, morreu em casa, de repente, em poucos minutos, sem sofrimentos e sem causa anteriormente conhecida. Era rica, um pouco frívola e, em consequência de seu caráter imprudente, se ocupava mais das futilidades da vida do que de coisas sérias. Apesar disso, seu coração era bom: ela era doce, benevolente e caridosa.

Evocada três dias após a morte, por pessoas que a conheciam, assim se expressou:

“Não sei onde estou... que confusão me cerca!... Vocês me chamaram e eu vim... Não compreendo porque não estou em minha casa... as pessoas choram minha ausência e eu estou lá e não posso me fazer reconhecer por todos eles. Meu corpo não me pertence mais e, no entanto, eu o sinto frio e endurecido... Quero deixá-lo e fico imobilizada, volto sempre para lá... Sou duas pessoas... Oh! Quando compreenderei o que me acontece?... É preciso que ainda vá lá embaixo... meu outro “eu”, o que lhe acontecerá comigo ausente?... Adeus”.

O sentimento de dualidade não está ainda destruído por uma separação completa, é evidente nesse caso. Caráter pouco sério, sua posição de fortuna, que lhe permitia satisfazer os caprichos, devia favorecer suas tendências à imprudência. Portanto, não surpreende que seu desprendimento tenha sido demorado e que, três dias após a morte, ela se sentisse ainda ligada a seu invólucro corporal. Mas, como não tinha nenhum vício sério e no fundo era uma boa pessoa, essa situação não era penosa e não durou muito tempo. Evocada outra vez depois de alguns dias, suas ideias tinham mudado bastante. Eis o que ela disse:

“Obrigada por terem rezado por mim. Reconheço a bondade de Deus, que me poupou os sofrimentos e a apreensão do momento da separação entre meu corpo e meu Espírito. Minha pobre mãe sofrerá muito para se resignar, mas será apoiada e o que lhe parece uma terrível infelicidade era indispensável, para que as coisas do Céu se tornassem tudo para ela, como devem ser. Estarei ao lado dela até o fim de sua prova terrena e a ajudarei a suportá-la. Não estou infeliz, mas tenho

muito ainda a fazer para chegar a um estado bem-aventurado. Pedirei a Deus que me permita voltar para a Terra, porque tenho que reparar o tempo que perdi nesta existência. Que a fé os sustente, meus amigos, tenham confiança na eficácia da prece, quando ela nasce verdadeiramente do coração. Deus é bom”.

P – Você demorou muito tempo para se reconhecer?

R – Compreendi a morte, no dia em que vocês rezaram por mim.

P – Esse estado de confusão era de sofrimento?

R – Não, eu não sofria, acreditava estar sonhando e esperava acordar. Minha vida não foi isenta de dores, mas todo ser encarnado aqui embaixo deve sofrer. Eu me resignei à vontade de Deus e isto foi levado em conta. Sou reconhecida a vocês pelas preces que me ajudaram a me reconhecer. Obrigada, voltarei sempre com prazer. Adeus”.

*Hélène*

## **O marquês de Saint-Paul**

Morto em 1860, foi evocado a pedido de sua irmã, membro da Sociedade de Paris, em 16 de maio de 1861.

1 – *Evocação*

R – Estou aqui.

2 – Sua irmã nos pediu que o evocássemos, embora seja ela médium, mas ainda não está suficientemente formada para se sentir segura.

R – Tentarei responder da melhor forma possível.

3 – Primeiramente, ela quer saber se o senhor está feliz.

R – Sou nômade e este estado transitório não traz nem a felicidade nem o castigo absolutos.

4 – O senhor demorou muito tempo para se reconhecer?

R – Fiquei muito tempo na confusão e só consegui sair para bendizer a piedade daqueles que não me esqueceram e que rezaram por mim.

5 – O senhor tem ideia de quanto tempo durou a confusão?

R – Não.

6 – Que parentes o senhor reconheceu no início?

R – Reconheci minha mãe e meu pai. Os dois me receberam, no despertar, e me iniciaram na nova vida.

7 – Por que, no fim de sua doença, o senhor parecia conversar com aqueles que tinha amado na Terra?

R – Porque eu tive, antes de morrer, a revelação do mundo em que iria habitar. Eu era vidente antes de morrer, e meus olhos foram velados durante a passagem da separação definitiva do corpo, porque os laços carnis eram ainda muito vigorosos.

8 – Como explicar que suas lembranças de infância pareciam voltar mais que outras?

R – Porque o começo é mais relacionado com o fim do que o meio da vida.

9 – Como explicar esse fato?

R – Quer dizer que os moribundos se lembram e veem *como por um milagre de consolação* os jovens e puros anos da infância.

Provavelmente seja por um motivo providencial semelhante que os idosos, à medida que se aproximam do fim da vida, têm algumas vezes uma lembrança tão precisa dos menores detalhes de seus primeiros anos.

10 – Por que o senhor usa sempre a terceira pessoa para se referir a seu corpo?

R – Porque eu era vidente, como já disse, e sentia nitidamente as diferenças que existem entre o físico e o moral. Essas diferenças, religadas entre si pelo fluido vital, se tornam muito distintas aos olhos dos moribundos clarividentes.

Esta é uma particularidade singular da morte deste senhor. Em seus últimos momentos, ele sempre dizia: “Ele tem sede, é preciso lhe dar o que beber; ele tem frio, é preciso esquentá-lo; ele tem dores em tal lugar etc.”. E quando alguém lhe dizia: “É o senhor quem tem sede”, ele respondia: “Não, é ele”. Aqui se desenham perfeitamente as duas existências, o eu pensante está no Espírito e não no corpo. O Espírito, já meio separado, considerava seu corpo outra individualidade, que não *ele próprio*, claramente falando. Era a seu corpo e não a ele, como Espírito, que se devia dar o que beber. Esse fenômeno acontece também a alguns sonâmbulos.

11 – O que o senhor disse sobre seu estado nômade e sobre o tempo de sua confusão levaria a crer que o senhor não é muito feliz e, entretanto, suas qualidades fariam supor o contrário. Existem em outros lugares Espíritos nômades que são felizes, da mesma forma que existem os que são infelizes.

R – Estou em um estado transitório. As virtudes humanas adquirem aqui seu verdadeiro valor. Sem dúvida, meu estado é mil vezes preferível àquele da encarnação terrena, mas eu sempre trouxe comigo aspirações do verdadeiro bem e do verdadeiro belo e minha alma não estará satisfeita enquanto não voar para os pés de seu Criador.

### **Senhor Cardon, médico**

O senhor Cardon tinha passado uma parte de sua vida na marinha mercante, como médico em um navio de pesca de baleia e tinha adquirido nesse período ideias um pouco materialistas. Retirado na pequena cidade de J..., exercia a modesta profissão de médico rural. Após algum tempo, estava certo de ter sido atingido por uma hipertrofia do coração. Sabendo que essa doença é incurável, a ideia da morte o mergulhava em uma sombria melancolia da qual nada conseguia distraí-lo. Cerca de dois meses antes previu seu fim para um determinado dia. Quando se viu próximo de morrer, reuniu a família em seu redor, para dizer um último adeus. Sua mulher, sua mãe, seus três filhos e outros parentes estavam juntos ao lado de sua cama. No momento em que sua mulher tentava elevar-lhe o moral, ele se vergou, tornou-se de um azul lívido, seus olhos se fecharam e as pessoas acreditaram que ele estava morto. Sua mulher colocou-se diante dele para esconder esse espetáculo de seus filhos. Depois de alguns minutos, ele reabriu os olhos, sua figura, por assim dizer iluminada, adquiriu uma expressão de radiante beatitude e ele gritou: “Oh! Meus filhos, como é bonito! Como é sublime! Oh! A morte! Que graça! Que coisa doce! Eu estava morto e senti minha alma e elevar bem alto, bem alto, mas Deus me permitiu voltar para dizer a vocês: ‘Não duvidem, a morte é a libertação...’ Não posso descrever a vocês a magnificência do que vi e as sensações que experimentei! E vocês não poderiam compreender... Oh! meus filhos, conduzam-se

sempre de maneira a merecer esta inebriante felicidade, reservada aos homens de bem. Vivam de acordo com a caridade. Se vocês têm alguma coisa, deem uma parte àqueles a quem falta o necessário... Minha cara mulher, eu a deixo em uma posição que não é feliz. Há quem nos deva dinheiro, mas eu lhe suplico que não os atormente. Se estão em dificuldade, espere até que possam pagar e faça um sacrifício por aqueles que não poderão pagar. Deus a recompensará por isso. Você, meu filho, trabalhe para sustentar sua mãe, seja sempre um homem honesto e não faça nada que possa desonrar nossa família. Tome esta cruz, que vem de minha mãe, não a deixe e que ela sempre o lembre de meus últimos conselhos... Meus filhos, ajudem-se e apoiem-se mutuamente. Que a boa harmonia reine entre vocês, não sejam vaidosos nem orgulhosos, perdoem seus inimigos, se quiserem que Deus os perdoe..." Depois, pedindo aos filhos que se aproximassem, estendeu-lhes as mãos e acrescentou: "Meus filhos, eu os abençoo." E seus olhos se fecharam, desta vez para sempre, mas sua figura conservou uma expressão tão imponente que, até o momento em que foi sepultado, uma numerosa multidão veio contemplá-lo com admiração.

Como esses interessantes pormenores nos foram transmitidos por um amigo da família, pensamos que esta evocação poderia ser instrutiva para todos, ao mesmo tempo em que seria útil ao Espírito.

1 – *Evocação.*

R – Estou perto de vocês.

2 – Falaram-nos sobre seus últimos momentos, o que nos deixou deslumbrados. Poderia nos contar direito, melhor do que já o fizeram, o que o senhor viu no intervalo do que se poderia chamar de suas duas mortes?

R – Vocês poderiam compreender o que eu vi? Não sei, porque não conseguiria encontrar expressões capazes de tornar compreensível o que pude ver durante os poucos instantes em que me foi possível deixar meus restos mortais.

3 – O senhor se deu conta de onde estava? Longe da Terra, em outro planeta ou no espaço?

R – O Espírito não reconhece as distâncias da mesma forma que vocês. Levado por não sei qual agente maravilhoso, vi o esplendor de

um céu que só poderia se concretizar em sonhos. Esse passeio pelo infinito foi tão rápido, que não posso precisar quanto tempo foi gasto por meu Espírito.

4 – Atualmente o senhor desfruta a felicidade que anteviu?

R – Não, bem que eu gostaria, mas Deus não pôde me recompensar assim. Muitas vezes fiquei bastante revoltado com os pensamentos benditos ditados por meu coração, e a morte me parecia uma injustiça. Médico incrédulo, extraí da arte de curar uma aversão contra a segunda natureza, que é nosso movimento inteligente, divino. Achava que a imortalidade da alma era uma ficção destinada a seduzir as naturezas pouco elevadas. Entretanto, o vazio me apavorava, porque muitas vezes blasfemei contra esse agente misterioso que fulmina sempre e sempre. A Filosofia me dispersou, sem me fazer compreender toda a grandeza do Eterno, que sabe repartir a dor e a alegria, para o aprendizado da Humanidade.

5 – Em seguida à sua morte verdadeira, o senhor se reconheceu logo?

R – Não, me reconheci durante a passagem a que meu Espírito se submeteu, para percorrer os lugares etéreos, mas, depois da morte real, não. Foram necessários alguns dias para que eu despertasse.

Deus me tinha dado uma graça e vou lhes dizer a razão: minha incredulidade inicial já não existia mais, antes de minha morte, porque depois de pesquisar cientificamente a matéria grave, que me enfraquecia, só encontrei razões divinas nos limites das razões terrenas. A razão divina me inspirou, consolou e minha coragem era mais forte que a dor. Eu bendizia o que antes maldizia, o fim me parecia uma libertação. A ideia de Deus é grande como o mundo! Oh! Que suprema consolação a gente encontra na prece que dá um enternecimento indescritível! A prece é o elemento mais seguro de nossa natureza imaterial. Por meio dela compreendi, acreditei firme e soberanamente e por isso Deus, ouvindo minhas ações benditas, quis me recompensar antes de acabar minha encarnação.

6 – Poder-se-ia dizer que na primeira vez o senhor estava morto?

R – Sim e não. Com o Espírito fora do corpo, a carne se apaga, mas retomando a posse de minha permanência terrena, a vida voltou ao corpo, que tinha passado por uma transição, um sono.

7 – Naquele momento o senhor sentia os laços que o prendiam a seu corpo?

R – Sem dúvida, o Espírito tem um laço difícil de quebrar, precisa do último estremecimento da carne para reentrar em sua vida natural.

8 – Como se explica que, durante sua morte aparente, por alguns minutos, seu Espírito pôde se separar instantaneamente e sem confusão, enquanto que a morte real foi seguida de uma confusão por vários dias? Parece que, no primeiro caso, por serem os laços entre a alma e o corpo mais fortes que na segunda vez, a separação deveria ser mais lenta.

R – Vocês fizeram muitas vezes a invocação de Espíritos encarnados e receberam respostas reais. Eu estava na posição destes Espíritos. Deus me chamava e Seus servidores tinham me dito: “Venha...”. Obedeci e agradei a Deus pela graça especial que me deu. Pude ver e me dar conta do infinito de Sua grandeza. Agradeço a vocês que me permitiram, antes de morte real, ensinar as pessoas de minha família, para que tenham boas e justas reencarnações.

9 – De onde vinham as belas e boas palavras que o senhor, logo após o retorno à vida, dirigiu à sua família?

R – Eram o reflexo do que eu tinha visto e compreendido. Os bons Espíritos inspiraram minha voz e animaram meu rosto.

10 – Que impressão o senhor acredita ter causado àqueles que o cercavam e a seus filhos, em particular?

R – Surpreendente, profunda. A morte não é mentirosa. Os filhos, por mais ingratos que possam ser, se inclinam diante da encarnação que se vai. Se fosse possível sondar o coração de seus filhos, perto de um túmulo entreaberto, a gente só sentiria sentimentos verdadeiros, tocados profundamente pela mão secreta dos Espíritos que falam a todos os pensamentos: tremam, se vocês estão em dúvida. A morte é a reparação, a justiça de Deus e eu vos asseguro, apesar dos incrédulos, meus amigos e minha família acreditarão nas palavras que minha voz pronunciou antes de morrer. Eu era o intérprete de outro mundo.

11 – O senhor disse que não desfruta da felicidade que antevira. Está infeliz?

R – Não, já que eu acreditava antes de morrer, com minha alma e consciência. A dor aperta aí embaixo, mas reergue para o futuro espírita. Observem que Deus soube levar em conta minhas preces e minha crença absoluta Nele. Estou no caminho da perfeição e chegarei ao objetivo que me é permitido antever. Rezem, meus amigos, por este mundo invisível que preside seus destinos. Esta troca fraternal faz parte da caridade; é uma alavanca possante que coloca em comunhão os Espíritos de todos os mundos.

12 – O senhor gostaria de dizer algumas palavras à sua mulher e a seus filhos?

R – Peço a todos os meus que creiam em Deus, poderoso, justo, imutável. Creiam na prece que consola e alivia, na caridade que é o ato mais puro da encarnação humana. Lembrem-se de que do pouco também se pode dar: a pequena esmola do pobre é a mais meritória diante de Deus, que sabe que um pobre dá muito, doando pouco. É preciso que um rico doe muito e sempre, para merecer tanto quanto um pobre que doa.

O futuro é a caridade, a benevolência em todas as ações. Na crença é que todos os Espíritos são irmãos, jamais se prevalecendo de frívolas vaidades.

Família querida, você terá duras provas, mas saiba encará-las corajosamente, porque Deus as vê.

Digam sempre esta prece: Deus de amor e bondade, que tudo dá, sempre, conceda-nos essa força que não recua diante de nenhum sofrimento. Torna-nos bons, doces e caridosos, pequenos pela fortuna material e grandes pelo coração. Que nosso Espírito seja espírita na Terra, para melhor amá-Lo e compreendê-Lo!

Que Seu nome, meu Deus, emblema de liberdade, seja o fim consolador de todos os oprimidos, de todos aqueles que têm necessidade de amar, de perdoar e de crer”.

*Cardon*

## **Eric Stanislas**

*Comunicação espontânea, Sociedade de Paris, agosto de 1863.*

Quantas emoções são experimentadas vivamente pelos corações



calorosos que procuram nos causar felicidade! Ó doces pensamentos que vêm abrir um caminho de salvação a todo aquele que vive, que respira material e espiritualmente, que seu bálsamo salvador nunca deixe de esparramar largamente sobre vocês e sobre nós! Que palavras escolher, para exprimir a felicidade que experimentam todos seus irmãos de além-túmulo, na contemplação do amor puro que une todos vocês?

Ah! Irmãos, que bem generalizado, que doces e elevados sentimentos, simples como vocês e sua Doutrina, vocês são chamados a semear sobre o longo caminho que têm ainda a percorrer! Mas, tudo isso será revertido em seu favor, antes mesmo do momento a que tenham direito!

Assisti a toda esta reunião, ouvi, entendi, compreendi, e vou poder também, na minha vez, cumprir meu dever e instruir a classe de Espíritos imperfeitos.

Ouçam: eu estava longe de ser feliz, mergulhado na imensidão, no infinito, eu nem podia me dar conta exata de como eram tão vivos meus sofrimentos. Abençoado seja Deus! Ele me permitiu vir a um santuário, em que os maus não podem entrar impunemente. Amigos, como lhes sou reconhecido, quanta força encontrei entre vocês!

Ó homens de bem, reúnam-se sempre, instruem, porque vocês não podem duvidar de quantos frutos produzem todas as reuniões sérias que fazem. Os Espíritos que têm muitas coisas a aprender, os que ficam voluntariamente inativos, preguiçosos e esquecidos de seus deveres, podem se encontrar entre vocês, seja por uma circunstância fortuita ou por outra razão. Tocados por um choque terrível, podem – é o que acontece sempre – se voltar para eles mesmos, se reconhecer, antever um objetivo e atingir. E, muito pelos exemplos que vocês lhes dão, procurar os meios que podem fazê-los sair do estado penoso em que se encontram. Com grande felicidade, me torno o intérprete das almas sofredoras, porque me dirijo a homens de coração e sei que não sou rejeitado.

Queiram ainda uma vez, ó homens generosos, receber a expressão de meu reconhecimento particular e o de todos os nossos amigos a quem vocês fizeram tanto bem, talvez sem saber”.

*Eric Stanislas*

*O guia do médium* – Meus filhos, trata-se de um Espírito que era muito infeliz, que ficou perdido por muito tempo. Agora, compreendeu seus erros, arrependeu-se e enfim voltou seus olhos para Deus, que ele desconhecia. Sua posição não é de felicidade, mas ele a deseja e não sofre mais. Deus lhe permitiu vir escutar, depois ir a uma esfera inferior para instruir e ajudar no progresso de Espíritos que, como ele, transgrediram as lei do Eterno: é a reparação que lhe foi pedida. De agora em diante, ele conquistará a felicidade porque tem força de vontade.

### **Senhora Anna Belville**

Jovem morta aos 35 anos, depois de longa e cruel enfermidade. Vivaz, espirituosa, dotada de rara inteligência, de grande retidão de julgamento e de eminentes qualidades morais. Devotada esposa e mãe de família, tinha uma força de caráter pouco comum e um Espírito fecundo em recursos, que jamais a deixavam desprovida, mesmo nas circunstâncias mais críticas da vida. Sem rancor por aqueles de quem teria do que se queixar, estava sempre pronta a ajudá-los, quando necessário. Intimamente ligados a ela, durante muitos anos, pudemos seguir todas as fases de sua existência e todas as peripécias de seu fim.

Um acidente causou a terrível enfermidade que a levou e a reteve três anos na cama, presa aos mais cruéis sofrimentos, que ela suportou até o último momento com uma coragem heroica e sem abandonar a alegria natural que sempre teve. Acreditava firmemente na Alma e na vida futura, mas pouco se preocupava com isso. Todos os seus pensamentos eram voltados para a vida presente, que ela prezava muito, sem, entretanto, ter medo da morte. Não procurava os gozos materiais, porque sua vida era muito simples e ela se conformava em não ter aquilo que não conseguiu obter. Mas gostava do bom e do belo, que sabia usar até nas menores coisas. Queria viver menos por ela e mais por seus filhos, aos quais sentia que era necessária, por isso se agarrava à vida. Conhecia o Espiritismo sem tê-lo estudado a fundo. Interessava-se pelo assunto, sem, contudo, fixar sua atenção no futuro, para ela uma ideia verdadeira, mas que não lhe deixava nenhuma profunda impressão. O que ela praticava de bem era o resultado de um movimento natural,

espontâneo, e não inspirado por um pensamento na recompensa ou nas penas futuras.

Depois de muito tempo, seu estado era desesperador e esperava-se sua partida a qualquer momento. Nem mesmo ela tinha ilusões sobre a cura. Um dia, em que seu marido estava ausente, sentiu-se desfalecer e entendeu que tinha chegado sua hora. A vista ficou turva, a confusão a invadiu e experimentou todas as angústias da separação. Entretanto, ela não queria morrer antes da volta do marido. Fez um supremo esforço e disse a si mesma: “Não, não quero morrer!”. Sentiu, então, a vida renascer e recobrou o pleno uso de suas faculdades. Quando o marido voltou, disse: “Eu ia morrer, mas quis esperar que você estivesse ao meu lado, porque tinha ainda várias recomendações a fazer”. A luta entre a vida e a morte se prolongou, assim, durante três meses, que foram apenas uma longa e dolorosa agonia.

*Evocação, no dia seguinte à sua morte:* – Meus bons amigos, obrigada por se preocuparem comigo. De resto, vocês sempre foram para mim como bons parentes. Bem, tranquilizem-se, estou feliz. Tranquilizem meu marido e olhem por meus filhos. Estava ao lado deles até agora pouco.

P – Parece que a confusão não foi longa, já que a senhora nos responde com lucidez.

R – Meus amigos, eu sofri tanto, e vocês sabem que sofri com resignação! Bem, minha prova terminou. Dizer-lhes que estou completamente separada, não, ainda não estou, mas não sofro mais, o que é um grande alívio! Desta vez estou completamente curada, garanto, mas tenho necessidade de que me ajudem com o socorro das preces, para eu vir logo trabalhar com vocês.

P – Qual poderia ter sido a causa de seu longo sofrimento?

R – Passado terrível, meu amigo.

P – A senhora poderia nos dizer qual foi esse passado?

R – Oh! Deixe-me esquecê-lo um pouco, paguei muito caro por ele!

*Um mês após sua morte*

P – Agora que a senhora deve estar completamente desprendida e que se reconheceu melhor, ficaríamos bem felizes em termos uma conversa mais explícita. Poderia nos dizer qual foi a causa de sua longa agonia?

Porque a senhora ficou durante três meses entre a vida e a morte.

R – Obrigada, meus amigos, por se lembrarem de mim e pelas boas preces! Quão salutares elas me foram, e como me ajudaram em meu desprendimento! Ainda tenho necessidade de ser apoiada, continuem a rezar por mim. Vocês compreendem o valor da prece, não dizem fórmulas banais, como tantos outros, que não se dão conta do efeito que produz uma boa prece.

Sofri muito, mas meus sofrimentos foram levados em conta, o que me permite estar sempre com meus queridos filhos, que lamentei tanto deixar.

Eu mesma prolonguei meu sofrimento. Meu ardente desejo de viver, por causa de meus filhos, fazia com que me prendesse de qualquer maneira à matéria e, ao contrário de outros, eu me obstinava e não queria abandonar este infeliz corpo com o qual era necessário romper e que todavia era para mim o instrumento de tantas torturas. Eis a verdadeira causa de minha longa agonia. Minha doença, os sofrimentos que suportei são expiação do passado, uma dívida a mais já paga.

Lamentável, meus bons amigos. Se eu os tivesse escutado, que grande mudança teria havido na minha vida presente! Como teriam sido abrandados meus últimos instantes e como esta separação teria sido mais fácil, se, em vez de contrariá-la, eu tivesse me deixado ir, na corrente que me arrastava, com confiança na vontade de Deus! Mas em vez de olhar para o futuro que me esperava, eu só via o presente que ia deixar!

Quando eu voltar para a Terra, serei espírita, garanto. Que grande ciência! Assisto com muita frequência às reuniões e aos ensinamentos de vocês. Se eu tivesse compreendido quando aí estava, meus sofrimentos teriam sido muito aliviados, mas não tinha chegado a hora. Hoje compreendo a bondade e a justiça de Deus, mas ainda não estou suficientemente avançada para não me ocupar mais com as coisas da vida. Meus filhos, principalmente, ainda me prendem muito aqui, não mais para mimá-los, mas para vigiá-los e trabalhar para que sigam o caminho que o Espiritismo traça nesse momento. Sim, meus bons amigos, ainda tenho graves preocupações, uma é esta, da qual depende o futuro de meus filhos.

P – A senhora poderia nos dar algumas explicações sobre o passado que tanto lamenta?

R – Ah! Meus bons amigos, estou pronta a fazer minha confissão. Eu desconhecia o sofrimento. Via, sem piedade, minha mãe sofrer, tratando-a como se fosse uma doente imaginária. Como não a via acamada, supunha que ela não sofria, caçoava de seus sofrimentos. Eis como Deus me puniu.

*Seis meses após sua morte*

P – Agora que um tempo bem mais longo se passou depois que a senhora deixou seu envoltório terrestre, poderia nos descrever sua situação e suas ocupações no mundo dos Espíritos?

R – Durante minha vida na Terra eu era, como se diz em geral, uma boa pessoa. Mas, antes de tudo, eu amava o meu bem-estar. Compasiva por natureza, talvez eu jamais tenha sido capaz de um sacrifício maior para aliviar um desafortunado. Hoje tudo mudou, sou sempre eu mesma, mas o “eu” de antes sofreu modificações. Aprendi. Vejo que não há categorias nem condições, além do mérito pessoal, no mundo dos invisíveis, onde um pobre caridoso e bom está acima do rico orgulhoso, que humilha, com sua esmola. Cuido especialmente da classe dos afligidos por problemas de família, pela perda de parentes ou de fortuna. Minha missão é consolá-los e encorajá-los e sou feliz por isso”.

*Anna*

Uma importante questão ressalta dos fatos acima: uma pessoa pode, por um esforço da vontade, retardar o momento da separação entre a alma e o corpo?

*Resposta do Espírito de São Luís* – “Esta questão, resolvida de uma maneira afirmativa e sem restrição, poderia ter falsas consequências. Certamente, um Espírito encarnado pode, em determinadas condições, prolongar a existência corporal, para terminar instruções indispensáveis (ou que acredita que sejam indispensáveis). Isso pode ser permitido, como no caso de que se trata aqui e de que existem vários outros exemplos. Esse prolongamento só poderia ser, em todos os casos, de curta duração, porque não é permitido ao homem interferir na ordem das leis naturais nem provocar um retorno real à vida, quando esta chegou

ao fim. É uma permissão momentânea. Entretanto, apesar de este fato ser possível, não se pode concluir que seja mais geral nem acreditar que depende de cada um prolongar sua existência. Como *prova para Espírito* ou no interesse de uma missão que deve ser terminada, os órgãos utilizados podem receber um suplemento de fluido vital que lhes permite acrescentar alguns instantes à manifestação material do pensamento. Casos semelhantes são exceção, não regra. É preciso ver nesse caso não uma alteração de Deus na imutabilidade de Suas leis, mas uma consequência do livre-arbítrio da alma humana, que, no último instante, tem a consciência da missão de que esteve encarregada e quereria, apesar da morte, completar o que não pôde terminar. Talvez seja às vezes mais uma forma de punição infligida ao Espírito que duvida do futuro do que uma concessão para prolongar a vitalidade, que necessariamente o faz sofrer”.

*São Luís*

As pessoas poderiam se surpreender com a rapidez da separação deste Espírito, tendo em vista seu apego à vida corporal. Mas é preciso considerar que esse apego nada tinha de sensual ou de material. Tinha mesmo seu lado moral, já que era motivado pelo interesse nos filhos pequenos. Tratava-se, por outro lado, de um Espírito elevado em inteligência e moralidade: mais um degrau e ele estaria entre os Espíritos muito felizes. Não havia, então, nos laços perispirituais a tenacidade própria da identificação com a matéria. Pode-se dizer que a vida, enfraquecida pela longa enfermidade, só se prendia por alguns poucos fios e seriam esses fios que o Espírito queria impedir que se rompessem. Entretanto, sua resistência foi punida com o prolongamento de seus sofrimentos, em consequência da própria doença e não pela dificuldade de se desprender. Por isto, após a libertação, a confusão foi curta.

Outro fato igualmente importante decorre desta evocação, da mesma forma que ocorre com as evocações feitas em épocas diversas, mais ou menos distanciadas da morte: é a mudança que se completa gradualmente nas ideias do Espírito, cujo progresso se pode acompanhar. Neste caso, essa mudança se traduz não por melhores sentimentos, mas por uma mais íntegra apreciação das coisas. O progresso da alma na vida espiritual é

então constatado pela experiência. A vida corporal é o ponto de partida da prática desse progresso. É a prova de suas resoluções; é o lugar onde o Espírito se depura.

A partir do momento em que a Alma progride após a morte, seu destino não pode ser irrevogavelmente fixado, porque a fixação definitiva, como já dissemos antes, é a negação do progresso. As duas coisas não podem existir simultaneamente. Resta, então, aquela que comprova os fatos e a razão.





# CAPÍTULO IV ESPÍRITOS SOFREDORES

## **O Castigo**

Exposição geral sobre o estado em que os culpados chegam ao mundo os Espíritos, ditada à Sociedade Espírita de Paris, em outubro de 1860.

“Os Espíritos malvados, egoístas e duros, logo após o desencarne, são entregues a uma dúvida cruel sobre seu destino presente e futuro. Olham em torno de si e nada veem, em que possam exercer sua maldade personificada. Entram em desespero, porque o isolamento e a inatividade lhes são intoleráveis. Não olham para os lugares habitados pelos puros Espíritos, consideram o que os cerca e logo, tocados pelo abatimento dos Espíritos fracos e punidos, se prendem a eles como a uma presa, utilizando-se da lembrança de seus erros passados, que põem em ação com gestos zombeteiros. Essa zombaria não lhes é suficiente e mergulham sobre a Terra, como abutres esfomeados, procuram entre os homens a alma que mais facilmente abrirá acesso a suas tentações. Apossam-se dela, aguçam sua cobiça, tratam de apagar sua fé em Deus e quando enfim, mestres de uma consciência, veem sua presa assegurada, estendem o fatal contágio sobre tudo o que se aproxima de sua vítima.

“O mau Espírito que exercita sua raiva é quase feliz. Só sofre nos momentos em que não está em ação e naqueles em que o bem triunfa sobre o mal.

“Entretanto, transcorrem os séculos. O mau Espírito, de repente, sente as trevas invadi-lo, seu círculo de ação se estreita, sua consciência, muda até então, lhe faz sentir as pontas afiadas do arrependimento.

“Inativo, levado pelo turbilhão, ele vagueia, como dizem as Escrituras, sentindo a pele arrepiar-se de pavor. Logo, sente um grande vazio dentro de si: o momento chegou, ele deve expiar: a reencarnação está lá, ameaçadora. Vê, como em uma miragem, as provas terríveis que o esperam. Gostaria de recuar e avança. Jogado no abismo escancarado da vida, rola apavorado, até que o véu da ignorância recai sobre seus olhos. Ele vive, age, ainda é culpado. Sente em si algum tipo de lembrança inquieta, alguns pressentimentos o fazem tremer, mas não o fazem recuar no caminho do mal. No fim das forças e do crime, vai morrer. Doente, não importa se está estendido sobre um pobre catre ou uma cama! O homem culpado, sob sua aparente imobilidade, se agita e vive um mundo de sensações esquecidas. Sob as pálpebras fechadas, vislumbra uma luz, ouve sons estranhos, sua alma que vai deixar o corpo se agita impaciente, enquanto suas mãos crispadas tentam se agarrar aos lençóis. Ele queria falar, queria gritar aos que o rodeiam: segurem-me! Vejo o castigo! Não pode, a morte se fixa sobre seus lábios pálidos e os que o cercam dizem: Descansa em paz!

“No entanto, ele ouve tudo, flutua sobre seu corpo, que não queria abandonar. Uma força secreta o atrai, vê, reconhece o que já tinha visto. Desvairado, se joga no espaço, onde queria se esconder. Nada de refúgio! Nada de repouso! Outros Espíritos lhe fazem o mal que ele fez e, castigado, ridicularizado, confuso consigo mesmo, vaga e vagará até que a divina luz deslize em seu endurecimento e o clareie, para mostrar-lhe o Deus vingador, o Deus triunfante sobre o mal, que ele só conseguirá apaziguar com a força de gemidos e de expiações”.

*Georges*

Jamais um quadro mais eloquente, mais terrível, mais verdadeiro,

foi traçado sobre o destino do mau Espírito. Então é necessário ter o recurso da figura do fantasma das chamas e das torturas físicas?

## Novel

(O Espírito se dirige ao médium, que o conhecera, quando vivo)

“Vou lhe contar o que sofri, quando desencarnei. Meu Espírito, preso ao corpo por laços materiais, sofreu muito para se separar, o que foi uma primeira e penosa angústia. A vida que eu tinha deixado aos 21 anos era ainda tão forte em mim que eu não acreditava em sua perda. Procurava meu corpo e estava espantado e assustado por me ver perdido no meio daquela multidão de sombras. Enfim, a consciência de meu estado e a revelação dos erros que havia cometido em todas minhas encarnações me tocaram de repente. Uma luz implacável clareou os mais secretos e o mais íntimo recanto de minha alma, que se sentiu nua, depois tomada por uma esmagadora vergonha. Eu procurava escapar dessa situação, me interessando por novas coisas, e *entretanto conhecidas*, que me cercavam. Os Espíritos radiantes flutuavam no éter, me davam a ideia de uma felicidade à qual eu não podia desejar. Formas sombrias e desoladas, umas mergulhadas em um triste desespero; outras irônicas ou furiosas, deslizam em torno de mim e sobre a Terra, à qual eu permanecia preso. Via se agitarem os humanos, cuja ignorância eu invejava. Muitas sensações desconhecidas, ou *reencontradas*, me invadiram ao mesmo tempo. Como que arrastado por uma força irresistível, procurando fugir desta dor obstinada, eu atravessava as distâncias, os elementos, os obstáculos materiais, sem que as belezas da Natureza nem os esplendores celestes pudessem acalmar por um instante o sofrimento de minha consciência nem o pavor que a revelação da eternidade me causava. Um mortal pode pressentir as torturas materiais pelos arrepios da carne, mas suas frágeis dores, abrandadas pela esperança, temperadas pelas distrações, mortas pelo esquecimento, não poderão jamais fazê-lo compreender as angústias de uma alma que sofre sem trégua, sem esperança, sem arrependimento. Não tenho ideia do tempo que passei invejando os eleitos, cujo esplendor eu antevia, detestando os maus Espíritos que me perseguiram com suas zombarias, desprezando a

infâmia que via nos humanos, passando de um profundo abatimento a uma insensata revolta.

“Enfim, você me chamou e pela primeira vez um sentimento doce e terno me apaziguou. Escutei os ensinamentos que seus guias lhe dão, a verdade me invadiu e eu rezei: Deus me escutou, se revelou a mim, por Sua clemência, como teria se revelado por Sua justiça”.

*Novel*

## **Auguste Michel** **(Le Havre, março de 1863)**

Era um jovem rico, boêmio, aproveitava muito e exclusivamente a vida material. Embora inteligente, o descuido com as coisas sérias era característica de seu caráter. Sem maldade, mais bondoso do que maldoso, era querido por seus companheiros de prazer e solicitado na alta sociedade, por suas qualidades de homem do mundo. Sem ter feito o mal, não tinha feito nenhum bem. Descarnou, em um passeio, em consequência de uma batida de carro. Evocado alguns dias após, por um médium que o conhecia indiretamente, deu as seguintes e sucessivas comunicações:

*“8 de março de 1863* – Mal estou separado de meu corpo, assim posso falar com dificuldade. A terrível batida que matou meu corpo coloca meu Espírito em uma grande confusão. Estou preocupado com o que vai acontecer e esta incerteza é cruel. O horrível sofrimento por que passou meu corpo não é nada, em comparação à perturbação em que estou. Reze para que Deus me perdoe. Oh! Que dor! Oh! Misericórdia, meu Deus! Que dor! Adeus.

*“18 de março* – Eu já vim, mas só pude falar com você, com muita dificuldade. Ainda neste momento está difícil me comunicar. Você é o único médium a quem posso pedir preces para que a bondade de Deus me tire da confusão em que estou. Por que sofrer ainda se meu corpo já não sofre mais? Por que esta dor horrível, esta terrível angústia, sempre? Reze, oh! Reze para que Deus me conceda o repouso... Oh! Que cruel

incerteza! Ainda estou preso a meu corpo. Só vejo com dificuldade onde posso estar. Meu corpo está lá e por que estou junto, sempre? Venha rezar *sobre ele* para que eu possa me separar dessa opressão cruel. Eu espero que Deus queira me perdoar. Vejo os Espíritos que estão perto de você e através deles posso lhe falar. Reze por mim.

*6 de abril* – Sou eu, que venho pedir que reze por mim. Seria preciso ir ao lugar onde está meu corposuplicar ao Todo-Poderoso, que acalme os meus sofrimentos?

Eu sofro! Oh! Eu sofro! Vá àquele lugar, é preciso. E reze ao Senhor, para que me perdoe. Vejo que poderia estar mais tranquilo, mas volto sem cessar ao lugar onde está depositado o que eu fui.

O médium não se deu conta da insistência com que o Espírito lhe pedia para ir rezar sobre seu túmulo e não foi. Entretanto, foi mais tarde e lá recebeu a comunicação abaixo:

*11 de maio* – Eu o esperava. Esperava o momento em que você viria ao lugar em que meu Espírito parece preso a seu invólucro, para implorar ao Deus de misericórdia que, por Sua bondade, acalme meus sofrimentos. Você pode me fazer o bem, com suas preces, não demore, eu lhe suplico. Vejo quanto minha vida foi o contrário do que deveria ser. Vejo os erros que cometi. Fui um ser inútil no mundo, não dei nenhum bom exemplo, minha fortuna só serviu para satisfazer minhas paixões, meu gosto pelo luxo e minha futilidade. Só pensei nos prazeres do corpo e não em minha alma. A misericórdia de Deus descerá até mim, pobre Espírito que ainda sofre pelos erros terrenos? Reze para que Ele me perdoe e que eu seja libertado das dores que ainda sinto. Agradeço-lhe por ter vindo rezar sobre mim.

*8 de junho* – Posso lhe falar e agradeço a Deus por permitir. Vi meus erros e espero que Deus me perdoe. Siga sempre sua vida, de acordo com a crença que o anima, porque ela lhe reserva mais tarde um repouso que ainda não tenho. Obrigado por suas preces. Até logo”.

A insistência do Espírito para que se rezasse sobre seu túmulo é uma particularidade notável, mas que tem sua razão de ser, se se considera quanto eram fortes os laços que o retinham a seu corpo e como a separação era longa e difícil, em consequência da materialidade de sua existência. Compreende-se que, aproximando-se do corpo, a prece podia exercer uma espécie de ação magnética mais poderosa, para ajudar na separação. O hábito quase geral de rezar ao lado do corpo dos mortos não viria de uma intuição inconsciente que tem sua razão de ser? A eficácia da prece, neste caso, teria um resultado ao mesmo tempo moral e material.

### **Lamentos de um boêmio** **(Bordeaux, 19 de abril de 1862)**

*30 de julho* – Agora estou menos infeliz, porque não sinto mais a corrente que me prendia ao corpo. Enfim estou livre, mais ainda não completei a expiação. É necessário que eu repare o tempo perdido, se não quiser prolongar meus sofrimentos. Espero que Deus veja meu sincero arrependimento e queira me conceder Seu perdão. Suplico que ainda reze por mim.

Homens, meus irmãos, eu vivi apenas para mim e hoje expio e sofro! Que Deus lhes dê a graça de evitar os espinhos, com os quais eu me despedaço. Andem pelo largo caminho do Senhor e rezem por mim, porque abusei dos bens que Deus *faculta* às criaturas!

“Aquele que sacrifica a inteligência e os bons sentimentos que Deus lhe deu pelos instintos brutais se assemelha ao animal que sempre maltrata. O homem deve usar com moderação os bens de que é depositário. Deve se habituar a viver voltado para a eternidade que o espera e, por consequência, se desprender dos prazeres materiais. O alimento deve ter como único objetivo sua vitalidade. O luxo deve se subordinar às estritas necessidades de sua posição. Seus gostos, mesmo suas tendências naturais, devem se reger pela mais forte razão, sem o que se materializam, em vez de se depurarem. As paixões humanas são um laço apertado que se aprofunda na carne: então, não o reforce mais. Vivam, não sejam boêmios. Vocês não sabem quanto isso custa, quando se retorna à pátria! As paixões humanas os despem, antes de deixá-los, e vocês chegam ao

Senhor nus, inteiramente nus. Ah! Cubram-se com boas obras, que os ajudarão a percorrer o espaço que os separa da eternidade. Agasalho brilhante, esconderão suas infâmias humanas. Envolvam-se de caridade e de amor, vestes divinas que ninguém pode tirar de vocês”.

*O guia do médium* – Este Espírito está no bom caminho, porque ao arrependimento junta conselhos para evitar os perigos do caminho que ele seguiu. Reconhecer seus erros já é um mérito e um efetivo passo para o bem, porque sua situação, sem estar feliz, já não é mais a de um Espírito sofredor. Ele se arrepende. Falta a reparação, que ele completará em outra existência de prova. Mas antes de chegar até lá, vocês sabem qual é a situação desses homens de vida sensual, cuja única atividade do Espírito é inventar novos prazeres? A influência da matéria os segue além-túmulo, e a morte não acaba com os apetites que sua vista, tão limitada quanto na Terra, procura em vão as maneiras de satisfazer. Jamais tendo procurado o alimento espiritual, sua alma erra no vazio, sem objetivo, sem esperança, atormentada pela ansiedade do homem que só tem diante de si a perspectiva de um deserto sem limites. A nulidade de suas ocupações intelectuais durante a vida do corpo leva naturalmente à nulidade do trabalho do Espírito após a morte. Não podendo mais satisfazer os corpos, nada lhes resta para satisfazer os Espíritos. Daí um mortal aborrecimento, cujo fim não anteveem e ao qual prefeririam o nada. Mas o nada não existe. Podem matar os corpos, mas não podem matar o Espírito. É preciso então que vivam nessas torturas morais, até que, vencidos pelo cansaço, se decidam a voltar os olhos para Deus.

## **Lisbeth**

**(Bordeaux, 13 de fevereiro de 1862)**

“Um Espírito sofredor se inscreveu com o nome de Lisbeth.

1. A senhora quer nos dar algumas informações sobre sua posição e a causa de seus sofrimentos?

R – Seja humilde de coração, submisso à vontade de Deus, paciente nas provas, caridoso com o pobre, consolador do fraco, sensível a todos os sofrimentos e não sofrerá as torturas que suporto.

2. Parece que a senhora lamenta ter cometido os erros contrários às qualidades que está enumerando. Seu arrependimento não a alivia?

R – Não, o arrependimento é inútil quando é apenas a consequência do sofrimento. O arrependimento produtivo é calcado no remorso de ter ofendido a Deus e no ardente desejo de se corrigir. Infelizmente, ainda não cheguei a esse ponto. Tenho necessidade de que todos aqueles que se dedicam a amenizar sofrimentos alheios me recomendem em preces.

Isto é uma grande verdade. O sofrimento às vezes arranca um grito de arrependimento, que não é a expressão sincera de remorso, por ter feito o mal, porque se o Espírito não sofresse mais, estaria pronto a recomeçar. Eis por que o arrependimento nem sempre leva à libertação imediata do Espírito, apenas cria uma predisposição – é tudo. Mas é necessário provar a sinceridade e a solidez de sua resolução, através de novas provas, que são a reparação do mal que se fez. Ao meditar com cuidado sobre todos os exemplos citados, se encontrarão sérios e instrutivos assuntos, porque nos iniciam nos pormenores mais íntimos da vida espiritual. Enquanto o homem superficial só vê esses exemplos como relatos mais ou menos pitorescos, o homem sério e reflexivo encontrará neles uma abundante fonte de estudos.

3. Farei o que a senhora deseja. Pode me dar alguns pormenores sobre sua última existência? Poderia ser um ensinamento útil para nós e tornaria produtivo seu arrependimento.

(O Espírito tem uma grande indecisão em responder a esta e a algumas outras questões seguintes)

R – Nasci em uma condição elevada. Tinha tudo o que os homens enxergam como fonte de felicidade. Rica, fui egoísta. Bonita, fui sedutora, indiferente e dissimulada. Nobre, fui ambiciosa. Pisava, com meu poder, em todos aqueles que não se prostrassem diante de mim e pisava ainda naqueles que se encontravam sob meus pés, sem pensar que a cólera do Senhor pisa também, cedo ou tarde, sobre as fronteiras mais altas.

4. Em que época a senhora viveu?

R – Há cento e cinquenta anos, na Prússia.



5. Durante todo esse tempo, a senhora não fez nenhum progresso como Espírito?

R – Não, a matéria se revoltava, sempre. Você não pode imaginar a influência que ela ainda exerce, apesar da separação entre o corpo e o Espírito. Veja, o orgulho enlaça em correntes de bronze, cujos anéis se apertam cada vez mais em torno do miserável que lhes entrega o coração. O orgulho! Essa hidra de cem cabeças, sempre renascendo, que sabe modular os assobios envenenados de serpente, de maneira que a gente os tome por uma música celestial! O orgulho! Esse demônio múltiplo que se inclina sobre todas as aberrações de seu Espírito, que se esconde nas dobras de seu coração, penetra em suas veias, envolve, absorve e, em seguida, arrasta para as trevas do martírio eterno! Sim, eterno!

O Espírito diz que não fez nenhum progresso, sem dúvida porque sua situação é sempre sofredora. Mas a maneira como descreve o orgulho e lamenta as conseqüências é incontestavelmente um progresso, porque, certamente, enquanto vivia e logo após sua morte, não raciocinaria assim. Compreende o mal, o que já uma grande coisa. A coragem e a vontade de evitá-lo virão em seguida.

6. Deus é muito bom para condenar Suas criaturas a penas eternas. Acredite em Sua misericórdia.

R Diz-se que tudo isso pode ter um fim, mas onde? Procuo por muito tempo e só vejo sofrimentos, sempre! Sempre! Sempre!

7. Como a senhora veio hoje aqui?

R – Um Espírito que sempre me segue me trouxe.

P – Há quanto tempo a senhora vê esse Espírito?

R – Não faz muito tempo.

P – Foi depois que a senhora se deu conta dos erros que cometeu?

R – (Depois de longa reflexão) – Sim, você tem razão, foi a partir daí que o vi.

8. A senhora compreende agora a relação que existe entre seu sofrimento e a ajuda visível que lhe dá seu Espírito protetor? Veja o Amor

de Deus como a origem deste apoio e como fim o Seu perdão e Sua misericórdia infinita.

R – Oh! Sim, eu gostaria!

P – Acredito poder lhe prometer em nome sagrado Daquele que jamais foi surdo à voz de Seus filhos em perigo. Apele a Ele, do fundo de seu arrependimento, Ele a escutará.

R – Não posso, tenho medo.

9. Rezemos juntos, Ele nos ouvirá. (Após a prece). A senhora ainda está aqui?

R – Sim, obrigada! Não me esqueça.

10. Venha inscrever-se aqui todos os dias.

R – Sim, sim, virei sempre.

*O guia do médium* – Jamais esqueça os ensinamentos que você pode extrair dos sofrimentos de seus protegidos e, sobretudo, das causas desses sofrimentos. Que sirvam a vocês todos como ensinamentos, para se preservarem dos mesmos perigos e dos mesmos castigos. Purifiquem seus corações, sejam humildes, amem-se, ajudem-se e que seu coração reconhecido nunca esqueça a fonte de todas as graças, fonte inesgotável de onde cada um pode tirar com abundância. Fonte de água viva, que às vezes mata a sede e a fome. Fonte de vida e de felicidade eterna. Vão, meus queridos, busquem essa fonte com fé, joguem nela suas redes, que sairão de suas ondas carregadas de bênçãos. Avisem seus irmãos, previnam-nos dos perigos que podem encontrar. Espalhem as bênçãos do Senhor, elas renascem sem cessar. Quanto mais as esparramarem em torno de vocês, mais elas se multiplicarão. Vocês as têm em suas mãos, porque quando dizem a seus irmãos: – Lá estão os perigos, lá estão os obstáculos, sigam-nos, para evitá-los, imitem-nos que damos os exemplos – vocês esparramaram as bênçãos do Senhor sobre aqueles que os escutam.

Benditos sejam seus esforços, meus queridos. O Senhor ama os corações puros, mereçam Seu amor.

*S. Paulino*

## Príncipe de Ouran

(Bordeaux, 1862)

Um Espírito sofredor se apresenta com o nome de Ouran, antes príncipe russo.

P – O senhor quer dar alguns pormenores sobre sua situação?

R – Oh! Bem-aventurados os humildes de coração, o reino dos céus lhes pertence! Rezem por mim. Bem-aventurados aqueles que, humildes de coração, escolheram passar suas provas em uma condição modesta! Vocês todos, a quem devora a inveja, não sabem a que estado ficou reduzido um daqueles que você chamam de os felizes da Terra. Não sabem o fogo que o abrasa, que se acumulam sobre suas cabeças, não sabem os sacrifícios que a riqueza impõe quando se quer aproveitá-la para a salvação eterna! Que o Senhor me permita, a mim, o déspota orgulhoso, de vir expiar, entre aqueles que pisei com minha tirania, os crimes que o orgulho me fez cometer. Orgulho! Repitam essa palavra sem parar, para jamais esquecer que ela é a fonte de todos os sofrimentos que nos oprimem. Sim, abusei do poder e do privilégio de que usufruía. Fui duro, cruel, para meus inferiores, que deviam se dobrar a todos os meus caprichos, satisfazer todas minhas depravações. Quis para mim a nobreza, as honras, a fortuna, e sucumbi sob o peso que peguei, acima de minhas forças.

Os Espíritos que sucumbem são geralmente levados a dizer que tinham uma carga acima de suas forças. É um meio de se desculparem para si mesmos e ainda um resto de orgulho. Não querem ter falhado por seu próprio erro. Deus não dá à pessoa além do que ela pode carregar, não pede a ninguém mais do que pode dar, não exige que da árvore jovem nasçam os mesmos frutos que daquela que já cresceu completamente. Deus dá aos Espíritos a liberdade. O que lhes falta é a vontade e a vontade só depende deles mesmos. Pela vontade, não há tendência ao vício que não possa ser vencida. Mas, quando a gente se realiza, seguindo uma tendência, é natural que não se faça esforço para ultrapassá-la. Assim, é preciso debitar a si mesmo as consequências desta falta de esforço.

P – O senhor tem consciência de seus erros, é um primeiro passo para melhorar.

R – Esta consciência ainda é um sofrimento. Para muitos Espíritos, o sofrimento é um efeito quase material, porque estão presos ainda à humanidade de sua última existência, não percebem as sensações morais. Meu Espírito se separou da matéria, e o sentimento moral aumentou na proporção das horríveis sensações que sentia e acreditava serem físicas.

P – O senhor antevê um fim para seus sofrimentos?

R – Sei que não serão eternos, mas ainda não vejo o fim. É preciso antes recomeçar a prova.

P – O senhor espera recomeçar logo?

R – Ainda não sei.

P – O senhor tem lembrança de seus antecedentes? Pergunto para instruí-lo.

R – Sim, seus guias estão aí e sabem o que é preciso. Vivi no tempo de Marco Aurélio. Então, ainda poderoso, já sucumbi ao orgulho, causa de todas as quedas. Depois de ter vagado durante séculos, quis tentar uma vida obscura. Pobre estudante, mendiguei meu pão, mas o orgulho estava sempre presente. O Espírito tinha ganhado em ciência, mas não em virtude. Sábio e ambicioso, vendi minha alma aos que ofereceram mais, servindo a todas as vinganças, a todos os ódios. Sentia-me culpado, mas a sede de honras, riquezas, abafava os gritos de minha consciência. A expiação ainda foi longa e cruel. Enfim, eu quis, em minha última encarnação, recomeçar uma vida de luxo e de poder, pensando em dominar os obstáculos. Não ouvi os avisos: o orgulho me conduziu ainda a me vangloriar de meu próprio julgamento, em vez do julgamento dos amigos protetores que não param de velar por nós. Você sabe o resultado dessa última tentativa.

Hoje, enfim compreendi e espero a misericórdia do Senhor. Coloco a Seus pés meu orgulho abatido e Lhe peço que carregue meus ombros com o mais pesado fardo de humildade. Ajudado por Sua graça, o peso me parecerá leve. Rezem comigo e por mim. Rezem também para que esse demônio de fogo não devore em vocês os instintos que os elevam a Deus. Irmãos de sofrimento, que lhes sirva o meu exemplo e não esqueçam jamais de que o orgulho é inimigo da felicidade, porque dele decorrem todos os males que atormentam a Humanidade e a perseguem até nas regiões celestes.

*O guia do médium* – Você teve dúvidas sobre este Espírito, porque sua linguagem não pareceu de acordo com o estado de sofrimento que mostra sua inferioridade. Não tema: você recebeu uma instrução séria. Por mais sofredor que seja este Espírito, é bastante elevado em inteligência, para falar como falou. Só lhe faltava a humildade, sem a qual nenhum Espírito pode chegar a Deus. Essa humildade, que ele agora conquistou, e esperamos que com perseverança, o fará sair triunfante de uma nova prova.

Nosso Pai Celestial é pleno de justiça em Sua sabedoria, leva em conta os esforços que o homem faz para domar seus maus instintos. Cada vitória conseguida sobre si mesmo é um degrau avançado, nesta escada cujo início está na Terra de vocês e cujo fim chega aos pés do Juiz Supremo. Então, subam-na corajosamente. Os degraus são suaves para aqueles que têm vontade forte. Para se encorajarem, olhem sempre para o alto, porque infeliz daquele que para e olha para trás! É atingido por deslumbramentos, o vazio que o cerca é apavorante, se vê sem força e pensa: “Para que continuar avançando ainda? Caminhei tão pouco!” Não, meus amigos, não olhem para trás. O orgulho está incorporado no homem. Pois bem! Usem este orgulho para lhes dar a força e a coragem para terminar sua ascensão. Empreguem-no para dominar suas fraquezas e subam ao cume da montanha eterna.

## **Pascal Lavie**

**(Le Havre, 9 de agosto de 1863)**

Este Espírito se comunica espontaneamente com o médium, que não o conhecia quando vivo, nem mesmo de nome.

“Creio na bondade de Deus, que há de querer tomar em misericórdia o meu Espírito. Sofri, sofri muito, e meu corpo naufragou no mar. Meu Espírito estava sempre preso ao corpo e por muito tempo fiquei vagando sobre as ondas. Deus...

*(A comunicação se interrompeu. No dia seguinte, o Espírito continuou):*

“...permitiu que as preces daqueles que deixei na Terra me tirassem do estado de confusão e de incerteza em que meu Espírito estava mergulhado. Eles me esperaram por muito tempo e puderam enfim achar meu

corpo. Agora ele repousa e meu Espírito, separado com sofrimento, vê os erros cometidos, a prova consumada. Deus julga com justiça e Sua bondade se estende sobre os arrependidos.

“Se, por tanto tempo, meu Espírito vagou com meu corpo, é porque eu tinha o que expiar. Sigam o caminho certo, se querem que Deus facilite o desprendimento de seu Espírito. Vivam no amor a Deus, rezem, e a morte, tão horrível para alguns, será calma para vocês, porque vocês sabem a vida que os espera. Sucumbi no mar e me esperaram por muito tempo. Não poder me separar de meu corpo era para mim uma prova terrível, porque eu tinha necessidade de suas preces, de vocês que entraram na crença que salva, de vocês que podem pedir por mim à justiça de Deus. Eu me arrependo e espero que Ele me perdoe. Meu corpo foi encontrado no dia 6 de agosto. Eu era um pobre marinheiro e naufraguei há muito tempo. Rezem por mim!”

*Pascal Lavic*

P – Onde o senhor foi encontrado?

R – Não muito distante de vocês.

*O Jornal do Havre*, de 11 de agosto de 1864, continha o seguinte artigo, de que o médium não podia ter conhecimento:

“Anunciamos que foi encontrado, em 6 deste mês, uma parte de um cadáver encalhado entre Bléville e La Hève. A cabeça, os braços e o busto tinham sido arrancados. Entretanto, sua identidade pôde ser reconhecida pelos sapatos, ainda presos aos pés. Assim, reconheceu-se que era o corpo do pescador Lavic, que naufragou em 11 de dezembro, a bordo do barco *O Alerta*, por uma rajada de mar. Lavic nasceu em Calais e tinha 49 anos. Foi a viúva quem o identificou”.

Em 12 de agosto, como se falava sobre o acontecimento, no grupo em que o Espírito tinha se manifestado pela primeira vez, ele se comunicou de novo, espontaneamente:

“Eu sou mesmo Pascal Lavic e preciso de suas preces. Vocês podem me fazer bem, porque a prova que sofri foi terrível. A separação de meu Espírito e de meu corpo só aconteceu quando reconheci meus erros. E, depois, ele não se separou completamente: seguia o corpo, sobre o mar

que o tinha engolido. Rezem a Deus, para que me perdoe, rezem para que Ele me dê o repouso. Suplico que rezem. Que este terrível fim de uma existência terrena infeliz lhes seja um grande ensinamento! Vocês devem sonhar com a vida futura e não deixar de pedir misericórdia a Deus. Rezem por mim, preciso da piedade de Deus”.

*Pascal Lavie*

## **Ferdinand Bertin**

Um médium, morador em Havre, evocava o Espírito de uma pessoa que tinha conhecido. Este Espírito responde: “Quero me comunicar, porém não posso vencer o obstáculo que há entre nós. Sou obrigado a deixar esses infelizes que sofrem se aproximar de vocês”. Recebe, então, a seguinte comunicação:

“Estou em um abismo horrível! Ajudem-me... Ó meu Deus! Quem me tirará deste turbilhão?... Quem dará uma mão segura ao infeliz que o mar engoliu?... A noite é tão negra, que tenho medo... Por toda parte há o barulho das ondas e nenhuma palavra amiga para me consolar e me ajudar neste momento supremo. Porque esta noite profunda é a morte em todo seu horror, e eu não quero morrer!... Ó meu Deus! Não é a morte futura, é a morte passada!... Jamais me separei de quem amo... Vejo meu corpo, e o que experimentei há pouco é apenas a lembrança da horrível angústia da separação... Tenham piedade de mim, vocês que conhecem meus sofrimentos. Rezem por mim, porque não quero sentir de novo, como senti naquela noite fatal, toda a dilaceração da agonia!... Nisso consiste minha punição, eu pressinto... Rezem, eu imploro!... Oh!...o mar... o frio... vou ser engolido!... Socorro! Tenham piedade, não me rejeitem!... Nós dois nos salvaremos sobre esses destroços!... Oh! Estou sufocando!... As ondas vão me engolir e os meus não terão nem mesmo a triste consolação de me rever... Mas não, vejo que meu corpo não está mais agitado pelas ondas... As preces de minha mãe

---

<sup>(1)</sup> **Nota da tradução:** Na introdução, consta o nome *Ferdinand*. No final, está *François*. Em outra versão, já traduzida para o português, por Manuel Justiniano Quintão, para a Federação Espírita Brasileira (21ª edição, 1973) constata-se a mesma disparidade de nomes, inclusive assinalada por nota de rodapé.

serão atendidas... Minha pobre mãe! Se ela pudesse perceber seu filho tão miserável, como o é na realidade, rezaria melhor. Mas ela acredita que a causa de minha morte santificou o passado. Ela me chora como um mártir e não como infeliz e castigado!... oh! Vocês, que sabem, serão sem piedade? Não, vocês rezarão”.

*François Bertin<sup>1</sup>*

Este nome, completamente desconhecido pelo médium, não lhe trazia qualquer lembrança. Pensa que seria sem dúvida o Espírito de algum infeliz naufragado, que vinha se manifestar a ele, espontaneamente, como já lhe tinha acontecido várias vezes. Soube, um pouco mais tarde, que era, com efeito, o nome de uma das vítimas de um grande desastre marítimo que tinha acontecido nas redondezas, em 2 de dezembro de 1863. A comunicação tinha sido dada no dia 8 do mesmo mês, seis dias após a catástrofe. O indivíduo tinha naufragado, fazendo tentativas extraordinárias para salvar o equipamento e no momento em que pensava ter assegurado sua salvação.

Não tinha com o médium nenhum laço de parentesco nem mesmo de conhecimento. Por que se manifestou a ele, antes de se manifestar a qualquer membro da família? Porque os Espíritos não encontram em todas as pessoas condições fluídicas necessárias para se comunicarem. Na confusão em que estava, não tinha, por outro lado, a liberdade de escolha. Foi conduzido instintiva e atrativamente a este médium, dotado, ao que parece, de uma aptidão especial para as comunicações espontâneas deste tipo. Pressentia também que encontraria mais uma simpatia particular, como outras que havia encontrado em condições semelhantes. A família do Espírito era estranha ao Espiritismo, talvez sem simpatia por esta crença, não pôde acolher sua revelação, como pôde fazê-lo este médium.

Embora o desencarne tivesse acontecido há alguns dias, o Espírito sofria ainda todas as suas angústias. É evidente que não tinha a menor ideia sobre sua situação, acreditava-se ainda vivo, lutando contra as ondas, e entretanto fala de seu corpo como se estivesse separado. Pede



socorro, diz que não quer morrer e um momento depois fala da causa de sua morte, que reconhece ser um castigo. Tudo isso denota a confusão de ideias que segue quase sempre os desencarnes violentos.

Dois meses mais tarde, em 2 de fevereiro de 1864, ele se comunicou de novo, espontaneamente, com o mesmo médium e ditou o seguinte:

“A piedade que o senhor teve por meus sofrimentos tão horríveis me reergueu. Compreendo a esperança, antevejo o perdão, mas depois do castigo do erro cometido. Sofro sempre e, se Deus permite que, por alguns momentos, eu anteveja o fim de minha infelicidade, devo-o às preces das almas caridosas, tocadas por minha situação, que devo esse abrandamento. Ó esperança, raio do céu, você é bendita, quando a sinto nascer em minha alma!... Mas infelizmente! O abismo se abre, o terror e o sofrimento apagam esta lembrança da misericórdia... A noite, sempre a noite!... A água, o barulho das ondas que engoliram meu corpo são apenas uma fraca imagem do horror que cerca meu pobre Espírito... Fico mais calmo, quando posso estar perto do senhor, porque assim como confiar um segredo a um amigo alivia quem o guardava, sua piedade, motivada pela confiança de minha miséria, acalma meu mal e repousa meu Espírito... Suas preces me fazem bem, não as recuse. Não quero cair nesse sonho horrível, que se torna realidade, quando o vejo. Pegue o lápis mais frequentemente, me faz muito bem me comunicar através do senhor!”

Após alguns dias, este mesmo Espírito foi evocado em uma reunião espírita em Paris. Foram-lhe colocadas as seguintes perguntas, às quais ele respondeu com uma única comunicação e por outro médium.

Quem o trouxe para se manifestar espontaneamente ao primeiro médium com o qual se comunicou? – Há quanto tempo o senhor havia desencarnado, quando se manifestou? – Quando se comunicou, parecia não ter certeza sobre estar vivo ou morto e experimentava todas as angústias de uma morte terrível, agora se dá melhor conta de sua situação? – O senhor positivamente nos disse que seu desencarne era uma expiação. Poderia nos dizer a causa? Isto seria instrutivo para nós e um alívio para o senhor. Por esse testemunho sincero, atrairá a misericórdia de Deus, que nós pediremos em nossas preces.

*Resposta* – Parece impossível, num primeiro momento, que uma criatura possa sofrer assim, tão cruelmente. Deus! Como é penoso se ver constantemente no meio das ondas em fúria e sentir sem parar esta amargura, este frio glacial que sobe, que aperta o estômago!

Mas para que serve vocês sempre se entreterem com tais espetáculos? Eu deveria começar por obedecer às leis do reconhecimento, agradecendo a todos que tiveram interesse por meus tormentos! Vocês perguntam se me comuniquei muito tempo após minha morte? Não posso responder com facilidade. Pensem e julguem em que horrível situação ainda estou. Entretanto, fui trazido para perto do médium, acredito, por uma vontade estranha à minha e, coisa impossível de eu me dar conta, eu me servi de seu braço, com a mesma facilidade com que me sirvo do seu, neste momento, convencido de que ele me pertence. Experimento mesmo; nesta hora, um prazer enorme, assim como um alívio particular que, infelizmente, vai parar logo! Mas, só meu Deus!, eu teria uma confissão a fazer, será que terei forças?

Depois de muito encorajamento, o Espírito completou: “Fui muito culpado! O que me dá pena é que acreditam que sou um mártir, mas não é nada disso... Em uma existência anterior, mandei colocar em um saco diversas vítimas e jogá-las ao mar... Rezem por mim!”

### Comentário de São Luís sobre esta comunicação

“Essa confissão será para este Espírito causa de grande alívio. Sim, ele foi bem culpado! Mas a existência que ele acaba de deixar foi honrada. E ele era amado e estimado por seus chefes. É o fruto de seu arrependimento e das boas resoluções que tomou antes de voltar à Terra, onde quis ser tão humano quanto fora cruel. Seu devotamento era uma reparação, mas ainda lhe faltava resgatar erros passados, com uma última expiação, a da morte cruel que sofreu. Ele mesmo quis se purificar, sofrendo as torturas que fez aos outros. E observem que uma ideia o perseguia: o pesar de ver que os outros o olhavam como um mártir. Acreditem que será levado em conta esse sentimento de humildade. Daqui para a frente, deixa o caminho da expiação, para entrar no da reabilitação. Com suas preces, vocês podem ajudá-lo e fazê-lo caminhar

com um passo mais firme e mais seguro”.

## **François Riquier**

François Riquier, homem muito comum, era um velho avaro, solteirão, morto em C..., em 1857, deixando uma fortuna bastante considerável aos parentes. No passado, tinha sido locador de uma senhora que o tinha esquecido totalmente e que mesmo ignorava se estava vivo ou morto. Em 1862, a filha desta senhora, que era sujeita a crises de catalepsia, seguidas de um sono magnético espontâneo e que, por outro lado, era boa médium, escrevente, viu, nesse sono, o senhor Riquier, que, disse ela, queria falar com sua mãe. Alguns dias depois, já que ele tinha se manifestado espontaneamente e testemunhado o desejo de falar àquela senhora, houve a seguinte conversa:

P – O que o senhor quer de nós?

R – Meu dinheiro do qual se apossaram, os miseráveis, para repartirem! Venderam minhas fazendas, minhas casas, tudo, para dividirem entre eles. Dilapidaram meus bens, como se não fossem meus. Faça-me a justiça, porque eles não me escutam e não quero mais ver tais infâmias. Dizem que eu era usurário e guardam meu dinheiro! Por que não querem devolvê-lo a mim, já que acham que foi mal adquirido?

P – Mas o senhor está morto, senhor, não tem mais necessidade de dinheiro. Peça a Deus uma nova existência pobre, para expiar a avareza desta última.

R – Não, eu não poderia viver pobre. É necessário meu dinheiro para me fazer viver. Por outro lado, não tenho necessidade de ter outra vida, já que vivo a presente.

P – (A próxima pergunta é feita para trazê-lo à realidade) O senhor sofre?

R – Oh! sim. Sofro as torturas piores do que a doença mais cruel, porque é minha alma que sofre essas torturas. Penso sempre na iniquidade de minha vida, que foi um assunto de escândalo para muitos. Sei bem que sou um miserável indigno de piedade, mas sofro tanto, que é preciso me ajudar a sair deste estado miserável.

P – Rezaremos pelo senhor.

R – Obrigado! Rezem para que eu esqueça minhas riquezas terrenas, sem o que não poderei jamais me arrepender. Adeus e obrigado”.

### François Riquier, Rua da Caridade, nº 14

É muito curioso ver este Espírito dar seu endereço, como se estivesse ainda vivo. A senhora, que não o conhecia, se apressou em verificar e ficou muito surpresa em ver que a casa indicada era a última em que ele tinha morado. Assim, depois de cinco anos, não se acreditava morto e se encontrava ainda na ansiedade, terrível para um avaro, de ver seus bens divididos entre os herdeiros. A evocação, provocada sem dúvida por algum bom Espírito, teve como efeito fazê-lo compreender sua posição e torná-lo predisposto ao arrependimento.

## Claire

**(Sociedade de Paris, 1861)**

O Espírito que ditou as comunicações seguintes é o de uma mulher que o médium conheceu quando viva e cuja conduta e caráter justificam os tormentos que ela sofre. Era, sobretudo, dominada por um exagerado sentimento de egoísmo e uma personalidade que se reflete na terceira comunicação, pela pretensão de querer que o médium só desse atenção a ela. Essas comunicações foram obtidas em diferentes épocas. As últimas três mostram um progresso sensível nas disposições do Espírito, graças aos cuidados do médium que tinha se dedicado à sua educação moral.

I – Eis-me aqui, a infeliz Claire, o que você quer que eu aprenda? A resignação e a esperança são apenas palavras, para quem sabe que, incontáveis como as pedras da areia, seus sofrimentos durarão por séculos intermináveis. Você diz que posso aliviá-los? Que palavra indefinida! Onde encontrar a coragem e a esperança? Trate, então, cérebro limitado, de compreender o que seja um dia que jamais acaba. É um dia, um ano, um século? O que sei? As horas não o dividem mais, as estações não variam, eterno e lento como as águas que escorrem pelo rochedo, esse dia execrado, esse dia maldito, pesa sobre mim como uma descarga de

chumbo... eu soffro!... Só vejo à minha volta sombras silenciosas e indiferentes... Eu soffro!

Entretanto, sei que Deus reina acima dessa miséria, o Pai, o Mestre, aquele para quem tudo se encaminha. Quero pensar nisso, quero implorar-lhe.

Eu me debato e me arrasto como um estropiado que se arrasta ao longo do caminho. Não sei que poder me atrai para você, talvez seja você a salvação. Fico um pouco mais calma, um pouco mais reanimada, quando o deixo, como um velho tremendo de frio, que se reanima com um raio de sol. Minha alma gelada sente uma nova vida, quando você se aproxima.

II – Minha infelicidade aumenta a cada dia. Aumenta à medida que desenvolvo o conhecimento da eternidade. Ó miséria! Como as amaldiçoo, horas culpadas, horas de egoísmo e de esquecimento ou de desconhecimento de toda a caridade, todo devotamento, em que eu só pensava em meu bem-estar! Sejam malditos os interesses humanos! Vãs preocupações de interesses materiais! Sejam malditos, vocês que me cegaram e me perderam! Sou corroída pelo incessante lamento, pelo tempo passado. Que dizer a você, que me escuta? Vigie-se sem parar, ame os outros mais do que a você mesmo, não perca tempo no caminho do bem-estar, não engorde seu corpo em detrimento de sua alma. Vigie, como dizia o Salvador a Seus discípulos. Não me agradeça por esses conselhos, *meu Espírito os concebe, meu coração nunca os ouviu*. Como um cão chicoteado, o medo me faz rastejar, mas ainda não conheço o livre amor. Sua divina aurora demora muito a se levantar! Reze por minha alma endurecida e tão miserável.

III – Venho até aqui procurá-lo, já que você me esquece. Então você acredita que preces isoladas, meu nome pronunciado, são suficientes para apaziguar meu sofrimento? Não, cem vezes não. Eu urro de dor, vago sem repouso, sem asilo, sem esperança, sentindo o eterno aguilhão do castigo se enterrar em minha alma revoltada. Dou risada, quando ouço seus lamentos, quando os vejo abatidos. O que são suas pálidas misérias! O que são suas lágrimas! O que são seus tormentos que acabam com o sono? Será que eu durmo? Eu quero, entende? Eu quero que, deixando suas dissertações filosóficas, você se ocupe de mim, que deixe o resto

para os outros se ocuparem. Não encontro expressões para descrever a angústia desse tempo que passa sem que as horas marquem os períodos. Vejo apenas um fraco raio de esperança e esta esperança foi você quem meu deus, não me abandone.

IV<sup>2</sup> – *O Espírito de São Luís* – Este quadro é muito verdadeiro, porque não é exagerado. Talvez a gente se pergunte o que fez esta mulher, para ser tão miserável. Cometeu algum crime? Roubou? Matou? Não, ela nada fez que tenha merecido a justiça dos homens. Ao contrário, ela se divertia com o que vocês chamam de felicidade terrena, beleza, fortuna, prazeres, adulações, tudo lhe sorria, nada lhe faltava e diziam, quando a viam: que mulher feliz! E tinham inveja de sua sorte. O que ela fez? Foi egoísta, tinha tudo, menos um bom coração. Se não violou a lei dos homens, violou a lei de Deus, porque desconheceu a caridade, a primeira das virtudes. Amou apenas a si mesma, agora não é amada por ninguém. Nada deu, ninguém lhe dá nada. Está isolada, desprezada, abandonada, perdida no espaço onde ninguém pensa nela, ninguém se preocupa com ela. Este é seu suplício. Como só procurou prazeres mundanos e hoje esses prazeres não existem mais, há um vazio em volta dela. Ela só vê o nada e o nada lhe parece a eternidade. Não sofre torturas físicas, os diabos não vêm atormentá-la, mas isto não é necessário: ela atormenta a si mesma e sofre muito mais, porque os diabos seriam seres que ainda pensariam nela. O egoísmo fez sua alegria sobre a Terra, a perseguiu, e é agora o verme que lhe róí o coração, seu verdadeiro demônio.

### São Luís

V – Falarei a vocês sobre a importante diferença que existe entre a moral divina e a moral humana. A primeira assiste à prostituta, em seu abandono, e diz aos pecadores: “Arrependam-se e o reino dos céus lhes será aberto”. A moral divina, enfim, aceita todos os arrependimentos e todos os erros reconhecidos, enquanto que a moral humana recusa esses últimos e admite, sorrindo, os pecados escondidos que – diz ela – são em parte

---

<sup>(2)</sup> **Nota da tradução:** Respeitada a numeração, em algarismos romanos, que sugerem, de início, as comunicações do Espírito de Claire, mas que se misturam com a explicação de São Luís (IV e V), voltando a Claire, no número VI.

perdoados. A uma, a graça do perdão; à outra, a hipocrisia. Escolham, Espíritos ávidos de verdade! Escolham entre os céus abertos ao arrependimento e à tolerância, que admite o mal, que não perturbam seu egoísmo e seus falsos acordos, mas que rejeitam a paixão e os lamentos de erros confessados aos olhos de todos. Arrependam-se, vocês todos que pecam, renunciem ao mal, mas, sobretudo, renunciem à hipocrisia que esconde a feiura sob a máscara risonha e enganadora das conveniências recíprocas.

VI – Estou agora calma e resignada à expiação dos erros que cometi. O mal está em mim e não fora de mim. Sou então eu quem deve mudar e não as coisas exteriores. Levamos em nós nosso céu e nosso inferno, e nossos erros, gravados na consciência, são lidos correntemente no dia da ressurreição. Somos, então, nossos próprios juízes, já que o estado de nossa alma nos eleva ou nos afunda.

Eu me explico: um Espírito impuro e carregado de culpas, por causa de seus erros, não pode conceber nem desejar uma elevação que não saberia sustentar. Acreditem: assim como as diferentes espécies de seres vivem cada uma na esfera que lhe é própria, os Espíritos, segundo o grau de progresso, se movem no meio comum a suas faculdades e só concebem outro meio quando o progresso, ferramenta da lenta transformação das almas, lhes retira as piores tendências e os fazem se despojar da crisálida do pecado, para que possam esvoaçar, antes de se lançar, rápidos como flechas, para o Deus único e desejado. Infelizmente! Ainda me arrasto, mas já não odeio mais e já concebo a indizível felicidade do amor divino. Então, reze sempre por mim, que desejo e espero.

Na comunicação seguinte, Claire fala de seu marido, com quem sofreu muito, quando viva, e da posição em que ele se encontra hoje no mundo dos Espíritos. Esse quadro, que ela não pôde acabar por si mesma, é completado pelo guia espiritual do médium.

VII – Venho a você que me deixa tanto tempo no esquecimento. Mas adquira a paciência e não estou mais desesperada. Você quer saber

qual a situação do pobre Félix. Ele vaga nas trevas, preso de profunda penúria de alma. Seu ser superficial e leve, maculado pelo prazer, sempre ignorou o amor e a amizade. A paixão não o esclareceu nem mesmo sobre suas frouxas luzes sombrias. Comparo seu atual estado ao de uma criança inábil para a vida e sem o socorro daqueles que cuidam dela. Félix vaga com assombro nesse mundo estranho, onde tudo resplandece à luz de Deus, que ele negou.

*O guia do médium* – “Claire não pode continuar a análise dos sofrimentos de seu marido sem senti-los também. Vou falar por ela.

Félix era superficial tanto nas ideias como nos sentimentos, violento, porque era fraco; devasso, porque era frio. Entrou no mundo dos Espíritos nu, moral e fisicamente. *Reencarnando na vida terrena, nada adquiriu, tem que recomeçar tudo.* Como um homem que acorda de um longo sonho e que reconhecerá como foi inútil a agitação de seus nervos, este pobre ser, ao sair da confusão, reconhecerá que viveu das quimeras que enganaram sua vida. Amaldiçoará o materialismo que o fez abraçar o vazio, amaldiçoará o positivismo, que o fazia chamar de fantasias as ideias sobre uma vida futura, chamar de loucura as aspirações à vida futura e de fraqueza a crença em Deus. O infeliz, ao acordar, verá que estes nomes ridicularizados por ele eram a fórmula da verdade e que, ao contrário da fábula, a caça da presa foi menos proveitosa do que a da sombra”.

*Georges*

### **Estudos sobre as comunicações de Claire**

Essas comunicações são, sobretudo, instrutivas, no aspecto em que nos mostram um dos lados mais comuns da vida: o do egoísmo. Aqui não estão esses grandes crimes que apavoram mesmo os homens mais perversos, mas está a condição de uma multidão de pessoas que vivem no mundo, honradas e procuradas, porque têm uma certa polidez e não são punidas por transgredirem leis sociais. Também não têm no mundo dos Espíritos castigos excepcionais, que dão arrepios, mas uma situação simples, consequência de seu modo de viver e do estado de sua alma. O



isolamento, o desamparo, o abandono, eis a punição de quem só viveu para si mesmo. Claire era, como se viu, um Espírito muito inteligente, mas tinha um coração seco. Na Terra, sua posição social, sua fortuna, suas vantagens físicas atraíram homenagens que lisonjeavam sua vaidade e isso lhe bastava. Lá, ela só encontra indiferença e o vazio em torno de si: punição mais afliativa que a dor, porque é humilhante. Porque a dor inspira a piedade, a compaixão: é ainda um meio de atrair a atenção, atrair cuidados, interesse de outros para seu destino.

A sexta comunicação contém uma ideia perfeitamente verdadeira quando ela explica a obstinação de alguns Espíritos pelo mal. As pessoas se espantam ao ver que são insensíveis ao pensamento, mesmo ao espetáculo da felicidade que desfrutam os bons Espíritos. Estão exatamente na posição dos homens desregrados que gostam da lama e das alegrias grosseiras e sensuais. Aí, esses homens estão, de alguma maneira, em seu próprio meio, não concebem os prazeres delicados, preferem seus sujos farrapos às roupas limpas e brilhantes, porque assim estão à vontade. Preferem suas orgias aos prazeres da boa companhia. Estão de tal forma identificados com este tipo de vida, que isto se tornou para eles uma segunda natureza. Creem-se mesmo incapazes de se elevar acima de sua esfera. Por isso, permanecem assim, até que uma transformação de seu ser abra sua inteligência, desenvolvendo-lhes o senso moral e os torne acessíveis a sensações mais sutis.

Esses Espíritos, quando desencarnados, não podem adquirir imediatamente a delicadeza do sentimento e, durante um tempo mais ou menos longo, ocuparão as camadas inferiores do mundo espiritual, como ocuparam as do mundo corporal. Permanecerão assim enquanto forem rebeldes ao progresso. Com o tempo, com a experiência, as tribulações, as misérias das sucessivas encarnações, chega um momento em que concebem alguma coisa melhor do que têm. Suas aspirações se elevam, começam a compreender o que lhes falta e então fazem esforços para adquirir o que falta e se elevar. Uma vez nesse caminho, andam rapidamente, porque experimentaram uma satisfação que lhes parece bem superior, ao lado da qual as outras, que eram apenas sensações grosseiras, acabam por lhes causar repugnância.

P – (A São Luís) O que entender como as trevas em que se acham mergulhadas algumas almas sofredoras? Seriam as trevas de que tanto se falou nas Escrituras?

R – Estas trevas são aquelas a que se referiram Jesus e Seus profetas, falando do castigo aos maus. Mas é ainda uma figura de linguagem destinada a tocar os sentidos materiais de seus contemporâneos, que não poderiam compreender a punição espiritual. Alguns Espíritos estão mergulhados nas trevas, mas é necessário entender isto como uma verdadeira noite da alma, comparável à obscuridade que atinge a inteligência do idiota. Não é uma loucura da alma, mas uma inconsciência de si mesma e do que a rodeia, que acontece com ou sem a luz material. É, sobretudo, a punição para aqueles que duvidaram do destino de seu ser, que acreditaram no nada e a aparência deste nada vem a ser seu suplício, até que a alma, voltando-se para si mesma, quebra, com energia, a rede de enervamento moral que a prendia. É o mesmo que acontece a um homem oprimido por um sonho penoso, que, em determinado momento, luta com todas suas forças contra o terror pelo qual se deixou dominar no início. Essa redução momentânea da alma a um nada fictício, com o sentimento de sua existência, é um sofrimento mais cruel do que se poderia imaginar, por causa dessa aparência de repouso que ela sente. É um repouso forçado. Essa nulidade de seu ser, essa incerteza são seu suplício. O aborrecimento que a oprime é o castigo mais terrível, porque não percebe nada à sua volta, nem coisas nem seres. Para ela, são as verdadeiras trevas”.

*São Luís*

(*Claire*) – “Eis-me aqui. Posso responder também à pergunta sobre as trevas, porque vaguei e sofri muito tempo nesses limbos onde tudo são soluços e misérias. Sim, existem as trevas visíveis de que falam as Escrituras. Os infelizes que terminam suas provas terrenas e deixam a vida ignorantes ou culpados mergulham na fria região, ignorantes de si mesmos e de seus destinos. Acreditam na eternidade de sua situação, balbuciam ainda as palavras da vida que os seduziu, espantam-se e se apavoram com sua grande solidão. São trevas este lugar vazio e povoado,

este espaço onde irritados, queixosos, pálidos Espíritos vagam sem consolação, sem afeições, sem nenhum socorro. A quem se dirigir?... Sentem aí a eternidade cada vez mais pesada sobre eles, tremem e lamentam os mesquinhos interesses que preenchiam suas horas. Sentem saudade da noite, que depois do dia, geralmente, com um sonho feliz, levava embora suas preocupações. Para o Espírito, as trevas são: a ignorância, o vazio, o horror do desconhecido.... Não posso continuar.”

*Claire*

Tivemos também a explicação seguinte, sobre esta escuridão:

“O perispírito tem, por natureza, uma propriedade luminosa, que se desenvolve com a atividade e as qualidades da alma. Poder-se-ia dizer que essas qualidades são para o fluido perispiritual o que a fricção é para o fósforo. O brilho da luz é proporcional à pureza do Espírito, as menores imperfeições a ofuscam e enfraquecem. A luz emitida pelo Espírito é tanto mais viva quando mais avançado ele for. O Espírito, sendo, de alguma maneira, seu próprio farol, enxerga mais ou menos, segundo a intensidade da luz que produz. O resultado é que aqueles que não produzem nenhuma luz ficam na escuridão”.

Essa teoria é perfeitamente justa, no que diz respeito à emissão do fluido luminoso pelos Espíritos superiores, o que é confirmado pela observação, mas não parece ser a verdadeira causa, ou pelo menos a única causa, porque, primeiro, não são todos os Espíritos inferiores que estão nas trevas; segundo, o mesmo Espírito pode se encontrar alternativamente na luz e na escuridão; terceiro, a luz é um castigo para alguns Espíritos muito imperfeitos. Se a escuridão em que alguns Espíritos estão mergulhados fosse inerente à sua personalidade, seria *permanente* e geral para todos os maus Espíritos, o que não acontece, já que Espíritos da maior perversidade veem perfeitamente, enquanto outros, que não se pode qualificar de perversos, estão temporariamente em profundas trevas. Tudo indica, então, que além da luz que lhes é própria, os Espíritos recebem também uma luz exterior, que lhes falta, dependendo das circunstâncias. Pode-se concluir que a escuridão depende de uma causa ou vontade desconhecida e que constitui uma punição especial para casos determinados pela soberana justiça.

P – (A São Luís) – *De onde vem a ideia de que a educação moral dos Espíritos desencarnados é mais fácil que a dos encarnados?* As relações estabelecidas pelo Espiritismo entre os homens e os Espíritos permitiram observar que os últimos se corrigem mais rapidamente com a influência dos conselhos salutareos do que os encarnados, como se vê nas curas de obsessões.

R – (Sociedade de Paris) – O encarnado, por sua própria natureza, está em um estado de luta incessante, por causa dos elementos contrários que o compõem e que devem conduzi-lo a seu fim providencial, reagindo um sobre o outro. A matéria sofre facilmente a dominação de um fluido exterior: se a alma não reage com todo o poder moral de que é capaz, se deixa dominar pelo intermediário de seu corpo e segue o impulso das influências perversas de que está cercada. E é maior a facilidade dos invisíveis, que a apertam, atacam de preferência os pontos mais vulneráveis, as tendências para a paixão dominante.

Para o Espírito desencarnado tudo se passa diferente. É verdade que ainda sofre uma influência semimaterial, mas este estado não é nada, se comparável ao do encarnado. O respeito humano, tão preponderante para o homem, não existe para ele, e este pensamento seria suficiente para não obrigá-lo a resistir por muito tempo às razões que seu próprio interesse acha que são boas. Ele pode lutar e geralmente luta mesmo, com mais força do que o encarnado, porque é livre. Mas nenhuma visão mesquinha de interesse material, de posição social, entrava seu julgamento. Luta por amor do mal, mas adquire logo o sentimento de sua própria impotência, diante da superioridade moral que o domina. Tem mais acesso à visão de um futuro melhor, porque está mesmo na vida em que deve se completar, e essa expectativa não se apaga pelo turbilhão dos prazeres humanos. Em uma palavra, não está sob a influência da carne, o que torna sua conversão mais fácil, sobretudo quando adquiriu um certo desenvolvimento, pelas provas que sofreu. Um Espírito muito primitivo seria pouco acessível ao raciocínio, mas é diferente para aquele que já tem a experiência da vida. Por outro lado, tanto para o encarnado como para o desencarnado, é pelo sentimento, sobre a alma, que se deve agir. Toda ação material pode suspender

momentaneamente os sofrimentos do homem cheio de vícios, mas não pode destruir o princípio mórbido que está na alma. *“Todo ato que não é dirigido para melhorar a alma não pode afastar o mal”*.

*São Luís*



# CAPÍTULO V

## SUICIDAS

### O suicídio na “Samaritaine”<sup>1</sup>

Em 7 de abril de 1858, por volta de sete horas da noite, um homem com mais ou menos 50 anos, bem vestido, chegou à “Samaritaine”, em Paris, e pediu que lhe preparassem um banho. Depois de duas horas, como não saísse do banheiro, o empregado, preocupado, entrou, para ver se o homem estaria passando mal. Testemunhou, então, um horrível espetáculo: o infeliz tinha cortado a garganta com uma navalha e todo o seu sangue tinha se misturado à água da banheira. Como não conseguiram identificar quem seria a pessoa, o cadáver foi encaminhado ao necrotério.

O Espírito deste homem, evocado na Sociedade de Paris, seis dias após seu desencarne, deu as seguintes respostas:

1 – *Evocação.*

(Resposta do guia do médium) – Espere, ele está aqui.

2 – Onde o senhor está agora?

R – Não sei... Digam-me onde estou.

3 – Está em uma reunião de pessoas que se ocupam de estudos espíritos e que são benevolentes com o senhor.

R – Digam-me se estou vivo... Sufoco dentro deste caixão.

---

<sup>(1)</sup> **Nota da tradução:** Em todas as pesquisas empreendidas, apurou-se o termo *Samaritaine* como o nome de uma grande loja de departamentos existente em Paris. Não se encontrou qualquer alusão mais específica ao que poderia ser o “estabelecimento” citado no texto. Mesmo em consulta verbal a parisienses, conhecedores da história da cidade, não se obteve uma informação que pudesse ser confirmada historicamente. Uma das informações verbais mais plausíveis é a de que provavelmente se trate mesmo da tradicional loja de departamentos ainda hoje existente e que foi fundada no século XIX.

Sua alma, embora separada do corpo, está ainda completamente mergulhada no que se poderia chamar de turbilhão da matéria corporal. As ideias terrenas ainda são tão fortes que ele não acredita estar morto.

4 – O que o motivou a vir até nós?

R – Estou me sentindo aliviado.

5 – Qual o motivo que o levou ao suicídio?

R – Estou morto?... Não, ainda... estou em meu corpo... Vocês não sabem como sofro!... Eu sufoco... tomara que alguém compadecido tente me dar o golpe de misericórdia!

6 – Por que o senhor não deixou nenhuma pista para que pudesse ser reconhecido?

R – Estou abandonado, *fugi do sofrimento para encontrar a tortura.*

7 – O senhor ainda tem os mesmos motivos para continuar desconhecido?

R – Sim, não coloquem um ferro em brasas na ferida que sangra.

8 – O senhor não gostaria de nos dizer seu nome, sua idade, profissão, seu endereço?

R – Não... definitivamente, não.

9 – O senhor tinha uma família, uma mulher, filhos?

R – Eu estava abandonado, ninguém me amava.

10 – O que o senhor tinha feito para não ser amado por ninguém?

R – Quantos são como eu! ...Um homem pode ser abandonado na família quando ninguém o ama.

11 – O senhor hesitou no momento do suicídio?

R – Eu tinha sede da morte... esperava o repouso.

12 – Pensar no futuro não o fez desistir de seu intento?

R – Eu não acreditava em mais nada, estava sem esperança. O futuro é a esperança.

13 – Em que pensou quando sentiu sua vida se extinguir?

R – Eu não pensei, eu senti... Mas minha vida não acabou... minha alma está ligada ao corpo... *Sinto os vermes que me corroem.*

14 – O que o senhor sentiu quando a morte se completou?

R – Ela se completou?



15 – Foi doloroso o momento em que a vida se extinguiu?

R – Menos doloroso do que depois. Só o corpo sofreu.

16 – (Ao Espírito de São Luís) – O que quer dizer o Espírito, afirmando que o momento da morte foi menos doloroso do que depois?

R – O Espírito se descarregou de um fardo que o oprimia, sentia a volúpia da dor.

17 É sempre esse o estado depois do suicídio?

R – Sim. O Espírito do suicida fica ligado ao corpo até o fim da vida. A morte natural é a libertação da vida, o suicida a quebra inteiramente.

18 – É esse mesmo estado que acontece em toda morte acidental, independente da vontade, e que abrevia a duração natural da vida?

R – Não... O que vocês entendem por suicídio? O Espírito só é culpado por suas próprias obras.

Essa dúvida sobre a morte é muito comum entre as pessoas recentemente desencarnadas, sobretudo entre aqueles que não elevaram sua alma acima da matéria. De início, parece um fenômeno muito estranho, mas que se explica bem naturalmente. Se se pergunta a um indivíduo colocado pela primeira vez em estado de sonambulismo se ele dorme, quase sempre ele responde que *não*. É o interrogador que pergunta mal, usando uma palavra imprópria. A ideia de sono, em nossa linguagem usual, está ligada à suspensão de todas nossas faculdades sensitivas. Ora, o sonâmbulo que pensa, que vê, não acredita estar dormindo. De fato, ele não dorme, na acepção comum da palavra. Por isto ele responde *não*, até que esteja familiarizado com esta maneira de compreender a coisa. O mesmo acontece com o homem que acaba de desencarnar. Para ele, a morte é a aniquilação do ser. Ora, como o sonâmbulo, ele vê, sente, fala, então, não se sente morto, até que tenha a intuição de seu novo estado. Essa ilusão é sempre mais ou menos penosa, porque nunca é completa e deixa o Espírito em uma certa ansiedade. No exemplo acima, é um verdadeiro suplício, pela sensação dos vermes que corroem o corpo e pela duração, que deverá ser a mesma do tempo de vida que ele teria, se não a tivesse abreviado. Este estado é frequente entre os suicidas, mas nem sempre se apresenta em condições idênticas. Varia, sobretudo, em duração e intensidade, de

acordo com as circunstâncias agravantes ou atenuantes do erro. A sensação dos vermes e da decomposição do corpo não é mais especial aos suicidas, é frequente também para aqueles que viveram mais a vida material do que a espiritual. Em princípio, não há erro que não seja punido, mas não há uma regra uniforme e absoluta dos meios de punição.

## O pai e o conscrito

No começo da guerra da Itália, em 1859, um negociante de Paris, pai de família, muito estimado por seus vizinhos, tinha um filho que foi chamado a se alistar no serviço militar. Por sua própria posição, estava impossibilitado de exonerar o filho do Exército e teve a ideia de cometer suicídio, para isentá-lo, assim, como filho único da viúva. Foi evocado um ano depois, na Sociedade de Paris, a pedido de uma pessoa que o conheceu e que desejava saber qual seria seu destino no mundo dos Espíritos.

(A São Luís) – O senhor nos diria se podemos fazer a evocação do homem sobre o qual acabamos de falar?

R. – Sim, ele ficará muito feliz, porque será um pouco aliviado.

1 *Evocação* – Oh!, obrigado! Sofro muito, mas..... é justo. Entretanto, Ele me perdoará.

O Espírito escreve com grande dificuldade, as letras são irregulares e mal formadas. Depois da palavra mas, ele para, tenta inutilmente escrever e mal consegue fazer alguns traços indecifráveis e pontos... É evidente que foi a palavra Deus que ele não pôde escrever.

2 – Preencha a lacuna que deixou.

R – Sou indigno de escrevê-la.

3 – O senhor diz que sofre. Sem dúvida, errou ao cometer o suicídio, mas será que o motivo que o levou a este ato não mereceu nenhuma indulgência?

R – Minha punição será menos longa, mas nem por isso a ação será menos má.

4 – Poderia nos descrever a punição que está sofrendo?

R – Sofro duplamente, na alma e no corpo. Sofro no corpo, embora não o tenha mais, como o amputado sofre no membro ausente.

5 – A única razão de seu ato foi seu filho ou houve alguma outra causa?

R – Só o amor paternal me guiou, mas me guiou mal. Em favor do motivo, minha pena será abreviada.

6 – O senhor antevê o fim de seus sofrimentos?

R – Não sei quando vão terminar, mas tenho a certeza de que este fim existe, o que é um alívio para mim.

7 – Há pouco, o senhor não pôde escrever o nome de Deus, entretanto, temos visto Espíritos sofredores escreverem. Isto faz parte de sua punição?

R – Eu conseguiria, com grande esforço de arrependimento.

8 – Bem, faça grande esforço e trate de escrever. Estamos convencidos de que, se o senhor conseguir, será um grande alívio para o senhor. (O Espírito acabou por escrever, em letras irregulares, tremidas e grossas: “*Deus é muito bom*”).

9 – Nós agradecemos sua vinda a nosso apelo e rezaremos, pedindo a misericórdia de Deus ao senhor.

R – Sim, por favor.

10 – (A São Luís) – Dê-nos sua apreciação pessoal sobre o ato do Espírito que acabamos de evocar.

R – Este Espírito sofre justamente, porque lhe faltou confiança em Deus, o que é um erro sempre passível de punição. A punição seria terrível e muito longa, se ele não tivesse a seu favor um motivo louvável, que era o de impedir seu filho de ir ao encontro da morte. Deus, que vê o fundo dos corações e que é justo, só os pune segundo suas obras.

*Observação* – À primeira vista, esse suicídio parece desculpável, porque pode ser considerado como um ato de abnegação e é mesmo, mas não completamente. Como disse o Espírito de São Luís, faltou a este homem a confiança em Deus. Por sua ação, talvez tenha impedido que se cumprisse o destino do filho. De início, ele não estava certo de

que o filho morreria na guerra e talvez essa carreira devesse oferecer ao rapaz uma oportunidade para fazer alguma coisa que seria útil a seu progresso. Sua intenção, sem dúvida, era boa, ele também sabe disso. A intenção atenua o mal e merece indulgência, mas não impede o mal de ser o mal. Sem isso, levando em conta a intenção, se poderia desculpar todos os malfeitos, se poderia até mesmo matar, com a desculpa de estar fazendo o bem. Uma mãe que mata seu filho, porque acredita que o envia direto para o céu errou menos, porque tinha boa intenção? Com este sistema se justificariam todos os crimes que um fanatismo cego cometeu nas guerras religiosas.

Em princípio, o Homem não tem o direito de dispor sobre sua vida, porque lhe foi dada, tendo em vista *tarefas que teria que completar na Terra*. Por isso, não deve abreviá-la voluntariamente, sob nenhum pretexto. Como tem seu livre-arbítrio, ninguém pode impedi-lo, mas sofre sempre as consequências. O suicida mais severamente punido é aquele tomado pelo desespero e que quer se livrar das misérias da vida. Essas misérias às vezes são provas e expiações. Fugir delas é recuar diante a tarefa que tinha aceitado e às vezes mesmo diante da missão que deveria cumprir.

O suicídio não consiste apenas no ato voluntário que produz a morte instantânea. É também todo ato que se faz, com conhecimento de causa, e que apressa prematuramente a extinção das forças vitais.

Não se pode identificar no suicida a abnegação daquele que se expõe a uma morte iminente para salvar seu semelhante. De início, porque não há, nesse caso, nenhuma intenção premeditada de se subtrair à vida e, em segundo lugar, porque não há perigo de que a Providência não possa nos tirar, se ainda não chegou a hora de deixar a Terra. Se acontece o desencarne em tais circunstâncias, é um sacrifício meritório, porque é uma abnegação em proveito de outro. (Ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo V, nºs 53, 65, 66, 67).

## **François-Simon Louvet**

**(Do Havre)**

A seguinte comunicação foi dada espontaneamente em uma sessão espírita, no Havre, em 12 de fevereiro de 1863:

“Tenha piedade de um pobre miserável, que sofre cruéis torturas há muito tempo! Oh, o vazio... o espaço... eu caio, eu caio, socorro!... Meu Deus, eu tive uma vida tão miserável!... Era um pobre diabo, sempre sofria de fome em meus velhos dias. Por isso comecei a beber e tinha vergonha e desgosto de tudo... Eu quis morrer e me joguei... Oh, meu Deus, que momento!... Por que quis acabar com tudo quando estava tão perto do fim? Rezem! Para que eu não veja mais sempre *este vazio debaixo de mim*... Vou me quebrar sobre estas pedras!... Suplico a você que conhece as misérias daqueles que não pertencem mais a este mundo. Dirijo-me a você, embora não me conheça, porque eu sofro muito...

Por que querer provas? Eu sofro, não é o bastante? Se eu tivesse fome, ao invés desse sofrimento mais terrível, mais invisível, você não hesitaria em aliviar a fome, me dando um pedaço de pão. Peço-lhe que reze por mim... Não posso ficar muito tempo... Pergunte a um dos felizes que estão aqui e saberá quem sou. Rezem por mim”.

*François Simon-Louvet*

*O guia do médium* – Este que acaba de se dirigir a você, meu filho, é um pobre infeliz, que tinha uma prova de miséria sobre a Terra, mas foi tomado pelo desgosto, sua coragem enfraqueceu e o infelizmente, em vez de olhar para o alto, como deveria ter feito, se entregou à embriaguez. Desceu aos últimos limites do desespero e colocou fim a sua triste prova, jogando-se da torre de Francisco I, em 22 de julho de 1857. Tenha piedade de sua pobre alma, que não é avançada, mas que, entretanto, tem suficiente conhecimento sobre a vida futura para sofrer e desejar uma nova prova. Orem a Deus para que lhe conceda esta graça e você fará uma boa ação”.

Em uma pesquisa, encontrou-se no *Jornal do Havre*, de 23 de julho de 1857, o seguinte artigo:

“Ontem, às quatro horas, as pessoas que passavam pelo cais ficaram dolorosamente impressionadas por um horrível acidente: um homem se jogou da torre e se quebrou sobre as pedras. Trata-se de um velho trabalhador, que rebocava barcos, cuja tendência à embriaguez levou ao suicídio. Seu nome é François-Victor-Simon Louvet. Seu corpo foi levado para a casa de uma de suas filhas. Tinha 67 anos”.

*Depois de quase seis anos após a morte desse homem, ele se vê sempre aindo da torre e indo se arrebentar sobre as pedras. Apavora-se diante do vazio que tem diante de si e sofre as apreensões da queda... E depois de seis anos! Quanto tempo isso vai durar? Ele não sabe e essa incerteza aumenta sua angústia. Essa situação não equivale ao inferno e às chamas? Que revelou esses castigos? Foram inventados? Não, são aquelas pessoas que os sofrem que vêm descrevê-los, da mesma forma que outros descrevem suas alegrias. Frequentemente, o fazem espontaneamente, sem que se imagine quem são, o que exclui qualquer ideia de que sejamos um juguete da própria imaginação.*

## Uma mãe e seu filho

Em março de 1865, M. C..., negociante em uma pequena cidade perto de Paris, tinha um filho com 21 anos, gravemente doente. Este jovem, sentindo que ia expirar, chamou sua mãe e ainda teve forças para abraçá-la. A mãe, chorando muito, disse: “Vá, meu filho, vá antes de mim, que eu não demorarei a segui-lo”. E saiu, escondendo a cabeça entre as mãos.

As pessoas presentes a essa dolorosa cena consideraram as palavras da senhora C... como uma simples explosão de dor, que o tempo e a razão deveriam apaziguar. Entretanto, tendo o doente desencarnado, a procuraram por toda a casa e a encontraram enforcada em um celeiro. O enterro da mãe se realizou junto com o de seu filho.

*Evocação do filho, vários dias depois do fato*

P – Você tem conhecimento da morte de sua mãe, que se suicidou, sucumbindo ao desespero causado por sua perda?

R – Sim e, se não fosse a tristeza que me causou essa fatal resolução, eu estaria perfeitamente feliz. Pobre e excelente mãe! Não pôde suportar a prova dessa separação momentânea e tomou, para se juntar a seu filho amado, o caminho que deveria distanciar-la, infelizmente, por muito mais tempo. Assim, retardou indefinidamente este encontro *que teria acontecido logo*, se a submissão à vontade do Senhor tivesse entrado em sua alma e se ela tivesse se resignado, humilde e arrependida, diante da prova que ia sofrer, cuja expiação iria purificá-la!

Orem, oh!, orem por ela!.... e sobretudo não a imitem, vocês, mães, que estão comovidas com o relato de sua morte! Não acreditem que ela amava mais que as outras mães esse filho que era sua alegria e seu orgulho. Não, não amava mais que as outras mães, mas lhe faltou coragem e resignação. Mães que me escutam, quando virem a agonia velar os olhos apagados de seus filhos, lembrem-se de que, como Cristo, eles sobem ao topo do Calvário, de onde devem se elevar para a glória eterna”.

*Benjamin C....*

*Evocação da mãe* – “Eu quero ver meu filho! Vocês têm o poder de me devolvê-lo?... Cruéis... eles tomaram meu filho para levar para a luz e me deixaram na noite!.. Eu o vejo, eu o vejo... ele me pertence!... Então não significa nada o amor maternal?... Como não! Ter carregado durante nove meses, alimentado com seu leite a carne de sua carne, o sangue de seu sangue. Ter guiado seus primeiros passos, tê-lo feito balbuciar o nome sagrado de Deus e a doce palavra mãe. Tê-lo feito um homem cheio de atividade, de inteligência, de honestidade, de retidão de caráter, de amor filial, e perdê-lo quando ele realizava as esperanças que eram depositadas nele, quando um futuro brilhante se abria diante dele! Não, Deus não é justo. Não é este o Deus das mães, Ele não compreende seu desespero e sua dor... e quando me dou a morte para não deixar meu filho, me roubam-no de novo? Meu filho! Meu filho! Onde está você?”

*O evocador* – Pobre mãe, compartilhamos sua dor, mas a senhora escolheu um triste meio para se encontrar com seu filho. O suicídio é um crime aos olhos de Deus, e a senhora deveria ter pensado que Ele pune toda infração a Suas leis. Não poder ver seu filho é sua punição.

*A mãe* – “Não, eu acreditava em um Deus melhor que os homens, não acreditava em seu inferno, mas no encontro eterno daqueles que se amaram como nós nos amávamos. Eu me enganei... Ele não é o Deus justo e bom, já que não compreendeu a imensidade de minha dor e de meu amor!... Oh, quem me devolverá meu filho! Eu o perdi para sempre? Piedade! Piedade, meu Deus!”

*O evocador* – “Vejamos, acalme seu desespero. Imagine que, se há um meio de rever seu filho, não é blasfemando contra Deus, como a senhora faz. Em vez de tê-lo a seu favor, a senhora atrai para si uma grande severidade.”

*A mãe* – Disseram-me que eu não o reveria mais. Entendi que o levaram para o paraíso. E eu, então, estou no inferno?... O inferno das mães?... Ele existe, vejo muito bem.

*O evocador* – “Seu filho não está perdido para sempre, acredite. Certamente a senhora o reverá. Mas é necessário merecer, pela submissão à vontade de Deus, enquanto que, com sua revolta, a senhora pode retardar indefinidamente este momento. Deus é infinitamente bom, mas infinitamente justo. Jamais pune sem uma causa e se a afligiu com grandes dores na Terra, é porque a senhora as merecia. A morte de seu filho era uma prova para sua resignação, infelizmente a senhora não a suportou, enquanto encarnada e agora, desencarnada, não a suporta de novo. Como a senhora quer que Deus recompense Seus filhos rebeldes? Mas Ele não é inflexível, acolhe sempre o arrependimento do culpado. Se tivesse aceito sem queixa e com humildade a prova que Ele lhe enviou, com essa separação momentânea, e se a senhora tivesse esperado pacientemente até que a vontade divina a retirasse da Terra, em sua entrada no mundo em que se encontra, teria imediatamente revisto seu filho, que teria vindo recebê-la e estender-lhe os braços. A senhora teria tido a alegria de vê-lo radiante, depois desse tempo de ausência. O que a senhora fez e ainda faz nesse momento coloca uma barreira entre vocês. Não creia que ele esteja perdido nas profundezas do espaço. Não, ele está mais próximo do que a senhora imagina, mas um véu impenetrável o esconde de sua vista. Ele a vê e a ama, sempre, e lamenta a triste posição em que mergulhou, por falta de confiança em Deus. Aguarda com todas as suas preces o feliz momento em que poderá se mostrar. Só depende de a senhora apressar ou retardar este momento. Ore a Deus e diga comigo: ‘Meu Deus, perdoe-me por ter duvidado de Sua Justiça e de Sua bondade. Se o Senhor me puniu, reconheço que mereci. Digne-se a aceitar meu arrependimento e minha submissão à Sua santa vontade’.



*A mãe* – “Que clarão de esperança você acaba de fazer iluminar minha alma! É um relâmpago na noite que me cerca. Obrigada, vou rezar. Adeus.”

C...

A morte, mesmo pelo suicídio, não produziu neste Espírito a ilusão de ainda se acreditar vivo. Ele tem perfeitamente a consciência de seu estado. Entre outros, a punição consiste nessa ilusão, nos laços que os prendem a seus corpos. Essa mulher quis deixar a Terra para seguir seu filho no mundo em que ele entrara. Era preciso que ela soubesse que estava neste mundo para ser punida, não o reencontrando. Sua punição é precisamente de saber que não vive mais corporalmente e no conhecimento que tem de sua situação. É assim que cada erro é punido pelas circunstâncias que o acompanham e que não há punições uniformes e constantes para erros do mesmo gênero.

### **Duplo suicídio, por amor e por dever**

Um jornal, de 13 de junho de 1862, continha o seguinte relato:

“A senhorita Palmyre, modista, morava com os pais, tinha uma aparência muito charmosa e um afável caráter. Assim, era muito requisitada para casamento. Entre seus pretendentes, tinha escolhido o senhor B..., que tinha por ela uma viva paixão. Embora o amasse mais que a si mesma, acreditou, entretanto, dever, por respeito filial, cumprir a promessa de seus pais, se casando com o senhor D....., cuja posição social lhes parecia mais vantajosa que a de seu rival.

“Os senhores B... e D... eram amigos. Embora não tivessem nenhuma relação de interesse comum, sempre se viam. O amor recíproco entre Palmyre e o senhor B... não tinha se enfraquecido de maneira alguma e, como eles se esforçavam para sufocá-lo, mais aumentava, na proporção da violência que usavam para reprimi-lo. Para tentar acabar com esse amor, B resolveu se casar. Casou-se com uma jovem com eminentes qualidades e fez o possível para amá-la, mas logo percebeu que esse meio heroico era impotente para curá-lo. Entretanto, durante quatro anos,

nem B... nem a senhora D... faltaram a seus deveres. Difícil exprimir o que eles tiveram que sofrer, porque D..., que gostava de verdade de seu amigo, o atraía sempre à sua casa e, quando B... queria fugir, ele o constringia a ficar.

“Os dois apaixonados, aproximados um dia por uma circunstância imprevista, que não tinham procurado, falaram sobre o estado de suas almas e chegaram a um acordo ao pensar que a morte seria o único remédio para os males que viviam. Resolveram morrer juntos, em uma manhã em que o senhor D... estaria ausente de casa, grande parte do dia. Após os últimos preparativos, escreveram uma longa e tocante carta, explicando a causa da morte que escolhiam, para não faltar a seus deveres. Terminava com um pedido de perdão e para serem enterrados juntos, no mesmo túmulo.

“Quando o senhor D... voltou os encontrou asfixiados. Respeitou seus últimos desejos e quis que, no cemitério, não ficassem separados”.

Este fato foi proposto na Sociedade de Paris, como assunto de estudo e um Espírito respondeu:

“Os dois apaixonados que se suicidaram não podem ainda responder. Eu os vejo, estão mergulhados na confusão e atemorizados pela perspectiva da eternidade. As consequências morais de seu erro os castigarão durante *migrações sucessivas*, em que suas almas separadas se procurarão sem parar e sofrerão o duplo suplício do pressentimento e do desejo. Depois de terminada a expiação, eles se encontrarão para sempre no amor eterno. Em oito dias, na próxima sessão, vocês poderão evocá-los, eles virão, mas não se verão: uma noite profunda os esconde um do outro”.

1 – *Evocação da mulher* – A senhora vê seu apaixonado, com o qual se suicidou?

R – Não vejo nada, não vejo nem mesmo os Espíritos que vagueiam comigo, no lugar onde estou. Que noite! Que noite! E que véu espesso sobre meu rosto!

2 – Que sensação a senhora teve, quando acordou, após seu desencarne?

R – Estranha! Eu tinha frio e queimava, o gelo corria nas minhas veias e o fogo estava na minha cabeça! Coisa estranha, mistura inédita! Gelo e fogo pareciam me apertar! Pensei que iria sucumbir uma segunda vez.

3 – A senhora sofre dor física?

R – Todo meu sofrimento está aqui e aqui.

P – O que a senhora quer dizer com aqui e aqui?

R – Aqui, no meu cérebro, e aqui, no meu coração.

“(É provável que se pudesse ver o Espírito, se teria visto ele levar a mão à cabeça e ao coração.)”

4 – A senhora acredita que estará sempre nesta situação?

R – Oh, sempre, sempre! Ouço às vezes risos infernais, vozes assustadoras, que me gritam estas palavras: “Sempre assim!”.

5 – Bem, podemos lhe dizer com toda a segurança que não será sempre assim. Em se arrependendo, a senhora obterá seu perdão.

R – O que o senhor disse? Não entendo.

6 – Repito que seus sofrimentos terão um fim, que a senhora poderá apressar por seu arrependimento e nós a ajudaremos com a prece.

R – Só entendi uma palavra e sons vagos. Esta palavra é *graça!* É *graça!* O que o senhor quis falar? O senhor falou em graça: sem dúvida falou à alma que passa a meu lado, pobre criança que chora e que espera.

Uma senhora da Sociedade disse que tinha acabado de fazer uma prece a Deus por esta desafortunada e foi sem dúvida o que a tocou. A senhora tinha exatamente implorado mentalmente uma graça a Deus, por ela.

7 – A senhora disse que está nas trevas, a senhora não vê?

R – É-me permitido entender algumas das palavras que o senhor fala, mas eu só vejo um tecido negro, qual se desenha, em alguns momentos, uma cabeça que chora.

8 – Se a senhora não vê seu apaixonado, não sente sua presença perto da senhora, por que ele está aqui?

R – Ah, não me fale dele, devo esquecê-lo. No momento, se eu quiser que a imagem que vejo desenhada no tecido negro se apague.

9 – Como é essa imagem?

R – A de um homem que sofre e cuja existência moral eu matei por muito tempo sobre a Terra.

Lendo esse relato, é possível de início, se dispor a encontrar circunstâncias atenuantes, para esse suicídio, a encará-lo mesmo como um ato heroico, já que foi provocado por um sentimento de dever. Mas o que se vê é que foi julgado de outra forma e que a pena para os culpados é longa e terrível, por terem se refugiado voluntariamente na morte, para fugirem da luta. A intenção de não faltar ao dever era honrada, sem dúvida, e lhes será levada em conta mais tarde, mas o verdadeiro mérito teria consistido em vencer o entrave, enquanto que eles fizeram como o desertor, que se esquia, na hora do perigo.

A pena dos dois culpados, como se vê, consistirá em se procurarem por muito tempo, sem se encontrarem, seja no mundo dos Espíritos, seja em outras encarnações terrenas. Essa pena é agravada momentaneamente pela ideia de que seu estado presente pode durar para sempre. Este pensamento, fazendo parte do castigo, não lhes permitiu compreender as palavras de esperança que lhes foram endereçadas. Aos que acharam esta pena muito terrível e muito longa, sobretudo se ela não acabar após várias encarnações, diremos que tal duração não é absoluta e que dependerá da maneira como eles vão suportar suas provas futuras, e de quanto se pode ajudá-los com as preces. Eles serão, como todos os Espíritos culpados, os árbitros de seu próprio destino. Isto, entretanto, não é muito melhor do que a danação eterna, sem esperança, à qual estão irrevogavelmente condenados, de acordo com a teoria da Igreja, que os considera condenados ao inferno para sempre e lhes recusou as últimas preces, por considerá-las inúteis?

### **Luís e a costureira de botinas**

Havia sete ou oito meses que Luís G..., sapateiro, namorava a senhora Victorine G..., costureira de botinas, com a qual deveria se casar logo, já que até os proclamas estavam sendo publicados. A esta altura,

o jovem casal se considerava quase como definitivamente casado e, por medida de economia, o sapateiro vinha todos os dias fazer suas refeições na casa de sua futura esposa.

Um dia, como sempre, Luís tinha vindo tomar uma sopa na casa da costureira de botinas e surgiu uma discussão por causa de uma futilidade. Os dois se obstinaram e as coisas chegaram a um ponto que ele deixou a mesa e foi embora, jurando que nunca mais voltaria.

Na manhã seguinte, entretanto, o sapateiro veio pedir desculpas: a noite é boa conselheira, sabe-se, mas a sapateira, prejudgando, talvez, a partir da cena da véspera, o que poderia vir depois, quando não haveria mais tempo para voltar atrás, se recusou à reconciliação. E protestos, lágrimas de desespero, nada pôde dobrá-la. Vários dias se passaram depois da desavença. Luís, esperando que sua bem-amada estivesse mais tratável, quis tentar uma segunda vez: chegou e bateu à porta, de modo a se fazer reconhecer. Mas ela se recusou a abrir. Então, novas súplicas por parte do pobre rejeitado, mas nada pôde tocar a implacável pretendente. “Adeus, então, malvada! – gritou enfim o pobre rapaz – adeus para sempre! Trate de encontrar um marido que a ame tanto quanto eu!”. Ao mesmo tempo, a jovem ouviu uma espécie de gemido abafado, depois um barulho de um corpo que caía, escorregando pela porta, e tudo fica em silêncio. Então, imagina que Luís estivesse na soleira da porta, para esperar sua primeira saída e se prometeu não colocar o pé para fora, enquanto ele estivesse lá.

Quinze minutos depois, um morador que passava na calçada com uma lanterna soltou um grito e pediu socorro. Logo os vizinhos chegaram e a senhorita Victorine, também abrindo a porta, gritou com horror, ao perceber seu pretendente estendido no chão, pálido e inanimado. Todos se apressam a lhe prestar socorro, mas logo perceberam que era inútil e que ele cessou de existir. O infeliz jovem tinha enterrado sua faca na região do coração e o ferro continuava na ferida.

### **(Sociedade Espírita de Paris, agosto de 1858)**

1 – *Ao Espírito de São Luís* – A jovem, causa involuntária da morte de seu apaixonado, tem responsabilidade?

R – Sim, porque ela não o amava mais.

2 – Para prevenir essa desgraça, ela deveria ter se casado com ele, apesar de sua repugnância?

R – Ela procurava uma ocasião para se separar dele. Fez no começo da ligação o que faria mais tarde.

3 – Assim, sua culpabilidade consiste em ter alimentado nele sentimentos de que ela não compartilhava e que foram a causa da morte do jovem?

R – Sim, é isso.

4 – Sua responsabilidade, nesse caso, deve ser proporcional ao erro, não deve ser tão grande como se ela tivesse provocado voluntariamente a morte?

R – É evidente.

5 – O suicídio de Luís encontra uma desculpa no desequilíbrio em que mergulhou pela obstinação de Victorine?

R. – Sim, porque seu suicídio, que provém do amor, é menos criminoso aos olhos de Deus do que o suicídio do homem que quer se livrar da vida por covardia.

Ao Espírito de Luís G..., evocado em outra vez, foram feitas as seguintes perguntas:

1 – O que você pensa da ação que cometeu?

R – Victorine é uma ingrata. Errei em me matar por sua causa, porque ela não merecia.

2 – Então ela não o amava?

R – Não, de início pensava que sim, se iludia. A cena que eu fiz abriu-lhe os olhos e então ela ficou contente com este pretexto para se livrar de mim.

3 – E você a amava sinceramente?

R – Eu tinha paixão por ela. Isto é tudo, acredito. Se eu a tivesse amado com um amor puro, não teria desejado causar-lhe desgosto.

4 – Se ela soubesse que você queria realmente se matar, teria persistido na recusa?

R – Não sei, acredito que não, porque não é má. Mas teria sido infeliz, foi melhor para ela que tudo tenha se passado assim.

5 – Chegando à sua porta, você tinha a intenção de se matar, em caso de recusa?

R – Não, não tinha pensado nisso. Eu não acreditava que ela seria tão obstinada. Somente quando vi sua obstinação é que fui tomado por uma vertigem.

6 – Parece que você lamenta seu suicídio apenas porque Victorine não merecia. É este seu único sentimento?

R – Nesse momento, sim. Ainda estou completamente confuso, ainda me parece estar à porta, mas sinto outra coisa que não posso definir.

7 – Você compreenderá mais tarde?

R – Sim, quando eu estiver esclarecido. É ruim o que fiz, eu deveria tê-la deixada tranquila... Fui fraco e sofro por isso... Vejam, a paixão cega o homem e o leva a fazer bobagens, que só compreende quando já é muito tarde.

8 – Você diz que sofre. Que tipo de sofrimento?

R – Errei em abreviar minha vida, não devia ter feito isso. Eu devia ter suportado tudo em vez de acabar antes do tempo. De resto, sou infeliz, sofro. É sempre ela que me faz sofrer. Parece-me estar ainda lá, à sua porta: ingrata! Não me fale mais nisso, não quero mais pensar, isso me faz muito mal. Adeus”.

Vê-se nesse caso uma nova prova da justiça distributiva que preside à punição dos culpados, segundo o grau da responsabilidade. Na presente circunstância, o primeiro erro é da moça, que tinha alimentado em Luís um amor que não compartilhava e a que não dava nenhuma importância. Ela terá então a maior parte da responsabilidade. Quanto ao jovem, é punido também pelo sofrimento, mas sua pena é leve, porque apenas cedeu a um movimento irrefletido e a um momento de exaltação, em vez da fria premeditação daqueles que se suicidam para escapar das provas da vida.

## Um ateu

M.J.B.D., era um homem instruído, mas bastante imbuído de ideias materialistas, não acreditava em Deus nem em sua alma. Foi evocado dois anos após sua morte, na Sociedade de Paris, a pedido de um de seus parentes.

1 – *Evocação* – Eu sofro! Sou um condenado.

2 Seus parentes nos pediram esta evocação, para saber sobre seu destino. O senhor poderia nos dizer se nossa evocação lhe é agradável ou dolorosa?

R – Dolorosa.

3 – Sua morte foi voluntária?

R – Sim.

O Espírito escreve com extrema dificuldade. A letra é bem grossa, irregular, convulsiva e quase ilegível. No início, mostra cólera, quebra o lápis e rasga o papel.

4 – Fique mais calmo, nós rezamos a Deus pelo senhor.

R – Sou obrigado a crer em Deus.

5 – Que motivo pode tê-lo levado a se destruir?

R – O aborrecimento da vida *sem esperança*.

Concebe-se o suicídio, quando a vida é sem esperança, quer-se escapar da infelicidade a qualquer preço. Com o Espiritismo, há perspectiva de futuro e a esperança se legitima, então o suicídio não tem mais objetivo. Bem mais que isso, reconhece-se que, por esse meio, escapa-se de um mal para cair em um outro cem vezes pior. Eis por que o Espiritismo já arrancou tantas vítimas da morte voluntária. São muito culpados aqueles que se esforçam em acreditar, através *de sofismas<sup>2</sup> científicos, dizendo-se em nome da razão*, nesta ideia desesperadora, fonte de tantos males e crimes, de que tudo se acaba com a vida! Eles serão responsáveis não somente por seus próprios erros, mas por todos os males de que terão sido causa.

6 – O senhor quis escapar dos reveses da vida e ganhou alguma coisa com isso? Está mais feliz agora?

R – Por que o nada não existe?

7 – Tenha a bondade de nos descrever sua situação o melhor que puder.

R – *Sofro, por ser obrigado a acreditar em tudo o que neguei*. Minha alma é como um braseiro, terrivelmente atormentada.



8 – De onde vinham as ideias materialistas que tinha, enquanto encarnado?

R – Em outra existência eu tinha sido mau e meu Espírito era condenado a sofrer os tormentos da dúvida, durante minha vida, também me matei.

Há aqui toda uma ordem de ideias. A gente sempre se pergunta como é possível existirem materialistas, já que tendo passado pelo mundo espiritual, deveriam ter a intuição sobre a existência deste mundo. Ora, é precisamente essa intuição que é recusada a certos Espíritos que conservaram seu orgulho e que não estão arrependidos dos erros que cometeram. Sua provação consiste em adquirir, durante a vida corporal, *e por sua própria razão*, a prova da existência de Deus e da vida futura, que têm incessantemente sob os olhos. Mas frequentemente a presunção de não admitir nada acima deles ainda os domina e sofrem até que seu orgulho seja domado e se rendam enfim à evidência.

9 – Quando o senhor se afogou, pensou nas consequências? Que reflexões fez nesse momento?

R – Nenhuma, era o nada para mim. Depois vi que, não tendo sofrido toda a minha condenação, ia sofrer ainda muito mais.

10 – Agora está convencido sobre a existência de Deus, da alma e da vida futura?

R – Infelizmente! Sou muito atormentado só por isso.

11 – O senhor reviu seu irmão?

R – Oh, não.

12 Por quê?

R – Por que reunir nossos tormentos? A gente se isola na infelicidade e se reúne na felicidade, infelizmente!

13 – Ficaria contente em rever seu irmão a seu lado, que nós poderíamos chamar?

---

<sup>(2)</sup> **Nota da Tradução:** Segundo o *dicionário Aurélio Século XXI*, sofisma é um argumento aparentemente válido, mas, na realidade, não conclusivo e que supõe má-fé por parte de quem o apresenta.

R – Não, eu não o mereço.

14 – Por que o senhor não quer que a gente o chame?

R – Porque ele também não está feliz.

15 – Tem medo de vê-lo, isto não poderia lhe fazer bem?

R – Não, mais tarde...

17 – Parece que na sociedade em que vivia, algumas pessoas compartilhavam sua opinião. O senhor teria alguma coisa a lhes dizer, a esse respeito?

R – Oh, os infelizes! Possam acreditar em outra vida! É o que posso lhes desejar de melhor. Se pudessem compreender minha triste posição, refletiriam muito.

(Evocação do irmão, que tem as mesmas ideias, mas que não suicidou. Embora infeliz, está mais calmo, a letra é nítida e legível.)

18 – *Evocação – Resposta:* Possa o quadro de nossos sofrimentos ser uma útil lição para vocês e os convença de que existe outra vida em que expiemos os erros, a incredulidade.

19 – O senhor vê e é visto por seu irmão que acabamos de chamar?

R – Não, ele foge de mim.

É possível se perguntar como os Espíritos conseguem fugir uns dos outros, no mundo espiritual, onde não existem obstáculos materiais nem espaços escondidos. Tudo é relativo nesse mundo e em relação à natureza fluídica dos seres que o habitam. Só os Espíritos superiores têm percepções infinitas. Nos Espíritos inferiores, as percepções são limitadas e para eles os obstáculos fluídicos têm o efeito de obstáculos materiais. Os Espíritos se escondem uns dos outros, por um efeito da própria vontade, que age sobre seu invólucro perispiritual e os fluidos ambientes. Mas a Providência, que vela sobre cada um individualmente, como seus filhos, lhes permite ou lhes recusa esta faculdade, conforme as disposições morais de cada um. De acordo com as circunstâncias, é uma punição ou uma recompensa.

20 – O senhor está mais calmo que ele, poderia nos descrever com mais precisão seus sofrimentos?

R – Na Terra, os senhores não sofrem em seu amor-próprio, em seu orgulho, quando são obrigados a admitir seus erros? Seus Espíritos não se revoltam, diante da ideia de se humilharem diante daqueles que lhes demonstram que estão errados? Bem, o que vocês acreditam que sofre o Espírito que, durante toda uma existência, estava convencido de que nada existe depois dele, de que tem razão, contra todos? Quando, de repente, se encontra diante de uma resplandecente verdade, se sente aniquilado, humilhado. A isso se juntam os remorsos de ter podido esquecer por tanto tempo a existência de um Deus tão bom, tão indulgente. Seu estado é insuportável, não encontra nem calma nem repouso. Só encontrará um pouco de tranquilidade no momento em que a graça divina, isto é, o Amor de Deus, tocá-lo, porque o orgulho se apodera tanto de nosso pobre Espírito que o envolve por inteiro. É preciso ainda muito tempo para se desfazer desta vestimenta fatal. Só a prece de nossos irmãos pode nos ajudar a nos desembaraçarmos desse envolvimento.

21 – O senhor se refere a seus irmãos vivos ou Espíritos?

R – A ambos.

22 – Enquanto estávamos conversando com seu irmão, uma pessoa aqui presente rezou por ele. Essa prece foi útil?

R – Não será perdida. Se ele recusa a graça agora, ela voltará, quando ele estiver em condições de recorrer a essa divina *panaceia*<sup>3</sup>.

Vemos aqui outro tipo de castigo, mas que não é o mesmo para todos os incrédulos. É, independente dos sofrimentos, a necessidade para este Espírito de reconhecer as verdades que renegou enquanto encarnado. Suas ideias atuais denotam um certo progresso, comparativamente com outros Espíritos que persistem na negação de Deus. Já é alguma coisa e um começo de humildade admitir que está enganado. É mais que provável que, em sua próxima encarnação, a incredulidade dê lugar ao sentimento *inato* da fé.

Os resultados destas duas evocações foram transmitidos à pessoa que nos tinha pedido para fazê-las. Recebemos desta pessoa a seguinte resposta:

“O senhor não pode acreditar o grande bem produzido pela evocação de meu sogro e de meu tio. Nós os reconhecemos perfeitamente. A letra de meu sogro, sobretudo, tem uma semelhança surpreendente com a que tinha quando vivo, tanto mais que, durante os últimos meses que ele passou conosco, a letra era irregular e indecifrável. Aí se verificam o mesmo tipo de traços, de rubrica, de algumas letras. Quanto às palavras, às expressões e ao estilo, é ainda mais surpreendente. Para nós, a analogia é perfeita, a não ser que ele está mais esclarecido sobre Deus, sobre a alma e a eternidade, que antes negava formalmente. Então, estamos perfeitamente convencidos de sua identidade, Deus será glorificado, por nossa crença mais firme no Espiritismo e nossos irmãos, Espíritos e vivos, se tornarão melhores por isso. A identidade de seu irmão não é menos evidente, salvo pela diferença enorme entre o ateu e o crente. Reconhecemos sua letra, seu estilo, sua forma de dizer as frases. Uma palavra, sobretudo, nos surpreendeu: *panaceia*. Ele tinha o hábito de dizer essa palavra, a dizia e repetia a todos, sempre.

“Mostrei essas duas evocações a várias pessoas, que ficaram surpresas com sua veracidade. Mas os incrédulos, os que compartilham as opiniões de meus parentes, gostariam de respostas mais categóricas ainda: que M. D..., por exemplo, precisasse o lugar onde está enterrado, aquele em que se afogou, como foi recolhido etc. Para satisfazê-los e convencê-los, o senhor poderia evocá-lo de novo e nesse caso poderia fazer-lhe as seguintes perguntas: onde e como aconteceu seu suicídio? Quanto tempo ficou na água? Em que lugar seu corpo foi encontrado? Em que lugar foi enterrado? De que maneira, civil ou religiosa, se fez seu enterro etc.

“Queira, senhor, eu lhe peço, fazê-lo responder categoricamente a essas perguntas, que são essenciais para aqueles que ainda duvidam. Estou convencido do bem imenso que isso fará. Farei com que minha carta chegue ao senhor na sexta-feira de manhã, para que possa fazer essa evocação na sessão que acontece nesse dia, na Sociedade etc.”.

Reproduzimos esta carta, pelo fato de constatar a identidade e juntamos a resposta que endereçamos, para a instrução das pessoas que não são familiarizadas com as comunicações do além-túmulo.

---

<sup>(3)</sup> **Nota da tradução:** Panaceia tem o sentido de remédio para todos os males.

“... as perguntas que me pede para fazer de novo ao Espírito de seu sogro são, sem dúvida, ditadas pela louvável intenção de convencer os incrédulos, porque no senhor não há nenhum sentimento de dúvida e de curiosidade, mas um perfeito conhecimento da ciência espírita, que o faz compreender que tais perguntas são supérfluas. De início, pedindo-me que faça com que seu parente responda categoricamente, o senhor, sem dúvida, ignora que não se governa a vontade dos Espíritos. Eles respondem quando querem, como querem e muitas vezes como podem. Sua liberdade de ação é ainda maior do que quando encarnados e têm ainda mais meios de escapar ao constrangimento moral que se quereria exercer sobre eles. As melhores provas de identidade são as dadas espontaneamente, de sua própria vontade, ou que nascem das circunstâncias e, na maior parte das vezes, é inútil tentar provocá-los. Seu parente provou a identidade, de modo irrefutável, segundo o senhor. Então, é mais do que provável que se recusará a responder a perguntas que, com razão, pode considerar como supérfluas e feitas para satisfazer a curiosidade de pessoas que lhe são indiferentes. Ele poderia responder, como muitas vezes o fizeram outros Espíritos, em caso semelhante: “Para que perguntarem essas coisas que vocês sabem?”. Acrescentarei mesmo que o estado de confusão e de sofrimento em que ele se encontra lhe tornaria mais penosas as perguntas deste tipo. É absolutamente a mesma coisa se a gente quisesse constranger um doente, que mal pode pensar e falar, a contar os pormenores de sua vida. Seria certamente faltar com o respeito que se deve à sua posição.

“Esteja convencido de que o resultado que o senhor espera seria nulo. As provas de identidade fornecidas têm um valor maior, por isso mesmo são espontâneas e ninguém poderia ignorar. Se os incrédulos não estão satisfeitos, não ficariam mais, ficariam menos ainda, talvez, com questões previstas de que poderiam suspeitar de conivência. Há pessoas a quem nada pode convencer. Veriam com os próprios olhos seu parente em pessoa e diriam ser uma alucinação.

“Duas palavras ainda sobre o pedido do senhor para eu fazer essa evocação no mesmo dia em que deveria receber sua carta. As evocações não se fazem assim, num passe de mágica. Os Espíritos não respondem

sempre a nosso chamado. Para isso, é essencial que possam ou queiram. É preciso além disso um médium que lhes convenha e que tenha a aptidão especial necessária, que esteja disponível no momento certo, que o meio seja simpático ao Espírito etc... todas circunstâncias que não se podem garantir e que é importante conhecer quando se quer fazer seriamente as coisas.”

## Feliciano

Era um homem rico, instruído, poeta espiritual, de bom caráter, cortês, delicado e de uma perfeita honradez. Especulações erradas comprometeram sua fortuna. Como sua idade não lhe permitia mais se recuperar, cedeu ao desânimo, enforcou-se em dezembro de 1864, em seu quarto. Não era nem materialista nem ateu, mas era homem de temperamento superficial, que tinha pouca preocupação com a vida futura. Como o conhecemos intimamente, o evocamos quatro meses depois de seu desencarne, por simpatia por sua pessoa.

*Evocação* – Eu tenho saudades da Terra. Lá tive decepções, mas menores que aqui. Sonhava com maravilhas e estou abaixo da realidade do ideal que eu tinha. O mundo dos Espíritos é muito heterogêneo e para torná-lo suportável haveria necessidade de uma boa triagem. Custo a acreditar! Que síntese dos costumes espíritas se poderia fazer aqui! Balzac<sup>4</sup> deveria estar no trabalho duro! Seria penoso. Mas não o vi. Onde se encontram então esses grandes Espíritos que tanto condenaram os vícios da Humanidade? Deveriam, como eu, passar algum tempo aqui, antes de habitar regiões mais elevadas. É um pandemônio curioso, que me agrada observar e fico por aqui.

Se bem que o Espírito declare se encontrar em uma sociedade muito misturada, e por consequência de Espíritos inferiores, sua linguagem nos surpreendeu, por causa de seu tipo de morte, ao qual não fez nenhuma alusão, porque se não fosse isto, seria bem o reflexo de seu caráter. Isto nos deixou algumas dúvidas sobre sua identidade.

P – Peça que o senhor diga como desencarnou.

R – Como morri? Pela morte que escolhi, a que mais me agradou. Pensei muito tempo sobre qual eu deveria escolher para me livrar da vida. E, palavra de honra, confesso que não ganhei grande coisa aqui, não me livrei de minhas preocupações materiais e encontrei outras mais graves, mais penosas, na minha posição de Espírito, cujo fim não posso prever.

P – (*Ao guia do médium*) – É mesmo o Espírito de Feliciano que respondeu? Esta linguagem quase insolente nos surpreende, em um suicida.

R – Sim, mas por um sentimento desculpável em sua posição, e que vocês compreendem, ele não queria revelar o tipo de sua morte ao médium, por isso fala assim. Acabou por confessar, por causa de sua pergunta direta, mas fica muito abalado. Sofre muito por ter se suicidado e descarta tanto quanto pode tudo o que o faz se lembrar desse fim funesto.

P – (*Ao Espírito*) – Sua morte nos afetou, tanto mais porque prevíamos as consequências para o senhor e, sobretudo, pela estima e ligação que tínhamos consigo. Pessoalmente, não me esqueci de como foi bom e cortês comigo. Eu ficaria feliz em poder demonstrar meu reconhecimento e de fazer qualquer coisa que lhe seja útil.

R – E, no entanto, eu não tinha outra forma de escapar dos embaraços de minha posição material. Agora, só tenho necessidade de preces. Reze, sobretudo, para que eu possa me livrar dos horríveis companheiros que estão perto de mim, obsidiando-me com suas risadas, seus gritos e suas zombarias infernais. Eles me chamam de covarde e têm razão, é covardia deixar a vida. Veja, *é a quarta vez que sucumbo a essa prova*. Eu tinha me prometido muito não falhar... Fatalidade!... Ah, reze, que suplício é o meu! Estou muito infeliz! Rezando, fará mais por mim do que eu fiz pelo senhor, quando estava na Terra. Mas a prova em que sempre falhei se coloca diante de mim, com traços indestrutíveis. *É preciso que eu me submeta a ela de novo, dentro de algum tempo*. Será que terei forças? Ah, tantas vezes recomeçar a vida! Lutar tanto

<sup>(4)</sup> **Nota da Tradução:** Referência ao escritor francês Honoré de Balzac, nascido em 1799 e morto em 1850. Um dos autores mais famosos da literatura francesa, escreveu mais de cem romances, enfocando uma multidão dos mais diferentes e variados tipos humanos.

tempo e ser arrastado pelos acontecimentos para sucumbir, contra a própria vontade, é desesperador, mesmo aqui! É por isso que preciso de força. Dizem que encontramos força na prece: reze por mim, quero rezar também.

Este caso particular de suicídio, embora cometido em circunstâncias muito comuns, tem entretanto um aspecto especial. Mostra um Espírito que sucumbiu várias vezes a esta prova, que se renova a cada existência *e que se renovará enquanto ele não tiver forças para resistir-lhe*. É a confirmação do princípio de que quando não é atingido o objetivo de progresso pelo qual encarnamos, sofremos sem proveito, porque temos que recomeçar até que saíamos vitoriosos da luta.

*Ao Espírito do senhor Feliciano* – Eu peço que escute e medite sobre as palavras que vou lhe dizer. O que o senhor chama de fatalidade é apenas sua própria fraqueza, porque não existe fatalidade, ou o homem não seria responsável por seus atos. Ele é sempre livre, e este é seu melhor privilégio. Deus não quis criá-lo como se fosse uma máquina de agir e de obedecer cegamente. Se essa liberdade o torna falível, também o torna apto a se aperfeiçoar e somente pela perfeição chega à felicidade suprema. Somente seu orgulho é que o leva a acusar o destino pelos males na Terra, enquanto que, na maior parte das vezes, esses males são devidos à sua própria negligência. O senhor é um impressionante exemplo disso, em sua última existência. Tinha todo o necessário para ser feliz, nos padrões do mundo: espírito, talento, fortuna, merecida consideração. Não tinha vícios nocivos. Ao contrário, tinha qualidades admiráveis, como comprometeu tão radicalmente sua posição? Unicamente por sua imprevidência. Admita que se tivesse agido com mais prudência, se tivesse sabido se contentar com a bela parte material que tinha, em vez de procurar aumentá-la, o senhor não teria se arruinado. Não havia nenhuma fatalidade, já que poderia ter evitado o que aconteceu.

Sua prova consistia no encadeamento de circunstâncias que deveriam lhe dar *não a necessidade, mas a tentação do suicídio*. Infelizmente, apesar do



talento e da instrução, o senhor não soube dominar essas circunstâncias e carrega o sofrimento de sua fraqueza. Esta prova, como pressente, com razão, deve ainda se renovar, em sua próxima existência. O senhor estará diante de acontecimentos que de novo lhe provocarão a ideia de suicídio e sempre acontecerá a mesma coisa, até que triunfe sobre essa ideia.

Antes de acusar a sorte, que é sua própria obra, admire a bondade de Deus que, em vez de condená-lo sem perdão por um primeiro erro, lhe oferece sem parar os meios de repará-lo. Então, não sofrerá eternamente, mas enquanto a reparação não ocorrer. Depende do senhor assumir um estado de espírito em que tome resoluções muito enérgicas, mostre a Deus um arrependimento muito sincero, solicite com fé o apoio dos bons Espíritos, para que chegue à Terra protegido contra todas as tentações. Uma vez alcançada esta vitória, seguirá pelo caminho da felicidade, com muito mais rapidez, porque, em outros aspectos, seu progresso já é grande. Falta então um passo a dar, nós o ajudaremos com nossas preces, mas elas serão impotentes se o senhor não as reforçar com seus esforços.

R – Obrigado! Oh! obrigado por seus bons conselhos. Eu tinha necessidade deles, porque estou muito mais infeliz *do que queria parecer*. Garanto que vou aproveitar sua ajuda e me preparar para minha próxima encarnação, em que tudo farei para não sucumbir. Estou ansioso para sair desse meio horrível a que estou relegado aqui.

Feliciano

## **Antonio Bell**

Contador de um Banco no Canadá, suicidou em 28 de fevereiro de 1865. Um de nossos correspondentes, médico e farmacêutico na mesma cidade, nos contou o seguinte sobre ele:

“Eu conhecia Bell há mais de vinte anos. Era um homem pacato e pai de numerosa família. Há algum tempo, ele imaginava ter comprado veneno em minha farmácia e tê-lo usado para envenenar alguém. Muitas vezes veio me implorar para que lhe dissesse quando eu tinha lhe vendido o veneno e tinha terríveis delírios. Perdia o sono, acusava-se, dava murros

no peito. Sua família vivia em contínua ansiedade, das quatro horas da tarde até as nove da manhã, quando ele saía para ir ao Banco, onde escrevia seus livros de maneira muito regular, sem jamais cometer qualquer erro. Costumava dizer que tinha um ser dentro dele, que o fazia manter sua contabilidade com ordem e regularidade. No momento em que parecia convencido do absurdo de suas ideias, gritava: ‘Não, não, você quer me enganar... *eu me lembro...* Isto é verdade’”.

Antoine Bell foi evocado em Paris, em 17 de abril de 1865, a pedido de seu amigo.

1 – *Evocação*: R. – O que você quer de mim? Submeter-me a um interrogatório? É inútil, confessarei tudo.

2 – P – Longe de nós querer atormentá-lo com perguntas indiscretas. Desejamos apenas saber qual é sua posição no mundo em que está e se podemos ser-lhe úteis.

R – Ah, se vocês pudessem, eu ficaria muito agradecido! Tenho horror de meu crime e estou muito infeliz!

3 – Temos esperança de que nossas preces aliviarão seu sofrimento. De resto, o senhor nos parece em boas condições, está arrependido, o que já é um começo de reabilitação. Deus, que é infinitamente misericordioso, sempre tem piedade do pecador arrependido. Reze conosco. (Aqui, a gente faz uma prece pelos suicidas, que se encontra em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*). Agora, poderia nos dizer de qual crime se reconhece como culpado? Esta confissão, feita com humildade, poderia aliviá-lo.

R – Deixem-me primeiro agradecer a esperança que acabaram de fazer nascer em meu coração. Infelizmente, já há muito tempo, eu vivia em uma cidade banhada pelo mar Mediterrâneo. Amava uma jovem e bela garota, que correspondia ao meu amor, mas eu era pobre e fui rejeitado pela família. Ela me disse que iria casar-se com o filho de um negociante, cujos negócios ultrapassavam os dois mares e eu fui recusado. Louco de dor, resolvi me retirar da vida, depois de ter realizado minha vingança, assassinando meu odiado rival. Entretanto, os meios violentos me repugnavam, e a ideia desse crime me dava arrepios. Mas meu ciúme me levou a concretizá-lo. Na véspera do dia em que minha

amada deveria pertencer a ele, ele morreu envenenado por mim. Achei que o envenenamento era o meio mais fácil. Assim se explicam essas lembranças que tenho do passado. Sim, eu já reencarnei e ainda é necessário que reencarne... Ó, meu Deus, tenha piedade de minha fraqueza e de minhas lágrimas.

4 – Lastimamos esta infelicidade que retardou seu progresso e o lamentamos sinceramente. Mas, já que está arrependido, Deus terá piedade do senhor. Peça-lhe que nos diga se chegou a executar seu projeto de suicídio.

R – Não, confesso com vergonha que a esperança voltou ao meu coração. Eu queria me aproveitar do crime já cometido. Mas o remorso me traiu. Expiei, pelo último suplício, este momento de desvario: me enforquei.

5 – O senhor tinha consciência dessa má ação em sua penúltima existência?

R – Somente nos últimos anos de minha vida, veja como: eu era bom por natureza. Depois de ter sido submetido, como todos os Espíritos homicidas, à visão contínua de minha vítima, que me perseguia como um remorso vivo, me liberei depois de muitos anos, pelas minhas preces e arrependimento. Recomecei outra vida, a última, que atravessava tranquilo e tímido. Tinha uma vaga intuição de minha fraqueza inata e de meu erro anterior, de que tinha conservado uma velada lembrança. Mas um Espírito obsessivo e vingativo, que é o pai de minha vítima, não teve grande dificuldade para me subjugar e em fazer reviver em meu coração, como em um espelho mágico, as lembranças do passado.

Alternadamente, influenciado por ele e pelo guia que me protegia, eu era ora o envenenador, ora o pai de família que ganhava com o trabalho o pão de seus filhos. Fascinado por esse demônio obsessivo, fui empurrado para o suicídio. Sou muito culpado, é verdade, mas menos, entretanto, do que se eu tivesse tomado a resolução por mim mesmo. Os suicidas de minha categoria, que são muito fracos para resistirem aos Espíritos obsessivos, são menos culpados e menos punidos do que aqueles que deixam a vida unicamente pela ação de seu livre-arbítrio. Orem comigo pelo Espírito que me influenciou tão fatalmente, para

que deixe seus sentimentos de vingança, e orem também por mim, para que eu adquira a força e a energia necessárias para não mais fraquejar diante da prova de suicídio *por livre vontade, à qual serei submetido – dizem-me – em minha próxima encarnação.*

*O guia do médium* – Um Espírito obsessor pode realmente levar ao suicídio?

R – Certamente, porque a obsessão por si mesma é um tipo de prova. Pode se revestir de todas as formas, mas não é uma desculpa. O homem tem sempre seu livre-arbítrio e, por consequência, é livre para ceder ou para resistir às sugestões de que é objeto. Quando sucumbe, é sempre por sua própria vontade. De resto, o Espírito tem razão quando diz que aquele que faz o mal, instigado por outro, é menos repreensível e menos punido do que quando comete o mal por sua própria iniciativa, mas não é inocente: desde que se deixa sair do bom caminho, é porque não tem o bem suficientemente enraizado dentro de si.

6 – Como, apesar da prece e do arrependimento terem livrado esse Espírito do tormento que ele tinha, pela visão de sua vítima, pôde ele ser perseguido pela vingança de um Espírito obsessor, em sua última encarnação?

R – Vocês sabem que o arrependimento é apenas *a preliminar indispensável à reabilitação.* Mas não é suficiente para livrar o culpado de todo o sofrimento. Deus não se contenta com promessas. É preciso provar, por ações, a solidez da volta ao bem. Por isso, o Espírito é submetido a novas provas, que o fortificam, ao mesmo tempo em que o fazem adquirir um mérito a mais, quando sai vitorioso. Ele é *alvo das perseguições de maus Espíritos, até que eles o sintam suficientemente forte para resistir-lhes.* Então, eles o deixam em paz, porque sabem que suas tentativas seriam inúteis.

Esses dois últimos exemplos mostram a mesma prova se renovando a cada encarnação, pelo tempo em que se sucumbe a elas. Antoine Bell mostra, por outro lado, o fato não menos instrutivo de um homem perseguido pela lembrança de um crime cometido em uma existência

anterior, como um remorso e um aviso. Vemos aí que todas as existências são solidárias umas às outras, a justiça e a bondade de Deus evidenciam-se na faculdade que permite ao homem melhorar gradualmente, sem jamais lhe fechar a porta do resgate de seus erros. O culpado é punido por seu próprio erro e a punição, em vez de ser uma vingança de Deus, é um meio empregado para fazê-lo progredir.



# CAPÍTULO VI CRIMINOSOS ARREPENDIDOS

## **Verger**

Assassino do arcebispo de Paris

Em 3 de janeiro de 1857, o Monsenhor Sibour, arcebispo de Paris, ao sair da igreja de Saint-Étienne du Mont, foi ferido mortalmente pelo jovem padre Verger. O culpado foi condenado à morte e executado em 30 de janeiro. Até o último momento, não demonstrou nenhum remorso, nem arrependimento, nem sensibilidade.

Evocado no mesmo dia de sua execução, deu as seguintes respostas:

1 – *Evocação*

R – Estou ainda preso em meu corpo.

2 – Sua alma ainda não está inteiramente separada de seu corpo?

R – Não... tenho medo... não sei... Esperem que eu me reconheça... não estou morto, não é?

3 – Você se arrepende do que fez?

R – Errei em matar, mas fui levado por meu caráter, que não podia sofrer as humilhações... Vocês me chamem outra vez.

4 – Por que você já quer ir embora?

R – Eu teria muito medo, se o visse... temeria que ele me fizesse a mesma coisa.

5 – Mas você não tem nada a temer, porque sua alma está separada do corpo, livre-se dessa inquietação, não é razoável.

R – O que vocês querem? São sempre mestres de suas impressões? Não sei onde estou... estou louco.

6 – Trate de se recompor.

R – Não posso, já que estou louco... Esperem... vou restabelecer toda minha lucidez.

7 – Se você rezasse, não ajudaria a recompor suas ideias?

R – Tenho medo... não ousou rezar.

8 – Ore, que a misericórdia de Deus é grande! Oraremos com você.

R – Sim, a misericórdia de Deus é infinita, eu sempre acreditei.

9 – Agora, você percebe melhor sua posição?

R – É tão extraordinária, que não posso ainda perceber.

10 – Você vê sua vítima?

R – Parece-me ouvir uma voz semelhante à dele, que me diz: “Eu não te quero”... mas é fruto de minha imaginação! Estou louco, porque vejo meu próprio corpo de um lado e minha cabeça do outro... e entretanto pareço estar vivo, mas no espaço entre a Terra e o que vocês chamam de céu... Sinto mesmo o frio de uma faca caindo sobre meu pescoço... mas é o medo que tenho de morrer... parece que vejo muitos Espíritos ao meu redor, me olhando com compaixão... conversam comigo, mas não os compreendo.

11 – Entre esses Espíritos há algum cuja presença o humilha, por causa de seu crime?

R – Eu diria que só há um que eu receio. É aquele que golpeei.

12 – Você se lembra de suas existências anteriores?

R – Não, estou indeciso... penso que estou sonhando... Ainda uma vez, é preciso que eu me reconheça.

13 – (Três dias mais tarde) – Você se reconhece melhor agora?

R – Sei agora que não sou mais desse mundo e não lamento. Arrependo-me do que fiz, mas meu Espírito está mais livre. Sei melhor que há uma série de existências que nos dão conhecimentos úteis para nos tornarmos perfeitos tanto quanto é possível à criatura.

14 – Você foi punido pelo crime que cometeu?

R – Sim, me arrependo do que fiz e sofro por isso.



15 – De que maneira você foi punido?

R – Sou punido, porque reconheço meu erro e peço perdão a Deus. Sou punido pela consciência de minha falta de fé em Deus e porque sei agora que não devemos de forma alguma acabar com os dias de nossos irmãos. Sou punido pelo remorso de ter retardado meu progresso, tomando um caminho errado, e não tendo ouvido o grito de minha consciência, que me dizia que não seria matando que eu chegaria a meu objetivo. Mas me deixei dominar pelo orgulho e pela inveja, me enganei e repenso, porque o homem deve sempre fazer esforços para dominar suas más paixões e não fiz nada nesse sentido.

16 – O que você sentiu quando o evocamos?

R – Prazer e medo, porque não sou mau.

17 – Em que consistem esse prazer e esse medo?

R – Prazer de conversar com os homens e de, confessando, poder reparar em parte meu erro. Medo, que não saberia definir, uma espécie de vergonha de ter sido assassino.

18 – Você gostaria de reencarnar nesta Terra?

R – Sim, peço isso, e desejo me encontrar constantemente como alvo de um assassinato e ter medo.

O Monsenhor Sibour foi evocado e disse que perdoava seu assassino e rezava por seu retorno ao bem. Acrescentou que, embora presente, não tinha se mostrado, para não aumentar o sofrimento de seu assassino. O medo de vê-lo, que era um sinal de remorso, já seria um castigo.

P – O homem que mata sabe, ao escolher sua existência, que se tornará um assassino?

R – Não, sabe que, em escolhendo uma vida de luta, existe uma *possibilidade* de ele matar um de seus semelhantes. Mas não sabe se o fará, porque está quase sempre em luta consigo mesmo.

A situação de Verger, no momento do desencarne, é a de quase todos os que sofrem morte violenta. A separação da alma não se opera

de maneira rápida e eles ficam aturdidos, sem saber se estão vivos ou mortos. A visão do arcebispo lhe foi poupada, por não ser necessária para lhe incitar o remorso, enquanto que outros, ao contrário, são incessantemente perseguidos pelo olhar de suas vítimas.

À enormidade de seu crime, Verger tinha acrescentado o fato de não se arrepender antes de morrer. Tinha, então, todas as condições para incorrer na condenação eterna. Entretanto, mal tinha deixado a Terra, arrependimento tomou conta de sua alma. Repudia seu passado e pede sinceramente para repará-lo. Não é o excesso de sofrimento que o impulsiona, já que não teve tempo de sofrer, é apenas o grito de sua consciência, que não ouviu durante a vida e escuta agora. Por que, então, não será considerado? Por que, em alguns dias apenas, o que o teria salvo do inferno não poderia mais salvá-lo? Por que Deus, que teria sido misericordioso antes de sua morte, seria impiedoso algumas horas mais tarde?

Poderíamos nos surpreender com a rapidez da mudança que às vezes se opera nas ideias de um criminoso endurecido até o último momento e para quem a passagem para a outra vida é suficiente para fazer compreender a perversidade da conduta. Este efeito não é geral, ou não existiriam maus Espíritos. O arrependimento, muitas vezes, é bem tardio, e a pena é prolongada, em consequência dessa demora.

A obstinação no mal durante a vida é, às vezes, consequência do orgulho, que se recusa a ceder e a confessar seus erros, já que o homem vive sob a influência da matéria, que coloca um véu sobre suas percepções espirituais e o fascina. Quando cai este véu, de repente uma luz clareia e ele volta à realidade. O rápido retorno a melhores sentimentos indica sempre certo progresso moral, que só aguarda uma circunstância favorável para se revelar, enquanto que aquele que persiste no mal mais ou menos tempo depois do desencarne é incontestavelmente um Espírito mais atrasado, no qual o germe do bem está abafado e que precisará ainda de novas provas para se emendar.

## Lemaire

Condenado à pena de morte pela Corte do Tribunal Criminal em Aisne<sup>1</sup> e executado em 31 de dezembro de 1857. Evocado em 29 de janeiro de 1858.

1 – *Evocação*

R – Estou aqui.

2 – O que você sente diante de nós?

R – Vergonha.

3 – Você se reconheceu até o último momento?

R – Sim.

4 – Imediatamente após a execução, você reconheceu sua nova existência?

R – Estava mergulhado em uma confusão imensa de que ainda não saí. Senti uma enorme dor e me parecia que era meu coração que a sofria. Vi rolar não sei o quê aos pés da guilhotina, vi sangue correr e minha dor se tornou ainda mais aflitiva.

P – Era uma dor puramente física, como a de um grave ferimento, pela amputação de um membro, por exemplo?

R – Não, imaginem um remorso, uma grande dor moral.

P – Quando você começou a sentir essa dor?

R – Desde que fiquei livre.

5 – A dor física causada pelo suplício era sentida pelo corpo ou pelo Espírito?

R – A dor moral estava em meu Espírito. O corpo sentiu a dor física, *mas o Espírito, já separado, ainda a sentia.*

6 – Você viu seu corpo mutilado?

R – Vi qualquer coisa disforme, que me parecia não ter deixado. No entanto, ainda me sentia inteiro, eu era eu mesmo.

P – Que impressão você teve diante desse quadro?

R – Sentia muita dor, *estava perdido nesta dor.*

---

<sup>(1)</sup> **Nota da tradução:** No original, “Cour d’Assises de l’Aisne”, tribunal de justiça ainda hoje existente, que fica na cidade de Laon, região chamada Aisne, noroeste da França.

7 – É verdade que o corpo ainda vive alguns instantes após a decapitação e que o supliciado tem consciência de seus pensamentos?

R – O Espírito se retira pouco a pouco. Quanto mais os laços da matéria o prendem, mais demora a separação.

8 – Dizem ter notado na figura de alguns supliciados a expressão de cólera e movimentos, como se ele quisesse falar. É o efeito de uma contração nervosa ou de um ato da vontade?

R – Da vontade, porque o Espírito ainda não se retirou.

9 – Qual o primeiro sentimento que você teve ao entrar na nova existência?

R – Um intolerável sofrimento, uma espécie de remorso aflitivo, cuja causa eu ignorava.

10 – Encontrou seus cúmplices, executados ao mesmo tempo que você?

R – Para nossa infelicidade: ver-nos é um suplício contínuo. Cada um de nós recrimina o crime do outro.

11 – Reencontraram suas vítimas?

R – Eu as vejo... estão felizes... seus olhares me perseguem, sinto que mergulham no íntimo de meu ser e inutilmente quero fugir.

P – Que sentimento você tem diante dessa visão?

R – De vergonha e remorso. Eliminei-os com minhas próprias mãos e ainda os detesto.

P – Qual sentimento mostram nessa visão?

R – De piedade.

12 – Têm ódio e desejo de vingança?

R – Não, desejam minha expiação. *Vocês não podem avaliar o horrível suplício que é dever tudo a quem se detesta.*

13 – Sente falta da vida terrena?

R – Lamento meus crimes. Se o acontecimento estivesse ainda em minhas mãos, eu não sucumbiria mais.

14 – A tendência para o mal fazia parte de sua natureza ou você foi envolvido pelo meio em que viveu?

R – A tendência ao crime fazia parte de minha natureza, porque eu era apenas um Espírito inferior. Eu quis me elevar muito rápido, mas pedi mais do que minhas forças. Acreditei-me forte, escolhi uma dura prova, cedi às tentações do mal.

15 – Se tivesse recebido bons princípios de educação, teria podido se afastar da vida criminosa?

R – Sim, mas escolhi a posição em que nasci.

P – Poderia ter sido um homem de bem?

R – Um homem fraco é incapaz tanto para o bem como para o mal. Poderia corrigir o mal de minha natureza, durante minha existência, mas não poderia me elevar até o grau de praticar o bem.

16 – Quando vivia, acreditava em Deus?

R – Não.

P – Entretanto, diz que, no momento de morrer, você se arrependeu. É verdade?

R – Acreditei em um Deus vingador... tive medo de Sua justiça.

P – Neste momento, seu arrependimento é mais sincero?

R – Infelizmente! Vejo o que fiz.

P – O que pensa de Deus agora?

R – Eu O sinto e não O compreendo.

17 – Você acha justo o castigo que lhe infligiram na Terra?

R – Sim.

18 – Espera obter o perdão por seus crimes?

R – Não sei.

P – Como espera resgatá-los?

R – Por novas provas, mas parece que existe uma eternidade entre elas e eu.

19 – Onde você está agora?

R – Estou no meu sofrimento.

P – Perguntamos em que lugar você está.

R – Perto do médium.

20 – Já que você está aqui, se pudéssemos vê-lo, com que forma nos apareceria?

R – Com minha forma corporal: a cabeça separada do tronco.

P – Poderia nos aparecer?

R – Não, deixem-me.

21 – Gostaria de nos contar como fugiu da prisão de Montdidier?

R – Não sei mais... meu sofrimento é tanto que já não tenho

lembrança sobre o crime... deixem-me.

22 – Poderíamos levar algum alívio a seu sofrimento?

R – Façam votos para que chegue a expiação.

## **Benoist**

(Bordeaux, março de 1862)

Um Espírito apresenta-se espontaneamente ao médium, com o nome de Benoist. Diz ter morrido em 1704 e estar sofrendo horrivelmente.

1 – O que você era quando vivo?

R – Frade sem fé.

2 – A falta de fé é seu único erro?

R – É o suficiente para conduzir a outros.

3 – Poderia nos dar alguns pormenores sobre sua vida? A sinceridade de sua confissão lhe seria levada em boa conta.

R – Sem fortuna e preguiçoso, entrei para a ordem religiosa, não por vocação, mas para ter uma posição. Inteligente, consegui boa posição. Influente, abusei do poder. Cheio de vícios, arrastei para a desordem aqueles que eu tinha a missão de salvar. Cruel, persegui aqueles que pareciam censurar meus excessos. Os que me deixavam em paz recebiam minha atenção. A fome torturou muitas vítimas. Seus gritos, em geral, foram abafados com violência. A partir daí, expio e sofro todas as torturas do inferno. Minhas vítimas atizam o fogo que me devora. A luxúria e a fome insaciadas me perseguem. A sede irrita meus lábios, que queimam, sem nunca receberem uma única gota refrescante. Todos os elementos se enraivecem perto de mim. Orem por mim.

4 – As preces que fazemos pelos mortos devem lhe ser atribuídas, como aos outros?

R – Vocês acreditam que elas sejam muito edificantes. *Têm, para mim, o valor daquelas que eu fingi rezar.* Não completei minha tarefa e não encontro a recompensa.

5 – Você jamais se arrepende?

R – Há muito tempo. Mas o *arrependimento só veio depois do sofrimento.*

Como fui surdo aos gritos de vítimas inocentes, o Mestre também é surdo a meus gritos. Justiça!

6 – Você reconhece a justiça do Senhor, confie em Sua bondade e peça Sua ajuda.

R – Os demônios berram mais alto do que eu. Os gritos sufocam em minha garganta, eles enchem minha boca de piche fervendo!... Eu o fiz, grande... (o Espírito não pôde escrever a palavra Deus).

7 – Então você ainda não está suficientemente separado das ideias terrenas, para compreender que as torturas que sofre são todas morais?

R – Eu as sofro, as sinto, vejo meus carrascos, que têm um rosto bem conhecido. Todos têm um nome que ressoa dentro do meu cérebro.

8 – Mas o que poderia impulsioná-los a todas essas infâmias?

R – Os vícios de que eu era impregnado, a brutalidade das paixões.

9 – Você nunca pediu a assistência dos bons Espíritos, para ajudá-lo a sair dessa posição?

R – Só vejo os demônios do inferno.

10 – Você tinha medo deles, quando vivo?

R – Não, nada. O nada era minha fé. Os prazeres a qualquer custo eram meu culto. Consagrei a vida às divindades do inferno, que nunca me abandonaram e nunca me deixarão!

11 – Você não antevê um fim para seu sofrimento?

R – O infinito não tem fim.

12 – Deus é infinito em Sua misericórdia, tudo pode ter um fim, quando Ele quer.

R – Se Ele o quisesse!

13 – Por que você veio se inscrever aqui?

R – Não sei como, mas eu quis falar, como eu queria gritar, para me aliviar.

14 – Seus demônios não o impedem de escrever?

R – Não, mas estão diante de mim, me compreendem. É por isso que eu não queria terminar.

15 – É a primeira vez que você escreve assim? R – Sim.

P – E você sabia que os Espíritos podem, assim, se aproximar dos homens?

R – Não.

P – Então, como você pôde compreender?

R – Não sei.

16 – O que você sentiu ao chegar perto de mim?

R – Um entorpecimento de meu pavor.

17 – Como você percebeu que estava aqui?

R – Como quando a gente acorda.

18 – Como você fez para entrar em contato comigo?

R – Não compreendo, você não sentiu?

19 – Não se trata de mim, mas de você. Trate de perceber o que faz, no momento em que escrevo.

R – Você é meu pensamento, eis tudo.

20 – Então você não teve vontade de me fazer escrever?

R – Não, sou eu quem escreve, você pensa por mim.

21 – Trate de perceber, bons Espíritos nos cercam e o ajudarão.

R – Não, os anjos não vêm ao inferno. Você não está sozinho?

P – Veja em torno de você.

R – Sinto que alguém me ajuda a pensar em você... sua mão me obedece... não o toco e o seguro... não entendo.

22 – Peça assistência a seus protetores. Vamos orar juntos.

R – Você quer me deixar? Fique comigo, eles vão me retomar. Eu lhe peço, fique! Fique!

23 – Não posso ficar mais por muito tempo. Volte todos os dias, rezaremos juntos e os bons Espíritos o ajudarão.

R – Sim, eu queria minha graça. Peça por mim, eu não posso.

*O guia do médium* – Coragem, meu filho, lhe será concedido o que você pede, mas a expiação ainda está longe de terminar. As atrocidades que ele cometeu são inomináveis e inumeráveis, e é muito mais culpado porque tinha a inteligência, a instrução e a luz, para se guiar. Então, falhou com conhecimento de causa, assim seus sofrimentos são horríveis, mas se abrandarão, com o socorro e o exemplo da prece, porque ele verá um fim possível para esse sofrimento e a esperança o sustentará. Deus o vê no caminho do arrependimento, e lhe deu a graça de *poder*



*se comunicar, para que seja encorajado e apoiado.* Então, pense sempre nele, nós o deixamos a você, para que o fortaleça nas boas resoluções que poderá tomar, ajudado por seus conselhos. O desejo da reparação virá depois do arrependimento, então ele mesmo pedirá uma nova existência sobre a Terra, para praticar o bem, no lugar do mal que fez. E quando Deus estiver satisfeito com ele e o vir bem fortalecido, o fará antever as divinas claridades que o conduzirão à porta da salvação e o receberá como ao filho pródigo. Tenha confiança, nós ajudaremos você a completar sua obra.

*Paulino*

Colocamos este Espírito entre os criminosos, apesar de ele não ter sido atingido pela justiça humana, porque o crime consiste em ações e não no castigo imposto pelos homens. É o mesmo caso do Espírito seguinte.

### **O Espírito de Castelnaudary<sup>3</sup>**

Em uma pequena casa, perto de Castelnaudary, aconteciam estranhos barulhos e diversas manifestações, que faziam pensar que fosse assombrada por algum mau Espírito. Foi exorcizada em 1848, sem resultado. O proprietário, senhor D..., quis morar na casa e morreu de repente, alguns anos depois. Seu filho também quis morar lá, depois da morte do pai. Um dia, entrando em um dos cômodos, recebeu um forte sopapo, de uma mão desconhecida. Como estava completamente sozinho, não teve como duvidar de que o soco tinha vindo de uma fonte oculta, fato que o fez decidir deixar a casa imediatamente. Há, na região, uma tradição segundo a qual um grande crime teria sido cometido nessa casa.

O Espírito que tinha dado o soco foi evocado na Sociedade de Paris, em 1859, e se manifestou com sinais de violência. Todos os esforços para acalmá-lo foram inúteis. São Luís, interrogado sobre o assunto, respondeu: “É um Espírito da pior espécie, um verdadeiro monstro. Nós o fizemos vir, mas não pudemos forçá-lo a escrever, apesar de tudo o que lhe foi dito. Ele tem seu livre-arbítrio, que o infeliz usa muito mal.

---

<sup>3</sup> **Nota da tradução:** Castelnaudary – Cidade ao Sul da França, atualmente famosa pela gastronomia, principalmente pelo prato chamado “cassoulet”, feito de carne com feijão branco.

P – Esse Espírito é passível de melhora?

R – Por que não? *Não o são todos?* Esse não é como os outros? Entretanto, é preciso aguardar e encontrar as dificuldades, mas, por mais perverso que ele seja, o bem, restituído em lugar do mal, acabará por tocá-lo. Que se reze antes e o evoque daqui a um mês. Vocês poderão julgar a mudança que acontecerá nele.

Evocado de novo mais tarde, se mostrou mais tratável, e, pouco a pouco, submisso e arrependido. Pelas explicações dadas por ele e por outros Espíritos, soubemos que, em 1608, morava naquela casa, onde assassinou seu irmão, por terrível ciúme, cortando-lhe a garganta enquanto dormia. Alguns anos depois, fez a mesma coisa com aquela que tinha tornado sua mulher, depois da morte do irmão. Morreu em 1659, com 80 anos, sem ter sido perseguido por essas mortes, às quais se dava pouca atenção, nesses tempos de confusão. Depois da morte, não parou de tentar fazer o mal e provocou os diversos acidentes ocorridos naquela casa. Um médium vidente que assistia à primeira evocação o viu no momento em que se quis fazer com que ele escrevesse: sacudia fortemente o braço do médium. Seu aspecto era pavoroso, estava vestido com uma camisa coberta de sangue e tinha um punhal nas mãos.

P – (A São Luís) Descreva-nos o tipo de suplício desse Espírito.

R – É atroz para ele, condenado a permanecer na casa em que cometeu o crime, sem poder pensar em outra coisa além desse crime, que está sempre sob seus olhos, e ele acredita estar condenado a esta tortura, pela eternidade. Vê-se constantemente no momento em que cometeu seu crime. Qualquer outra lembrança lhe foi retirada e proibida qualquer comunicação com outro Espírito. Na Terra, ele só pode ficar nessa casa e, se está no espaço, fica nas trevas e na solidão.

P – Haveria um meio de tirá-lo desta casa? Como?

R – É fácil se livrar da obsessão de semelhantes Espíritos, rezando por eles: o que a gente sempre se esquece de fazer. Prefere-se amedrontá-los com fórmulas de exorcismo, que os divertem bastante.

P – Dando às pessoas interessadas a ideia de orar por ele e nós mesmos rezando, se conseguiria desalojá-lo?

R – Sim, mas prestem atenção ao que eu disse: rezar e *não mandar rezar*.

P – Faz dois séculos que ele está nessa situação. Sente o tempo como se estivesse vivo, quer dizer, o tempo lhe parece tão ou menos longo do que se estivesse vivo?

R – Parece-lhe mais longo, *o sono não existe para ele*.

P – Os Espíritos nos disseram que o tempo não existe e que para eles um século é um ponto na eternidade. Então, não é a mesma coisa para todos?

R – Certamente que não. É assim apenas para os Espíritos que chegaram a um grau muito elevado de progresso. Mas, para os Espíritos inferiores, o tempo é às vezes muito longo, sobretudo quando sofrem.

P – De onde vinha este Espírito, antes de sua encarnação?

R – Ele teve uma existência entre as tribos mais ferozes e mais selvagens e antes vinha de um planeta inferior à Terra.

P – Este Espírito está sendo severamente punido pelo crime que cometeu. Se viveu entre tribos bárbaras, deve ter cometido atos não menos atrozos que o último. Foi punido da mesma forma por esses atos?

R – Foi menos punido, porque era mais ignorante e compreendia menos a extensão de seus atos.

P – O estado em que se encontra este Espírito é o daqueles seres geralmente chamados de *danados*<sup>4</sup>?

R – Absolutamente. Existem situações bem mais horríveis ainda. Os sofrimentos estão longe de ser os mesmos para todos, mesmo por crimes semelhantes, porque variam de acordo com o estado do culpado, mais ou menos acessível ao arrependimento. Para este aqui, a casa onde cometeu o crime é seu inferno. Outros o trazem dentro de si, pelas paixões que os atormentam e que não podem saciar.

P – Este Espírito, apesar de sua inferioridade, sente os bons efeitos da prece. Vimos a mesma coisa com outros, igualmente perversos e de

---

<sup>(4)</sup> **Nota da tradução:** No original, em francês: *damnés*, que tem o sentido de danados, ou seja, condenados às penas eternas.

natureza bruta. O que acontece com Espíritos mais esclarecidos, com uma inteligência mais desenvolvida, que mostram uma total ausência de sentimentos, que riem de tudo o que há de mais sagrado, em resumo, que nada os toca e não há tréguas para seu cinismo?

R – A prece só tem efeito, quando em favor do Espírito que se arrepende. Para aquele que é impulsionado pelo orgulho, se revolta contra Deus e persiste nos desvarios, ainda os exagerando, como fazem os Espíritos infelizes, a prece não tem nenhum poder e nada poderá até o dia em que um vislumbre de arrependimento se manifestar neles. A ineficácia da prece lhes é ainda um castigo! A prece só alivia aqueles que não estão completamente endurecidos.

P – Quando se vê um Espírito inacessível aos bons efeitos da prece, deve-se parar de orar por ele?

R – Não, sem dúvida, porque cedo ou tarde ele poderá triunfar sobre o endurecimento e fazer germinar em si pensamentos salutares. Acontece a mesma coisa com alguns doentes, para os quais os remédios demoram muito a fazer efeito e só fazem efeito por um momento. Para outros, ao contrário, fazem efeito imediatamente. Se nos penetramos bem de que todos os Espíritos são capazes de progresso, e que nenhum é condenado ao mal, eterna e fatalmente, compreenderá que, cedo ou tarde, a prece terá seu efeito e aquela que parecia ineficaz à primeira vista não deposita menos germes salutares, que predisõem o Espírito ao bem, se não o toca imediatamente. É então um erro se desencorajar, se não se consegue resultado imediatamente.

11 – Se este Espírito reencarnasse, em que categoria de indivíduo se colocaria?

R – Depende dele e do arrependimento que terá.

Várias conversas com este Espírito levaram-lhe uma notável mudança em seu estado moral. Eis algumas de suas respostas.

12 – (Ao Espírito) – Por que você não pôde escrever, na primeira vez que o chamamos?

R – Eu não queria.

P – Por que você não queria?

R – Ignorância e embrutecimento.

13 – Agora então você poderia deixar, quando quiser, a casa de Castelnaudary?

R – Tenho permissão, porque aproveito seus bons conselhos.

P – Você sente algum alívio?

R – Começo a ter esperança.

14 – Se pudéssemos vê-lo, com que aparência o veríamos?

R – Vocês me veriam de camisa, sem punhal.

P – Por que você não tem mais o punhal, o que fez dele?

R – Eu o amaldiçoei. *Deus me poupa de vê-lo.*

15 – Se o senhor D.... filho (aquele que tinha recebido o soco) retornasse à casa, lhe faria mal?

R – Não, porque estou arrependido.

P – E se ele quisesse ainda desafiá-lo?

R – Não me pergunte isto! Eu não poderia me dominar, estaria acima de minhas forças... porque sou apenas um miserável.

16 – Você antevê o fim de seus sofrimentos?

R – Oh, ainda não. É muito mais do que mereço saber, graças à sua intervenção, não durarão para sempre.

17 – Descreva a situação em que você estava, antes que o chamássemos pela primeira vez. Entenda que pedimos isto, como uma forma de lhe ser útil e não por curiosidade.

R – Eu disse, não tinha consciência de nada no mundo, além do meu crime e não podia deixar a casa onde o cometi, para subir ao espaço, onde tudo à minha volta era solidão e obscuridade. Não saberia lhes dar uma ideia do que seja isto. Nunca compreendi nada. Desde que eu me elevasse acima do ar, era o negro, o vazio, não sei o que era. Hoje, tenho muito mais remorsos e não sou mais obrigado a ficar dentro desta casa fatal. Tenho permissão de vagar sobre a Terra e procurar me esclarecer, por minhas observações. Mas ao menos tenho a esperança.

18 – Se você devesse retomar uma existência corporal, qual escolheria?

R – Ainda não vi nem refleti o suficiente para sabê-lo.

19 – Durante seu longo isolamento, pode-se dizer seu cativo, você teve remorsos?

R – Nem o menor remorso, por isso sofri tanto tempo. Somente quando comecei a sentir remorsos é que foram provocadas, sem que eu soubesse, as circunstâncias que me levaram à evocação, à qual devo o começo de minha libertação. Obrigado então a você, que teve piedade de mim e que me esclareceu.

Na verdade, vimos avaros sofrerem vendo o ouro, que para eles tinha se tornado um verdadeiro sonho; orgulhosos atormentados pela inveja das honras prestadas a outros e não a eles; homens que comandaram na Terra, humilhados pela força invisível que os obrigava a obedecer e por ver que seus subordinados não se curvavam mais diante deles; ateus sofrerem as angústias da incerteza e se encontrarem no isolamento absoluto, no meio da imensidão, sem encontrar nenhum ser que os pudesse esclarecer. No mundo dos Espíritos, se há alegrias para todas as virtudes, há penas para todos os erros e aqueles não atingidos pela lei dos homens são sempre castigados pela lei de Deus.

Outra coisa a observar é que os mesmos erros, embora cometidos em condições idênticas, às vezes são punidos por castigos muito diferentes, segundo o grau de progresso intelectual do Espírito. Aos Espíritos mais atrasados e de uma natureza bruta, como este de que tratamos aqui, são impostas penas de alguma maneira mais materiais que morais, enquanto se dá o contrário, para aqueles que têm inteligência e sensibilidade mais desenvolvidas. Aos primeiros, impõem-se castigos mais apropriados à rudeza de seu discernimento, para que compreendam os erros próprios de sua posição e se inspirem no desejo de sair dessa posição. Assim, a vergonha, por exemplo, que nada causaria para eles seria intolerável para os outros.

No Divino Código Penal, a sabedoria, a bondade e a providência de Deus para Suas criaturas se revelam até nas menores coisas. Tudo é proporcional, tudo é combinado com um admirável zelo, para facilitar aos culpados os meios de se reabilitarem. São levadas em conta as menores boas aspirações da alma. Segundo o dogma

das penas eternas, ao contrário, os grandes e pequenos culpados são confundidos no inferno, os culpados de um dia e aqueles que reincidiram cem vezes, os endurecidos e os arrependidos, tudo é calculado para mantê-los no fundo do abismo. Nenhuma tábua de salvação lhes é oferecida. Um único erro pode precipitá-los para sempre, sem que se leve em conta o bem que se fez. De que lado se encontra a verdadeira justiça e a verdadeira bondade?

Esta evocação, portanto, não foi feita por acaso. Como deveria ser útil a este infeliz, os Espíritos que velavam por ele, vendo que começava a compreender a enormidade de seus crimes, julgaram que era o momento de lhe dar socorro eficaz e o trouxeram, em circunstâncias propícias. É um fato que muitas vezes temos visto acontecer.

A respeito desse assunto, perguntamos o que teria acontecido a este Espírito se não tivesse sido evocado e o que se passa com todos os Espíritos sofredores que não podem ser evocados e que a gente nem imagina que existem. Recebemos a resposta de que os caminhos de Deus, para a salvação de Suas criaturas, são incontáveis. A evocação é um meio de assisti-las, mas não é o único, e Deus não deixa ninguém no esquecimento. Por outro lado, as preces coletivas dever ter sua parte de influência sobre os Espíritos acessíveis ao arrependimento.

Deus não poderia subordinar o destino dos Espíritos aos conhecimentos e à boa vontade dos homens. Desde que estes puderam estabelecer relações regulares com o mundo invisível, um dos primeiros resultados do Espiritismo foi o aprendizado da ajuda que poderia prestar a seus irmãos desencarnados. Deus quis, por esse meio, mostrar-lhes a solidariedade que existe entre todos os seres do Universo e dar uma lei da natureza como base ao princípio da fraternidade. Ao abrir este novo campo, no exercício da caridade, mostra-se o lado verdadeiramente útil e sério das evocações, deturpadas até então de seu objetivo providencial pela ignorância e pela superstição. Em nenhuma época faltou socorro aos Espíritos sofredores e, se as evocações lhes abrem um novo caminho de salvação,

os encarnados talvez ganhem ainda mais, porque são novas oportunidades para se fazer o bem e, ao mesmo tempo, se instruir sobre as verdadeiras condições da vida futura.

## Jacques Latour

Assassino, condenado pelo Tribunal de Foix<sup>5</sup> e executado em setembro de 1864.

Em uma reunião espírita íntima, com sete a oito pessoas, em Bruxelas, no dia 13 de setembro de 1864, à qual assistíamos, foi pedido a um médium que escrevesse. Nenhuma evocação especial tinha sido feita e ele, com uma agitação extraordinária, traça em grossos caracteres e após ter rasurado violentamente o papel estas palavras:

“Eu me arrependo! Eu me arrependo! Latour.”

Surpresos com a comunicação inesperada, que não tinha sido provocada, porque ninguém tinha pensado neste infeliz e cuja morte era ignorada pela maioria dos assistentes, dirigimos ao Espírito algumas palavras de piedade e de encorajamento. Depois, fizemos-lhe esta pergunta:

– Qual motivo o teria trazido aqui entre nós e não a outro lugar, já que não o chamamos?

A médium, que era também falante, respondeu de viva voz:

“Vi que, vocês eram almas que têm compaixão e que teriam piedade de mim, enquanto que outros me evocam mais por curiosidade do que por caridade verdadeira ou então se afastam de mim com horror”.

Então começou uma cena indescritível, que não durou menos que meia hora.

O médium juntava à palavra os gestos e a expressão da fisionomia. É evidente que o Espírito se identificou com sua pessoa: às vezes suas entonações de desespero são tão comoventes, descreve suas angústias e sofrimentos com um tom tão doloroso, suas súplicas são tão veementes, que todos os assistentes ficaram profundamente emocionados.

Alguns estavam mesmo assustados com a superexcitação do médium, mas pensávamos que a comunicação de um Espírito que se arrepende

---

<sup>(5)</sup> **Nota da tradução:** Cidade do Sul da França.



e que implora piedade não oferecia nenhum perigo. Se ele tomou emprestados os órgãos do médium, foi para melhor representar sua situação e atrair maior interesse por sua situação e não, como os Espíritos obsessores e possesores, para se apossar dele e dominá-lo. Isto lhe foi permitido em seu próprio interesse e talvez também para a instrução das pessoas presentes.

Ele grita:

“Oh, sim, piedade! Eu preciso muito dela, porque vocês não sabem o que eu sofro!... Não, vocês não sabem, não podem compreender... é horrível!... A guilhotina!... O que é a guilhotina, perto do que sofro agora? Nada, é apenas um momento. Mas este fogo que me devora é pior que a morte contínua, é um sofrimento sem trégua, sem repouso, que não tem fim!

“E minhas vítimas estão em volta de mim... me mostram suas feridas... me perseguem com seus olhares!... Estão diante de mim... vejo todas... sim, todas... eu as vejo, não posso evitá-las!... E este mar de sangue!... E este ouro manchado de sangue!... Tudo aqui, sempre diante de mim!... Vocês sentem o cheiro do sangue?... Do sangue, sempre do sangue!... Eis estas pobres vítimas, elas me imploram... e eu, sem piedade, bato... bato... bato sempre!!! O sangue me embriaga!

“Eu acreditava que, após minha morte, tudo estaria acabado, por isso desafiei a justiça, desafiei Deus, O reneguei!... E eis que, quando me acreditava acabado para sempre, tive um despertar horrível... oh, sim, terrível!... estava cercado de cadáveres, de figuras ameaçadoras... ando sobre sangue... Acreditava estar morto e estou vivo!... É pavoroso!... é horrível! Mais horrível que todos os suplícios da Terra!

“Oh, se todos os homens pudessem saber o que existe do outro lado da vida! Saberiam quanto custa fazer o mal, não haveria mais assassinos, mais criminosos, mais malfeitores! Eu queria que todos os assassinos pudessem ver o que vejo e sofro... oh, não, não haveria mais... é muito horrível sofrer o que sofro!

“Sei bem que mereci sofrer tudo isso, ó meu Deus, porque não tive nenhuma piedade de minhas vítimas, empurrei suas mãos suplicantes, quando me pediam para poupá-las. Sim, eu mesmo fui cruel, as matei covardemente, para ter seu ouro!... Fui incrédulo, reneguei, blasfemei

contra Seu santo nome... *Quis me enganar, porque queria me convencer de que Deus não existe...* Ó meu Deus! Sou um grande criminoso! Agora compreendo. Mas o Senhor teria piedade de mim? O Senhor é Deus, quer dizer, a bondade, a misericórdia! O Senhor é Todo-Poderoso!

“Piedade, Senhor! Ó piedade! Piedade! Suplico que não seja inflexível. Livre-me desta visão odiosa, dessas imagens horríveis... deste sangue... de minhas vítimas, *cujos olhares me transpassam o coração, como se fossem golpes de punhal.*

“Vocês que estão aqui, que me escutam, são boas almas, almas caridosas. Sim, vejo que terão piedade de mim, não é mesmo? Vocês rezarão por mim... Oh! suplico que não me rejeitem. Vocês pedirão a Deus para retirar esse horrível espetáculo da frente de meus olhos. Ele os ouvirá, porque vocês são bons... Suplico que não me rejeitem, como fui rejeitado por outros... Orem por mim.”

Os assistentes, tocados por seus lamentos, lhe disseram palavras de encorajamento e de consolação. Deus – disseram – não é de forma alguma inflexível. Pede ao culpado o arrependimento sincero e o desejo de reparar o mal que fez. Desde que seu coração não esteja mais endurecido e que você lhe peça perdão por seus crimes, Ele estenderá sobre você Sua misericórdia, se perseverar no firme propósito de reparar o mal que causou. Sem dúvida, não é possível devolver a vida que tirou de suas vítimas, mas, se pedir com fervor, Deus lhe permitirá reencontrar-se com elas em uma nova existência, em que poderá demonstrar lhes o devotamento proporcional à crueldade que teve com elas. E quando Deus julgar suficiente a reparação, você encontrará a graça, perto Dele. Assim, a duração de seu castigo está em suas mãos, depende de você abreviá-la. Prometemos ajudá-lo com nossas preces, pedir a assistência dos bons Espíritos a você. Oremos em sua intenção a prece para os Espíritos sofredores e arrependidos, contida em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Não pronunciaremos a que se refere aos maus Espíritos, porque desde que você tenha se arrependido, que implore e que renuncie ao mal, nós o consideramos um Espírito infeliz e não um Espírito mau.

Depois de feita a prece e de alguns instante de calma, o Espírito retoma:

“Obrigado, meu Deus!... Oh, obrigado! Obrigado! O Senhor teve piedade de mim, essas horríveis imagens se afastam... Não me abandone... mande seus bons Espíritos para me sustentarem... Obrigado”.

Depois desta cena, o médium fica, por algum tempo, alquebrado e aniquilado, sente dores musculares nos braços e nas pernas. Tem uma lembrança, de início confusa, do que acabou de acontecer. Depois, pouco a pouco se lembra de algumas das palavras que pronunciou e disse que, apesar de tudo, sentia que não era ele quem falava.

No dia seguinte, em uma nova reunião, o Espírito também se manifesta e recomeça, apenas por alguns minutos, a cena da véspera, com os mesmos gestos expressivos, mas menos violentos. Depois escreve, pelo mesmo médium, com uma agitação febril, as seguintes palavras:

“Obrigado por suas preces. Uma melhora sensível se produz em mim. Orei a Deus com tanto fervor, para que permita que, por um instante, meus sofrimentos sejam aliviados. Mas ainda verei minhas vítimas... Ei-las! Ei-las! Vocês vêm este sangue?...”

(A prece da véspera foi repetida. O Espírito continua, dirigindo-se ao médium):

“Perdão por me apossar de você. Obrigado pelo alívio que trouxe a meus sofrimentos. Perdão pelo mal que lhe ocasionei, mas eu tenho necessidade de me manifestar, só você pode...”

“Obrigado! Obrigado! Tenho um pouco de alívio, mas estou apenas no começo de minhas provas. Logo minhas vítimas ainda voltarão. Eis a punição, eu mereci. Meu Deus, seja indulgente. Vocês todos orem por mim, tenham piedade de mim.”

*Latour*

Um membro da Sociedade Espírita de Paris, que tinha rezado por este infeliz Espírito e o tinha evocado, obteve as seguintes comunicações, com diferentes intervalos:

## I

Fui evocado quase imediatamente após minha morte e não pude me comunicar logo. Mas muitos Espíritos levianos usaram meu nome e meu lugar. Aproveitei a presença em Bruxelas do presidente da Sociedade de Paris e, com a permissão dos Espíritos superiores, me comuniquei.

Voltarei a me comunicar na Sociedade e farei revelações que serão o início da reparação de meus erros e que poderão servir de ensinamento a todos os criminosos que lerem e refletirem sobre o relato de meus sofrimentos.

Os discursos sobre as penas do inferno têm pouco efeito para o Espírito dos culpados, que não acreditam em todas essas imagens, assustadoras para as crianças e para os homens fracos. Ora, um grande malfeitor não é um Espírito covarde e tem mais medo dos policiais do que dos relatos sobre os tormentos do inferno. Eis por que todos os que lerem o que escrevo serão tocados por minhas palavras, por meus sofrimentos, que não são meras suposições. Não existe um único padre que possa dizer: “Eu vi o que digo a vocês, eu assisti às torturas dos condenados eternos”. Mas quando eu vier e disser: “Eis o que se passou após a morte de meu corpo, vejam meu desencanto ao reconhecer que não estava morto, como esperava, e aquilo que eu acreditava ser o fim de meus sofrimentos era o começo de torturas impossíveis de serem descritas!”. Então, mais de um parará à beira do precipício onde iria cair. Cada infeliz que, assim, eu conseguir parar, no caminho do crime, servirá para resgatar um de meus erros. É assim que o bem sai do mal e que a bondade de Deus se manifesta por toda a parte, tanto na Terra como no espaço.

Foi-me permitido libertar-me da visão de minhas vítimas, que se tornaram meus carrascos, para me comunicar com vocês. Mas, deixando-os, voltarei a vê-las e só pensar nisso me faz sofrer mais do que posso dizer a vocês. Fico feliz quando me evocam, porque então deixo meu inferno por alguns instantes. Orem sempre por mim, peçam ao Senhor que me livre da visão de minhas vítimas.

Sim, rezemos juntos, a prece faz tanto bem!... Estou mais leve, já não sinto mais tanto o peso do fardo que me esmaga. Vejo que um fio

de esperança brilha em meus olhos e, cheio de arrependimento, digo: Bendita seja a mão de Deus, que seja feita Sua vontade!

## II

*O médium* – Em vez de pedir a Deus que o livre da visão de suas vítimas, eu peço que orem comigo a fim de que Ele lhe dê forças para suportar esta tortura expiatória.

*Latour* – Eu preferiria ser livrado da visão de minhas vítimas. Se você soubesse o que sofro! O homem mais insensível ficaria comovido se pudesse ver, impressos em meu rosto, como fogo, os sofrimentos de minha alma. Farei o que você me aconselha. Compreendo que é um meio um pouco mais rápido de expiar meus erros. É como uma operação dolorosa, que deve devolver a saúde a meu corpo bem doente.

Ah, se os culpados da Terra pudessem me ver, como ficariam horrorizados com as consequências de seus crimes que, escondidos aos olhos dos homens, são vistos pelos Espíritos! Como a ignorância é fatal a tanta pobre gente!

Que responsabilidade assumem aqueles que recusam a instrução às classes pobres da sociedade! Acreditam que com soldados e polícia podem prevenir os crimes... Como estão enganados!

## III

Meus sofrimentos são horríveis, mas depois de suas preces, me sinto assistido por bons Espíritos, que me dizem para esperar. Compreendo a eficácia do remédio heroico que você me aconselhou e oro ao Senhor para que me conceda forças para suportar esta dura expiação. Ela é igual, posso dizer, ao mal que pratiquei. Não quero procurar desculpar meus erros, mas, ao menos, exceto alguns instantes de terror antes da morte, para cada uma de minhas vítimas, a dor acabou, assim que cometi o crime. E aquelas que tinham terminado as provas terrenas foram receber a recompensa que as esperava. Mas, desde meu retorno ao mundo dos Espíritos, não parei de sofrer as dores do inferno, a não ser nos breves momentos em que me comuniquei.

Os padres, apesar do quadro assustador sobre as penas que recaem sobre os pecadores, têm apenas uma pequena ideia sobre os verdadeiros sofrimentos que a Justiça de Deus impõe a Seus filhos que violaram Sua lei do amor e da caridade. Como fazer pessoas racionais acreditarem que uma alma, quer dizer, algo que não é material, possa sofrer em contato com fogo material? É absurdo, e por isto tantos criminosos riem dessas pinturas fantásticas sobre o inferno. Mas é bem diferente a dor moral que sofre o condenado, após a morte física.

Orem, para que o desespero não se aposses de mim.

#### IV

Agradeço pela perspectiva que você me fez antever, objetivo glorioso, ao qual sei que chegarei, quando estiver purificado. Sofro muito e, no entanto, parece que meus sofrimentos diminuem. Não posso acreditar que no mundo dos Espíritos a dor diminua, porque nos acostumamos a ela, pouco a pouco. Não. Compreendo que suas preces aumentaram minhas forças e, *se minhas dores são as mesmas, eu tendo mais força, sofro menos.*

Meu pensamento se volta para minha última existência, para os erros que poderia ter evitado, se soubesse rezar. Hoje compreendo a eficácia da prece, compreendo a força dessas mulheres honestas e piedosas, fracas pela carne, mas fortes por sua fé. Compreendo este mistério que os falsos sábios da Terra não compreendem. Preces! Uma só palavra que provoca a risada dos Espíritos fortes. Eu os espero neste mundo e quando se rasgar o véu que lhes esconde a verdade, será a vez de eles virem se prostrar aos pés do Eterno, que menosprezaram. E ficarão felizes em se humilhar, para se libertarem de seus pecados e de seus crimes. Compreenderão a virtude da prece!

Orar é amar, amar é orar. Então, amarão o Senhor e lhe dirigirão suas preces de amor e reconhecimento e, regenerados pelo sofrimento, porque deverão sofrer, pedirão, como eu, a força para expiar e sofrer. E, quando tiverem parado de sofrer, hão de orar para agradecer ao Senhor pelo perdão obtido, por sua humildade e resignação. Oremos, irmão, para que eu me fortaleça mais.

Oh, obrigado, por sua caridade, porque estou perdoado. Deus me livrou da visão de minhas vítimas. Ó meu Deus, seja bendito pela eternidade, pela graça que me concedeu! Ó, meu Deus! Sinto a enormidade de meus crimes e me curvo diante de Sua onipotência. Senhor, eu O amo com todo o meu coração e Lhe peço a graça de me permitir, segundo Sua vontade, de me enviar à Terra, para sofrer novas provas. De voltar à Terra como missionário da paz e da caridade, para ensinar as crianças a pronunciarem Seu nome com respeito. Peço poder ensiná-las a amá-Lo, Pai de todas as criaturas. Oh, obrigado meu Deus! Sou um Espírito arrependido e meu arrependimento é sincero.

Eu O amo, tanto quanto meu coração tão impuro pode compreender este sentimento, que é a pura emanção de Sua divindade. Irmãos, oremos, porque meu coração transborda de reconhecimento. Estou livre, quebrei minhas algemas, não sou mais um condenado. Sou um Espírito sofredor, mas arrependido, e queria que meu exemplo segurasse, bem no início do crime, todas essas mãos criminosas que vejo prestes a se erguer. Oh, parem, irmãos, parem! Porque as torturas que vocês prepararam para si mesmos são atrozes. Não acreditem que o Senhor se comoverá sempre, tão rapidamente, pela prece de Seus filhos. Séculos de tortura os esperam.

*O guia do médium* – Você diz que não compreende as palavras do Espírito. Preste atenção à emoção e ao reconhecimento que ele manifesta ao Senhor. Acredita que a melhor maneira de expressar seu testemunho é tentando parar todos os criminosos que ele vê e você não. Gostaria que suas palavras chegassem a todos os criminosos e o que não falou, porque ainda não sabe, é que lhe será permitido começar missões reparadoras. Irá para perto de seus cúmplices, para tentar inspirar-lhes o arrependimento e introduzir em seus corações o germe do remorso. Algumas vezes se veem na Terra pessoas que a gente imaginava honestas irem procurar um padre para confessar um crime. É o remorso que lhes dita a confissão do erro. E, se o véu que separa você do mundo invisível se erguesse, você veria sempre um Espírito que foi o cúmplice ou o instigador do crime vir, como o fará Jacques Latour, procurar reparar seu erro, inspirando remorso no Espírito encarnado.

*Seu guia protetor.*

O médium de Bruxelas, que recebeu a primeira manifestação de Latour, obteve mais tarde a seguinte comunicação:

“Não tenha mais medo de mim, estou mais tranquilo, mas entretanto ainda sofro. Deus teve piedade de mim, porque viu meu arrependimento. Agora, *sofro por este arrependimento, que me mostra a enormidade de meus erros.*

“Se eu tivesse sido bem orientado na vida, não teria feito todo o mal que fiz. Mas meus instintos não foram reprimidos e eu os obedeci, sem conhecer qualquer freio. Se todos os homens pensassem em Deus ou pelo menos acreditassem Nele, semelhantes crimes não seria praticados.

“Mas a justiça dos homens é falha. Por um erro, algumas vezes não muito grave, um homem fica trancado em uma prisão que, sempre, é um lugar de perdição e de perversão. Sai de lá completamente perdido pelos maus conselhos e maus exemplos que encontrou. Se, entretanto, sua natureza é muito boa e suficientemente forte para resistir aos maus exemplos, ao sair da prisão, todas as portas lhe são fechadas e todas as mãos se afastam dele, todos os corações honestos o recusam. O que lhe resta então? O desprezo e a miséria, o abandono, o desespero. Se toma boas resoluções para voltar ao bem, a miséria o leva a extremos. Ele então também despreza seu semelhante, o odeia e perde toda a consciência do bem e do mal, já que se vê rejeitado, quando tinha resolvido se tornar um homem honesto. Para se prover com o necessário, rouba, às vezes, mata. Depois o levam para a guilhotina!

“Meu Deus, no momento em que minhas alucinações parecem voltar, sinto Sua mão que se estende sobre mim, sinto Sua bondade que me envolve e me protege. Obrigado, meu Deus! Em minha próxima existência, usarei toda a minha inteligência para socorrer os infelizes que sucumbiram e para preservá-los da queda.

“Obrigado a você, que não recusou a se comunicar comigo. Não tenha medo, veja que não sou mau. Quando pensar em mim, não me veja com a forma que imagina que eu tenha, mas represente-me como uma pobre alma desolada, que lhe agradece por sua tolerância.

“Adeus. Evoquem-me ainda outras vezes e rezem a Deus por mim”.

*Latour*



## Estudo sobre o Espírito de Jacques Latour

Não se pode ignorar a profundidade e o alto significado de algumas das palavras desta comunicação, que mostra um dos aspectos do mundo dos Espíritos castigados, acima do qual, entretanto, se antevê a misericórdia de Deus. A alegoria mitológica das Eumênides<sup>6</sup> não é tão ridícula como parece e os demônios, carrascos oficiais do mundo invisível, que as substituem na crença moderna, são menos racionais, com seus chifres e foices, do que essas próprias vítimas que servem como castigo ao culpado.

Admitindo-se a identidade deste Espírito, talvez surpreenda a mudança tão rápida em seu estado moral. É o que já observamos, em outra oportunidade, que muitas vezes há mais recursos em um Espírito brutalmente mau do que naquele que é dominado pelo orgulho ou que esconde seus vícios sob o manto da hipocrisia. Esse rápido retorno a melhores sentimentos indica uma natureza mais selvagem do que perversa, à qual apenas faltou uma boa direção. Comparando sua linguagem com a de outro Espírito que logo depois será mencionado, com o título de *Castigo pela Luz*, não é difícil perceber qual dos dois é mais avançado moralmente, apesar da diferença de instrução e de posição social. Um obedecia a um instinto natural de ferocidade, a uma espécie de superexcitação, enquanto que o outro trazia na perpetuação de seus crimes a calma e o sangue frio de uma lenta e perseverante combinação e, depois de seu desencarne, desafiava ainda com orgulho seu castigo. Ainda sofre, mas não quer admitir. O outro é dominado imediatamente. Pode-se assim prever qual dos dois sofrerá por menos tempo.

---

<sup>6</sup> **Nota da tradução:** Segundo a mitologia as Eumênides eram antigos espíritos da terra ou deusas associadas à fertilidade, mas também com responsabilidades sociais e morais. Tradicionalmente, eram três, adoradas em Atenas, na Grécia, e outras terras. Embora esse nome também signifique “as benevolentes”, “as graciosas” e “as veneráveis”, as deusas eram normalmente retratadas como as *Górgonas*, criaturas com cobras em vez de cabelos e olhos injetados de sangue. Sua aparência vai ao encontro com esta identificação, em outras lendas, com as *Erínias*, três deusas vingativas do mundo inferior (correspondem às *Furias*, na mitologia romana). Na peça “As Eumênides”, o grego Ésquilo conta a perseguição de Orestes pelas Erínias, depois que aquele matou sua mãe, Clitemnestra, para se vingar da morte de seu pai, Agamenon, que Clitemnestra havia assassinado. Sem se importarem com os motivos que o levaram a cometer o crime, as Erínias o perseguiram por toda a parte, até Atenas. Orestes apelou à deusa Atena, que presidiu seu julgamento e lançou o voto decisivo a favor de sua absolvição. Depois deste julgamento, as Erínias aceitaram um novo papel como guardiãs da justiça e tornaram-se conhecidas como as Eumênides (ver nota de rodapé número 13, do capítulo IV – “O inferno”).

“Sofro – diz o Espírito de Latour – com este arrependimento que me mostra a enormidade de meus erros”. Há nessa frase um pensamento profundo. O Espírito compreende realmente a gravidade de seus crimes e se arrepende. O arrependimento traz o remorso, que é um sentimento doloroso da transição do mal para o bem, da doença moral para a saúde moral. É para escapar desse sentimento que os Espíritos perversos se obstinam contra a voz da consciência, como os doentes que recusam o remédio que irá curá-los. Procuram se iludir, se enganar, persistindo no mal. Latour chegou a esse período em que o endurecimento acaba por ceder, o remorso tomou conta de seu coração, veio depois do arrependimento. Compreende a extensão do mal que praticou, vê a própria degeneração e sofre por isso. Por isto, diz: “Sofro por causa deste arrependimento”. Na existência anterior, deve ter sido pior que nesta, porque se tivesse se arrependido antes, como o fez agora, sua vida teria sido melhor. As resoluções que ele toma agora influenciarão sua futura existência terrena. A que acaba de deixar, por mais criminosa que tenha sido, marcou uma etapa de progresso. É mais do que provável que, antes de iniciá-la, vivesse vagando, como um desses maus Espíritos rebeldes, obstinados no mal, como tantos que a gente vê.

Muitas pessoas perguntam que proveito se pode tirar de existências passadas já que não se lembram nem do que foram nem do que fizeram. Esta questão está completamente resolvida, pelo fato de que, se o mal que cometemos estiver apagado e não restar nenhum traço deste mal em nosso coração, sua lembrança será inútil, e não temos que nos preocupar com ele. Quanto ao mal de que não estamos inteiramente corrigidos, podemos conhecê-lo por nossas tendências atuais. É nelas que devemos prestar toda nossa atenção. Basta saber o que somos, sem que seja preciso sabermos o que fomos.

Quando se considera a dificuldade de reabilitação, durante a vida, do culpado mais arrependido, as provas a que ele é submetido, deve-se bendizer a Deus, por ter colocado um véu sobre o passado. Se Latour tivesse sido condenado ou mesmo se tivesse sido absolvido, seus antecedentes o teriam levado a ser rejeitado pela sociedade. Apesar de seu arrependimento, quem o queria admiti-lo na própria intimidade? Os

sentimentos que ele manifesta hoje como Espírito nos dão a esperança de que em sua próxima existência terrena será um homem honesto, estimado e considerado. Mas suponham que as pessoas saibam quem foi Latour, a reprovação ainda o perseguiria. O véu lançado em seu passado lhe abre a porta para a reabilitação, poderá sentar-se sem medo e sem vergonha entre pessoas honestas. Quantas pessoas existem que gostariam de, a qualquer preço, apagar da memória dos outros certas fases da própria existência!

Não se encontra uma doutrina que se concilie melhor que esta com a justiça e a bondade de Deus! De resto, esta doutrina não é apenas uma teoria, mas o resultado da observação. Não foram os espíritas que a imaginaram: viram e observaram as diferentes situações dos Espíritos que se apresentam, procuraram explicá-las e desta explicação saiu a doutrina. Se a aceitaram, é porque resulta dos fatos e lhes pareceu mais racional sobre todas as outras emitidas até hoje sobre o futuro da alma.

Pode-se negar que há nessas comunicações um grande ensinamento moral? O Espírito pôde ser e mesmo deve ter sido ajudado, em suas reflexões e, sobretudo, na escolha de suas expressões, por Espíritos mais avançados. Mas os Espíritos avançados só ajudam na forma, não no conteúdo e jamais colocam um Espírito inferior em contradição consigo mesmo. Em Latour, puderam poetizar a forma do arrependimento, mas de modo algum o fizeram exprimir o arrependimento contra sua vontade, porque o Espírito tem seu livre-arbítrio.

Em Latour lobrigaram o gérmen dos bons sentimentos e por isso o ajudaram a se expressar e assim contribuíram para desenvolver esses bons sentimentos ao mesmo tempo em que atraíram a piedade para ele.

Existe algo mais comovente, mais moral, mais impressionante que o quadro desse grande criminoso arrependido, desabafando seu desespero e seu remorso? Desse criminoso que, perseguido pelo incessante olhar das vítimas e torturado, eleva o pensamento a Deus, implorando misericórdia? Não é um saudável exemplo para os culpados? A gente compreende a natureza de suas angústias, que são racionais, terríveis, embora simples e sem apelar para cenas fantasmagóricas.

Talvez a gente pudesse se surpreender, com uma mudança tão grande, em um homem como Latour, mas por que não haveria de se arrepender? Por que não teria ele uma corda vibrante e sensível? Seria o culpado para sempre voltado para o mal? Não chega um momento em que a luz se faz presente em sua alma? Este momento chegou para Latour. É exatamente este o lado moral dessas comunicações, é a inteligência que existe em sua situação, seus remorsos, seus projetos de reparação que são eminentemente instrutivos. O que se poderia encontrar de mais extraordinário naquele que se arrependeu sinceramente antes de morrer, que tenha sido dito antes daquilo que se disse depois do desencarne? Não temos numerosos exemplos semelhantes?

Um retorno ao bem antes de seu desencarne teria parecido a seus pares uma manifestação de fraqueza. Sua voz, no além-túmulo, é a revelação do futuro que os espera. Ele está absolutamente correto quando diz que seu exemplo é mais próprio para reconduzir ao bem os culpados do que as perspectivas do fogo do inferno ou mesmo que a guilhotina. Por que então não se levam esses exemplos para dentro das prisões? Isto faria mais de um criminoso refletir, como já tivemos vários exemplos. Mas como acreditar nas palavras de um morto, quando a gente mesmo crê que quando se morre, tudo acaba? Entretanto, chegará um dia em que se acreditará nesta verdade de que *os mortos podem vir instruir os vivos*.

Há várias outras instruções importantes nessas comunicações. Primeiro, é a afirmação desse princípio de eterna justiça, de que apenas o arrependimento não basta para colocar o culpado na categoria dos eleitos. O arrependimento é um primeiro passo, no sentido da reabilitação que atrai a misericórdia de Deus. É um ensaio para o perdão e para abreviar os sofrimentos. Mas Deus não absolve sem algumas condições. É preciso expiação e, sobretudo, reparação. Foi o que Latour compreendeu e para o que se prepara.

Em segundo lugar, se se compara este criminoso com o de Castelnau-dary, se encontra uma grande diferença entre os castigos que foram impostos a ambos. Naquele, o arrependimento foi tardio e, por consequência, a pena foi mais longa. Por outro lado, esta pena era quase

material, enquanto que para Latour o sofrimento é mais moral. Como dissemos antes, em um a inteligência era bem menos desenvolvida do que no outro. Era preciso alguma coisa que pudesse tocar seus rudes sentidos. Mas as penas morais não são menos dolorosas para aqueles que chegaram a um grau suficiente para compreendê-las. Pode-se compreender esta situação pelas queixas de Latour: não é cólera, é a expressão do remorso, logo seguido do arrependimento e do desejo de reparar para progredir.



# CAPÍTULO VII ESPÍRITOS ENDURECIDOS

## **Lapommeray**

Castigo pela luz

Em uma das sessões da Sociedade de Paris, em que se tinha discutido sobre a confusão que geralmente se segue ao desencarne, um Espírito, ao qual ninguém tinha feito qualquer alusão e que ninguém pensava evocar, se manifestou espontaneamente, na seguinte comunicação, que embora não assinada, nos fez reconhecer sem dificuldade um grande criminoso que a justiça humana acabara de condenar.

“O que dizem da perturbação? Por que palavras inúteis? Vocês são sonhadores e utopistas. Ignoram completamente as coisas de que pretendem se ocupar. Não, senhores, a perturbação não existe, a não ser talvez em suas cabeças. Francamente, estou tão morto quanto é possível, e vejo claro em mim, em volta de mim, por toda parte!... A vida é uma triste comédia! Desastrado é aquele que sai de cena antes de cair o pano!... A morte é um terror, um castigo, um desejo, conforme a fraqueza ou a força daqueles que a temem, a desafiam ou a imploram. Para todos, é uma amarga brincadeira!... A luz me ofusca e me invade, como uma flecha aguda, no íntimo *de meu ser*... Castigaram-me com as trevas da prisão e acreditaram me castigar com as trevas do túmulo ou aquelas

imaginadas pelas superstições católicas. Pois bem, são vocês, senhores, que sofrem de obscuridade e eu, o degredado social, paio em plano superior... Eu quero ficar!... Forte pelo pensamento e desdenho os avisos que ressoam perto de mim... Vejo claro...Um crime! É uma palavra! O crime existe em toda parte. Quando é executado pelas massas, é glorificado, quando é praticado por uma pessoa é amaldiçoado. É um absurdo!

“Não quero que me lamentem... nada peço... eu me basto e saberei muito bem lutar contra essa odiosa luz”.

*Aquele que ontem era um homem*

Esta comunicação foi analisada na sessão seguinte. Reconhecemos, mesmo no cinismo da linguagem, um grande ensinamento e vimos na situação desse infeliz uma nova fase do castigo que espera o culpado. Com efeito, enquanto uns são mergulhados nas trevas ou no isolamento absoluto, outros sofrem, por longos anos, as angústias de sua última hora, ou se acreditam ainda neste mundo. Para estes, aqui a luz brilha. Seu Espírito desfruta da plenitude das faculdades, sabe perfeitamente que está morto e não se lamenta de nada, não pede nenhuma assistência e ainda desafia as leis divinas e humanas. Teria escapado à punição? Não, mas a justiça de Deus se completa sob todas as formas e aquilo que faz a alegria de uns é um tormento para outros: essa luz é seu suplício, contra o qual se obstina e, apesar de seu orgulho, confessa, quando diz: *“Eu me basto e saberei muito bem lutar contra essa odiosa luz”*. E também nesta outra frase: *“A luz me ofusca e me invade, como uma flecha aguda, no íntimo de meu ser.”* Estas palavras *“íntimo do meu ser”* são características, reconhece que seu corpo é fluídico e penetrável pela luz, à qual não pode escapar e esta luz o transpassa como uma flecha aguda.

Este Espírito foi colocado entre os endurecidos, porque ficou muito tempo sem manifestar o menor arrependimento. É um exemplo da verdade de que o progresso moral nem sempre segue o intelectual. Entretanto, pouco a pouco se corrigiu e, mais tarde, comunicou-se com sabedoria racional e instrutiva. Hoje, pode ser colocado entre os Espíritos arrependidos.



Pedimos a nossos guias espirituais que dessem suas opiniões sobre esse assunto, e eles ditaram as três seguintes comunicações, que merecem a mais séria atenção.

## I

“Sob o ponto de vista de suas existências, os Espíritos, quando na erraticidade, ficam inativos e em espera. Entretanto, podem expiar, desde que seu orgulho, a tenacidade enorme e teimosa de seus erros não os retenham, no momento de sua ascensão progressiva. Vocês têm um exemplo terrível disso, na última comunicação desse criminoso endurecido, se debatendo contra a justiça divina, que o constrange, depois da justiça dos homens. Neste caso, a expiação – ou o sofrimento fatal que os oprime – em vez de ser proveitosa e de fazê-los sentir o profundo significado de suas penas, os exalta na revolta e os faz exagerarem suas lamentações, o que a Escritura, em sua poética eloquência, chama de *ranger de dentes*. Excelente imagem! Símbolo do sofrimento abatido, mas insubmisso! Perdido na dor, a revolta é ainda muito grande e se recusa a reconhecer a verdade da pena e a verdade da recompensa!

“Os grandes erros muitas vezes continuam, e quase sempre, também no mundo dos Espíritos. O mesmo acontece com as grandes consciências criminosas. Ter consciência de si e, apesar de tudo, desfilhar pelo infinito parece a cegueira do homem que contempla as estrelas e as imagina serem arabescos no teto, como acreditavam os gauleses, no tempo de Alexandre<sup>1</sup>.

“O infinito moral existe! Miserável, ínfimo é aquele que, com a desculpa de continuar as lutas e o charlatanismo abjetos da Terra, não vê mais longe no outro mundo, do que neste aqui em baixo! Para esse, sobra a cegueira, o desprezo dos outros, o egoísmo e a mesquinha personalidade, a paralisação do progresso! É bem verdade, homens, que existe um acordo secreto entre a imortalidade de um nome limpo sobre a Terra e a imortalidade que conservam realmente os Espíritos em suas provas sucessivas.”

*Lamennais*

---

<sup>(1)</sup> **Nota da tradução:** Fim do século IV a.C.

## II

“Lançar um homem nas trevas ou em ondas de claridade: não dá o esmo resultado? Em um ou em outro caso, ele não vê nada à sua volta e se acostumará mesmo mais rapidamente ao escuro do que à triste claridade elétrica na qual pode ser mergulhado. Então, o Espírito que se comunicou na última sessão exprime bem a verdade da situação contra a qual grita: “Oh, me livrarei desta odiosa luz!” De fato, esta luz é tanto mais horrível quanto atroz, na medida em que o transpassa completamente e torna visíveis e aparentes seus mais secretos pensamentos. Esse é um dos lados mais duros de seu castigo espiritual. Está, por assim dizer, em uma casa de vidro, como pedia Sócrates<sup>2</sup>, e é ainda um ensinamento, porque aquilo que poderia ter sido a alegria e a consolação do sábio se transforma em punição infame e contínua para o mau, o criminoso, o parricida, assustado por sua própria personalidade.

Imaginem, meus filhos, a dor e o terror que devem atingir aquele que, durante uma existência sinistra, se alegrava em combinar, em maquinar os mais tristes crimes no íntimo de seu ser, como um animal selvagem em sua caverna e que, hoje, é privado desse refúgio íntimo, em que se escondia de seus contemporâneos? Agora, foi-lhe arrancada a máscara de indiferença e cada um de seus pensamentos se reflete sucessivamente em seu rosto!

Sim, de agora em diante não há nenhum repouso, nenhum asilo para esse grande criminoso. Cada mau pensamento – e Deus sabe se sua alma os tem – o trai por dentro e por fora, como um grande choque. Quer se esconder da multidão e a luz odiosa o coloca continuamente visível. Quer fugir, corre ofegante e desesperado através de espaços imensuráveis e há luz por toda a parte! Em todo lugar os olhares se dirigem para ele! Precipita-se de novo, em busca da escuridão, à procura da noite, e a sombra e a noite não existem para ele. Chama a morte para ajudá-lo, mas é morte é apenas uma palavra sem sentido. O infeliz foge sempre! *Caminha para a loucura espiritual*, castigo terrível! Dor horrível, em que ele se debate para se livrar de si mesmo. Porque essa é a

---

<sup>(2)</sup> **Nota da tradução:** Nasceu em Atenas, Grécia, em 470 ou 469 a.C. Morreu com 71 anos.

lei suprema, depois da Terra, o culpado se transforma por si mesmo em seu mais implacável castigo.

“Quanto tempo isto vai durar? Até o momento em que sua vontade, enfim vencida, se curvará sob a opressão dolorosa do remorso e quando sua fronte soberba se humilhará diante de suas vítimas apaziguadas e diante dos Espíritos da justiça. E vejam a grande lógica das leis imutáveis, nisto ainda ele cumprirá o que escrevia na arrogante comunicação, tão clara, tão lúcida e tão tristemente cheia de si mesma, que deu na sexta-feira última, por um ato de sua própria vontade.”

*Erasto*

### III

“A justiça humana não faz distinção de individualidade dos seres que castiga, medindo o crime por si mesmo. Atinge indistintamente aqueles que o cometeram e a mesma pena é atribuída ao culpado, sem distinção de sexo ou de grau de educação. A justiça divina procede diferente: *as punições são impostas de acordo com o grau de progresso dos culpados*. Crimes iguais não significam que os indivíduos sejam iguais. Dois homens culpados pela mesma cláusula podem ser separados pela distância das provas, que mergulham um na sombra intelectual dos primeiros círculos iniciadores, enquanto que o outro, já tendo ultrapassado este grau, possui a lucidez que liberta o Espírito da confusão. Então, não são mais as trevas que castigam e sim a intensidade da luz espiritual, que transpassa a inteligência terrena e o faz sentir a angústia de uma ferida aberta.

“Os seres desencarnados que são atormentados pela representação material de seu crime sofrem o choque da eletricidade física: sofrem pelos sentidos. Aqueles que já estão desmaterializados pelo Espírito sentem uma dor muito superior, que aniquila, por meio de ondas amargas, a lembrança dos fatos, para que reste somente a noção de suas causas.

“O homem pode, então, apesar da criminalidade de suas ações, possuir um avanço interior e, enquanto as paixões o levam a agir como um bruto, suas faculdades escondidas o elevam acima da espessa atmosfera das camadas inferiores. A ausência de ponderação, de equilíbrio

entre o progresso moral e o progresso intelectual produz as anomalias muito frequentes nas épocas de materialismo e de transição.

“A luz que tortura o Espírito culpado é o raio espiritual que inunda de claridade os espaços secretos de seu orgulho e põe à mostra a futilidade de seu ser despedaçado. Esses são os primeiros sintomas e as primeiras angústias da agonia espiritual que anunciam a separação ou a dissolução dos elementos intelectuais e materiais, que compõem a primitiva dualidade humana e que devem desaparecer na grande unidade do ser realizado.

*Jean Reynaud*

As três comunicações, obtidas simultaneamente, se completam e apresentam o castigo sob um novo aspecto eminentemente filosófico e racional. É provável que os Espíritos, querendo tratar essa questão a partir de um exemplo, tenham provocado, com este objetivo, a comunicação espontânea do Espírito culpado.

Ao lado deste quadro real, para estabelecer um paralelo, eis a descrição do inferno que fez um pregador, em sermão, na cidade de Montreuil-sur-Mer, em 1864, durante a quaresma:

“O fogo do inferno é milhões de vezes mais intenso do que o da Terra, e se um dos corpos que lá queimam, sem se consumir, fosse lançado sobre nosso planeta, o empestearia inteiro! O inferno é uma enorme e escura caverna, cheio de lanças ponteagudas, de lâminas de espadas bem cortantes, de lâminas de navalhas muito afiadas, nas quais são lançadas as almas dos danados”.

(Ver a *Revista Espírita*, julho de 1864, página 199.)

## **Angela, nulidade sobre a Terra** (Bordeaux, 1862)

Um Espírito apresenta-se espontaneamente ao médium, com o nome de Angela.

I – Você se arrepende de seus erros?

R – Não.

– Então por que vem até mim?

R – Para experimentar.

– Então não está feliz?

– Não.

– Sofre?

– Não.

– O que lhe falta?

– A paz.

Certos Espíritos só consideram como sofrimento o que lhes lembra a dor física, mesmo se considerando que seu estado moral seja intolerável.

2 – Como pode lhe faltar a paz, no mundo espiritual?

R – Uma mágoa do passado.

– A mágoa do passado é um remorso. Você não se arrepende?

R – Não. Tenho medo do futuro.

– Qual sua dúvida?

R – O desconhecido.

3 – Você quer me dizer o que fez em sua última existência? Talvez isso me ajude a esclarecê-la.

R – Nada.

4 – Qual era sua posição social?

R – Mediana.

– Era casada?

R – Casada e mãe.

– Cumpria com zelo os deveres dessa dupla posição?

R – Não, meu marido me aborrecia e meus filhos também.

5 Como foi sua vida?

R – A me divertir enquanto solteira e a me aborrecer enquanto casada.

– Quais eram suas ocupações?

R – Nenhuma.

– Quem cuidava de sua casa?

R – A empregada.

6 Não seria nessa inutilidade que você deveria procurar a causa de sua mágoa e seus medos?

R. – Talvez você tenha razão.

– Não basta apenas concordar. Você gostaria, para reparar essa existência inútil, de ajudar os Espíritos culpados que sofrem à nossa volta?

R. – Como?

– Ajudando-os a melhorar, com seus conselhos e preces.

R. – Não sei rezar.

– Rezaremos juntos, você aprenderá. Quer?

R. – Não. – Por quê?

– Porque me cansa.

*O guia do médium* – Damos instrução, colocando diante de você os diversos graus de sofrimento e de posição dos Espíritos condenados à expiação, em consequência de seus erros.

Angela era uma dessas criaturas sem iniciativa, cuja vida era tão inútil aos outros quanto a ela mesma. Só gostava do prazer, era incapaz de procurar no estudo, no cumprimento dos deveres para com a família e a sociedade, as únicas satisfações do coração que podem fazer o encanto da vida, porque existem em todas as épocas. Só dedicou seus jovens anos às distrações frívolas. Depois, quando chegaram os deveres sérios, *o mundo estava vazio para ela, porque tinha o vazio no coração*. Sem defeitos sérios, mas sem qualidades, fez seu marido infeliz, colocou a perder o futuro de seus filhos, arruinando-lhes o bem-estar, com seu desleixo e preguiça. Deturpou a capacidade de julgamento e o coração dos filhos, primeiro, com seu exemplo, e depois os abandonando aos cuidados dos empregados, que ela nem se dava ao trabalho de escolher. Sua vida foi inútil ao bem e por isso mesmo ela é culpada, porque *o mal nasce da negligência ao bem*. Compreendam que não é suficiente não cometer os erros, é preciso praticar as virtudes que lhes são contrárias. Estudem os mandamentos do Senhor, pensem sobre eles e entenderão que colocam uma barreira que os segura à margem do mau caminho, os forcem ao mesmo tempo a voltar atrás, para retomar a via oposta, que leva ao bem. O mal é oposto ao bem, então aquele que quer evitá-lo deve entrar no caminho contrário. Sem isso, sua vida é nula, suas obras estão mortas. E Deus, nosso pai, não é o Deus dos mortos, mas o Deus dos vivos.

P – Posso perguntar qual teria sido a antepenúltima existência de Angela? A última deve ter sido a consequência da anterior.

R – Ela viveu a indolência beatífica e a inutilidade da vida monástica. Preguiçosa e egoísta por natureza, quis tentar a vida familiar, mas o Espírito progrediu muito pouco. Sempre rejeitou a voz íntima, que lhe mostrava o perigo. Tinha uma fraca vocação e preferiu se abandonar a fazer um esforço para abandoná-la no início. Hoje, ainda compreende o perigo de se manter nessa neutralidade, mas não sente forças para fazer o menor esforço para sair dessa situação. Ore por ela, acorde-a, force seus olhos a se abrirem para a luz: é um dever e não se negligencia nenhum dever.

O homem foi criado para a atividade: a atividade de Espírito é sua essência, a do corpo é uma necessidade. Preencha então as condições de sua existência, como Espírito destinado à paz eterna. A serviço do Espírito, seu corpo é apenas uma máquina, submetida à sua inteligência. Trabalhe, cultive a inteligência, para dar um impulso saudável ao instrumento que deve ajudá-la a cumprir sua tarefa. Não a deixe nem em repouso nem nas trevas e lembre-se de que a paz que você deseja só lhe será dada depois do trabalho. Quanto mais tempo você negligenciar o trabalho, mais durará a ansiedade da espera.

Trabalhe, trabalhe sem parar. Cumpra todos seus deveres, sem exceção. Cumpra-os com zelo, com coragem, com perseverança, e sua fé o sustentará. Aquele que cumpre com consciência a tarefa mais ingrata, a mais insignificante na sua sociedade, é cem vezes mais elevado aos olhos do Todo-Poderoso do que aquele que impõe esta tarefa aos outros e negligencia a própria. Tudo é degrau para subir ao céu: não o quebre sob seus pés, leve em conta que você está cercado de amigos que lhe estenderão as mãos e que apoiam aqueles que direcionam suas forças para o Senhor.

*Monod*

## **Um Espírito Aborrecido** (Bordeaux, 1862)

Este Espírito se apresenta espontaneamente ao médium e pede preces.

1 – O que o leva a pedir preces?

R – Estou cansado de vagar sem objetivo.

P – Há muito tempo está assim?

R – Faz cento e oitenta anos mais ou menos.

P – O que fez na Terra?

R – Nada de bom.

2 – Qual sua posição entre os Espíritos?

R – Estou entre os entediados.

P – Não é uma categoria.

R – Tudo forma uma categoria entre nós. Cada sensação encontra ou semelhantes ou aqueles que são simpáticos e todos se agrupam.

3 – Por que, se não estava condenado ao sofrimento, ficou tanto tempo sem progredir?

R – Estava condenado ao aborrecimento. É um sofrimento entre nós. Tudo o que não é alegria é dor.

P – Você foi forçado a ficar vagando contra sua vontade?

R – São causas muito sutis para sua inteligência material.

P – Tente me fazê-las entender, vai ser um bom começo para você.

R – Eu não poderia, não existe termo de comparação. Uma vida apagada na Terra deixa ao Espírito que não a aproveitou o mesmo que o fogo deixa do papel que queimou: as faíscas, que lembram as cinzas ainda presas a elas e que foram a causa da queima do papel. Essas faíscas são a lembrança dos laços terrenos que marcam o Espírito, até que tenha dispersado as cinzas de seu corpo. Só depois disso se reencontra como essência etérea e deseja o progresso.

4 – O que pode causar o aborrecimento que você lamenta?

R – Consequência da existência. O aborrecimento é filho da ociosidade. Eu não soube ocupar os longos anos que passei sobre a Terra e a consequência se faz sentir em nosso mundo.

5 – Os Espíritos que, como vocês, foram tomados de tédio, não podem liberta-se dessa contingência desde que o desejem?

R – Não, nem sempre, porque o tédio lhes paralisa a vontade. Sofrem as consequências de sua existência, foram inúteis, não tiveram qualquer iniciativa, não encontram nenhuma colaboração entre eles. Estão abandonados a si mesmos, até que o cansaço desse estado neutro



lhes faça desejar mudar. Então, quando a menor vontade é despertada, encontram apoio e bons conselhos, para ajudá-los a perseverarem em seus esforços.

6 – Poderia me dizer alguma coisa sobre sua vida terrena?

R – Infelizmente, muito pouca coisa, você deve entender. O aborrecimento, a inutilidade, a ociosidade vêm da preguiça. A preguiça é a mãe da ignorância.

7 – Suas existências anteriores não o fizeram progredir?

R – Sim, todas, mas muito pouco, porque cada uma era reflexo da anterior. Sempre há progresso, mas tão pequeno que nem dá para notar.

8 – Enquanto espera uma nova existência, gostaria de vir sempre aqui?

R – Chame-me, para me forçar a vir e você me ajudará.

9 – Por que sua letra muda tanto?

R – Porque você pergunta muito e isso me cansa. Tenho necessidade de ajuda.

*O guia do médium* – É o trabalho da inteligência que o cansa e nos obriga a ajudá-lo, para que possa responder a suas perguntas. É um desocupado no mundo dos Espíritos, como o foi no mundo terreno. Nós o trouxemos para tentar tirá-lo da apatia e desse aborrecimento, que é um verdadeiro sofrimento, mais penoso, às vezes, do que os sofrimentos intensos, porque pode se prolongar indefinidamente. Você pode imaginar a tortura da perspectiva de um aborrecimento sem fim? A maior parte dos Espíritos desta categoria *só procura uma existência na Terra como distração* e para quebrar a insuportável monotonia de sua existência espiritual. Assim, chegam sem resoluções bem definidas para o bem e são obrigados a recomeçar sempre, até que finalmente alcancem o progresso real.

## **A rainha de Oude**

**Morta na França, em 1858**

1 – O que você sentiu quando deixou a vida terrena?

R – Não saberia dizer, ainda estou confusa.

P – Você está feliz?

R – Lamento a vida... não sei... sinto uma enorme dor, de que a vida me livraria... queria que meu corpo se levantasse do túmulo.

2 Você lamenta não ter sido enterrada em seu país e estar entre os cristãos?

R – Sim, a terra indiana pesaria menos sobre meu corpo.

P – O que achou das honras fúnebres que lhe foram prestadas?

R – Foram bem poucas. Eu era rainha e todos dobravam os joelhos diante de mim... Deixe-me... forcem-me a falar... não quero que você saiba o que sou agora... saiba que fui rainha...

3 – Respeitamos sua categoria e pedimos que nos responda, para nos instruir. Você acha que um dia seu filho recuperará os Estados que pertenceram a seu pai?

R – Certamente, meu sangue reinará, é digno.

P – Você continua dando à reintegração de seu filho a mesma importância que dava quando vivia?

R – Meu sangue não pode se misturar ao da multidão.

4 – Não foi possível encontrar em sua certidão de óbito o local de seu nascimento. Você poderia dizer agora?

R – Nasci do mais nobre sangue da Índia. Acho que nasci em Delhi<sup>3</sup>.

5 – Você, que viveu os esplendores do luxo, que foi cercada de honras, o que pensa de tudo isso agora?

R – Eu tinha direito a tudo.

– A categoria que você ocupou na Terra lhe dá algo mais elevado no mundo em que está hoje?

R – Sempre sou rainha... quero que mandem escravos para me servirem... não sei... parece que não cuidam de mim aqui... entretanto sou sempre eu mesma.

6 – Você pertence a uma religião muçulmana ou hindu?

R – Muçulmana, mas era muito grande para me preocupar com Deus.

P – Que diferença você vê entre a religião muçulmana e a cristã, do ponto de vista da felicidade da Humanidade?

R – A religião cristã é absurda, diz que somos todos irmãos.

---

<sup>(3)</sup> **Nota da tradução:** Nova Delhi, a atual capital da Índia.

– Qual sua opinião sobre Maomé?

R – Ele não era filho de rei.

– Acredita que ele teve uma missão divina?

R – O que me importa isto?

– Qual sua opinião sobre o Cristo?

R – O filho do carpinteiro não é digno de ocupar meu pensamento.

7 – O que você pensa do costume das mulheres muçulmanas de se esconderam dos olhares dos homens?

R – Penso que as mulheres são feitas para dominar: eu era mulher.

– Você tem alguma inveja da liberdade que desfrutam as mulheres na Europa?

R – Não, não me importa esta liberdade. Por acaso são servidas de joelhos?

8 – Você se lembra de ter tido outras existências na Terra, antes desta, que você acaba de deixar?

R – Devo ter sido sempre rainha.

9 – Por que você respondeu tão rapidamente a nosso chamado?

R – Eu não queria, fui forçada... Você acha que me dignaria a responder? Quem é você perto de mim?

– Quem a forçou a vir?

R – Não sei... entretanto não deve ser alguém maior que eu.

10 – Com que forma você está aqui?

R – Sou sempre rainha... pensa que deixei de sê-lo? Você é pouco respeitoso... saiba que se fala de forma diferente com as rainhas...

11 – Se pudessemos vê-la, a veríamos com seus enfeites e joias?

R – Certamente!

– Como poderia ser que, em você tendo deixado tudo isto, seu Espírito mantivesse a aparência, principalmente de seus enfeites?

R – Não as deixei... Estou sempre bonita como era... não sei o que você pensa de mim! É verdade que nunca me viu.

12 – O que você sente por estar entre nós?

R – Se eu pudesse, não estaria, vocês me tratam com tão pouco respeito!

*São Luís* – Deixem-na, pobre perdida. Tenham piedade de sua

cegueira. Que lhes sirva de exemplo, vocês não sabem como sofre com seu orgulho.

Ao evocar esta majestade agora perdida no túmulo, não esperávamos resposta de grande profundidade, por causa da educação das mulheres daquele país, mas pensávamos encontrar neste Espírito senão a Filosofia, ao menos um sentimento mais verdadeiro da realidade e ideias mais sadias sobre as vaidades e grandezas daqui. Longe disso, este Espírito conservou com todas suas forças as ideias terrenas, o orgulho não perdeu suas ilusões, luta contra a própria fraqueza e deve realmente sofrer muito, por causa de sua impotência...

### **Xumène** **(Bordeaux, 1862)**

Um Espírito apresentou-se espontaneamente, com este nome, ao médium, habituada com este tipo de manifestação, porque sua missão parecia ser a de dar assistência aos Espíritos inferiores, que lhe eram trazidos por seu guia espiritual, com o duplo objetivo de instrução e de progresso.

P – Quem é você? Este nome é de homem ou de mulher?

R – De homem e tão infeliz quanto possível. Sofro todos os tormentos do inferno.

P – Se o inferno não existe, como você pode sofrer seus tormentos?

R – Pergunta inútil.

P – Se não interessa a você, outros podem ter necessidade de explicações.

R – Isto não me preocupa.

P – O egoísmo não está entre as causas de seu sofrimento?

R – Talvez.

P – Se você quiser alívio, comece a repudiar suas tendências.

R – Não se preocupe com isto, não é de sua conta. Comece a orar por mim, como ora pelos outros, depois a gente vê.

P – Se você não me ajuda com seu arrependimento, a oração terá pouca eficácia.

R – Se você fala em vez de orar, pouco vai ajudar meu progresso.

P – Então você quer progredir?

R – Talvez, não sei. O essencial é ver se a prece alivia meus sofrimentos.

P – Então se junte a mim, para a prece, com a firme vontade de obter o alívio.

R – Vá em frente.

P – (Após a oração do médium) – Está satisfeito?

R – Não como gostaria.

P – Um remédio aplicado pela primeira vez não pode curar imediatamente uma velha doença.

R – É possível.

P – Você voltará?

R – Sim, se você me chamar.

*O guia do médium* – Minha filha, você terá muito trabalho com este Espírito endurecido, mas quase não haveria mérito em salvar aqueles que não estão perdidos. Coragem! Persevere e conseguirá. Não existem Espíritos tão culpados, a ponto de não se poder recuperá-los pela persuasão e pelo exemplo. Porque os mais perversos Espíritos acabam por se emendar, ao longo do tempo. Se não se consegue trazer imediatamente todos os bons sentimentos, o que quase sempre é impossível, o sacrifício que se fez não está perdido. As ideias lançadas para eles atuam e os fazem refletir, mesmo sem querer. São sementes que, cedo ou tarde, darão seus frutos. Não se arrebenta uma pedra com a primeira marretada.

O que eu digo, minha filha, se aplica também aos encarnados e você deve compreender por que o Espiritismo, mesmo entre os que creem firmemente, não transforma imediatamente os homens em perfeitos. A crença é o primeiro passo. A fé vem em seguida e a transformação chegará, por sua vez. Mas, para muitos, será preciso vir se revigorar no mundo dos Espíritos.

Entre os endurecidos, não há só Espíritos perversos e maus. É grande o número daqueles que, sem fazer o mal, ficam para trás, por orgulho, indiferença ou apatia. Não são menos infelizes, porque sofrem tanto

mais quanto não são compensados, por causa da inércia, com as distrações do mundo. A perspectiva de infinito torna sua posição insuportável e, no entanto, não têm nem força nem vontade para sair. São aqueles que, ao encarnar, trazem suas existências desocupadas, inúteis para si e para os outros, e que quase sempre acabam por se matar, sem motivo sério, apenas por desgosto pela vida.

Estes Espíritos, em geral, são mais difíceis de se trazer ao bem do que aqueles francamente maus, porque estes últimos têm energia: uma vez esclarecidos, são tão ardorosos com o bem como o foram com o mal. Aos outros, sem dúvida, serão necessárias muitas existências, para um progresso sensível. Pouco a pouco, vencidos pelo tédio, como outros pelo sofrimento, procurarão uma distração em alguma ocupação que, mais tarde, se tornará uma necessidade para eles.

# CAPÍTULO VIII

## EXPIAÇÕES TERRENAS

### **Marcel, a criança do número 4**

Em um asilo do interior, havia um menino, com cerca de 8 ou 10 anos, em um estado difícil de descrever. Era só chamado como o número 4. Completamente deformado, por disformidade natural e em consequência da doença, suas pernas contorcidas chegavam ao pescoço. Era tão magro que a pele se feria na saliência dos ossos. Seu corpo era uma inteira ferida e seus sofrimentos eram terríveis. Pertencia a uma pobre família israelita e estava assim havia mais de quatro anos. Tinha inteligência notável para sua idade, sua doçura, paciência e resignação eram comoventes. O médico que cuidava dele, tocado de compaixão por este pobre ser, de alguma forma abandonado, porque lhe parecia que os pais não o visitavam com muita frequência, tinha muito interesse por ele, com quem gostava de conversar, atraído por sua inteligência precoce. Não só o tratava com bondade, como lia para ele, quando tinha tempo, e se surpreendia com a correção de seu julgamento sobre coisas que pareciam acima de sua idade.

Um dia, o menino lhe pediu: “Doutor, tenha a bondade de me dar mais daquelas pílulas que o senhor me receitou”. – “E por que, meu filho?” – respondeu o médico – “Já lhe dei o suficiente e tenho medo que uma quantidade maior faça mal a você”. Respondeu o garoto: – “Veja, sofro tanto que preciso me segurar para não gritar e orar a Deus que me dê forças para não perturbar os outros doentes que estão ao meu

lado. Muitas vezes tenho dificuldades em não perturbá-los. Essas pílulas me fazem dormir e durante este tempo não incomodo ninguém”.

Essas palavras são suficientes para mostrar a elevação da alma presa a esse corpo disforme. Onde essa criança teria buscado tais sentimentos? Não poderia ser no meio em que tinha sido educada e, por outro lado, na idade em que começara a sofrer, não tinha tido tempo para entender qualquer raciocínio. Os sentimentos eram inatos. Mas, com tão nobres instintos, por que Deus o condenaria a uma vida tão miserável e tão dolorosa, admitindo-se que tivesse criado esta alma ao mesmo tempo que este corpo, instrumento de tão cruéis sofrimentos? Sim, é preciso não reconhecer a bondade de Deus ou admitir que existe uma causa anterior, isto é, admitir a preexistência da alma e a pluralidade das existências. Essa criança morreu e seus últimos pensamentos foram para Deus e para o médico caridoso que dele teve piedade.

Depois de algum tempo, foi evocado na Sociedade de Paris, onde deu a seguinte comunicação (1863):

“Vocês me chamaram e vim para fazer com que minha voz seja ouvida além deste círculo, para tocar todos os corações. Tomara que o eco de minha voz vibre para todos os que estão na solidão, lembrando que a agonia na Terra prepara para as alegrias no céu e que o sofrimento é apenas a casca de um fruto delicioso, que dá coragem e resignação. Minha voz lhes dirá que sobre o pobre leito em que se aloja a miséria estão os emissários de Deus, cuja missão é ensinar à Humanidade que não existe dor que não se possa suportar, com a ajuda do Todo-Poderoso e dos bons Espíritos. Dirá ainda para se ouvirem as queixas se juntando às preces e compreenderem que há nessa mistura uma piedosa harmonia, muito diferente das entoações culpadas das queixas se misturando às blasfêmias.

“Um de seus bons Espíritos quis me ceder seu lugar esta noite<sup>1</sup>. Assim, é minha vez de lhes dizer algumas palavras, sobre o progresso de sua doutrina, que deve ajudar aqueles que encarnam entre vocês, para aprenderem a sofrer. O Espiritismo será o esteio indicador, que eles

---

<sup>(1)</sup> **Nota da tradução:** Santo Agostinho, pelo médium ao qual tem o hábito de se comunicar na Sociedade.



terão como exemplo e palavra. Então, as queixas se transformarão em gritos de alegria e choros de felicidade”.

P – Pelo que você diz, parece que seus sofrimentos não eram a expiação de erros anteriores.

R – “Não eram uma expiação direta, mas estejam certos de que toda dor tem uma causa justa. Aquele que vocês conheceram tão miserável foi bonito, grande, rico e bajulado. Tive bajuladores e cortesãos, era vaidoso e orgulhoso. Antigamente, fui muito culpado, reneguei Deus e fiz mal a meu próximo. Mas já expiei cruelmente, primeiro, no mundo dos Espíritos, e depois sobre a Terra. O que sofri durante apenas alguns anos, em minha última e curta existência, já tinha sofrido durante uma vida inteira, até a extrema velhice. Por meu arrependimento, entrei em graça diante do Senhor, que se dignou me confiar várias missões, e a última vocês conhecem. Pedi-a, para terminar minha depuração.

Adeus, meus amigos, voltarei algumas vezes entre vocês. Minha missão é de consolar e não de instruir, mas há muitos aqui que têm feridas escondidas e que ficarão contentes com minha vinda”.

*Marcel*

*O guia do médium* – Pobrezinho sofredor, fraco, cheio de feridas e disforme! Quantos gemidos fez ouvir nesse asilo da miséria e das lágrimas! E, apesar de tão novo, como era resignado e como sua alma já compreendia o objetivo de seus sofrimentos! Bem sabia que além do túmulo o esperava uma recompensa por tantas queixas sufocadas. Assim, pedia em favor daqueles que não tinham como ele a coragem de suportar seus males, daqueles principalmente que lançavam blasfêmias e não preces ao céu.

Se a agonia foi longa, a hora da morte não foi terrível. Sem dúvida, os membros convulsionados se torciam e mostravam aos assistentes um corpo deformado se revoltando contra a morte, a lei da carne, que quer viver, mesmo assim. Mas um anjo planava acima do leito do moribundo e cicatrizava seu coração. Depois, levou sobre suas asas brancas esta alma tão bela, que escapava do corpo disforme, dizendo: “Glória a vós, ó meu Deus!” E a alma subiu ao Todo-Poderoso, feliz e gritou:

“Eis-me aqui, Senhor. O Senhor me deu a missão de aprender a sofrer, suportei dignamente a prova?”

E agora o Espírito da pobre criança retoma suas proporções, plana no espaço, indo do fraco ao pequeno, dizendo a todos: “Esperança e coragem”. Completamente separado da matéria e das impurezas, está perto de vocês, fala-lhes, não mais com voz sofredora e queixosa, mas com vigorosa entonação: “Os que me viram, me olharam como uma criança que não lamentava, encontraram a calma para seus males e seus corações se fortaleceram pela doce confiança em Deus. Esse era o objetivo de minha curta passagem pela Terra”.

*Santo Agostinho*

## **Szymel Slizgol**

Era um pobre israelita de Vilna<sup>2</sup>, morto em maio de 1865. Durante trinta anos mendigou, com uma pequena cuia nas mãos. Em todos os lados da cidade se conhecia seu grito: “Lembrem-se dos pobres, das viúvas e dos órfãos!”. Durante esse tempo, Slizgol tinha juntado 90.000 rublos, mas não guardou um único centavo para si. Aliviava os doentes, que ele mesmo cuidava, pagava o ensino das crianças pobres, distribuía alimentos aos necessitados. À noite, preparava o rapé, que vendia para sustentar suas próprias necessidades. O que sobrava pertencia aos pobres. Szymel era só no mundo. No dia de seu enterro, grande parte da população da cidade seguiu seu caixão e as lojas foram fechadas.

### **(Sociedade Espírita de Paris, 15 de junho de 1865)**

*Evocação* – Muito feliz, enfim cheguei à plenitude que mais queria e pela qual paguei bem caro, estou aqui, entre vocês, desde o começo desta reunião. Agradeço-lhes por se ocuparem com o Espírito do pobre mendigo que, com alegria, tratará de responder a suas perguntas.

P – Uma carta, vinda de Vilna, nos fez conhecer particularidades notáveis de sua existência. Pela simpatia que nos inspira, tivemos o desejo de conversar com o senhor. Agradecemos por ter respondido a nosso chamado e, já que quer nos responder, ficaremos felizes de saber,

---

<sup>(1)</sup> **Nota da tradução:** Cidade da Lituânia, leste europeu.

para nossa instrução, qual é sua situação como Espírito e quais as causas que motivaram o tipo de vida de sua última existência.

R – Primeiramente, façam um favor a meu Espírito, que conhece sua verdadeira posição, de permitir que opine sobre o pensamento que tiveram sobre mim. Peço que me corrijam, se estiver errado.

Vocês acharam singular que a manifestação pública tenha sido tão grande, para homenagear um homem insignificante que soube, pela caridade, atrair uma tal simpatia. Não digo isso pelo senhor, caro mestre, nem por você, caro médium, nem por todos vocês, espíritas verdadeiros e sinceros, mas falo pelas pessoas indiferentes à crença. Não há nada de surpreendente. A força de pressão moral que a prática do Bem exerce sobre a Humanidade é tamanha que, por mais materialista que uma pessoa seja, sempre a admira. As pessoas saúdam o Bem, mesmo que tenham a tendência para o mal.

Agora, chego a suas perguntas, que não são ditadas pela curiosidade, mas simplesmente formuladas em favor da instrução geral. Então, já que tenho liberdade, vou contar, com a brevidade possível, quais as causas que motivaram e determinaram minha última existência.

Há muitos séculos, eu vivia com o título de rei ou ao menos de príncipe soberano. No círculo de meu poder, relativamente pequeno, perto de seus Estados atuais, era o mestre absoluto do destino de meus súditos. Agia como um tirano, como um carrasco. De caráter impetuoso, violento, avaro e sensual, imagine qual era a sorte daqueles pobres seres que viviam sob minhas leis. Abusei de meu poder, para oprimir os fracos, para colocar toda espécie de negócios, trabalhos, paixões e dores, a serviço de minhas próprias paixões. Assim, exigia um dízimo do produto da mendicância. Ninguém podia mendigar, sem que antes eu tivesse minha grande parte do produto que a piedade humana depositava na cuia da miséria. Mais que isso: para não diminuir o número de mendigos entre meus súditos, proibi os infelizes de darem a seus amigos, parentes e pessoas próximas a pequena parte que lhes sobrasse.

Em resumo, fui o mais impiedoso possível para com o sofrimento e a miséria.

Enfim perdi o que vocês chamam de vida, em meio a tormentos e sofrimentos horríveis. Minha morte foi um modelo de terror para aqueles que, como eu, mas em menor escala, compartilhavam minha maneira de ver as coisas. Fiquei no estado de Espírito errante durante três séculos e meio e, no fim desse tempo, compreendi que o objetivo da encarnação era bem diferente daquele que entendia, com meus sentidos grosseiros e obtusos. Obtive, com muitas preces, resignação e remorso, a permissão de tomar como tarefa material o apoio aos mesmos sofrimentos, e ainda mais, que eu tinha causado. Obtive essa permissão e Deus me deu o direito, por meu livre-arbítrio, de aumentar meus sofrimentos morais e físicos. Graças à ajuda de bons Espíritos que me assistiam, persisti em minha resolução de praticar o Bem, e lhes agradeço, porque me impediram de sucumbir na tarefa que tinha escolhido.

Enfim, completei uma existência que resgatou, por sua abnegação e caridade, o que a outra teve de cruel e injusta. Nasci de pais pobres, fiquei órfão bem cedo e aprendi a bastar-me a mim mesmo, numa idade em que ainda era considerado incapaz. Vivi só, sem amor, sem afeições e, mesmo no começo de minha vida, sofri as brutalidades que tinha feito aos outros. Dizem que todo dinheiro que recolhi foi usado para alívio de meus semelhantes. É verdade e posso acrescentar, sem ênfase nem orgulho que, muitas vezes, por intermédio de grandes privações, consegui aumentar a soma que me permitia fazer a caridade pública.

Desencarnei com calma, confiante no prêmio que tinha conseguido, pela reparação dos males que fiz em minha última existência e estou recompensado muito mais do que secretamente esperava. Hoje estou feliz, muito feliz em poder dizer que qualquer um que se engrandece será rebaixado e aquele que se humilha será engrandecido.

P – Peça-lhe que nos diga como foi sua expiação no mundo dos Espíritos, quanto tempo durou, depois de seu desencarne até o momento em que seu destino foi aliviado pelo efeito do arrependimento e das boas resoluções que tomou. Diga-nos também o que provocou essa mudança em suas ideias, no estado espiritual.

R – Você me faz voltarem à memória lembranças muito dolorosas! Como sofri!... Vocês querem saber a natureza de minha expiação. Ei-la, com todo seu horror.

Carrasco, como já disse, de toda forma de bons sentimentos, fiquei muito tempo, mas muito tempo mesmo, preso por meu perispírito a meu corpo em decomposição. Senti-me, até a completa putrefação, roído pelos vermes, o que me fazia sofrer muito! Quando fiquei livre dos laços que me prendiam ao instrumento de meu suplício, sofri outro ainda mais cruel. Depois do sofrimento físico, veio o sofrimento moral, que durou muito mais tempo ainda do que o primeiro. Periodicamente, e por uma força maior que a minha, era levado a rever minhas ações culpadas. Via física e moralmente todas as dores que fiz as pessoas sofrerem. Oh, meus amigos, como é terrível ver constantemente aqueles a quem se fez o mal! Vocês têm um pequeno exemplo na situação de confronto entre o acusado e a vítima.

Eis, em resumo, o que sofri durante três séculos e meio, até que Deus, tocado por minha dor e meu arrependimento, solicitado pelos guias que me assistiam, permitiu que eu tomasse a via de expiação que vocês conhecem.

P – Um motivo particular o fez escolher sua última existência na religião israelita?

R – Não escolhi, mas aceitei o conselho de meus guias. A religião israelita acrescentava uma humilhação a mais à minha vida de expiação, porque, sobretudo em alguns países, a maioria dos encarnados despreza os israelitas e principalmente os judeus mendigos.

P – Em sua última existência, com que idade começou a pôr em prática as resoluções que tinha tomado? Como lhe veio este pensamento? Enquanto exercia a caridade, com tanta abnegação, tinha algum intuição sobre a causa que o impulsionava?

R – Nasci de pais pobres, mas inteligentes e avaros. Ainda jovem, perdi a afeição e o carinho de minha mãe. Senti com sua perda uma tristeza muito mais forte, à medida que meu pai, dominado pela paixão do lucro, me abandonava completamente. Meus irmãos, todos mais velhos que eu, não pareciam perceber meus sofrimentos.

Outro judeu, movido mais pelo egoísmo do que pela caridade, me recolheu e me ensinou a trabalhar. Recuperou muito mais, com o produto de meus trabalhos, que inúmeras vezes eram muito maiores que minhas forças, do que tudo que devo ter lhe custado. Mais tarde, me libertei desse jugo e comecei a trabalhar para mim mesmo. Contudo, em toda parte, trabalhando ou descansando, era perseguido pela lembrança do carinho de minha mãe e, à medida que ia ficando mais velho, sua lembrança era mais viva em minha memória e eu tinha saudade de seus cuidados e de seu amor.

Logo mais, fiquei sozinho. A morte, em alguns meses, levou toda a minha família. Então começou se mostrar a maneira como eu passaria o resto de minha existência. Dois de meus irmãos tinham deixados filhos órfãos. Comovido pela lembrança do que tinha sofrido, quis preservar esses pequenos seres de uma juventude parecida com a minha, mas meu trabalho não era suficiente para a subsistência de todos. Comecei a pedir esmola, não por mim, mas para outros. Deus não devia me deixar a consolação de usufruir de meu esforço: os pobres pequenos me deixaram para sempre. Eu sabia bem o que lhes faltava: sua mãe. Resolvi então pedir a caridade para as infelizes viúvas, que não tinham o suficiente para si e seus filhos, e se impunham privações que as levavam ao túmulo, deixando pobres órfãos, abandonados e condenados aos tormentos que eu mesmo já tinha sofrido.

Tinha 30 anos, quando me viram, cheio de força e de saúde, mendigar para a viúva e o órfão. O começo foi difícil e tive que ouvir coisas humilhantes. Mas quando as pessoas perceberam que eu realmente distribuía para os pobres tudo o que recebia, quando me viram juntar ainda o que sobrava de meu trabalho, comecei a ter uma espécie de consideração que me agradava.

Vivi 60 e tantos anos e nunca deixei de fazer a tarefa que eu me tinha imposto. Jamais tive qualquer aviso de minha consciência, que me fizesse imaginar um motivo anterior à minha existência, que me fizesse agir como agia. Somente um dia, antes de começar a pedir, ouvi estas palavras: “Não faça aos outros o que você não gostaria que lhe fizessem”. Fiquei tocado com a moralidade dessas palavras e muitas

vezes me surpreendia, acrescentando-lhes mais estas: “Mas, ao contrário, faça-lhes o que gostaria que lhe fizessem”. A lembrança de minha mãe ajudava e eu continuava a caminhar em uma carreira que minha consciência me dizia ser boa.

Vou terminar essa minha longa comunicação, agradecendo-lhes. Ainda não sou perfeito, mas sei que o mal só leva ao próprio mal e faria de novo, como já fiz, todo o bem, para receber felicidade.

### **Julienne-Marie, a mendiga**

No município de Villate, perto de Nozai (região inferior do Loire)<sup>3</sup>, havia uma pobre mulher chamada Julienne-Marie, velha, doente, e que vivia da caridade pública. Um dia, caiu em um pântano, de onde foi retirada por um morador da região, M. A ....., que sempre a socorria. Levada para casa, morreu pouco tempo depois, em consequência do acidente. A opinião geral era de que quis se suicidar. No mesmo dia de sua morte, a pessoa que a tinha salvo, que é espírita e médium, sentiu uma espécie de leve toque de alguém que estaria por perto, sem entender o que seria. Assim que soube da morte de Julienne-Marie, pensou que poderia ter sido seu Espírito que teria vindo visitá-lo.

Seguindo o conselho de um de seus amigos, membro da Sociedade Espírita de Paris, a quem tinha contado o ocorrido, evocou a mulher, com o objetivo de lhe ser útil. Pediu conselho a seus guias protetores, de quem recebeu a seguinte resposta:

“Você pode evocá-la e ela ficará contente, embora o trabalho que você se propõe seja inútil para ela, que está feliz e toda voltada para aqueles que lhe são compadecidos. Você é um de seus bons amigos. Ela quase não sai de perto de você e conversa consigo, sem que você saiba. Cedo ou tarde os serviços prestados são recompensados, ou por aquele que é agradecido ou por aqueles que se interessam por ele, antes e depois da morte. Quando o Espírito não teve tempo de se reconhecer,

---

<sup>3</sup> **Nota:** Região central da França, às margens do Rio Loire, hoje famosa e turística por seus mais de trezentos castelos, além da produção de vinho. O Rio Loire possui em alguns trechos perigosa areia movediça.

são os outros Espíritos simpáticos que testemunham, em seu nome, todo seu reconhecimento. É isso que explica o que aconteceu a você, no dia do desencarne dela. Agora, é ela que o ajuda no bem que você quer fazer. Lembre-se do que disse Jesus: “Aquele que foi rebaixado será elevado” e você terá uma noção dos serviços que ela poderá prestar, se você só lhe pedir assistência, para ser útil a seu próximo”.

*Evocação* – Boa Julienne-Marie, você está feliz. É tudo o que eu queria saber e isso não me impedirá de pensar sempre em você e de nunca esquecê-la em minhas preces.

R – Tenha confiança em Deus, aconselhe seus doentes a terem uma fé sincera e você vencerá sempre. Jamais se preocupe com a recompensa por seus atos, pois ela será muito maior do que você espera. Deus sempre sabe recompensar, como merece, aquele que se dedica ao alívio de seus semelhantes e *age completamente desinteressado*. Sem isso, tudo é ilusão e fantasia. Antes de tudo, é necessário ter fé, caso contrário, nada se obterá. Lembre-se disto e ficará surpreso com os resultados. Os dois doentes que você curou são a prova: nas circunstâncias em que se encontravam, apenas com remédios, você teria fracassado.

Quando pedir a Deus que permita aos bons Espíritos derramarem sobre você os bons fluidos, se esse pedido não o fizer sentir um tremor involuntário, é porque sua prece não foi suficientemente fervorosa para ser ouvida. Só é ouvida nessas condições. É o que você sente, quando diz, do fundo do coração: “Deus Todo-Poderoso, Deus misericordioso, Deus de infinita bondade, escute minha prece e permita aos bons Espíritos que me assistam na cura de ..... Tenha piedade dele, meu Deus, e lhe devolva a saúde. Sem o Senhor, nada posso. Que seja feita Sua vontade”.

Você faz bem em não desdenhar os humildes. A voz daquele que sofreu e suportou com resignação as misérias desse mundo é sempre ouvida e, como vê, um serviço prestado sempre recebe sua recompensa.

Agora, uma palavra sobre mim, que confirmará o que acabei de dizer.

O Espiritismo lhe permite entender minha linguagem, como Espírito, sem que eu tenha necessidade de explicar. Acho também que é



inútil lhe contar sobre minha existência anterior. A posição em que me encontrou sobre a Terra deve fazê-lo imaginar minhas outras existências, que não aconteceram sem reprovações. Condenada a uma vida de miséria, doente e sem poder trabalhar, mendiguei a vida inteira. Não acumulei dinheiro. Em meus velhos dias, minhas economias se limitavam a uma centena de francos<sup>4</sup>, que eu reservava para quando minhas pernas não pudessem mais me levar. Deus julgou que minha prova e minha expiação eram suficientes e colocou-lhes um fim, me livrando, sem sofrimento, da vida terrena, porque não me suicidei, como se acreditou no início. Morri de repente, na margem do pântano, quando endereçava minha última prece a Deus. Meu corpo estava dentro da água, por causa da inclinação do terreno.

Não sofri, estou contente por ter podido completar minha missão, sem entraves e com resignação. Tornei-me útil, na medida de minhas forças e de minhas condições e evitei fazer mal a meu próximo. Hoje, recebo a recompensa e dou graças a Deus, nosso Divino Mestre, que ameniza a amargura das provas, nos fazendo esquecer, durante a vida, nossas antigas existências e põe em nossos caminhos almas caridosas, para nos ajudar a suportar o fardo de nossos erros do passado.

Persevere também você, como eu, e será recompensado. Agradeço suas preces e a ajuda que me deu, que jamais esquecerei. Um dia nos reencontraremos e muitas coisas lhe serão explicadas. No momento, seria supérfluo. Saiba apenas que lhe sou completamente devotada e que estarei sempre a seu lado, quando precisar de mim para aliviar aquele que sofre.

*A pobre velhinha, Julienne-Marie.*

O Espírito de Julienne-Marie foi evocado na Sociedade de Paris, em 10 de junho de 1864, e ditou a comunicação a seguir:

“Obrigada por me admitir em seu meio, caro presidente. Você presentiu que minhas existências anteriores eram mais elevadas socialmente. Se voltei a me submeter a essa prova de pobreza, foi para me punir de

---

<sup>(4)</sup> **Nota da tradução:** Franco era a moeda que circulava na França, até a adoção do euro.

um vão orgulho, que me fez rejeitar tudo o que era pobre e miserável. Então, sofri esta justa lei de talião<sup>5</sup>, transformando-me na mais horrosa mendiga desta região e, para me provar a bondade de Deus, não fui rejeitada por todos, o que era meu maior medo. Assim, pude suportar minha prova sem reclamar, pressentindo uma vida melhor, à qual não deveria mais voltar, nesta Terra de exílio e de calamidade.

“Que felicidade o dia em que nossa alma, ainda jovem, pode voltar à vida espiritual para rever os entes queridos! Porque eu também gostei e fiquei feliz de ter reencontrado aqueles que me precederam. Obrigada a este bom senhor A., que me abriu a porta do reconhecimento. Sem sua mediunidade, não teria podido agradecer-lhe, provar-lhe que minha alma não esquece as felizes influências de seu bom coração e recomendar-lhe que divulgue sua divina crença. Ele foi chamado a reunir as almas desgarradas e pode estar certo de meu apoio. Sim, posso lhe devolver multiplicado por cem o que ele me fez, instruindo no caminho que vocês percorrem. Agradeçam ao Senhor por ter permitido que os Espíritos pudessem lhes dar as instruções a fim de encorajar o pobre em seus sofrimentos e para deter os ricos em seu orgulho. Saibam compreender a vergonha que há em rejeitar um infeliz. Que eu lhes sirva de exemplo, para evitar de virem, como eu, expiar seus erros, por meio dessas dolorosas posições sociais, que os põem tão baixo e fazem das pessoas a escória da sociedade.

*Julienne-Marie*

Esta comunicação foi transmitida ao sr. A. ... que depois obteve a seguinte, que confirma a anterior:

P – Boa Julienne-Marie, já que você quer me ajudar com seus bons conselhos, para me fazer progredir no caminho de nossa divina doutrina, comunique-se comigo, farei todo esforço para aproveitar seus ensinamentos.

R – Lembre-se da recomendação que farei e nunca a esqueça. Seja sempre caridoso, na medida de seus meios. Você compreende

---

<sup>(5)</sup> **Nota da tradução:** Talião deriva de *talhes=tal*, ou seja, sangue por sangue, olho por olho, dente por dente. Inicialmente, foi adotada no Código de Hamurabi, na Babilônia, e nas leis das XII tábuas, em Roma.

suficientemente a caridade, tal como se deve praticá-la, em todas as posições da vida terrena. Então, não preciso vir ensiná-lo sobre esse assunto. Você mesmo será o melhor juiz, seguindo sempre a voz de sua consciência, que jamais o enganará, se a ouvir sinceramente.

Não exagere muito nas missões que tem para completar. Grandes e pequenos, cada um tem a sua. A minha foi penosa, mas eu merecia semelhante punição, por minhas existências anteriores, como vim me confessar ao bom presidente da Sociedade-máter de Paris, à qual todos se juntarão um dia. Este dia não está tão longe quanto você pensa. O Espiritismo caminha a passos de gigante, apesar de tudo o que se faz para entravá-lo. Caminhem todos sem medo, fervorosos adeptos da doutrina, e seus esforços serão coroados de sucesso. Não se importem com o que dirão de vocês! Coloquem-se acima de uma crítica insignificante, que voltará para recair sobre os adversários do Espiritismo.

Ah! os orgulhosos! Acreditam ser fortes e pensam que podem facilmente abatê-los. Vocês, meus bons amigos, fiquem tranquilos e não tenham receio de se medirem com eles, são mais fáceis de vencer do que vocês imaginam. Muitos entre eles têm medo e duvidam que a verdade não lhes venha, enfim, ofuscar os olhos. Esperem e eles virão, a seu tempo, ajudar no coroamento do edifício.

*Julienne-Marie*

Fato repleto de ensinamento, para qualquer pessoa que medite sobre as palavras deste Espírito, nas três comunicações, que reúnem os grandes princípios do Espiritismo. Desde a primeira, o Espírito mostra sua superioridade, pela linguagem. Semelhante a uma fada benevolente, essa mulher, hoje resplandecente, e como que metamorfoseada, vem proteger aquele que não teve repulsa por seus farrapos de miséria. É uma grande aplicação dessas máximas do Evangelho: “Os grandes serão rebaixados e os pequenos serão elevados. Bem-aventurados os humildes, bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados. Não desprezem os pequenos, porque o que é pequeno neste mundo pode ser muito maior do que vocês imaginam”.

## Max, o mendigo

Em uma pequena cidade da Baviera<sup>6</sup>, por volta de 1850, morreu um velho quase centenário, conhecido como pai Max. Ninguém sabia bem sobre sua origem, porque ele não tinha família. Havia quase meio século que, atingido por doenças que o impediam de ganhar a vida com o trabalho, só tinha como recurso a caridade pública, que ele dissimulava, indo às fazendas e castelos, vender almanaques e outras miudezas.

Tinham-no apelidado de conde Max, e as crianças só o chamavam de senhor conde, ao que ele sorria, sem se ofender. Por que este título? Ninguém sabia, mas acabou pegando, por hábito. Talvez fosse por causa de sua fisionomia e de suas maneiras, cuja distinção contrastava com os farrapos que vestia. Alguns anos depois de sua morte, apareceu em sonho para a filha do proprietário de um dos castelos, onde era recebido na estrebaria, já que não tinha domicílio fixo, e disse: “Obrigado por se lembrar do pobre Max em suas preces, porque foram ouvidas pelo Senhor. Alma caridosa, que está interessada no infeliz mendigo, a senhora quer saber quem sou. Vou satisfazê-la, o que será de grande instrução para todos”.

E contou o seguinte:

“Há cerca de um século e meio, eu era um rico e poderoso senhor nesta região, mas era vaidoso, orgulhoso e presunçoso, por minha nobreza. Minha imensa fortuna só serviu a meus prazeres e quase não foi suficiente, porque eu era jogador, devasso, e passava a vida na orgia. Meus vassalos, que eu acreditava terem sido criados para meu uso, como os animais das fazendas, eram espezinhados e maltratados, para sustentarem meus desperdícios. Não ouvi suas queixas nem as de nenhum infeliz e achava que deveriam se sentir muito felizes e honrados por me servir. Morri não muito velho, esgotado pelos excessos, mas sem ter sido verdadeiramente infeliz. Ao contrário, tudo parecia me sorrir, de forma que os outros me achavam a pessoa mais feliz do mundo. Minha categoria social me proporcionou um enterro suntuoso, os farristas lamentaram a perda do amigo rico, mas nenhuma lágrima foi

---

<sup>(6)</sup> **Nota da tradução:** A Baviera é um dos países mais antigos da Europa, localizado nos Alpes e integrado à República alemã.

derramada sobre meu túmulo, nenhuma prece de coração foi dirigida a Deus, em minha intenção, e minha memória foi amaldiçoada por todos aqueles que levei à miséria. Ah, como é terrível a maldição daqueles que fizemos infelizes! Essa maldição não parava de ressoar em meus ouvidos, durante longos anos, que me pareceram uma eternidade! E à morte de cada uma de minhas vítimas, era uma nova figura ameaçadora ou irônica que se dirigia a mim e me perseguia sem descanso, sem que eu pudesse encontrar um canto escuro para me esconder! Nenhum olhar amigo! Meus velhos companheiros de farra, infelizes como eu, fugiam de mim e pareciam me dizer, com desprezo: “Você não pode mais satisfazer nossos prazeres”. Oh, eu teria pago muito caro por um instante de repouso, um copo de água, para estancar a sede ardente que me devorava! Mas não possuía mais nada e *todo o ouro que esparramei pela Terra, a mãos cheias, não produziu nenhuma bênção, nenhuma única, entende, meu filho?*

“Enfim, sobrecarregado de fadiga, esgotado, como um viajante cansado, que não vê o fim da estrada, eu gritava: ‘Meu Deus, tenha piedade de mim! Quando vai acabar esta horrível situação?’ Então, uma voz – a primeira que ouvi, depois que tinha deixado a Terra – me disse: – ‘Quando você quiser’. Respondi: ‘O que é preciso fazer, grande Deus?’

Diga-me e farei tudo o que precisar!” E ouvi: – ‘É preciso se arrender, se humilhar diante daqueles que você humilhou, pedir-lhes que intercedam por você, porque a prece do ofendido que perdoa é sempre agradável ao Senhor’. Eu me humilhei, pedi a meus vassalos, meus servidores que estavam diante de mim e suas figuras, cada vez mais benevolentes, acabaram por desaparecer. Logo, começou para mim uma nova vida, a esperança tomou lugar do desespero e agradei a Deus com todas as forças de minha alma. Em seguida, a voz me disse: – ‘Príncipe!’ e respondi: – ‘aqui só há um príncipe, que é Deus Todo-Poderoso, que humilha os soberbos. Perdoe-me, Senhor, porque pequei. Faça de mim o servidor de meus servidores, se essa é Sua vontade’.

“Alguns anos mais tarde, nasci de novo, mas desta vez em uma família de pobres aldeões. Meus pais morreram quando eu ainda era criança e fiquei sozinho e sem apoio no mundo. Ganhei minha vida como pude,

fui servente de pedreiro, trabalhador do campo, mas sempre honestamente, porque desta vez acreditava em Deus. Com 40 anos, uma doença me deixou paralítico e precisei mendigar por mais de cinquenta anos, nestas mesmas terras em que tinha sido o patrão absoluto, receber um pedaço de pão, nas fazendas que tinham sido minhas e onde, por amarga ironia, me deram o apelido de senhor conde e muitas vezes ficava bastante feliz, por encontrar um abrigo na estrebaria do castelo que tinha sido meu. Enquanto dormia, agradava-me percorrer este mesmo castelo que tinha dominado com despotismo. Quantas vezes, em sonhos, me vi cercado de minha antiga fortuna! Ao acordar, essas visões me davam um indefinível sentimento de amargura e de remorso, mas nunca lamentei nada. E quando foi a vontade de Deus lembrar-se de mim, eu bendisse, por me ter dado coragem de sofrer, sem reclamar, essa longa e penosa prova, de que hoje recebo a recompensa. E bendigo você, minha filha, por ter rezado por mim”.

Recomendamos este caso para aqueles que acham que os homens não teriam qualquer freio, se não tivessem a perspectiva das penas eternas, e nos perguntamos se a perspectiva de um castigo como o do pai Max é menos eficiente para fazer as pessoas não seguirem o caminho do mal do que a de torturas sem fim, nas quais ninguém mais acredita.

### **História de um empregado doméstico**

Em uma família de alta posição social, havia um jovem empregado doméstico que surpreendia pela figura inteligente e fina e pelo ar distinto. Nada, em suas maneiras, denotava pertencer a uma classe social baixa. Seu zelo, no serviço dos patrões, nada tinha daquela postura servil, própria de pessoas desta condição. No ano seguinte, voltamos a visitar essa família e não vimos mais o rapaz. Perguntamos se tinha sido mandado embora. “Não – responderam – ele foi passar alguns dias em sua cidade e morreu. Lamentamos muito, porque era uma excelente pessoa e tinha sentimentos *verdadeiramente acima de sua posição*. Era muito ligado a nós e nos deu prova de grande devotamento.”

Mais tarde, tivemos a ideia de evocar o rapaz e eis o que ele nos disse:

“Em minha penúltima encarnação, eu era, como se diz na Terra, de uma boa família, mas arruinada pelos exageros de meu pai. Fiquei órfão e sem recursos, muito jovem. Um amigo de meu pai me acolheu, me educou como se fosse seu filho, me deu uma boa educação, que me levou a um excesso de vaidade. Este amigo é hoje o senhor de G. ..., de quem vocês me viram empregado. Eu quis, em minha última existência, expiar meu orgulho, nascendo em uma posição servil e encontrei a ocasião de mostrar devotamento a meu benfeitor. Até mesmo salvei sua vida, sem que ele nem imaginasse. Ao mesmo tempo, era uma prova de que saí vitorioso, já que tive força suficiente para não me deixar corromper, em contato com um meio sempre cheio de vícios. Apesar dos maus exemplos, permaneci puro e agradeço a Deus, porque fui recompensado com a felicidade que desfruto.”

P – Em que circunstâncias você salvou a vida do senhor de G ...?

R – Em um passeio a cavalo, em que eu o seguia só e vi que uma enorme árvore caía para seu lado, sem que ele percebesse. Soltei um grito e o chamei. Ele virou rapidamente e a árvore caiu a seus pés. Se ele não tivesse virado, teria sido esmagado.

O senhor de G ... se lembrou perfeitamente desse fato.

P – Por que você morreu tão jovem?

R – Deus julgou suficiente minha prova.

P – Como pôde aproveitar essa prova, se não se lembrava da causa que a tinha motivado?

R – Em minha humilde posição, restava-me um instinto de orgulho, que eu ficava muito feliz em poder dominar, o que fez com que minha prova me fosse proveitosa. Sem isso, teria que recomeçar mais uma vez. Nos momentos de liberdade, meu Espírito se lembrava de algumas coisas e, quando acordava, tinha um desejo intuitivo de resistir às tendências que achava serem más. Tive mais mérito em lutar assim do que se me lembrasse do passado. A lembrança de minha antiga posição teria exaltado meu orgulho e me teria confundido, enquanto que, como tudo aconteceu, só tive que lutar pelo treinamento para minha nova posição.

P – Para que serviu a brilhante educação que você recebeu na última existência, já que não se lembrava dos conhecimentos adquiridos?

R – Esses conhecimentos teriam sido inúteis, um contrassenso, mesmo em minha nova posição. Ficaram latentes e hoje os recupero. Entretanto, não me foram inúteis, porque desenvolveram minha inteligência. Eu tinha instintivamente o gosto pelas coisas elevadas, que me inspirava a repulsa pelos exemplos baixos e ignóbeis que tinha a meu redor. Sem essa educação, *eu teria sido apenas um criado*.

P – Os exemplos de empregados devotados e abnegados para com seus patrões são causados por relações anteriores?

R – Não tenha dúvida, ao menos na maioria dos casos. Esses empregados, às vezes, são até mesmo membros da família, ou, como eu, abrigados que pagam uma dívida de reconhecimento e cujo devotamento ajuda a progredir. Vocês não imaginam todos os efeitos produzidos nesse mundo, pela simpatia ou antipatia, vindas de relações anteriores. Não, a morte não interrompe estas relações, muitas vezes se perpetuam por séculos e séculos.

P – Por que esses exemplos de devotamento de empregados são tão raros hoje em dia?

R – Por causa do espírito de orgulho e de egoísmo de seu século, desenvolvido pela incredulidade e pelas ideias materialistas. A verdadeira fé se afasta, por causa da ganância e desejo de ganho e assim se perde o devotamento. O Espiritismo, recuperando entre os homens o sentimento verdadeiro, fará renascer as virtudes esquecidas.

Nada melhor que esse exemplo para ressaltar o lado bom do esquecimento de existências anteriores. Se o senhor de G ... tivesse se lembrado de quem foi seu jovem empregado, teria ficado muito aborrecido com ele e nem mesmo o teria admitido. Teria, assim, entravado a prova que foi proveitosa para ambos.

---

<sup>(7)</sup> **Nota da tradução:** Lombardia é uma das regiões centrais da Itália.

<sup>(8)</sup> **Nota da tradução:** Apoplexia é uma “alteração cerebral, que se manifesta imprevisivelmente, acompanhada de privação dos sentidos e do movimento, determinada por lesão vascular cerebral aguda (hemorragia, embolia, trombose)”, conforme *dicionário Aurélio Século XXI*.



## Antonio B...

### Enterrado vivo – a pena de talião

O senhor Antonio B..., renomado escritor, estimado por seus conterrâneos, exerceu com distinção e integridade vários cargos públicos, na Lombardia, e morreu, por volta de 1850, de um ataque de apoplexia<sup>8</sup> estado de morte aparente, que infelizmente foi considerado como morte real, como às vezes acontece. O que facilitou o erro foi que as pessoas acreditaram ver em seu corpo alguns sinais de decomposição. Quinze dias depois do enterro, um fato bem casual fez sua família pedir a exumação: um medalhão tinha sido esquecido por descuido, dentro do caixão. Os assistentes ficaram estupefatos, na abertura do caixão, quando descobriram que o corpo tinha mudado de posição, tinha virado, e – coisa horrível! – uma das mãos estava meio comida pelo defunto. Ficou claro que o infeliz Antonio B... tinha sido enterrado vivo e deve ter morrido, oprimido pelo desespero e pela fome.

O senhor Antonio B... foi evocado na Sociedade de Paris, em agosto de 1861, a pedido de um parente, e deu as seguintes explicações:

1 – *Evocação* – O que querem de mim?

2 – Um de seus parentes nos pediu para evocá-lo e o fizemos com boa vontade. Ficaremos felizes se o senhor quiser nos responder.

R – Sim, quero.

3 – O senhor se lembra das circunstâncias de sua morte?

R – Ah, claro que sim! Por que despertar esta lembrança de castigo?

4 – É verdade que o senhor foi enterrado por descuido?

R –Tinha que acontecer, porque a morte aparente teve todas as características de uma morte real, eu estava quase exangue. Não se deve culpar ninguém por um fato previsto antes de meu nascimento.

5 – Se essas perguntas o perturbam, podemos parar.

R – Não, vamos continuar.

6 – Gostaríamos de saber que o senhor está feliz, já que deixou a reputação de um homem honesto.

---

<sup>(8)</sup> **Nota:** Apoplexia – sem sangue. Descoloração de pele, pela falta de sangue.

R – Agradeço muito, sei que oram por mim. Vou tentar responder, mas se não conseguir, um de seus guias completará.

7 – O senhor pode descrever as sensações que teve naquele horrível momento?

R – Oh, que prova dolorosa! Sentir-se fechado entre quatro tábuas, sem poder fazer nenhum gesto! Não poder chamar alguém, porque a voz não ressoa no vácuo. Oh, que tortura a de um infeliz que se esforça inutilmente para respirar, em um lugar sem ar! Horrível! Eu estava como um condenado, na boca de um forno sem calor. Oh, não desejo a ninguém uma tortura assim. Não, não desejo a ninguém um fim como o meu. Horrível! Cruel punição para uma cruel e feroz existência! Não me perguntem em que eu pensava, mas mergulhava no passado e entrevia vagamente o futuro.

8 – O senhor disse “cruel punição para uma feroz existência”, mas sua reputação, até hoje intocada, não faz supor nada de parecido com isso. Pode explicar?

R – A duração de uma existência não é nada na eternidade! Certo, tratei de agir bem em minha última encarnação. Mas tinha aceito esse fim, antes de voltar para a Humanidade. Ah, por que me perguntam sobre esse passado doloroso, que só eu e os Espíritos, ministros do Todo-Poderoso, conhecíamos? Saibam então, já que é preciso lhes contar, que em uma existência anterior, enterrei viva uma mulher, a minha! Completamente viva, em um túmulo! É a pena de talião, que devia me ser aplicada. Dente por dente, olho por olho.

9 – Agradecemos por responder nossas perguntas e pedimos a Deus para lhe perdoar o passado, em favor ao mérito de sua última existência.

R – Voltarei mais tarde. O Espírito de Erasto quer completar minha comunicação.

*O guia do médium* – O ensinamento que vocês devem apreender é que todas suas existências estão ligadas entre si e que nenhuma é independente das outras. Os tormentos, as lutas, as grandes dores que atingem os homens são sempre as consequências de uma vida anterior criminosa ou mal-empregada. Entretanto, devo lhes dizer que fins parecidos com

o de Antonio B... são raros e, se este homem, cuja última existência não teve nenhuma reprovação, terminou dessa maneira, foi porque ele mesmo pediu esse tipo de morte, para abreviar o tempo em que ficaria vagando e atingir mais rapidamente as elevadas esferas. De fato, depois de um período de confusão e de sofrimento moral para ainda expiar seu crime horrível, ele será perdoado e se elevará para um mundo melhor, onde reencontrará sua vítima, que o espera e há muito tempo o perdoou. Saibam então aproveitar este exemplo cruel, para suportar com paciência, meus caros espíritas, os sofrimentos corporais, os sofrimentos morais e todas as pequenas misérias da vida.

P – Que proveito a Humanidade pode tirar de semelhantes punições?

R – Os castigos não existem para desenvolver a Humanidade, mas para punir o indivíduo culpado. De fato, a Humanidade não tem qualquer interesse em ver sofrer um dos seus. Aqui, a punição foi apropriada à falta. Por que há loucos, idiotas, paralíticos? Por que morrem estes queimados, enquanto aqueles padecem as tortura de uma longa agonia entre a vida e a morte? Ah, acreditem, respeitem a soberana vontade e não procurem sondar as razões dos decretos providenciais. Saibam, Deus é justo e sabe muito bem o que faz.

*Erasto*

Não há nesse fato um grande e terrível ensinamento? Desse modo, a Justiça de Deus atinge sempre o culpado e, mesmo que algumas vezes seja tardia, não falha nunca. Não é eminentemente moral saber que, se grandes culpados terminam sua existência em paz e muitas vezes na abundância dos bens terrenos, chegará a hora de sua expiação, mais cedo ou mais tarde? Penas deste tipo são entendidas, não só porque de alguma maneira saltam a nossos olhos, mas porque são lógicas. Acredita-se nelas, porque são admissíveis pela razão.

Uma existência honrada não livra das provas da vida, porque as pessoas as escolheram ou aceitaram, como complemento de expiação. É o complemento de uma dívida, que se paga antes de receber o prêmio pelo progresso.

Se a gente considerar como nos séculos passados eram frequentes,

mesmo entre as classes mais elevadas e esclarecidas, os atos de barbárie que tanto nos revoltam atualmente, quantas mortes foram cometidas, nessas épocas em que se jogava com a vida do semelhante, em que o poderoso esmagava o fraco sem nenhum escrúpulo, se compreenderá bem que, entre os homens de hoje, deve existir aqueles que precisam lavar seu passado, não ficaríamos mais surpresos com o número considerável de pessoas que morrem vítimas de acidentes isolados ou de catástrofes coletivas. O despotismo, o fanatismo, a ignorância e os prejudgamentos, que existiram na Idade Média e nos séculos posteriores, deixaram às gerações futuras uma dívida imensa e que ainda não está liquidada. Muitos nos parecem não merecerem ser infelizes, porque só vemos o momento presente.

## Letil

O senhor Letil, industrial perto de Paris, morreu em abril de 1864, de uma maneira horrível. Uma caldeira de verniz fervendo pegou fogo e tombou sobre ele. Em um piscar de olhos, ficou coberto de matéria em brasa e percebeu imediatamente que estava perdido. No momento, estava sozinho no trabalho, com um jovem aprendiz, e ainda teve coragem para ir até sua casa, a uns duzentos metros de distância. Quando foi possível lhe prestar os primeiros socorros, a carne estava queimada e tinha labaredas e os ossos de uma parte do corpo e do rosto estavam à mostra. Viveu assim doze horas, no maior sofrimento, mas apesar de tudo conservou toda sua presença de espírito e até o último momento colocou em ordem seus negócios, com uma perfeita lucidez. Durante essa cruel agonia, ninguém ouviu dele nenhum lamento, nenhum gemido, e ele morreu rezando a Deus. Era um homem muito honrado, de caráter doce e benevolente, amado e estimado por todos que o conheceram. Tinha abraçado as ideias espíritas com entusiasmo, mas não com suficiente raciocínio e por isso, sendo médium, prestou-se a muitas mistificações, que entretanto não diminuíram sua fé. Sua confiança no que lhe diziam os Espíritos, em algumas circunstâncias, chegava à ingenuidade.

Evocado na Sociedade de Paris, em 29 de abril de 1864, poucos dias após sua morte, e ainda sob a impressão da terrível cena de que tinha sido vítima, deu a seguinte comunicação:

“Uma profunda tristeza me oprime! Ainda espantado por minha morte trágica, parece-me estar sob os ferros de um carrasco. Como sofri! Ah, o que sofri! Estou trêmulo. Parece que ainda sinto o fétido cheiro de minha carne queimada. Agonia de doze horas, que você sofreu, Espírito culpado! Sofreu sem reclamar, assim Deus o perdoará.

“Oh, minha bem-amada, não chore por mim; minhas dores vão se acalmar. Na verdade, não sofro mais, mas a lembrança equivale à realidade. Meu conhecimento sobre o Espiritismo me ajudou muito. Agora vejo que, sem essa doce crença, teria ficado no delírio em que fui jogado por essa morte horrível.

“Mas tenho comigo um Espírito consolador, que não me deixou desde meu último suspiro. Eu ainda falava e já o via a meu lado. Parecia ser um reflexo de minhas dores, que me davam vertigem e me faziam ver fantasmas...mas, não: era meu anjo protetor que, silencioso e mudo, me consolava pelo coração. Assim que eu disse adeus à Terra, ele me disse: ‘Venha, meu filho, e reveja o dia’. Eu respirava livremente, acreditando sair de um sonho terrível. Falava sobre minha bem-amada esposa, sobre o corajoso rapaz que me foi devotado. ‘Todos estão na Terra – disse ele – você, meu filho, está entre nós.’ Eu procurava minha casa, onde o anjo me deixou entrar, me acompanhando. Vi todos chorando, tudo estava triste e de luto naquela agradável morada de outrora. Não pude me conter por muito tempo, vendo esse doloroso espetáculo. Muito emocionado, disse a meu guia: ‘Oh, meu bom anjo, vamos sair daqui’. ‘Sim, vamos sair – disse o anjo – vamos procurar o repouso’.

“Depois disso, sofro menos. Se não visse minha esposa, inconsolável, e meus amigos, tão tristes, estaria quase feliz.

“Meu bom guia, querido anjo, quis me contar por que tive uma morte tão dolorosa e, para ensinamento de vocês, vou fazer uma confissão.

“Há dois séculos, mandei queimar em uma fogueira uma garota de mais ou menos 12 ou 14 anos. Era acusada de quê? Que horror! De ter sido a cúmplice de uma ameaça contra a política sacerdotal. Eu era italiano e juiz da Inquisição. Os carrascos não ousaram tocar no corpo da menina e eu mesmo fui o juiz e o carrasco. Como é grande a Justiça de

Deus! Submeti-me a esta justiça e tinha me prometido tanto não vacilar no dia do combate, que tive força para cumprir a palavra. Não lamentei e o Senhor me perdoou, ó meu Deus! Então, quando a lembrança de minha pobre e inocente vítima vai se apagar de minha memória? É isso que me faz sofrer? É preciso também que ela me perdoe.

“Vocês, filhos da nova doutrina, às vezes dizem: ‘Não nos lembramos do que fizemos antes, por isso não podemos evitar os males a que nos expomos, pelo esquecimento do passado’. Oh, meus irmãos! Bendigam a Deus: se Ele lhes deixasse alguma lembrança do passado, vocês não teriam nenhum descanso na Terra. Perseguidos sem parar, pelo remorso e pela vergonha, poderiam ter um único momento de paz?

“O esquecimento é uma coisa boa, a lembrança daqui é uma tortura. Mais alguns dias e, como recompensa pela paciência com que suportei minhas dores, Deus me dará o esquecimento de meu erro. Esta é a promessa que meu bom anjo acaba de fazer”.

O caráter do senhor Letil em sua última existência mostra quanto o Espírito melhorou. Sua conduta foi o resultado de seu arrependimento e das resoluções que tomou, mas isto não foi suficiente. Era preciso confirmar suas resoluções com uma grande expiação. Era preciso sofrer como homem o que ele havia feito outros sofrerem. A resignação, nessa terrível circunstância, era sua maior prova e, felizmente, ele não falhou. O conhecimento do Espiritismo, sem dúvida, o ajudou muito a sustentar sua coragem pela fé sincera no futuro, que tinha adquirido. Sabia que as dores da vida são provas e expiações e se submeteu sem queixas, dizendo: “Deus é justo, eu mereci”.

## **Um sábio ambicioso**

A senhora B..., de Bordeaux, não passou pelas dolorosas angústias da miséria, mas foi a vida toda vítima de dores físicas, por causa de inúmeras doenças que a atingiram durante setenta anos. A partir de seus cinco meses de vida, quase todos os anos ficava à porta da morte. Foi envenenada, em três pesquisas experimentais de uma ciência duvidosa. Seu temperamento foi arruinado, tanto pelos remédios como pelas doenças. Até o fim de seus dias, foi presa de intoleráveis sofrimentos, que

nada podia acalmar. Sua filha, espírita cristã e médium, pedia a Deus que aliviasse suas cruéis provas, mas seu guia espiritual lhe disse para apenas pedir que a mãe tivesse forças para suportá-las com paciência e resignação e ditou as seguintes instruções:

“Tudo tem razão de ser na existência humana, não há nenhum sofrimento *que você tenha causado que não encontre um eco no que está sofrendo*. Não há um único de seus excessos que não tenha uma contrapartida em suas privações. Nenhuma lágrima cai de seus olhos, sem que seja para lavar um erro, às vezes um crime. Então, sofra com paciência e resignação suas dores físicas e morais, por mais cruéis que lhe pareçam. Pense no trabalhador, cujo cansaço lhe quebra os braços, mas que continua sua tarefa, sem parar, porque sempre tem diante de si as espigas douradas que serão a recompensa de sua perseverança. Este é o destino do infeliz que sofre em sua Terra: aspirar à felicidade, que deve ser o fruto de sua paciência, o que o tornará forte contra as dores passageiras da Humanidade.

“É o que acontece com sua mãe, cada dor que ela aceita como uma expiação é uma mancha apagada de seu passado e quanto mais rápido as manchas forem apagadas, mais rápido ela será feliz. *A falta de resignação só traz o sofrimento inútil*, porque então é preciso recomeçar as provas. Mais úteis são a coragem e a resignação. É isso que você deve pedir a Deus e aos bons Espíritos, por ela.

“Há muito tempo, sua mãe foi um bom médico, muito bem relacionado, em uma classe em que não era preciso muito para assegurar o bem-estar e foi muito bem realizado, por aptidões e honrarias. Ambicioso por glórias e riquezas, queria atingir o apogeu da Ciência, não para aliviar seus irmãos, porque não era caridoso, mas para aumentar sua reputação. Em consequência, usava sua clientela para executar os estudos. Provocava convulsões na mãe, que era martirizada em uma cama, porque previa um estudo sobre o assunto. A criança era submetida a experiências que deveriam lhe dar a chave de certos fenômenos. Apressava o fim dos velhinhos. Enfraquecia o homem vigoroso, com experiências que deveriam constatar a ação de tal ou tal medicamento, e todas essas experiências

eram tentadas sobre o infeliz, sem que ele soubesse. A satisfação da vaidade e do orgulho, a sede de dinheiro e de fama motivaram sua conduta. Foram necessários séculos de terríveis provas para domar este Espírito orgulhoso e ambicioso. Depois o arrependimento começou seu trabalho de reparação – e a reparação está acabando – porque as provas dessa última existência são doces, perto das que ela já sofreu. Coragem, se a pena foi longa e cruel. Será grande a recompensa dada à paciência, à resignação e à humildade.

“Tenham coragem, todos vocês que sofrem, pensem no pouco tempo que dura sua existência material, pensem nas alegrias da eternidade. Chamem para vocês a esperança, essa amiga devotada de todo coração sofredor. Chamem para vocês a fé, irmã da esperança, a fé que os faz subir ao céu, onde a esperança faz entrar antes do tempo. Chamem também para perto de vocês os amigos que o Senhor lhes dá, que os cercam, que os sustentam, os amam e cujos constantes cuidados os levam àqueles que vocês ofenderam, transgredindo as leis”.

Depois de sua morte, a senhora B... deu à sua filha, na Sociedade Espírita de Paris, algumas comunicações em que mostra as mais eminentes qualidades e em que confirma o que tinha sido dito sobre seus antecedentes.

### **Charles de Saint-G..., idiota<sup>10</sup>**

Charles de Saint-G... era um garoto doente, com 13 anos. Encarnado, suas faculdades intelectuais era tão nulas, que não reconhecia os pais e mal podia se alimentar. O desenvolvimento de seu sistema orgânico tinha parado completamente.

1 – (A São Luís) O senhor nos diria se poderíamos evocar o Espírito desta criança?

R – Vocês podem evocá-lo, como evocariam o Espírito de um desencarnado.

---

<sup>(10)</sup> **Nota da tradução:** Pessoa que sofre de idiotia, termo psiquiátrico que designa atraso intelectual profundo, caracterizado por ausência de linguagem e nível mental inferior ao da idade normal de três anos, e muitas vezes acompanhado de malformações físicas (*dicionário Aurélio Século XXI*). Atualmente, denomina-se pessoa com deficiência mental ou deficiência intelectual.



2 – Sua resposta nos faz supor que a evocação pode ser feita em qualquer momento.

R – Sim, sua alma está presa ao corpo apenas por laços materiais e não por laços espirituais. Pode sempre se separar do corpo.

3 – *Evocação de Charles de Saint-G...* – Sou um pobre Espírito preso à Terra, como um passarinho amarrado por uma perna.

4 – Em seu atual estado, como Espírito, você tem consciência de sua nulidade neste mundo?

R – Certamente, sinto bem minha prisão.

5 – Quando seu corpo dorme e seu Espírito se separa, você tem ideias tão lúcidas como se estivesse em um estado normal?

R – Quando meu infeliz corpo descansa, fico um pouco mais livre, para me elevar ao céu, que eu desejo.

6 – Como Espírito, você tem um sentimento penoso, por causa de seu estado corporal?

R – Sim, já que é uma punição.

7 – Você se lembra de sua existência anterior?

R – Oh, sim... ela é a causa de meu exílio, na presente.

8 – Como foi essa existência?

R – A de um jovem depravado, no reinado de Henrique III.

9 – Você diz que sua condição atual é uma punição. Então, não a escolheu?

R – Não.

10 – Como sua existência atual pode servir a seu progresso, no estado de nulidade em que se encontra?

R – Não é nula para mim, diante de Deus, que me impôs esta condição.

11 – Você prevê a duração de sua existência atual?

R – Não. Mais alguns anos e voltarei para minha pátria.

12 – Desde sua existência anterior até a atual, o que você fez como Espírito?

R – Deus me aprisionou, porque eu era um Espírito leviano.

13 – Quando está acordado, tem consciência do que se passa em torno de você, apesar da imperfeição de seus órgãos?

R – Vejo, ouço, mas meu corpo não compreende nem vê nada.

14 – Podemos fazer alguma coisa para lhe ser úteis?

R – Nada.

15 – (A São Luís) As preces para um Espírito reencarnado podem ter a mesma eficácia que para um Espírito errante?

R – As preces são sempre boas e agradáveis a Deus. Na posição deste Espírito, não podem servir para nada. Servirão mais tarde, porque Deus as levará em conta.

Esta evocação confirma o que sempre se disse sobre os idiotas. Sua nulidade moral nada tem a ver com a nulidade de seu Espírito que, deixando de lado os órgãos físicos, reúne todas as suas faculdades. A imperfeição dos órgãos é apenas um obstáculo à livre manifestação dos pensamentos, mas não os anula. É o caso de um homem vigoroso, que tivesse os membros amarrados.

### **Instrução de um Espírito, sobre os idiotas e cretinos, dada à Sociedade de Paris**

Os cretinos são seres punidos na Terra, por terem usado mal suas poderosas aptidões. Sua alma é aprisionada em um corpo, cujos órgãos são impotentes para transmitir os pensamentos. Esse mutismo moral e físico é uma das mais cruéis punições terrenas. Muitas vezes, é uma prova escolhida pelos Espíritos arrependidos, que querem resgatar seus erros. Não é uma prova estéril, porque o Espírito não fica parado na prisão da carne. Seus olhos embrutecidos enxergam, seu cérebro comprimido pensa, mas nada pode exprimir, nem por palavras nem pelo olhar e, com exceção de alguns movimentos, ficam em estado de letargia e de catalepsia. Enxergam e escutam tudo o que se passa em volta sem poder se expressar. Quando vocês têm esses horríveis pesadelos, em que querem fugir de um perigo, gritam para pedir socorro, mas o grito não sai e vocês não conseguem se mexer, têm o exemplo, por um instante, do que esse cretino vive constantemente: *paralisia do corpo ligada à vida do Espírito*.

Assim, quase todas as doenças têm sua razão de ser, nada acontece sem uma causa e o que vocês chamam de injustiça do destino é a aplicação da

mais alta justiça. A loucura<sup>11</sup> é uma punição pelo abuso de grandes aptidões inatas. O louco tem duas personalidades: a que delira e a que tem consciência de seus atos, sem poder controlá-los. Quanto aos cretinos, a vida contemplativa e isolada de sua alma, que não tem as distrações do corpo, pode ser tão agitada quanto as existências mais complicadas pelos acontecimentos da vida cotidiana. Alguns se revoltam contra seus suplícios voluntários. Lamentam tê-los escolhido e sentem um desejo furioso de voltar à outra vida. Esse desejo os faz esquecer a resignação na vida presente e o remorso pela vida passada, de que eles têm consciência, porque os cretinos e os loucos sabem mais do que vocês e, sob a impotência física, se esconde uma potência moral de que vocês não têm a menor ideia. Os atos de furor ou de imbecilidade a que o corpo se entrega são julgados pelo ser interior, que sofre e se envergonha. Assim, ridicularizá-los, agredi-los, mesmo maltratá-los, como se faz muitas vezes, é aumentar seus sofrimentos, porque os faz sentir mais duramente sua fraqueza e degradação. Se pudessem, acusariam de covardia aqueles que só agem dessa forma, porque sabem que sua vítima não pode se defender.

A loucura não é uma das leis de Deus e a Ciência pode debelá-la, porque é o resultado moral da ignorância, da miséria e da negligência. Os novos meios de higiene<sup>12</sup> que a ciência, hoje mais prática, colocou à disposição de todos, tendem a destruir essa doença. O progresso, sendo uma condição expressa da Humanidade, fará com que as provas se modifiquem e sigam a marcha dos séculos. Essas provas se transformarão em completamente morais e, quando a Terra completar todas as fases da sua existência, se tornará um lugar de felicidade, como outros planetas mais avançados.

*Pierre Jouty, pai do médium*

*Houve um tempo em que se questionava sobre a alma dos cretinos e se perguntava se pertenciam realmente à espécie humana. A forma como o Espiritismo os encara não é de grande moralidade e de grande ensinamento? Não há nesta matéria grandes reflexões, imaginando-se que*

<sup>(11)</sup> **Nota da tradução:** É atualmente denominada como transtorno mental ou psicótico.

<sup>(12)</sup> **Nota da tradução:** Os fatos foram registrados em meados do século XIX. O presente livro foi escrito em 1865.

*esses corpos desgraçados abriguem almas que talvez tenham brilhado neste mundo, que são tão lúcidas e pensantes como as nossas, embaixo do invólucro grosseiro que lhes sufoca as manifestações e mesmo que pode acontecer a um de nós, se abusarmos das aptidões de que somos dotados pela Providência?*

*De outra forma, como explicar o cretinismo, como fazê-lo estar em acordo com a justiça e a bondade de Deus, sem admitir a pluralidade das existências? Se a alma não viveu antes, é porque foi criada ao mesmo tempo que o corpo. Nesta hipótese, como justificar a criação de almas tão deserdadas como a dos cretinos, por um Deus justo e bom? Porque, neste caso, não se trata de um acidente, como a loucura, por exemplo, que se pode prevenir ou curar. Esses seres nascem e morrem no mesmo estado. Sem ter nenhuma noção do bem e do mal, qual seu destino na eternidade? Serão felizes, como os homens inteligentes e trabalhadores? Mas por que esse favor, já que nada fizeram de bom? Ficarão no que se chama de limbo, isto é, em um estado misto, que não é nem de felicidade nem de infelicidade? Mas por que essa inferioridade eterna? Será que é erro deles, por Deus tê-los criado como cretinos? Desafiamos todos aqueles que rejeitam a doutrina da reencarnação a sair desse impasse. Com a reencarnação, ao contrário, o que parece uma injustiça se transforma em uma admirável justiça, o que é inexplicável se explica de maneira mais racional.*

*De resto, não sabemos se aqueles que rejeitam esta doutrina a tenham combatido com outros argumentos, além da repugnância pessoal à ideia de voltar à Terra. A isto, respondemos: para reenviá-los à Terra, Deus não lhes pede permissão, assim como o juiz não pergunta a vontade do condenado para enviá-lo à prisão. Cada pessoa tem a possibilidade de não voltar mais à Terra, progredindo o suficiente para merecer passar a uma esfera mais elevada. Mas o egoísmo e o orgulho não são admitidos nessas esferas felizes. Então, para subir de categoria, é preciso trabalhar e se despojar das enfermidades morais.*

*Sabe-se que em algumas regiões os cretinos, longe de serem objeto de desprezo, os idiotas são assistidos de benéficos cuidados. Esse comportamento não seria uma intuição sobre o verdadeiro estado desses infelizes, tanto mais dignos de atenção quanto, por se verem repudiados na*

*sociedade, seus Espíritos compreendem essa contingência? Considera-se mesmo como favor e uma bênção ter um desses seres na família.*

*Será isso superstição? É possível, porque entre os ignorantes a superstição se mistura às ideias mais santas, sem que se perceba. Em todos os casos, é para os pais uma oportunidade de exercer a caridade, tanto mais meritória, tendo em vista que geralmente são pobres e para eles é uma carga sem compensação material. Há mais mérito em cercar de cuidados afetuosos um filho desgraçado do que um filho cujas qualidades oferecem uma compensação. Ora, a caridade do coração, sendo uma das virtudes mais agradáveis a Deus, sempre atrai Sua bênção sobre aqueles que a praticam. Esse sentimento inato naquela gente equivale a esta prece: “Obrigado, meu Deus, por nos ter dado como prova um ser fraco para sustentar e um aflito para consolar”.*

### **Adélaide-Marguerite Gosse**

Era uma humilde e pobre empregada, de Harfleur, Normandia<sup>13</sup>. Com 11 anos, começou a trabalhar para ricos agricultores da região. Alguns anos depois, uma inundação do Rio Sena levou e afogou todo o gado da propriedade! Em consequência, vieram outras infelicidades e seus patrões caíram em desgraça! Adélaide ligou sua sorte à deles, sufocou a voz do egoísmo e, só ouvindo o generoso coração, os fez aceitarem quinhentos francos de sua poupança e continuou a servi-los, sem salário. Depois, quando morrem, dedicou-se à filha deles, que ficou viúva e sem recursos. Trabalhou no campo e trazia o que ganhava para casa. Casou-se, juntou os ganhos de seu marido aos seus, e ambos sustentaram a pobre mulher, a que sempre chamam de “sua patroa”! Esse sublime sacrifício durou quase meio século.

A Sociedade de Incentivo de Rouen não esqueceu essa mulher, digna de respeito e admiração: outorgou-lhe uma medalha de honra ao mérito e uma recompensa em dinheiro. As lojas maçônicas do Havre se juntaram a essa manifestação de estima e lhe ofereceram uma pequena quantia, para aumentar seu bem-estar. Enfim, a administração local se ocupou de seu destino com delicadeza, homenageando sua sensibilidade.

<sup>(13)</sup> **Nota da tradução:** Região no Sudeste na França, banhada pelo Canal da Mancha.

Uma crise de paralisia levou em um instante e sem sofrimento esse ser benevolente. Seu enterro foi simples, mas decente e o secretário da prefeitura se colocou na frente do cortejo.

**(Sociedade de Paris, 27 de dezembro de 1861)**

*Evocação* – Pedimos a Deus Todo-Poderoso que permita ao Espírito de Marguerite Gosse que se comunique conosco.

R – Sim, Deus me dá esta graça.

P – Ficamos contentes em testemunhar-lhe nossa admiração por sua conduta durante a última existência terrena e esperamos que sua abnegação tenha recebido a recompensa.

R – Sim, Deus foi cheio de Amor e Misericórdia para com sua serva. O que eu fiz e que vocês acham ser o bem era perfeitamente natural.

P – A senhora poderia nos dizer, para nossa instrução, qual foi a causa da humilde posição que ocupou na Terra?

R – Eu tinha ocupado, durante duas existências sucessivas, uma posição bastante elevada: o bem me era fácil, completei-o sem sacrifício, porque era rica. Achei que progredia muito lentamente, por isso pedi para voltar em uma condição inferior, em que teria que lutar contra as privações e me preparei para isso durante muito tempo. Deus sustentou minha coragem e pude atingir o objetivo que me tinha proposto, graças aos socorros espirituais que Ele me deu.

P – A senhora reviu seus antigos patrões. Qual sua atual posição diante deles e ainda se considera subordinada a eles?

R – Sim, eu os revi, estavam em minha chegada a este mundo. Eu lhes direi, com toda humildade, que me consideram como superior a eles.

P – A senhora tinha um motivo particular para se ligar a eles e não a outras pessoas?

R – Nenhum motivo obrigatório, eu teria atingido meu objetivo em qualquer parte. Por outro lado, escolhi-os, para quitar uma dívida de reconhecimento. Há muito tempo, tinham sido bons para mim e me prestado serviço.

P – Que futuro espera?

R – Espero reencarnar em um mundo em que não se conheça a dor. Talvez me achem muito presunçosa, mas lhes respondo com toda a vivacidade de meu caráter. De resto, submeto-me à vontade de Deus.

P – Nós lhe agradecemos por responder ao nosso chamado e não duvidamos de que Deus a cumula de bondade.

R – Obrigada. Possa Deus abençoá-los e permitir a todos os que, ao desencarnarem, encontrem alegrias tão puras como as que me foram dadas.

## Clara Rivier

Clara Rivier era uma garota de 10 anos, que pertencia a uma família de trabalhadores do interior da França. Fazia quatro anos que estava muito doente. Durante sua vida, jamais alguém ouviu-a lamentar-se, não mostrava qualquer sinal de impaciência. Embora não tivesse instrução, consolava sua família aflita, garantindo que encontraria a felicidade na vida futura. Desencarnou em setembro de 1862, depois de quatro anos de torturas e convulsões, durante os quais nunca deixou de orar a Deus.

“Não tenho medo da morte – dizia ela – já que uma vida de felicidade me está reservada.” Dizia a seu pai, que chorava: “Console-se, voltarei para visitá-lo. Sinto que minha hora está próxima, mas quando chegar eu saberei e o prevenirei antes”. De fato, quando o momento fatal estava para se completar, chamou toda a família e disse: “Só tenho cinco minutos de vida, deem-me suas mãos”. E morreu, como tinha anunciado.

Daí em diante, um Espírito batedor começa a visitar a casa dos Rivier, desarrumava tudo, batia na mesa, como se tivesse um bastão, agitava as roupas de cama e as cortinas, remexia as louças. Apareceu sob a forma de Clara à irmãzinha que tem menos de 5 anos. Segundo a criança, sua irmã sempre lhe falava e, quando tinha as visões, soltava gritos de alegria: “Mas vejam como Clara está bonita!”

1 – *Evocação de Clara Rivier* – Estou perto de vocês, disposta a responder.

2 – De onde vinham as ideias elevadas que, apesar de jovem e sem instrução, você exprimia, antes de sua morte?

R – Do pouco tempo que tinha para passar em seu globo e de minha encarnação anterior. Era médium quando deixei a Terra e também quando voltei entre vocês. Era uma predestinação, sentia e via o que dizia.

3 – Como era possível uma criança de sua idade nunca reclamar, durante quatro anos de sofrimento?

R – Porque o sofrimento físico era dominado por um poder muito grande de meu anjo da guarda, que eu via continuamente a meu lado. Ele sabia aliviar tudo o que eu sentia, tornava minha vontade mais forte que a dor.

4 – Como você foi prevenida sobre o instante de seu desencarne?

R – Meu anjo da guarda me disse. Ele nunca me enganou.

5 – Você tinha dito a seu pai: “Console-se, virei te visitar! Como, se tinha tão bons sentimentos para com seus pais, você vem atormentá-los depois do desencarne, fazendo algazarra na casa deles?”

R – Tenho sem dúvida uma prova, ou antes, uma missão a cumprir. Se venho rever meus pais, você acha que é para nada? Esses barulhos, essa confusão, essas lutas trazidas por minha presença são um aviso. Sou ajudada por outros Espíritos, cuja turbulência tem uma razão de ser, como eu tenho a minha razão, aparecendo para minha irmã. Graças a nós, muitas certezas nascerão. Meus pais tinham uma prova a sofrer, que acabará logo, mas só depois de terem levado a convicção a uma multidão de Espíritos.

6 – Então, não é você pessoalmente que causa essa confusão?

R – Sou ajudada por outros Espíritos, que servem à prova destinada a meus pais.

7 – Como sua irmã a reconheceu, se não é você que produz essas manifestações?

R – Minha irmã só viu a mim. Ela possui agora uma segunda visão e não é a última vez que minha presença virá consolá-la e encorajá-la.

8 – Por que, tão jovem, foi afligida com tantas doenças?

R – Tinha erros anteriores a expiar. Tinha abusado da saúde e da posição brilhante que desfrutava em minha encarnação anterior. Então



Deus me disse: “Você aproveitou muito, sem medidas, agora sofrerá a mesma coisa. Era orgulhosa, será humilde; era vaidosa de sua beleza, será quebrada, em lugar da vaidade, se esforçará para adquirir a caridade e a bondade”. Fiz tudo segundo a vontade de Deus e meu anjo da guarda me ajudou.

9 – Gostaria de mandar algum recado a seus pais?

R – Por orientação de um médium, meus pais têm feito muita caridade. Têm razão de não rezarem apenas com os lábios, é preciso fazê-lo com as mãos e com o coração. Dar àqueles que sofrem é rezar, é ser espírita.

Deus deu o livre-arbítrio a todas as almas, isto é, a aptidão para progredir. Deu a todos a mesma aspiração e é por isso que *o vestido pobre, de tecido grosseiro, está bem mais perto do vestido rico, bordado de ouro, do que geralmente se possa pensar*. Assim, diminuam as distâncias pela caridade. Tragam o pobre para suas casas, encorajem-no, elevem-lhe a moral, não o humilhem. Se todos soubessem praticar esta grande lei da consciência, não haveria, em determinadas épocas, essas grandes misérrias que desonram os povos civilizados e que Deus envia para castigá-los e abrir-lhes os olhos.

Queridos pais, rezem a Deus, amem-se, pratiquem a lei do Cristo: não façam aos outros o que não querem que façam para vocês. Implorem a Deus que os submeta a provas, mostrando-lhes que sua vontade é santa e grande como Ele. Saibam, prevendo o futuro, se armar de coragem e de perseverança, porque ainda serão chamados a sofrer. É preciso saber merecer uma boa posição em um mundo melhor, onde a compreensão da justiça divina se torna a punição dos maus Espíritos.

Estarei sempre perto de vocês, queridos pais. Adeus, ou antes, até logo. Tenham resignação, caridade, amor ao próximo e um dia serão felizes.

Clara

É um belo pensamento este: *“O vestido pobre, de tecido grosseiro, está bem mais perto do vestido rico, bordado de ouro, do que geralmente se possa pensar”*. É uma alusão aos Espíritos que, de uma existência para outra, passam de uma posição brilhante para uma posição humilde ou miserável, porque

sempre expiam em um meio inferior o abuso que fizeram dos dons que receberam de Deus. É uma justiça que todos compreendem...

Outro pensamento, não menos profundo, é o que atribui as calamidades dos povos à infração da Lei de Deus, porque Deus castiga os povos como castiga os indivíduos. É certo que se praticassem a lei da caridade, não haveria nem guerras nem grandes misérias. O Espiritismo conduz à prática desta fé. Seria por isto que encontra inimigos tão obstinados? As palavras desta garota a seus pais são as de um demônio?

### **Françoise Vernhes**

Cega de nascença, filha de um meeiro, nos arredores de Toulouse<sup>14</sup>, morreu em 1855, com 45 anos. Sempre ensinou o catecismo às crianças, para prepará-las para a primeira comunhão. O catecismo mudou e ela não teve dificuldades em ensinar o novo, porque sabia os dois de cor. Numa tarde de inverno, voltava com a tia de um passeio a vários lugares, e ambas tinham que atravessar uma floresta, por caminhos horríveis e cheios de lama. As duas mulheres precisavam caminhar com cuidado, evitando os buracos cavados como armadilhas para animais. Sua tia queria conduzi-la pela mão, mas ela disse: “Não se preocupe comigo, não corro nenhum perigo de cair. Vejo uma luz sobre meu ombro, que me guia. Siga-me, sou eu quem vai conduzi-la”. Assim, chegaram em casa sem sofrer nenhum acidente, com a cega guiando a que enxergava.

### **Evocação em Paris, em maio de 1865.**

P – Tenha a bondade de nos explicar a luz que a guiava naquela noite escura em que nada era visível?

R – Como pessoas como vocês, que estão em relação constante com os Espíritos, têm necessidade de uma explicação para este fato? Era meu anjo da guarda que me guiava.

P – Era o que pensávamos, mas queríamos sua confirmação. Você tinha consciência, naquele momento, de que seu anjo da guarda lhe servia de guia?

R – Tenho que admitir que não. Entretanto, acreditava na proteção

---

<sup>(14)</sup> Nota da tradução: Sul da França.

celeste. Por muito tempo orei a nosso Deus bom e clemente, para que tivesse piedade de mim!... É muito cruel ser cega!... Sim, é bem cruel, mas também reconheço que é a justiça. Aqueles que pecam pelos olhos devem ser punidos pelos olhos e o mesmo vale para todas as aptidões de que os homens abusam. Não procurem entre os numerosos infortúnios que afligem a Humanidade qualquer outra causa que não seja a natural. A expiação é meritória quando sofrida com submissão e talvez possa ser abrandada se, pela prece, conseguimos atrair as influências espirituais que protegem os culpados da penitenciária humana e derramam a esperança e a consolação nos corações aflitos e sofredores.

P – Você se dedicou à instrução religiosa de crianças pobres. Teve alguma dificuldade em adquirir os conhecimentos necessários para ensinar o catecismo, que sabia de cor, apesar da cegueira e embora ele tenha mudado?

R – Os cegos em geral têm os outros sentidos duplicados, se assim posso me exprimir. A observação não é uma das menores aptidões de sua natureza. Sua memória é como um arquivo, no qual os ensinamentos, tendências e aptidões são postos em ordem, para nunca mais desaparecerem. Nada externo é capaz de confundir esta faculdade e em consequência o cego pode se desenvolver de maneira notável para a educação. Não era meu caso, porque não tinha recebido educação. Agradeço a Deus por ter tido o suficiente, que me permitiu cumprir minha missão de devotamento às crianças. Era ao mesmo tempo uma reparação pelos maus exemplos que eu lhes tinha dado, em minha existência anterior. Todo assunto é sério para os espíritas, basta olhar à volta deles e o que digo é mais útil do que se deixar enganar pelas sutilezas filosóficas de alguns Espíritos, que caçoam deles, lisonjeando seu orgulho com frases de grande efeito, mas vazias de sentido.

P – Por sua linguagem, a julgamos avançada intelectualmente e mesmo sua conduta na Terra é uma prova de avanço moral.

R – Ainda tenho muito a aprender. Mas há muita gente na Terra que passa por ignorante, porque sua inteligência está velada pela expiação. Com o desencarne, caem esses véus e esses pobres ignorantes são muitas vezes mais instruídos do que aqueles que os desdenharam. Acreditem, o

orgulho é a pedra de toque pela qual se reconhecem os homens. Todos aqueles que têm o coração sensível à lisonja ou que têm excesso de confiança em sua ciência, estão no mau caminho. Em geral, não são sinceros, desconfiem deles. Sejam humildes como o Cristo e como Ele carreguem com amor sua cruz, para entrar no reino dos céus.

*Françoise Vernhes*

## **Anna Bitter**

Ser atingido pela perda de um filho é um desgosto terrível, mas ver um filho único, sobre o qual se tinha as maiores esperanças e se concentravam as maiores afeições, definhar visivelmente, aniquilar-se sem sofrimentos, por uma causa desconhecida, é um desses caprichos da natureza que desafia o conhecimento da ciência. Ter esgotado todas as fontes de recursos e ter a certeza de que não há nenhuma esperança e sofrer essa angústia dia a dia, durante longos anos, sem poder imaginar o fim, é um suplício cruel e ainda maior quando se tem uma fortuna que não pode aliviá-lo e ainda porque se teve a esperança de que essa riqueza seria usufruída pelo ente querido.

Esta era a situação do pai de Anna Bitter. Por isso, um sombrio desespero tomou conta de sua alma e seu caráter piorava cada vez mais, ao ver esse espetáculo doloroso, cujo fim só poderia ser fatal, embora indeterminado. Um amigo da família, iniciado no Espiritismo, achou que deveria perguntar sobre o assunto a seu Espírito protetor e recebeu a seguinte resposta:

“Quero explicar este estranho fenômeno, porque sei que você me pergunta sobre o caso, não movido por indiscreta curiosidade, mas porque tem interesse nesta pobre criança e lhe será também um ensinamento proveitoso. Aqueles que o Senhor quer atingir devem curvar a cabeça e não maldizer ou se revoltar, pois ninguém é atingido sem uma causa. O Todo-Poderoso suspendeu a sentença de morte da pobre criança, que logo deverá voltar para nós, porque teve piedade dela. Seu pai, esse infeliz entre os homens, deve ser atingido em sua única afeição na vida, por ter brincado com os sentimentos e a confiança daqueles que o cercam. Por um momento, seu arrependimento tocou o Altíssimo

e a morte interrompeu sua força sobre esta cabeça tão querida. Mas a revolta voltou. E o castigo é sempre consequência da revolta. Felizes aqueles que são castigados na Terra! Orem, meus amigos, por essa pobre criança, cuja juventude tornará mais difíceis os últimos momentos. Esse pobre ser tem uma vitalidade tão grande que, apesar de toda a perda de suas forças, a alma terá dificuldade para se separar. Oh, orem, mais tarde ela os ajudará e os consolará, seu Espírito é mais elevado do que as pessoas que a cercam.

“Por uma permissão especial do Senhor pude responder ao que você me perguntou, pois é preciso que esse Espírito seja ajudado, para que a separação lhe seja mais fácil”.

O pai morreu, depois de sofrer o vazio do isolamento da perda de sua filha. Eis as primeiras comunicações de um e de outro, dadas depois do desencarne.

*A menina* – “Obrigado, meu amigo, por ter se interessado por essa pobre criança e seguido os conselhos de seu bom guia. Sim, graças às suas preces, pude deixar mais facilmente meu invólucro terreno, porque meu pai, infelizmente, não rezava, apenas maldizia. Entretanto, não o quero mal por isso, era a consequência de sua grande ternura por mim. Rezo a Deus para lhe dar a graça de ser esclarecido antes de morrer. Eu o estímulo, o encorajo; minha missão é aliviar seus últimos instantes. Às vezes um raio de luz divina parece atingi-lo, mas é um clarão passageiro, logo ele recai em seus primitivos pensamentos. Há nele uma pequena semente de fé, sufocada pelos interesses do mundo e somente novas e mais duras provas poderão desenvolver essa semente. Tenho bem menos preocupação por ele, agora. Quanto a mim, só tinha um resto de expiação para sofrer, por isso não foi dolorosa nem muito difícil. Eu não sofria em minha estranha doença. Era mais um instrumento de prova para meu pai, porque ele sofria mais por me ver naquele estado do que eu mesma. Eu era resignada e ele não. Hoje, estou recompensada. Deus me deu a graça de abreviar minha permanência na Terra e agradeço. Estou feliz entre os bons Espíritos que me cercam, todos nos

dedicamos a nossas ocupações com alegria, porque a inatividade seria um cruel suplício.

(O pai, mais ou menos um mês depois do desencarne)

P – Nosso objetivo, ao chamá-lo, é perguntar sobre sua situação no mundo dos Espíritos e para lhe ser útil, se estiver a nosso alcance.

R – O mundo dos Espíritos! Não vejo nada. Só vejo os homens que conheci e nenhum pensa em mim nem lamenta minha morte. Ao contrário, parecem bem contentes por estarem livres de mim.

P – Você tem consciência de sua situação?

R – Perfeitamente. Durante algum tempo ainda acreditei estar no mundo de vocês, mas agora sei muito bem que não estou mais.

P – Então como não enxerga outros Espíritos a seu lado?

R – Não sei, entretanto, tudo está claro em volta de mim.

P – Você reviu sua filha?

R – Não, ela está morta. Eu a procuro, chamo-a, inutilmente. Que vazio horrível sua morte me deixou na Terra! Eu pensava que, morrendo, sem dúvida a encontraria. Mas nada, sempre o isolamento à minha volta. Ninguém me dirige uma palavra de consolo e de esperança. Adeus, vou procurar minha filha.

*O guia do médium* – Esse homem não era nem ateu nem materialista, mas era um daqueles que creem vagamente, sem se preocupar com Deus nem com o futuro, absorvidos pelos interesses da Terra. Profundamente egoísta, sem dúvida sacrificou tudo para salvar a filha, mas teria sacrificado sem escrúpulos todos os interesses de outras pessoas em seu proveito pessoal. Além da filha, não era ligado a mais ninguém. Deus o puniu, como vocês sabem, ao levar sua única consolação sobre a Terra e, como ele não se arrependeu, também não a encontra no mundo dos Espíritos. Ele não se interessava por ninguém na Terra, ninguém se interessa por ele aqui. Está sozinho, abandonado: é sua punição. Sua filha está perto dele e, no entanto, ele não a vê. Se a visse, não estaria sendo punido. Que faz? Dirige-se a Deus? Arrepende-se? Não, reclama sempre, blasfema. Em resumo, faz o mesmo que fazia na Terra. Ajude-o, com prece e conselhos, a sair de sua cegueira.

## José Maitre, o cego

José Maitre pertencia à classe média da sociedade. Vivia de uma modesta herança, que lhe permitia não ter maiores necessidades. Seus pais lhe deram uma boa educação e esperavam que ele se dedicasse à indústria, mas ao 20 anos ficou cego. Morreu em 1845, perto dos 50 anos. Uma segunda doença o atingiu cerca de dez anos antes de sua morte e ele ficou completamente surdo. Assim, só podia se relacionar com os semelhantes, pelo toque. Não enxergar já era bem penoso, não ouvir era mais um cruel suplício para ele, que tinha usufruído de todas suas faculdades, portanto sofria ainda mais com essa dupla privação da vista e da audição. O que teria feito para merecer este triste destino? Não teria sido em sua última existência, porque sua conduta sempre foi exemplar. Era bom filho, de um caráter doce e benevolente e, quando se viu privado da audição, em acréscimo ao que já sofria, aceitou a nova prova com resignação e nunca alguém o ouviu reclamando. Sua conversa denotava uma perfeita lucidez de espírito e uma inteligência pouco comum.

Uma pessoa que o conheceu, achou que falar com ele poderia fornecer úteis instruções e o evocou, recebendo a seguinte comunicação, em resposta às perguntas que lhe foram endereçadas.

### (Paris, 1863)

Meus amigos, eu lhes agradeço por terem se lembrado de mim, embora talvez nem pensassem nisto, se não esperassem tirar algum proveito de minha comunicação. Mas sei que são levados por um motivo sério, por isso atendo com prazer ao chamado, já que me é permitido, e estou feliz em poder servir à instrução de vocês. Que meu exemplo possa se juntar às numerosas provas que os Espíritos lhes dão sobre a justiça de Deus.

Vocês me conheceram cego e surdo e se perguntaram o que eu tinha feito para merecer tal destino. Vou lhes contar. Primeiro, saibam que é a segunda vez que sou privado da visão. Em minha existência anterior, no começo do último século, fiquei cego aos 30 anos, em consequência dos excessos de todos os tipos, que arruinaram minha saúde e enfraqueceram meus órgãos. Já era uma punição por ter abusado dos dons

providenciais de que fora largamente cumulado. Mas, ao invés de reconhecer que eu mesmo era a primeira causa de minha doença, acusava a Providência, na qual, de resto, quase não acreditava. Blasfemei contra Deus, reneguei, acusei, dizendo que, se Ele existisse, deveria ser injusto e mau, já que fazia Suas criaturas sofrerem tanto. Deveria ter me considerado feliz porque, ao contrário de tantos outros cegos miseráveis, não era obrigado a mendigar meu pão. Mas não. Eu só pensava em mim e na privação que me era imposta. Dominado por essas ideias e pela falta de fé, tornei-me um rabugento exigente, insuportável para aqueles que me cercavam. Daí em diante, a vida se tornou sem sentido para mim, não pensava no futuro, que encarava como uma miragem. Após ter inutilmente esgotado todos os recursos da ciência, vi que minha cura era impossível e resolvi acabar com tudo: suicidei-me.

No meu despertar, que horror! Estava mergulhado nas mesmas trevas em que estive durante a vida. Demorei, entretanto, para reconhecer que não pertencia mais ao mundo corporal e que era um Espírito cego. Então, a vida no além-túmulo era uma realidade! Em vão, tentei fugir, para mergulhar no nada: esbarrava no vazio. Se essa vida fosse eterna, como já tinha ouvido dizer, eu ficaria pela eternidade nessa situação?

Esse pensamento era horrível. Não sofria tanto, mas é impossível lhes contar os tormentos e angústias de meu Espírito. Quanto tempo durou? Não sei, mas esse tempo me pareceu enorme!

Esgotado, cansado, enfim tive um retorno a mim mesmo. Compreendi que pesava sobre mim um poder superior. Pensei que se esse poder podia me oprimir, também podia me libertar e implorrei sua piedade. À medida que eu rezava e que meu fervor aumentava, alguma coisa me dizia que essa cruel posição teria um fim. Enfim, se fez a luz. Foi enorme o meu êxtase, quando antevi as claridades celestes e percebi os Espíritos que me cercavam, sorrindo com benevolência e vi os que flutuavam, radiosos, no espaço. Quis seguir seus rastros, mas uma força invisível me segurou. Então, um deles me disse: “Deus, que você ignorou, levou em conta seu retorno a Ele e nos permitiu lhe devolver a luz, mas você só cedeu pelo constrangimento e pelo cansaço. Se você quer, de agora em diante, participar da alegria que temos aqui, precisa provar a sinceridade de seu



arrependimento e de seus bons sentimentos, recomeçando sua prova terrena, *nas condições em que estará correndo o risco de recair nos mesmos erros*, porque essa nova prova será ainda mais dura que a primeira”. Aceitei rapidamente, me prometendo fazer todo o possível para não falhar.

Então, voltei à Terra, na existência que vocês conheceram. Não sofri para ser bom, porque não era mau por natureza. Tinha me revoltado contra Deus e Ele me puniu. Voltei com *uma fé inata*, por isso não reclamei mais contra Deus e aceitei minha dupla doença com resignação e como uma expiação que deveria ter sua causa na soberana justiça. O isolamento em que fiquei nos últimos anos nada tinha de desesperador, porque tinha fé no futuro e na misericórdia de Deus, e me foi proveitoso, pois durante essa longa noite, em que tudo era silêncio, minha alma, mais livre, se elevava para o Eterno e entrevia o infinito, por intermédio do pensamento. Quando chegou o fim de meu exílio, o mundo dos Espíritos só me ofereceu esplendores e indescritíveis alegrias.

A comparação com o passado me faz achar minha situação relativamente muito feliz e dou graças a Deus. Mas, quando olho para a frente, vejo quanto ainda estou longe da perfeita felicidade. Eu expiei, *mas ainda me falta reparar. Minha última existência só foi proveitosa para mim mesmo*. Espero logo recomeçar uma nova existência, em que poderei ser útil aos outros. Será a reparação de minha inutilidade anterior. Somente então avançarei para uma vida bendita, aberta a todos os Espíritos de Boa Vontade.

Eis minha história, meus amigos. Se meu exemplo puder esclarecer alguns de meus irmãos encarnados e fazê-los evitar os apuros em que me meti, já terei começado a pagar minha dívida.

*José*



# NOTA EXPLICATIVA

*“Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...]. Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo.” (KARDEC, Allan. Revista Espírita, de 1868. 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)”*

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metuculoso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre por meio de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Kardec, as ideias frenológicas de Gall e as da fisiognomonia de Lavater eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite *“resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.”* (Revista Espírita, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas lhe permite afirmar que:

*“O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças, há apenas consanguinidade”.* (O Livro dos Espíritos, item 207, p. 142).

*“[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor”.* (Revista Espírita, 1861, p. 432.)

*“Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do*

*Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes”. (Revista Espírita, 1867, p. 231.)*

*“Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade”. (A Gênese, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também Revista Espírita, 1867, p.373).*

Dos negros, Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador

repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

*“Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais”.* (KARDEC, Allan. *Revista Espírita de 1863 – 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005 – janeiro de 1863.*)

*“O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus”.* (O Evangelho Vegundo o Espiritismo, *cap. XVII, item 3, p. 348*)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. No capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

*“Quando, na Revista Espírita de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais*

*racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica”. (A Gênese, Cap. XI, item 43, p. 292.)*

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

*“É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou o que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações”. (Revista Espírita, 1862, p. 38.)*

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao Espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (*“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”*), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

*A Editora*





Acesse nosso *site* e redes sociais

**[www.mundomaior.com.br](http://www.mundomaior.com.br)**

## **DESPERTANDO CONHECIMENTO**

Curta no Facebook  
Mundo Maior Editora  
e Distribuidora



Siga-nos  
@edmundomaior



**WORDPRESS**

Acesse nosso Blog:  
[www.editoramundomaior.wordpress.com](http://www.editoramundomaior.wordpress.com)